UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS – FFLCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA
JAPONESA

Sen'hime - A princesa da Era Tokugawa

Tsikako Nakamuro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação na área de Língua, Literatura e Cultura Japonesa do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do Título de Mestre em Literatura Japonesa.

Orientadora: Profa. Dra. Luiza Nana Yoshida

De acordo: _____

Profa. Dra. Luiza Nana Yoshida

Versão Corrigida

SÃO PAULO

2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS – FFLCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA
JAPONESA

Sen'hime - A princesa da Era Tokugawa

Tsikako Nakamuro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação na área de Língua, Literatura e Cultura Japonesa do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do Título de Mestre em Literatura Japonesa.

Orientadora: Profa. Dra. Luiza Nana Yoshida

De acordo:

Profa. Dra. Luiza Nana Yoshida

Versão Corrigida

SÃO PAULO

2014

À minha querida mãe Kimico, por me fazer acreditar que
o impossível pode ser realizado.

Agradeço aos meus irmãos Isao, Hideyuki, Assako, Júlia
Namie, Kazuko e aos sobrinhos Adirlei, Bruna e Jimmy
pela compreensão durante meus momentos de frustração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me dar forças e discernimento para continuar até o final dessa árdua jornada, principalmente quando as dificuldades apareciam e eu tive vontade de abandonar o meu sonho.

À minha orientadora Profa. Dra. Luiza Nana Yoshida pela paciência e sabedoria ao me conduzir durante esses trabalhosos anos de elaboração dessa dissertação de Mestrado com grande maestria.

Ao corpo docente do Programa de Pós Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa, em especial à Profa. Dra. Madalena Natsuko Hashimoto Cordaro.

Ao CEJAP - USP que possibilitou que grande parte da minha pesquisa bibliográfica fosse desenvolvida.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

Às minhas amigas Andréa Ribeiro dos Santos e Lúcia Spaziani pela grande torcida.

“Se o cuco não canta, eu espero até que ele cante”.

Tokugawa Ieyasu

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo primordial apresentar um estudo sobre a vida de Sen'hime, neta de Tokugawa Ieyasu, que concluiu a unificação do país, após vários anos de contendas, e estabeleceu o xogunato de Tokugawa que dominou o Japão por quase trezentos anos, tendo como base a tradução integral da obra *Sen'himesama* (A Princesa Sen'hime) de Hiraiwa Yumie. O trabalho é dividido basicamente em três partes: na primeira parte far-se-á considerações sobre a relação entre a obra e o romance histórico; na segunda parte, será enfocada a personagem Sen'hime baseada na mescla de fatos históricos e fictícios e, na terceira parte, será abordada a relação entre Sen'hime e os vários castelos para os quais se viu obrigada a se deslocar nos períodos marcantes de sua vida.

Palavras – Chave: Sen'hime; Era Tokugawa; romance histórico; Literatura Japonesa.

Abstract

This research had as its primary aim to present a study on the life of Sen'hime, granddaughter of Tokugawa Ieyasu, who concluded the country unification after years of strife, and established the Tokugawa xogunate of Japan which ruled for almost three hundred years. This study is based in the full translation of Yumie Hiraiwa work *Sen'himesama* (Princess Sen'hime). This research is basically divided into three parts: the first part will make considerations about the relation between the work and the historical novel; the second part will focus on Sen'hime character which is based in a mixture of historical and fictional facts and in the third part, we will look at the relationship between Sen'hime and the several castles towards which she was forced to move on remarkable periods of her life.

Keywords: Sen'hime; Tokugawa Period; historical novel; Japanese Literature.

Sumário

INTRODUÇÃO	7
PARTE I - A <i>PRINCESA SEN'HIME</i> E O ROMANCE HISTÓRICO.....	11
PARTE II – SEN'HIME - PERSONAGEM HISTÓRICA E FICCIONAL	17
PARTE III - SEN'HIME - DE CASTELO EM CASTELO	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53
TRADUÇÃO: A <i>PRINCESA SEN'HIME</i>	58
ANEXO – PERSONAGENS DE A <i>PRINCESA SEN'HIME</i>	293

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo central abordar e interpretar a trajetória de vida da personagem Sen'hime determinada praticamente pelos interesses políticos de sua família, os Tokugawa, aludindo à sua representação histórica e ficcional. Como objetivo secundário buscar-se-á verificar a importância da relação entre os acontecimentos de sua vida e os principais castelos em que viveu ou passou. O estudo será baseada na obra *Sen'himesama, A Princesa Sen'hime*, publicada em 1992¹, e cuja tradução integral foi realizada, buscando melhor contextualizar as reflexões apresentadas.

A *Princesa Sen'hime* foi escrita por Hiraiwa Yumie² (1932 -), escritora e roteirista, que nasceu em Tóquio como filha única de uma tradicional família do santuário xintoísta Yoyogi Hachimangû. É formada em Letras pela Japan Women's University e dedica-se a escrever romances e roteiros para teatro e novelas televisivas. Em 1959, recebeu o 41º. Prêmio Literário Naokishô, com o romance *Taganeshi* (O Gravador de Nomes em Espadas). Recebeu ainda, entre outros, os seguintes prêmios: 10º. Prêmio Literário Shin'yôkaishô (1959), 30º. Prêmio Cultural NHK Hôshô Bunkashô (1978), 12º. Prêmio Teatral Kikuta Kazuo Engekishô, 25º. Prêmio Literário Yoshikawa Eiji Bungakushô (1991), 46º. Prêmio Literário Kikuchi Kanshō (1998), Prêmio Cultural Bunka Kôrôsha (2004), 49º. Prêmio Literário Mainichi Geijutsushô (2007), Prêmio Teatral Hasegawa Shinshô (2013).

Além de ensaios, peças de teatro, roteiros para televisão e cinema, Hiraiwa Yumie destaca-se pela produção de romances, entre as quais podemos citar: *Onnato Misoshiru* (Mulher e a Sopa de Missô, 1967), *Onnano Kao* (Rosto de Mulher, 1970), *Shitamachino Onna* (Mulher de Shitamachi, 1972), *On'yado Kawasemi* (A Pousada Kawasemi da série de livros do mesmo nome, 1974), *Ôokuno Koibito* (A Amada do "Harém" do Xogum da série de livros *Hayabusa Shinpachi Goyôchô*, 1989), *Hashino Ueno Kiri* (A Névoa sobre a Ponte, 1984), *Shamisen Ochiyo* (1986), *Kinuno Michi* (O Caminho da Seda, 1993), *Saiyûki* (Jornada ao Oeste, 2007).

A *Princesa Sen'hime* encontra-se dividido em dez partes, a saber: A Queda do Castelo de Osaka, Em Kuwana, O Navio Fantasma, A Princesa de Harima, O Verão de Setouchi, O Templo de Quioto, A Lua Cheia, Aqueles que se Vão, O Passamento de Tadatoki e O Fluir do Tempo.

¹ A obra foi inicialmente publicada em série na revista *Yasei Jidai*, no período de 1989 a 1990.

² O nome da autora segue a forma adotada no Japão, ou seja, sobrenome seguido de nome.

Temos como intuito observar quais fatos são relevantes a ponto de serem considerados reforço de modelo cultural e quais descrições são ficcionais, mas refletem o modelo cultural e social internalizados na mente do povo japonês. Para tanto faremos considerações sobre a obra *A Princesa Sen'hime* relacionando-a com o romance histórico.

A apresentação da obra *A Princesa Sen'hime* se faz importante, pois um dos objetivos é o de disseminar a cultura japonesa para os ocidentais, por meio de sua rica e intensa história. Em 1597, no Castelo de Fushimi, durante o período de guerras civis da história japonesa³, nasce a princesa Sen'hime, a filha mais velha do xogun Hidetada e Ogô, sendo seu avô paterno Tokugawa Ieyasu, fundador do xogunato Tokugawa.

A princesa Sen'hime foi levada para o Castelo de Osaka no ano de 1603, com apenas sete anos de idade para formalizar a união com Hideyori, sucessor do clã Toyotomi, passando a viver lá. Entretanto, pouco se sabe sobre a vida do casal, que é citada de forma fragmentária, pois o romance tem início exatamente com a separação do casal devido à morte de Hideyori, durante a queda do Castelo de Osaka.

Era comum na época a prática do *hitojichi*, refém, quando algum membro da família, normalmente um dos filhos (ou filhas), era enviado para o castelo do xogum como prova de lealdade. As princesas desse período eram também reféns das vontades dos pais, pois ao nascerem já eram destinadas aos casamentos por conveniência (*seiryaku kekkon*), visando à manutenção do equilíbrio de poder existente entre os clãs dominantes da época.

Por motivos políticos, no ano de 1615, o avô paterno da princesa Sen'hime, Ieyasu, sitia o Castelo de Osaka, resgatando sua neta e fazendo com que Hideyori cometesse suicídio, juntamente com a mãe. No ano seguinte, conforme o testamento de Ieyasu foi realizado o casamento da princesa Sen'hime com Tadatoki, filho de Honda Tadamasa, em Kuwana, e no ano seguinte, o casal se muda para o Castelo de Himeji.

A união durou dez anos e o casal teve dois filhos, uma menina chamada Katsuhime e um menino chamado Kōchiyo. Entretanto, uma terrível tragédia se abateu sobre a vida deles, quando o filho Kōchiyo morre subitamente com apenas três anos de idade.

Em 1626, morrem a Senhora Ogô, mãe da princesa Sen'hime, e Tadatoki, vítima de tuberculose. Sen'hime, sem um herdeiro que assegurasse seu futuro, teve que retornar ao Castelo de Edo. Como era a tradição de uma viúva, na época, ela corta os cabelos, tornando-se monja leiga, e adotando o nome de Tenjuin, passa os seus últimos anos de sua vida em Edo.

³ O Japão viveu um longo período de guerra civil (1467 a 1568) que levou à desagregação do país. Passa a ser dominado por poderosos daimios que se revezam no poder através de contendias. Na luta pela reunificação destacam-se três grandes daimios que se sucedem no poder até a consolidação do poder unificado: Oda Nobunaga (1534-1582), Toyotomi Hideyoshi (1537-1598) e Tokugawa Ieyasu (1542-1616).

A conturbada vida da princesa Sen'hime produziu muitas lendas, e algumas delas contam sobre a sua ternura, ao tentar salvar o marido Hideyori e outras mulheres da corte, oferecendo-se para ir a Osaka como garantia de paz entre os clãs Tokugawa e Toyotomi. E outras histórias falam sobre sua vida de volúpias em Edo onde belos rapazes eram convidados a visitar sua residência conhecida como Yoshida Goten.

Vale ressaltar que a princesa Sen'hime se tornou uma figura querida na cidade de Himeji, pois pouco depois de seu casamento com Honda Tadatoki, muda-se para o Castelo de Himeji, onde permaneceu por dez anos. O Castelo de Himeji é atualmente um patrimônio mundial, tendo sido sua ala oeste construída principalmente durante aquela época.

Na obra, a princesa Sen'hime demonstra força e determinação diante das inúmeras adversidades de sua vida, mesmo vivendo num período em que o papel social da mulher encontrava-se fortemente limitado pela supremacia masculina no poder.

A escolha dessa temática para o desenvolvimento do presente trabalho se deu pela sua relevância e pela sua originalidade, pois não existe em Língua Portuguesa abordagem científica completa e abrangente que possa servir como base de estudos para muitos estudantes e pesquisadores sobre essa personagem tão importante.

O Castelo de Edo, conhecido como Chiyoda-jô, em 1590 passou a ser utilizado como a residência oficial dos Tokugawa, quando Ieyasu lá se instalou. Durante todo o período Edo tornou-se sede militar e após a restauração Meiji, é transformado na residência do imperador do Japão, o Kôkyo (Palácio Imperial), continuando até os dias de hoje.

O Castelo de Osaka é aquele onde a princesa Sen'hime permaneceu juntamente com Hideyori até a sua tomada. Já o Castelo de Himeji, conhecido também como Castelo Shirasagi, Castelo das Garças Brancas, foi o local onde a princesa Sen'hime viveu com plenitude seus momentos de maior felicidade conjugal com Tadatoki.

O problema que norteou, portanto, o presente trabalho pode ser sintetizado no questionamento: “De que forma a princesa Sen'hime foi retratada no discurso ficcional, tendo como base a sua figura histórica?” e “É possível relacionar a sua trajetória de vida com os castelos em que ela morou?”

A pesquisa foi estruturada em três partes: Parte I – *A Princesa Sen'hime* e o Romance Histórico; Parte II - Sen'hime - A personagem histórica e ficcional; Parte III – Sen'hime - de Castelo em Castelo.

Na primeira parte, serão feitas breves explanações sobre a relação entre a obra e o romance histórico. Na segunda parte, será discutida a questão da personagem, enfocando as características ficcionais e/ou históricas utilizadas na composição de Sen'hime. Na terceira

parte, será abordada a questão da peregrinação da princesa pelos castelos, símbolo de poder do xogum e dos daimios. E o trabalho se completa com a tradução integral da obra, que relata a vida de uma princesa da Era Edo cujo destino vai sendo traçado conforme o interesse do seu clã.

PARTE I - A PRINCESA SEN'HIME E O ROMANCE HISTÓRICO

Nesta parte do trabalho, serão enfocados os pressupostos de alguns estudiosos da Literatura e da História com vistas no romance, elegendo alguns cujas definições encontram-se vinculados ao tema: Lukács (2011), Freitas (1986), Cândido (1972), dentre outros.

Com base nos textos desses autores, apresentaremos uma breve contextualização dos estudos feitos que permita recuperar a trajetória de abrangência do gênero romance, em especial do romance histórico, partindo das idéias sobre o romance e suas variantes como histórico e ficcional ligadas à formação do romance como um todo.

Lukács foi um dos primeiros teóricos a realizar um estudo sistematizado sobre o romance histórico (1937), situando seu surgimento no início do século XIX com as obras de Walter Scott. Segundo o autor, as “repercussões ideológicas” decorrentes das “convulsões econômico-políticas” (p.46) ocorridas na Europa em consequência da Revolução Francesa foram decisivas para a conscientização das pessoas no que se refere ao papel fundamental da História no seu próprio cotidiano. Ele diz ainda que o verdadeiro romance histórico “traz o passado para perto de nós e o torna experienciável” (Lukács, 2011, p. 73).

Pode-se inferir que no romance sociedade, cultura e história encontram-se intimamente ligadas e sujeitas a regras, interesses familiares, imposição de uma determinada época. No caso da obra *Sen'himesama*, pode-se dizer que a Era Edo impunha ações que, invariavelmente, causavam ressentimento nos homens que interagiam na época:

- *Conspiraram contra nós, fomos completamente enganados. Quando terminou a batalha passada, o que disse o mensageiro do inimigo? Simplesmente recuar as tropas seria desonroso para o ex-xogum. Chegando com a cavalaria até Osaka, perdendo muitos soldados, e recuando depois de tudo isso, ele perderia respeitabilidade perante os daimios. Por isso pedira a demolição da estrutura só para mostrar que ele atacara o castelo. Concordamos, porque era pela honra do ex-xogum, mas não é que aterraram todos os fossos, e derrubaram até os muros e as cercas da segunda fortaleza e terceira fortaleza? Fomos enganados. Nesta batalha, o ex-xogum deixou o Castelo de Osaka neste estado. (Grifo nosso) [“A Queda do Castelo de Osaka” – A Princesa Sen'hime, p. 63]*

Acordos existem, mesmo em tempos de guerra, mas as palavras da Senhora Yodo atestam que os interesses políticos podem estar acima de qualquer acordo, numa época em que se busca a vitória no jogo de poder pela reunificação do país, assolado por lutas internas há décadas.

Evidencia-se que a realidade externa não é aceita por necessidade interior, como no caso de Hideyori, líder dos Toyotomi que, esgotados todos os meios de enfrentar os Tokugawa, vê na rendição o único caminho para a sobrevivência do clã, e envia a Princesa Sen'hime, símbolo de aliança entre os Toyotomi e os Tokugawa, como mensageira:

Que dias mais difíceis deve ter vivido neste ano, quem desde a infância ela amava como a um irmão? Sen'hime o olhava com dor no coração. E essa pessoa estava agora reunindo as últimas forças, tentando suportar a humilhação.

- Gostaria que fosse à fortaleza do inimigo... ao quartel dos Tokugawa como mensageira.

Quando Sen'hime levantou o rosto, Hideyori abaixou o olhar.

*- Eu acho que talvez seja tarde demais, mas **um comandante deve poupar sua vida até o último instante** (...) (Grifo nosso) [*"A Queda do Castelo de Osaka"* – A Princesa Sen'hime, p. 63]*

O romance histórico como narrativa literária tem origem no aspecto historiográfico, portanto para revelar “os fatos e contextos novos”, deve-se ter noção do fato antigo, ou seja, o resgate do passado. O amálgama existente entre a história e a ficção se torna mais evidente no momento em que não se consegue delinear com exatidão os caminhos dos fatos, como na descrição que se segue:

- Parece que a mãe, Senhora Yodo, foi atingida por uma bala perdida em Yamazotono Kuruwa e acabou morrendo, mas o senhor Hideyori, juntamente com alguns homens de confiança, foi salvo pelos homens do Batalhão Naval de Setouchi, com quem Hayami, Governador de Kai, um dos comandantes dos Sete Grupos de Vassalos Diretos, tinha amizade, e conseguiu escapar ileso do Castelo de Osaka. (Grifo nosso) ["Em Kuwana"* – A Princesa Sen'hime, p. 83]*

Com relação ao fim de Hideyori e de sua mãe, a Senhora Yodo, a hipótese mais aceita é a de que teriam cometido suicídio, mas pelo fato de os corpos nunca terem sido encontrados, outra teoria é a de que teriam sobrevivido. Na obra, a autora mantém o mistério do paradeiro, estabelecendo o fato de que a Senhora Yodo fora morta por uma bala inimiga e que Hideyori fora salvo por aliados. A dúvida quanto ao fato de Hideyori estar vivo ou não permanece até o final do romance.

Sabe-se que há grande proximidade entre a pesquisa histórica, o enredo de ficção e a mescla dos personagens tanto históricos quanto de ficção. Assim sendo, o romance histórico é elaborado com essa mescla entre os fatos ficcionais e os históricos, e esses últimos não necessitam ser descritos da maneira como aconteceram, conforme se vê, a seguir, com relação aos últimos momentos de Kunimatsumarū, último membro dos Toyotomi, de oito anos:

O menino estufou o peito e falou em voz alta: favores do meu avô Toyotomi, e embora na hora de sua morte ele tenha lhe

- Só tenho uma coisa a dizer. Tokugawa Ieyasu recebeu por muitos anos depositado enorme confiança, traiu-o, destruindo a família Toyotomi. Ele é mais desprezível que um cachorro. (Grifo nosso) [“A Queda do Castelo de Osaka” – A Princesa Sen’hime, p. 79]

O estabelecimento de um fim dramático, não só pelo fato de tratar-se de uma criança de oito anos, mas muito mais pela ousadia de chamar o grande Ieyasu de “traidor” e rebaixá-lo publicamente, considerando-o “mais desprezível que um cachorro”, é a “dramatização” de um fato histórico (FREITAS, 1986, p. 51) através da inserção de detalhes que ocasionam efeito dramático ainda mais incisivo.

Lukács (2011) define que todo personagem do romance vivencia o conflito social e cultural, tornando-se problemático, dividido e contrariado de si mesmo, luta para manter sua essência e não aceitar alienado as estruturas impostas pela hierarquia. Ele diz ainda “que um dos princípios que acabou por se impor como modelo é que a ação ocorre em um passado anterior ao presente do escritor”. (LUKÁCS, 2011, p. 33). Esse tempo passado é reconstruído por meio da sociedade e de seus costumes, da sua fala, e das instituições que legitimam a ideologia daquela época e constituem as características do romance histórico.

O passado é, portanto, reconstruído pela imaginação do autor. Então, confronta-se o historiador e o ficcionista, essa mescla para a formação de um romance histórico de ver observada com esmero e acuidade.

O autor deve escrever sobre o período baseado em documentos para que o fato seja reportado o mais fiel possível, entretanto, as lacunas históricas serão preenchidas pela sua capacidade de recriar o passado, quando, então, legitima-se a ficção:

Na manhã do dia oito do quinto mês, no Castelo de Osaka, terceira fortaleza, segunda fortaleza e até fortaleza principal estavam em chamas, e apenas Yamazatono Kuruwa restava no meio da fumaça.

E, ao meio dia, a unidade de artilharia de Ii Naotaka e Andô Shigenobu do Exército do Leste começaram a atirar simultaneamente em direção a Yamazatono Kuruwa.

Hideyori e Senhora Yodo, que aguardavam ansiosamente, no interior do depósito de objetos chineses, a resposta do pedido de misericórdia levado por Sen’hime, tiveram de tomar uma decisão diante desse ataque. (Grifo nosso) [“A Queda do Castelo de Osaka” – A Princesa Sen’hime, p. 72]

Os momentos finais de Hideyori e de sua mãe, datados historicamente do dia 08 do quinto mês, ganham vida e dramaticidade com a inserção de detalhes recriados pela autora.

Lukács (2011) explica que o romance histórico requer a atenção da História em épocas remotas, com a finalidade de reconstruí-la através de acontecimentos que vêm a caracterizar o período. O romance, porém, vai além da representação de um período histórico, e busca trazer como pano de fundo os eventos históricos marcantes, tais como a guerra, as lutas entre famílias, a cisão da própria família e a condição do homem.

Na obra *A Princesa Sen'hime* podemos encontrar ainda algumas das “técnicas de autentificação”, ou seja, “as referências ou pontos de ligação históricos que inscrevem a narrativa de ficção numa realidade extratextual reconhecível” (FREITAS, 1986, p.14), bem como “elementos romanescos” que “se interpõem aos elementos históricos”, ocorrendo a “invasão da História pela ficção” (FREITAS, 1986, p. 43).

Destacando-se algumas “técnicas de autentificação”, citadas por Freitas, temos em *A Princesa Sen'hime*:

a) Localização Espacial

Os espaços geográficos encontrados na obra são todos reconhecíveis, independente do fato de os eventos ou as ações terem efetivamente ocorrido naquele espaço. Os espaços mantêm predominantemente relação com os deslocamentos de Sen'hime que durante a sua vida viveu em vários castelos: nasceu em Fushimi (atual Quioto), casou-se com Hideyori e foi viver no Castelo de Osaka (Osaka), após a morte de Hideyori foi para o Castelo de Edo (atual Tóquio), casou-se com Tadatoki e passou a viver no Castelo de Himeji (atual Hyôgo), e após a morte de Tadatoki, volta a residir em Edo.

b) Datação

Com relação às datas, a autora foi bastante fiel à cronologia encontrada nos documentos históricos como datas de nascimento e morte das personagens históricas, acontecimentos políticos marcantes, o que não a impede de se utilizar de datas fictícias nos episódios predominantemente romanescas.

c) A Cronologia Longa

A autora tem o cuidado de não perder a cronologia longa das narrativas, ou seja, as referências a “acontecimentos situados fora do tempo da narrativa propriamente dita, que têm, porém, alguma relação com ele” (FREITAS, 1986, p. 16), retomando sempre que necessários os fatos passados ou mais recentes como o acordo de matrimônio entre Hideyori e Sen'hime realizado entre Hideyoshi e Ieyasu na época do nascimento da princesa, o episódio da inscrição do sino do Palácio do Grande Buda do templo Hôkôji, estopim da Batalha de Inverno de Osaka ou as batalhas envolvendo alianças e afastamentos dos daimios que resultaram na hegemonia dos Tokugawa. Assim, através

da “lei da *causalidade histórica*” (FREITAS, 1986, p. 16) os acontecimentos adquirem sentido pois que inseridos numa História mais ampla.

d) Personagens Históricas

Grande parte das personagens de *A Princesa Sen'hime* são baseadas em personagens históricas cuja identidade encontra-se registrada em documentos oficiais. Algumas são apenas citadas em eventos históricos, outras têm participação efetiva na narrativa, caso de Sen'hime em cuja existência encontra-se baseada a obra. A autora introduz também personagens fictícias como Miho cujo papel acaba se tornando fundamental, pois formará o triângulo amoroso com Sen'hime e Tadatoki, que se tornará o fio condutor da trama.

Historicamente a imagem da mulher da época do xogunato é, muitas vezes, associada à fragilidade e submissão. Existe uma carga muito grande de direitos, deveres e obrigações, e o papel da mulher na geração de filhos sempre foi fundamental, pois envolvia a questão da sucessão familiar.

Em *A Princesa Sen'hime* a autora faz a reconstituição histórica baseada na vida de Sen'hime, inserindo-a no contexto da Era Edo. A obra enfoca a vida de Sen'hime principalmente a partir do momento em que ocorre a morte de seu primeiro marido Hideyori, na tomada do Castelo de Osaka.

Mesmo na condição de neta e, posteriormente, filha de xogum e filha mais velha de Oeyo (Gô), sobrinha de Oda Nobunaga, (ou exatamente decorrente dessa condição), sua vida era determinada pelos rumos traçados pelo clã a que pertencia. Tão logo veio ao mundo foi usada para intermediação de poder por Hideyoshi e Ieyasu para a realização de um casamento de interesse político. Após a morte de Hideyori, propôs-se a cuidar dos filhos que ele teve com uma concubina. Vivenciou várias batalhas. Após a morte de Tadatoki, retornou a Edo e sob a proteção do xogum, seu irmão Iemitsu, tornou-se figura influente nas decisões internas do clã.

A obra é dividida em 10 partes:

1. A Queda do Castelo de Osaka
2. Em Kuwana
3. O Navio Fantasma
4. A Princesa de Harima
5. O Verão de Setouchi
6. O Templo de Quioto

7. A Lua Cheia
8. Aqueles que se Vão
9. O Passamento de Tadatoki
10. O Fluir do Tempo

Tendo como pano de fundo a época de estabelecimento dos Tokugawa no poder, a obra retrata a existência de Sen'hime, estabelecendo como fio condutor o romance de Sen'hime com Honda Tadatoki que abrange oito das dez partes (partes 2 a 9), estruturado sobre o tema do triângulo amoroso entre Senn'hime, Tadatoki e Miho. Os fatos históricos sobre Sen'hime são mesclados aos ficcionais, privilegiando o relato de seu romance com Tadatoki, descrevendo, por vezes, até mesmo os momentos mais íntimos do casal, conforme será visto posteriormente.

Através da breve explanação relativa ao romance histórico podemos afirmar que a obra *Sen'himesama* segue as características básicas do romance histórico tradicional cuja ação é estabelecida num passado anterior ao do escritor e há a inserção de episódios amorosos baseados em uniões de interesse político que refletem os costumes vigentes na época, e cujo desfecho, muitas vezes, é trágico como no caso de Hideyori levado à morte (embora a obra deixe dúvidas sobre isso) por ordem do xogum, seu sogro e pai de Sen'hime. Mesmo o fim da união de Sen'hime com Tadatoki com a morte deste devido à enfermidade apresenta um aspecto trágico, visto que Sen'hime perde num mesmo ano (1626), além de Tadatoki, a sogra Yûhime e a mãe Oeyo, bem como outros membros, num curto espaço de tempo: o filho Kôchiyo (1622), o sogro Tadamasa (1631) e o pai Hidetada (1632). Como rupturas do modelo tradicional podem ser citadas o estabelecimento de uma personagem histórica como protagonista, a criação pelo autor de um universo próprio “tentando relatar o passado com plena autonomia de invenção” (ESTEVES e MILTON, 2007, p. 18).

PARTE II – SEN’HIME – PERSONAGEM HISTÓRICA EFICCIONAL

*Os limites entre a **representação** e a **criação** sendo tênues, História e Romance frequentemente se confundem, e a fragilidade de fronteira entre esses dois instrumentos de conhecimento do homem coloca alguns problemas que merecem estudos. (Maria Teresa de Freitas, 1989, p.109)*

Nesta etapa da pesquisa, faz-se necessário compreender as linhas tênues que separam os limites entre a História e a Literatura. Para tanto, vamos retomar as considerações feitas principalmente por Freitas (1986) e Candido (1972, 2006).

História e Literatura sempre estiveram lado a lado, mesmo que por caminhos diversos. Aristóteles entendia que ao poeta “cabe representar o que poderia ter acontecido” e ao historiador “narrar o que aconteceu⁴”, mas tornava-se difícil divisar os limites entre um e outro.

Na medida em que o homem foi tomando consciência de sua existência social, as características de cada uma das áreas foram sendo traçadas, ainda de forma não tão sistemática, no decorrer da Idade Média até o século XVIII, destacando pouco a pouco suas diferenças e especificidades.

A Literatura e a História são arcabouços para relatos e ideias, fatos e imaginações, ou seja, a trama literária poderia ser a descrição de um fato por um historiador tanto quanto poderia ter um caráter imaginativo de seu autor unido à realidade, essas formas de apresentação de uma história foram reflexos de uma sociedade que aceitava essas penetrações entre as áreas.

Foi a partir do século XIX, com o surgimento do romance histórico clássico, envolto com a teoria positivista e com teses deterministas e evolucionistas, que os contornos da

⁴ Cf. ARISTÓTELES, **Poética**. Tradução, Prefácio, Introdução, Comentário e Apêndices de Eudoro de Sousa. Porto Alegre, Editora Globo, 1966, p.78.

fronteira entre história e ficção foram estabelecidos, enfatizando o caráter científico da História e o caráter fictício da Literatura.

Dessa forma, durante o século XIX, a História iniciou o seu trajeto de área científica, utilizando-se de métodos de investigação, fontes de estudos e críticas a documentos, resultando num avanço metodológico científico. A História era a descrição de fatos sociais e culturais, tais como os feitos heróicos e o declínio de civilizações, tendo como base as fontes documentais.

Referindo-se ainda à questão da relação entre Literatura e Sociedade no que concerne ao modo como fatos sociais são incorporados à estrutura literária, escreve Antonio Candido (2006, p. 13):

“só a [integridade da obra] podemos entender fundindo o texto e o contexto numa interpretação dialeticamente íntegra (...). Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social) importa não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*”.

A História e a Literatura podem fazer uso dos mesmos acontecimentos para desenvolver suas obras, na medida em que o mundo a que o autor quer levar o leitor a conhecer é apresentado, de modo que ele possa vivê-lo pelo tempo da leitura, independente de estar presente ou não.

A historiografia busca representar fielmente as fontes documentais. A Literatura busca retratar a realidade estética e a subjetividade humana em relação ao mundo ao redor, nos textos que podem ter vindo de fatos e são produzidos para satisfazer a intenção do autor e preencher a imaginação do leitor. Assim, o escritor tem maior liberdade, pois não tem compromisso com a verdade histórica, embora a memória coletiva de uma civilização, de um povo, de um grupo social (tribo, clã, dinastia, entre outras) possa ser encontrada tanto na Literatura quanto na História, por guardarem entre si as relações sociais e de ‘status’ ou poder que modificam a estrutura vigente da sociedade daquela época ou daquele grupo social específico. A liberdade vista como autonomia que a Literatura faz uso quando as páginas são escritas mantém uma relação com o mundo social, e mostra que há uma construção com palavras para formarmos ideias e com sentimentos para compreendermos o tema com nossa alma, mesmo que a época seja avançada ou recuada da nossa.

No caso da História, veremos que ela enfatiza a determinação da narrativa pelo universo social, ou seja, não está no consciente do autor, está na memória de toda a civilização, então, a ficção sempre terá um vínculo com o real, com o empírico, com o vivido na história; o mesmo se aplica ao enredo, por mais estranho que possa se apresentar, sempre apresenta um viés que o liga ao real.

A narrativa ficcional em prosa não deixa de ser uma fonte documental, na medida em que apresenta cenários, linguagem, personagens dominantes, concepções e visões de mundo, preocupações e preconceitos sociais que englobam uma época, mesmo que longe da época em que foi escrita. A Literatura, embora possa se apoiar, assim, numa realidade histórica, pode desenvolver seu enredo baseado numa realidade fictícia e imaginária, enquanto a História se fundamenta principalmente por meio de documentos, fontes históricas e fatos, buscando representar o mais próximo possível, uma versão da verdade.

Antes de discorrer sobre a personagem Sen'hime, faremos uma breve contextualização sobre a época enfocada na obra. A escritora Hiraiwa Yumie apresenta como pano de fundo da vida da princesa o cenário do século XVII.

Ainda durante o final da Idade Média japonesa, inicia-se o período de lutas internas entre os vários grupos guerreiros, conhecido como *Sengoku Jidai* (Época das Guerras Cívicas), entre 1467 e 1568, quando o Japão encontrava-se esfacelado, sem um poder central, nas mãos de grandes daimios que lutavam entre si. No período Azuchi-Momoyama (1573-1603), inicia-se a fase de unificação, iniciada por Oda Nobunaga (1534-1582) que consegue subjugar os demais daimios, seja através de alianças ou aniquilação dos inimigos. Nobunaga havia conseguido o domínio de grande parte do país, mas acabou cometendo suicídio, cercado no Templo Honnôji, em Quioto, na revolta liderada por Akechi Mitsuhide (1528-1582). Após a morte de Nobunaga, Toyotomi Hideyoshi (1537-1598) vence as forças de Akechi Mitsuhide e, na luta interna pelo poder, consolida-se como sucessor de Nobunaga, concluindo praticamente o processo de unificação do país. Depois de dominar ou conseguir o apoio dos daimios mais poderosos, Hideyoshi aproximou-se da Casa Imperial, alcançando o cargo de *Dajô Daijin*, Grande Ministro, cargo até então conferido a membros da Família Fujiwara. Na política interna, de maneira geral, deu continuidade às reformas iniciadas por Nobunaga, como o censo de terras em nível nacional, e toma medidas que visam um maior controle como o confisco de armas de todos que não pertencessem à classe dos samurais e a expulsão dos cristãos. Hideyoshi busca também expandir-se fora do país e chega a invadir a Coreia. Pressentindo a chegada da morte, Hideyoshi escreve seu testamento endereçado, entre outros,

ao Conselho dos Cinco Anciãos (*Gotairô*) composto pelo cinco poderosos daimios: Tokugawa Ieyasu, Maeda Toshiie (sucedido pelo filho Toshinaga, após sua morte), Ukita Hideie, Uesugi Kagekatsu, Môri Terumoto), que escreveram um juramento, prometendo cumprir as vontades de Hideyoshi e selado com o sangue de cada um. Sua morte ocorre em 1598, sendo sucedido por seu filho Hideyori (1593-1615).

Apesar do juramento de fidelidade ao testamento de Hideyoshi, Ieyasu passa a ignorar os seus desejos póstumos e a aumentar sua influência, assumindo a liderança política. Em 1603, ele alcança o posto máximo do xogunato, sendo nomeado xogum. Mobilizando grande número de daimios, ordena a construção do Castelo de Edo e inicia o estabelecimento do poder político dos Tokugawa que irá perdurar por mais de 200 anos.

É neste contexto histórico que, em 1597, nasce Sen'hime, neta de Ieyasu e filha mais velha do segundo xogum Hidetada e de Oeyo, filha de Azai Nagamasa e da Senhora Oichi, irmã de Oda Nobunaga, no Castelo de Fushimi, na província de Yamashiro, atual Quioto. A obra *Sen'himesama* enfoca o período de sua vida que vai desde a saída do Castelo de Osaka, no dia anterior à sua queda, até o dia da sua morte, prolongando-se particularmente na época em que Sen'hime convive com Tadatoki.

Num aposento do Palácio Interno⁵ da fortaleza central⁶ do Castelo de Osaka, Sen'hime⁷ continuou sentada por muito tempo.

Foi no dia 7 do quinto mês do ano 20 da Era Keichô⁸.

Após a varanda, no jardim interno onde havia persianas de bambu, pairava uma fumaça de pólvora branca como neblina.

Na Batalha de Inverno, ocorrida havia seis meses, isso não tinha acontecido.

Naquela ocasião, o que ela viu, de um lugar ligeiramente alto da fortaleza central em companhia da Senhora Yodo⁹, sua sogra, que naquele castelo era

⁵ Refere-se a *oku goten*. A denominação *oku*, “fundos”, era utilizada para indicar a parte do castelo reservada às atividades particulares do xogum. A denominação *omote*, “frente”, refere-se à parte do castelo voltada para as atividades oficiais. O Palácio Interno era dividido em Nakaoku, “Médio Palácio Interno”, a residência do xogum e Ôoku, “Grande Palácio Interno”, onde ficavam a esposa e as concubinas do xogum.

⁶ O interior dos castelos da época comportava várias fortalezas protegidas por muralhas. A fortaleza central onde ficava a torre de menagem (*tenshukaku*) era chamada *honmaru*, a segunda fortaleza, *ninomaru* e a terceira fortaleza, *sannomaru*.

⁷ Optamos por manter a denominação Sen'hime, embora Sen seja o nome próprio e *hime* seja um tratamento honorífico utilizado para filhas de famílias da casa imperial, da nobreza, de daimios, sendo costumeiramente traduzido como “princesa”. O mesmo critério será utilizado para demais personagens como Kôhime, Yûhime.

⁸ A Era Keichô vai de 1596 a 1615. O ano 20 corresponde a 1615.

⁹ Refere-se a Chacha, esposa de Toyotomi Hideyoshi, um dos três grandes daimios unificadores do Japão, juntamente com Oda Nobunaga, a quem sucedeu, e Tokugawa Ieyasu. Era filha de Azai Nagamasa e Oichi, irmã de Nobunaga. Tinha duas irmãs, Hatsu e Gô, mãe de Sen'hime. Era mãe de Hideyori, primeiro marido de Sen'hime.

chamada de Respeitável Genitora¹⁰, eram as numerosas bandeiras do exército de Tokugawa que cercavam o castelo, todas bem distantes dali. (Grifo nosso) [“A Queda do Castelo de Osaka” – A Princesa Sen’hime, p. 58]

Este é o trecho inicial da obra *Sen’himesama*. A autora inicia a obra, trazendo ao leitor uma série de elementos históricos reconhecíveis:

- a) Castelo de Osaka – localizado na cidade de Osaka, foi construído por Toyotomi Hideyoshi (1537-1598), no final do século XVI. Após a morte de Hideyoshi, seu filho Hideyori (1593-1615) passou a morar lá com sua mãe, Senhora Yodo;
- b) Sen’hime (1597-1666) – neta de Tokugawa Ieyasu (1542-1616), fundador do xogunato Tokugawa (1603 – 1867). Ela se torna esposa de Hideyori como resultado de uma aliança entre Hideyoshi e Ieyasu;
- c) dia 7 do quinto mês do ano 20 da Era Keichô (1615) – data em que ocorre a destruição do Castelo de Osaka, na batalha que ficou conhecida como a Batalha de Verão, levando à morte de Hideyori e a Senhora Yodo;
- d) Batalha de Inverno – a Batalha de Osaka (1614-1615) travada entre as forças de Tokugawa e Toyotomi, culminando com a aniquilação deste, ocorreu em dois grandes momentos, a Batalha de Inverno (1614) e a Batalha de Verão (1615);
- e) Senhora Yodo – uma das três filhas do daimio Azai Nagamasa e Oichi, irmã de Oda Nobunaga. A Senhora Yodo foi uma das esposas de Toyotomi Hideyoshi e sogra de Sen’hime. Sua irmã caçula, Oeyo, é mãe de Sen’hime;
- f) Tokugawa – clã que domina politicamente o Japão durante quase 300 anos.

O romance abre-se através de um episódio histórico marcante que assinala o fim do clã Toyotomi e estabelece a ascensão definitiva dos Tokugawa que governarão o país por quase três séculos. O Castelo de Ôsaka, o nome das personagens, a Batalha de Inverno ou a data citada contextualizam um fato histórico que servirá de cenário para a narrativa sobre Sen’hime.

As personagens citadas, Sen’hime e Senhora Yodo, levam o leitor à época de consolidação da unificação do país por Tokugawa Ieyasu, depois de anos seguidos de guerras civis entre os poderosos daimios. Tanto Sen’hime quanto Senhora Yodo representam mulheres que vivenciaram esse período de intensa conturbação e instabilidade, vendo-se

¹⁰ Respeitável Genitora é o sentido aproximado de *gobokôsama* ou *gobokô*, no original, modo respeitoso de se referir à mãe de Hideyori.

obrigadas a se adaptar à conjuntura política vigente. O destino de Sen'hime fora traçado, logo após o nascimento, por Hideyoshi e Ieyasu que viam na união de Sen'hime com Hideyori uma forma de garantir a harmonia entre os dois clãs. A Senhora Yodo, após ver seus pais morrerem diante das forças de Hideyoshi, tornara-se uma de suas concubinas e, de certo modo, reconstruíra sua vida dando-lhe um herdeiro, Hideyori. Via-se, no entanto, diante de uma nova força, a dos Tokugawa, a quem tinha de enfrentar, agora como membro do clã que destruíra a família de seu pai. Hiraiwa faz alusão à iminente batalha final (Batalha de Verão) entre os Toyotomi e os Tokugawa que separará para sempre Sen'hime de sua tia e sogra Senhora Yodo e à tensão vivida nessa época de inquietação através da comparação entre a batalha que ora enfrentavam e a outra (Batalha de Inverno) ocorrida há pouco tempo. Naquela ocasião, Sen'hime e a Senhora Yodo avistavam do alto do Castelo de Osaka as numerosas bandeiras inimigas dos Tokugawa ao longe. Na presente batalha, no entanto, a fortaleza estava prestes a cair coberta pela “fumaça de pólvora branca”.

Mais adiante, temos o seguinte trecho:

- Senhora Sen'hime.

Matsuzakano Tsubone chamou-a discretamente do aposento vizinho.

- Miho voltou.

Sen'hime voltou o olhar distraído, do jardim central para Matsuzakano Tsubone.

Ah, a Miho? Que ela entre...

No Castelo de Osaka, Sen'hime era chamada de princesa desde quando chegara, aos sete anos, para ser esposa de Hideyori. Era porque ainda não tinha filhos com Hideyori e, e porque a Senhora Yodo a chamava dessa forma.

E esse tratamento combinava muito bem com Sen'hime, que ainda mantinha muita coisa de infantil para os seus dezenove anos.

Uma jovem chegou apressada ao aposento vizinho.

Filha de Hayami Moriyuki, Governador de Kai, chamava-se Miho, e era um ano mais nova que Sen'hime, tendo, portanto, dezoito anos. Servia a Sen'hime desde os doze anos e, mesmo muito jovem, era inteligente e determinada, razão pela qual Matsuzakano Tsubone confiava naquela jovem mais do que em qualquer outra pessoa, apesar da aparência infantil. (Grifo nosso)[“A Queda do Castelo de Osaka” – A Princesa Sen'hime, p. 60]

No trecho acima, o leitor reconhecerá ainda nomes baseadas em personagens históricas como Hayami Moriyuki, Governador de Kai ou Matsuzakano Tsubone, mas a existência de Miho, citada como filha de Moriyuki, não consta em documentos históricos, podendo ser considerada uma personagem fictícia criada pela autora. Pode-se dizer que a

inclusão de Miho como acompanhante de Sen'hime e presente nos momentos mais marcantes de sua vida, acaba por produzir maior dramaticidade à obra, desempenhando papel fundamental no desenvolvimento do triângulo amoroso como rival de Sen'hime. Com a atitude natural e completamente integrada à situação histórica, a personagem fictícia mescla-se com os personagens históricos e adquire vida junto a eles, conforme referido por Freitas (1986:29): “A simples coexistência com personagens históricos, que, na coerência interna dos romances, parece inteiramente natural, confere já aos personagens imaginários uma certa consistência histórica (...)”.

Sen'himesama desenvolve-se, assim, alicerçada sobre os fatos históricos e ficcionais. Na criação de Sen'hime, baseada numa princesa Tokugawa da Época Edo, percebe-se, por um lado, o cuidado da autora em não se afastar de sua figura histórica, principalmente no que concerne ao seu papel social de filha de xogum e neta de Ieyasu, e por outro, a de enfatizar sua individualidade como mulher, especialmente, como esposa de Tadatoki. Buscaremos, a seguir, destacar questões que envolvem a criação da personagem Sen'hime cuja mescla de fontes históricas e de imaginação criativa resulta na composição de uma personagem que se destaca pela sua valorização estética.

Conforme destacado anteriormente, a obra *Sen'himesama* tem como pano de fundo algum dos acontecimentos históricos mais marcantes do período de unificação do Japão, principalmente a Época dos Tokugawa, onde se desenrola a trama central baseada na trajetória de vida da Princesa Sen'hime, tendo como foco o seu romance com Tadatoki.

Em seu comentário sobre a obra, Itô Masateru destaca que “É raro haver alguém como Sen'hime (1597-1666) cuja imagem fictícia e imagem real sejam tão distintas.” (ITÔ, 2009, p. 317).

Baseado na questão da recepção do texto pelo leitor, Wolfgang Iser¹¹, discute a oposição entre realidade e ficção e sugere a substituição dessa relação opositiva pela “tríade do real, fictício e imaginário¹²” (ISER, 1983, p. 385).

Pode-se dizer que no caso de Sen'hime existe a “tríade” real, fictício e lendário (popular), visto que existem várias versões populares que sob a forma de narrativa, teatro, novela televisiva ou romance transformaram-se em verdadeiras lendas cuja imagem remotamente distante da personagem histórica acabou se fixando no imaginário popular.

¹¹ Refere-se ao estudo “Os Atos de Fingir ou o que é Fictício no Texto Ficcional”.

¹² No estudo de Wolfgang Iser onde ele discute a questão da realidade e da ficção, o real refere-se ao mundo extratextual, o fictício é um “ato intencional” e o imaginário é utilizado como “uma designação comparativamente neutra”, distante dos conceitos tradicionais como imaginação ou fantasia.

Segundo Itô (2009), a versão popular sobre Sen'hime encontra-se baseada principalmente na biografia inserida em *Dai Nihon Jinmei Jisho* (Grande Dicionário Biográfico), publicado em 1886 onde, resumidamente, constam os seguintes episódios: na tomada do Castelo de Osaka, Ieyasu prometera a mão de Sen'hime e propriedades para aquele que conseguisse salvá-la do castelo. Sakazaki, Governador de Dewa, conseguira o feito, mas tivera o rosto desfigurado por queimaduras, e Sen'hime se recusara terminantemente a casar-se com ele. Sakazaki desiste do matrimônio, enganado por Ieyasu que lhe diz que Sen'hime se tornaria monja para orar pela alma de Hideyori. Enfurecido ao saber, logo depois, que Sen'hime ficara noiva de Honda Tadatoki, Sakazaki vai tomar satisfações de Ieyasu que manda matá-lo.

O outro episódio refere-se à vida devassa de Sen'hime após a morte prematura de Tadatoki que é atribuída à maldição do espírito de Sakazaki. Conta-se que ela se interessara por um atirador do exército Tokugawa, mas não sendo correspondida, passou a convidar rapazes para a sua mansão e estes misteriosamente nunca mais retornavam. Os boatos a respeito chegaram a uma situação insustentável e ela acabou se suicidando, adiantando-se à recomendação do xogum.

Contrastando com a imagem popular, vejamos, a seguir, a trajetória de vida (histórica) de Sen'hime baseada no Quadro Cronológico anexo à obra de Matsumoto (1982):

- Sen'hime nasceu no Castelo de Fushimi, Província de Yamashiro (atual Quioto), no dia 11 do quarto mês do ano 2 da Era Keichô (1597), como filha mais velha do xogum Tokugawa Hidetada e de sua esposa Oeyo (ou Ogô). Ela nasceu durante o período de unificação do Japão, quando o país enfrentou um longo período de guerras civis. Seu avô paterno, Tokugawa Ieyasu, foi o fundador do xogunato Tokugawa. Seu avô materno era Azai Nagamasa e sua avó Oichi, irmã de Oda Nobunaga, poderoso daimio que iniciou o processo de unificação.
- No dia 18 do oitavo mês do ano 3 de Keichô (1598), falece Toyotomi Hideyoshi, deixando como sua vontade póstuma o casamento entre Sen'hime e seu filho Hideyori.
- Na primavera de 1599, Sen'hime mudou-se para o Castelo de Edo com o pai Hidetada e a mãe Oeyo.
- Quando estava com sete anos, no ano 8 da Era Keichô (1603) é enviada para o Castelo de Osaka para unir-se a Toyotomi Hideyori, conforme o testamento de Hideyoshi.
- No ano 17 de Keichô (1612), foi realizada a cerimônia de maioridade de Sen'hime.
- Nos anos 19 e 20 de Keichô (1614 e 1615) ocorrem, respectivamente, a Batalha de Inverno de Osaka e a Batalha de Verão de Osaka.

- No dia 7 do quinto mês do ano 20 de Keichô (1615), Sen'hime deixa o Castelo de Osaka, para suplicar pela vida de Hideyori e da Senhora Yodo, indo ao acampamento do xogum Hidetada, mas seu pedido é negado.
- Tokugawa Ieyasu dá ordem de extinção da família Toyotomi, no dia 8 do quinto mês do mesmo ano (1615).
- O Castelo de Osaka foi destruído pelo fogo, no dia 8 do quinto mês do ano 20 de Keichô (1615).
- No dia 23 do quinto mês do ano 20 de Keichô (1615), Kunimatsumarû, filho de Hideyori é decapitado em Rokujô Kawara.
- No dia 30 do sétimo mês do primeiro ano de Genna (1615), a comitiva da princesa sai do Castelo Nijô e segue para Edo (retorno de Sen'hime a Edo, após a queda do Castelo de Osaka).
- No ano 2 de Genna (1616), pensando no futuro da princesa, Ieyasu ordena a Sen'hime que fosse ao templo Mantokuji, e praticasse ascetismo, para cortar relações com a família Toyotomi, concretizando sua separação com Hideyori.
- No dia 17 do quarto mês do ano 2 de Genna (1615), Ieyasu falece em Sunpu.
- no dia 13 do nono mês do ano 2 de Genna (1616), a comitiva de Sen'hime parte para Kuwana, chegando no dia 26 do nono mês do mesmo ano para a cerimônia de casamento.
- No dia 23 do oitavo mês do ano 3 de Genna (1617), Honda Tadamasa e Tadatoki se mudam para o Castelo de Himeji, seguidos por Yûhime e Sen'hime que se mudam no dia 28 do oitavo mês.
- No dia 16 do décimo mês do ano 4 de Genna (1618), Sen'hime dá à luz a Katsuhime, sua primogênita, no Castelo de Himeji.
- No oitavo mês do ano 5 de Genna (1619), nasce Kôchiyo, primogênito e herdeiro da família Honda.
- No dia 14 do oitavo mês do ano 5 de Genna (1619), realiza-se a tradicional festa de apreciação da lua cheia, a bordo do navio de Guerra Atakebune, reunindo todos os membros do clã Honda, tendo Sen'hime como convidada de honra.
- No dia 9 do décimo segundo mês do ano 7 de Genna (1622), ocorre a morte repentina de Kôchiyo. Seu funeral é realizado no templo Seiganji no monte Gunro e o corpo é sepultado no monte Shoshazan.
- Tadatoki falece no dia 7 do quinto mês do ano 3 de Kan'ei (1626).
- No dia 25 do sexto mês do mesmo ano (1626), falece Yûhime, mãe de Tadatoki.
- A mãe de Sen'hime, Sra. Ogô, falece no dia 15 do nono mês do mesmo ano.

- Sen'hime deixa o Castelo de Himeji, no dia 2 do décimo primeiro mês do mesmo ano.
- Sen'hime chega em Edo no dia 27 do décimo primeiro mês do ano 3 de Kan'ei (1627).
- No dia 6 do décimo segundo mês do mesmo ano, Sen'hime corta os cabelos (torna-se monja leiga) e passa a se dedicar ao culto de Buda, adotando o nome de Tenjuin.
- Morte de Honda Tadamasa, sogro de Sen'hime, no dia 10 do oitavo mês do ano 8 de Kan'ei (1631).
- O ex-xogum Tokugawa Hidetada, pai de Sen'hime, falece em 24 do primeiro mês do ano 9 de Kan'ei (1632).
- No segundo mês do ano 11 de Kan'ei (1634), nasce a neta de Sen'hime, filha de Katsuhime.
- No mesmo ano, Senhime manda reconstruir o templo Tôkeiji, em Kamakura, onde está interna a filha do falecido Hideyori.
- No dia 22 do quinto mês do ano 13 de Kan'ei (1636), a filha de Sen'hime, Katsuhime, da à luz a segunda filha, Teruko.
- Em 5 do primeiro mês do ano 15 de Kan'ei (1638), nasce o filho de Katsuhime, herdeiro de Ikeda Mitsumasa.
- No dia 26 do primeiro mês do ano 17 de Kan'ei (1640) nasce a terceira filha de Katsuhime.
- Nasce a quarta neta de Sen'hime, filha de Katsuhime e Mitsumasa, no dia 7 do segundo mês do ano 2 de Shôho (1645).
- Em 20 do quarto mês do ano 4 de Keian (1651), falece o xogum Iemitsu, o irmão de Sen'hime.
- No dia 18 do oitavo mês do mesmo ano, Ietsuna torna-se o novo xogum.
- No dia 19, Ietsuna visita Sen'hime para comunicar o fato. O novo xogum tinha onze anos e a posição de Sen'hime como sua mãe (adotiva) se tornou ainda mais importante.
- No primeiro mês do ano 3 de Meireki (1657) houve um incêndio no templo Hongô Maruyama Honmyô e, devido ao vento forte, o fogo continuou por dois dias, tornando-se um grande incêndio, destruindo, inclusive, a mansão Takebashi de Sen'hime. Sen'hime se refugiou à fortaleza oeste juntamente com as criadas e saiu ilesa.
- Sen'hime faleceu no dia 6 do segundo mês do ano 6 de Kanbun (1666), no ano de celebração de *koki* (setenta anos). Todos os *daimios* vieram ao Castelo de Edo apresentar condolências ao xogum. Sen'hime foi sepultada em Koishikawa Denzûin e recebe o nome póstumo de Tenjuin Eiyo Genpô Shôzan.

Conforme citado anteriormente, ao observarmos a trajetória de vida (histórica) de Sen'hime, pode-se confirmar que a autora buscou manter-se fiel aos seus dados biográficos,

buscando enriquecer o caráter psicológico de Sen'hime nos episódios em que se desenvolve a sua relação com Tadatoki, quando Sen'hime, a princesa Tokugawa, dá lugar a Sen'hime mulher cuja característica está bem distante da figura popular descrita como uma mulher licenciosa que convidava belos rapazes para a sua mansão e que de lá não mais retornavam.

Assim, Sen'hime baseada na personagem histórica tem por formação o modelo de um historiógrafo e a História como a força motriz para que a personagem tome vida e seja vívida na mente do leitor. Os fatos históricos modelam, dessa forma, a personagem e isso é comprovado no interior da obra, observando na história de vida da protagonista as guerras, as batalhas, as mudanças de castelos, as mudanças de visão de mundo, da visão de uma mulher, que, mesmo com status socialmente elevado, não possuía efetivamente qualquer poder político, mas

Todos os fatos históricos que ocorreram no Período Edo, com o passar do tempo, acabam por ter representações e possibilidades de interpretação, modificação do ponto de vista dos narradores e escritores daquele período e dos períodos subsequentes que podem ter dado amplitude à criação literária e induzido a história à ficção, que é onde se inicia a mudança de uma personagem histórica para a ficcional. Freitas (1986:7) afirma que

“(...) ao criar uma história, com personagens e situações dramáticas, o autor tentará passar uma visão pessoal do universo – que não é de forma alguma cópia da realidade, mas sim interpretação dos acontecimentos relacionados à História —, através da qual chegará a uma realidade da natureza distinta daquela que a originou.”

A história ficcional, mesmo que baseada numa personagem histórica, não pretende e nem deve desenvolver o papel de cópia da História, e como afirma Umberto Eco (1985:62) “o romance é a história de um alhures”, ou seja, é uma outra história. Em um romance, as personagens retratam e representam o ser humano, por meio de suas expressões e ações, como na arte de representar.

Eco (1985:63) escreve ainda sobre a personagem histórica:

“Naturalmente, para corroborar a impressão de realidade, os personagens históricos farão também aquilo que (por consenso da historiografia) de fato fizeram [...]. Nesse quadro (“verdadeiro”) inserem-se os personagens de fantasia, os quais porém manifestam

sentimentos que poderiam ser atribuídos também a personagens de outras épocas”.

Assim sendo, a personagem não será totalmente fiel à sua representação de época, pois podemos admitir que a personagem fictícia tenha emoções tão reais quanto às nossas e nos emocionem, por exemplo, e isso ultrapassa uma época. Assim, personagens de histórias antigas podem nos emocionar, posto que compartilhamos dos mesmos sentimentos humanos, indiferente da época em que a personagem vive. Isso faz com que ampliemos nosso parâmetro de leitura, pois começamos a ler com maior envolvimento e receber as mensagens veiculadas com maior profundidade. O que também nos leva a entrar no momento contato do romance e a vivenciar esse momento como se fôssemos, nós, um protagonista, daquela época. Indiferentes se são personagens fictícias ou não, ambas têm o poder de nos transportar de um momento para outro como se fossem reais.

Dessa forma, a relação acima descrita entre o ficcional e o real está vinculada às afinidades e às diferenças entre as personagens e os seres vivos, pois para que a narrativa seja compreendida e, mesmo que saibamos que ela não é uma verdade, se torna tão real no nosso imaginário que tentamos interagir na leitura, julgamos, palpitamos, refutamos atitudes, concordamos com outras e, como um ávido observador, delineamos todas as palavras lidas na nossa camada da mente onde está a imaginação e a reportamos para a da realidade com o propósito de comparação entre o que é verossímil (fictício) e o que é real ou verdadeiro, o universo em que vivemos.

Uma das funções da ficção é espelhar o que somos pelo que deixamos de ser, ou seja, somos seres incompletos, fragmentados desde nossas ideias até a própria comunicação delas para outros. Somos falíveis, e morrer é uma condição humana que garante aos ainda vivos que rotulem o morto, mostrando o quanto somos mutáveis em vida. Daí a dificuldade de se fazer uma personagem idêntica ao real, pois o universo fictício propõe às personagens ações mais nítidas, coerentes com pensamentos inicialmente expostos, consciência do que quer fazer e as atitudes para essa finalidade. Não sendo envolto ao mundo do cotidiano do ser vivo, real, as ações do ente fictício se tornam mais delineadas aos seus propósitos, e isso define a ele como cópia do real. Se a personagem fosse idêntica ao ser vivo, o romance não ocorreria, a narrativa fictícia se tornaria um rascunho da realidade, perderia seu objetivo: mesclar as camadas da mente nos universos do real e do imaginário.

Para que essa mescla esteja a contento do leitor, o autor levanta o material disponível no mundo real, o analisa e reestrutura, na organização estética necessária para que a verossimilhança ocorra sutilmente, abarcando o poder de percepção anteriormente citado. Uma organização mais interna é a da personalidade das personagens, a verdade na alma de cada ente fictício se mostra em ações que podem ser refletidas nas dos seres vivos, ou seja, o autor faz viver o ente fictício em nossas mentes, lá eles se tornam coerentes e próximos aos reais, agem e se posicionam como muitos seres vivos gostariam de ter coragem para tais atos, suportam torturas, revezes, amam profunda e ilimitadamente, só para exemplificar algumas das ilusões do ser humano refletidas na personagem ficcional, concluímos que há imbricações do complexo universo imaginário no rígido universo do real conforme visto acima.

Vivendo em plena época do feudalismo japonês, quando o papel fundamental da mulher era a de dedicar-se à prosperidade do clã, de forma a gerar herdeiros, administrar a casa ou orientar os empregados, principalmente durante as constantes ausências do marido ocupado com as obrigações militares ou participando de contendias, pode-se dizer que, de um lado, Sen'hime apresenta essas características, principalmente na fase madura de sua vida, depois de retornar ao Castelo de Edo, após a morte de Tadatoki. Embora Sen'hime não tenha participado diretamente das decisões políticas, nem tenha dado à luz a um xogum, ela foi neta, filha e irmã de xogum e torna-se mãe adotiva de Ietsuna, o sucessor de Iemitsu. Apoiando especialmente o seu irmão Iemitsu e o seu sobrinho Ietsuna, desde que estes eram crianças, Sen'hime acaba por exercer também a função de “esposa”, “O xogum [Iemitsu] e a senhora Tenjuin parecem um casal...” (“O Fluir do Tempo” - *A Princesa Sen'hime*, p. 28) e “mãe” de xogum. É exatamente a obtenção de poder (ainda que dentro do círculo familiar e não, governamental), quebrando as regras vigentes que vem enriquecer a dinâmica da própria ação:

A posição de Sen'hime, que se tornou mãe adotiva de Takechiyo, o primogênito do irmão Iemitsu, e adotou seu segundo filho Chômatsu, parecia mesmo ser a de matriarca da família Tokugawa. (...)

- Perdoe-me, minha irmã, por ir primeiro.

Os olhos dele estavam com o brilho que ela vira quando menino.

Ele chamou os filhos Ietsuna e Tsunashige, que estavam próximos, e ordenou-lhes com voz firme.

- Após minha morte, considerem a senhora Tenjuin como se fosse eu. Em hipótese alguma deverão desobedecer à senhora Tenjuin. Não o permito.

Isso acabou se tornando o testamento de Iemitsu. (...)

Após a morte do ex-xogum Hidetada, Iemitsu distribuiu as lembranças do pai aos parentes, e para Sen'hime enviou cinquenta mil moedas de ouro.

- Eu gostaria que minha irmã fosse daqui para frente a líder da família Tokugawa, apoiando-me. (...)

Sempre que tinha dúvidas sobre as questões ditas pessoais, Iemitsu consultava Sen'hime. (Grifo nosso) [“O Fluir do Tempo” - A Princesa Sen'hime, p. 276 e 277]

Por outro lado, em sua juventude, Sen'hime é descrita como uma jovem que segue as normas familiares, mas que sabe também manter-se firme e decidida em momentos cruciais. Quando Hideyori lhe pede que vá ao acampamento do xogum para suplicar pela sua vida e a da mãe, Senhora Yodo, Sen'hime segue determinada e busca cumprir sua missão com firmeza. O reencontro com o avô, após longos anos, apesar de ocorrer num clima de comoção, deixa evidente a sua preocupação e seu empenho em não perder de vista o objetivo que a levava a deixar o Castelo de Osaka. Ainda, após a tomada do Castelo de Osaka e diante da decisão do xogum de exterminar todos os membros da família Toyotomi, Sen'hime recorre imediatamente ao avô, escrevendo-lhe uma carta e consegue salvar a vida da princesa Kô, filha que Hideyori tivera com uma das concubinas. Também quando o pai busca casá-la com um membro da aristocracia, logo após a morte de Hideyori, ela se nega terminantemente, ameaça tornar-se monja, e novamente por intermédio de Ieyasu acaba contrariando a ordem do pai.

Já, diante da relação com Tadatoki Sen'hime mostra sua face sonhadora e emotiva, incapaz de esconder seus sentimentos.

Sabe-se que à época, o casamento não era simplesmente a união entre um homem e uma mulher, mas a aliança entre clãs, e era decidido em última instância pelo xogum. No caso de Sen'hime, vimos que sua união com Hideyori foi decorrente do testamento de Hideyoshi que via na aliança o fortalecimento de seu filho Hideyori. Na obra, pouco se sabe sobre a relação entre Sen'hime e Hideyori, mas fica evidente que se tratava muito mais de um amor fraternal. Tanto Hideyori quanto Sen'hime não passavam de crianças quando ela é levada para o Castelo de Osaka, e a relação que nasce entre eles parece solidificar-se como uma profunda amizade.

*-Miho sabe que eu me apaixonei. Desde que conheci aquela pessoa, passei a ter apego a este mundo. **Fiquei com o desejo de realizar o único amor da vida, e para isso estou disposta a dar a minha vida.***

- A senhora diz, o único amor da vida?

- Sim.

- Então, o Senhor Hideyori...

-Eu sinto muito, mas aquilo não era amor. Era como um sentimento em relação a um irmão... afetuoso ... mas, não era amor depois que conheci o Senhor Heihachirô, percebi isso com clareza.

- Isso não está certo, Miho gritou.

- Isso é cruel demais para aquele que se foi!

- Pedirei perdão quando morrer. Mas no meu coração agora mora só aquela pessoa. O Senhor Heihachirô se tornou minha vida.

- A senhora é uma pessoa indecente. É luxuriosa, desavergonhada. (Grifo nosso)
[“A Princesa de Harima” – A Princesa Sen’hime, p. 144]

Quanto à relação de Sen’hime e Tadatoki é bastante desenvolvida dentro da obra, abordando o encontro, a vida matrimonial e a separação pela morte de Tadatoki. A obra deixa evidente a atração, o amor e o respeito mútuo entre os dois, mas cria também o conflito interno que acompanhará Sen’hime por toda a vida, diante de uma dúvida que se dissipará somente no final de sua vida e da obra: a traição de Tadatoki com Miho. É através desse triângulo amoroso que a autora dará vazão à sua criação, inserindo a figura fictícia de Miho, que acaba enriquecendo as características psicológicas de Sen’hime como personagem fictícia. Enquanto Sen’hime não consegue disfarçar seu amor por Tadatoki, Miho possui maior domínio sobre seus sentimentos que, no entanto, não deixa de ser tão forte quanto a de Sen’hime. Diante de Tadatoki, Sen’hime corresponde ao seu amor, entregando-se totalmente, enquanto Miho seduz Tadatoki incondicionalmente.

Na primeira noite com Tadatoki, Sen’hime sentiu que pela primeira vez a mulher dentro dela aflorara.

Com a carícia do marido, ficava fora de si, esquecia o recato e gritava noites seguidas, e Sen’hime ficava fascinante como uma peônia.

(Grifo nosso) [“A Princesa de Harima” – A Princesa Sen’hime, p. 150]

Tadatoki virou-se, ao ouvir um pequeno som.

Miho estava com a barra de quimono arregaçada bem e estava à beira da banheira.

-Esfregarei as suas costas.(...)

Tadatoki não se mexeu.

- Não é necessário, aguarde lá fora.

Não queria nenhuma mulher por perto, nesse momento.

Dentro dele havia um animal feroz,

- *Senhor.*

Miho o chamou, e Tadatoki olhou para ela instintivamente.

Miho estava despida.

Dos ombros arredondados pendiam seios fartos, flutuando na fumaça branca de água quente.

- Fui ferida pela flecha e minha pele ficou, assim, feia.

A voz ficou um tanto chorosa.

O sentimento de piedade mexeu com o coração de Tadatoki.

Aproximando-se dela, esticou o braço e tocou na ferida.

Ela não era feia.

A ferida pequena e vermelha tinha uma cavidade.

- Um dia, voltará a ser como antes.

Tadatoki quis dizer que com o passar do tempo o tecido iria se reconstruir, mas Miho sacudiu a cabeça violentamente e agarrou-se a Tadatoki.

Os lábios de Tadatoki se aproximaram da ferida.

Miho estremeceu e envolveu ainda mais o corpo de Tadatoki.

Os lábios de Tadatoki passaram da ferida ao peito.

Acariciou lentamente o botão da flor ainda dura.

Miho fechou os olhos, envolveu o tronco de Tadatoki com os braços e roçou suas costas com os dedos.

O sereno da montanha era agradável para o corpo ardendo de calor.

(Grifo nosso)[“O Verão de Setouchi” – A Princesa Sen’hime, p. 175 e 176]

A seguir, retomaremos alguns “episódios de vida” relativos a Sen’hime, buscando observar o entrelaçamento entre o histórico e o ficcional que vão dando forma à obra *A Princesa Sen’hime* com apoio no conteúdo anteriormente descrito.

Nesta parte temos a intenção de entrelaçar o histórico e o ficcional à vida da princesa Sen’hime, para tanto, separaremos em “episódios de vida” numerados e explicados com apoio no conteúdo anteriormente descrito.

Episódio de vida 1: condição de princesa e a importância da Família

Os fatos históricos modelam o ser humano e isso é comprovado nas narrativas que podemos observar na história de vida de Sen’hime, em sua condição de princesa da Era Edo. Seu nascimento ocorre em 1597, (ano 2 da Era Keichô), como a primeira neta de Ieyasu, pouco antes de ele se tornar xogum.

Aos sete anos, é enviada para o Castelo de Osaka para se casar com Hideyori. Não teve filhos com ele, mas depois do falecimento da concubina de Hideyori, mãe de Kôhime e Kunimatsumarû Sen'hime dedicou-se a cuidar das crianças como se fossem seus filhos, preservando a continuidade da família Toyotomi.

Depois de um breve momento de felicidade pelo nascimento do filho com Tadatoki, Sen'hime perde o herdeiro da família Honda ainda pequeno. Não conseguindo dar outro filho a Tadatoki, ela chega a sugerir que Tadatoki tenha um filho com uma concubina para garantir a prosperidade da família Honda. Sendo um herdeiro algo primordial para as famílias da sociedade xogunal, Sen'hime privilegia a questão familiar em detrimento da questão pessoal.

Episódio de vida 2: refém político

O casamento de conveniência entre Sen'hime e Hideyori representa naquele momento da história a aliança que convém tanto aos Toyotomi quanto aos Tokugawa. Aos Toyotomi porque se fortaleceriam, fazendo aliança com Ieyasu, o líder do “Conselho de Anciãos”. Interessa também a Ieyasu que através da aliança mostra-se fiel aos Toyotomi, cumprindo a promessa que fizera a Hideyoshi no momento de sua morte. Não era ainda o momento de concluir sua pretensão política de aniquilar os Toyotomi, pois não arrigementara ainda aliados suficientes para tal intento.

Sen'hime que deveria deixar o Castelo de Osaka, quase em ruínas, como mensageira para pedir ao xogum pela vida de Hideyori e da Senhora Yodo, é para os Toyotomi a única esperança de sobrevivência, embora a sua saída do castelo signifique, por outro lado, libertá-la da condição de refém, tornando muito mais fácil para os Tokugawa o ataque final ao Castelo de Osaka.

Episódio de vida 3: senhora do castelo

Logo após o falecimento de Tadatoki, Yûhime, sua mãe, fica doente. Sen'hime, então, apesar de ter perdido o seu maior apoio, cumpre seu papel social, cuidando de tudo ao seu redor.

Com a morte de Yûhime, a responsabilidade de Sen'hime aumenta. Ela tinha de se mostrar firme e apoiar o sogro Tadamasa, que se encontrava totalmente fragilizado, pois perdera o filho e a esposa. Enquanto Tadamasa voltava-se totalmente aos seus deveres sociais, e cabia a Sen'hime administrar os demais afazeres como a senhora do castelo.

Episódio de vida 4: princesa “guerreira”

No retorno para Edo, após a tomada do Castelo de Osaka, uma das primeiras ações de Sen’hime foi escrever uma carta ao avô Ieyasu sobre a questão do herdeiro de seu pai Hidetada. Apesar de Takechiyo ser o mais velho, devido à sua frágil saúde, havia forte comentário de que seu irmão Kunichiyo seria o preferido, inclusive por parte dos próprios pais, causando um desconforto para Takechiyo. Apegada, desde o início, a ele, Sen’hime era de opinião que seus pais sempre foram injustos com Takechiyo e que ele era o mais indicado para o cargo de xogum. Decidido, Ieyasu vai para o Castelo de Edo encontrar-se com Hidetada que, depois de algum tempo oficializa o nome de Takechiyo como seu herdeiro.

Posteriormente, após a morte do marido e da sogra, além de cuidar da maior parte do serviço memorial budista de Tadatoki e de Yûhime na qualidade de representante do sogro, que deveria presidir o funeral, Sen’hime toma providências, pensando no futuro da família Honda. Pelo fato de Tadatoki não ter deixado herdeiros, os 100.000 *koku*¹³ que ele havia recebido como dote de casamento seria confiscado pelo governo feudal, diminuindo drasticamente os domínios da família Honda. Pensando nisso, Sen’hime escreveu uma carta de apelo ao xogum Iemitsu, seu irmão, pedindo para interceder de alguma forma pela família Honda. Graças à relação fraternal que Sen’hime mantinha com o irmão Iemitsu e sua rápida ação, o território de Tadatoki foi redistribuído entre os membros da família Honda que puderam manter os 250.000 *koku*.

Trata-se de dois episódios em que sem lutas, sem guerreiros e sem qualquer manobra política, Sen’hime foi capaz de ganhar uma grande batalha. Com a sua tática de tomar medidas imediatas e de recorrer sempre às pessoas certas, como fizera anteriormente com seu avô, Sen’hime torna-se protagonista das batalhas travadas nos bastidores do xogunato onde as regras vigentes nem sempre precisavam ser respeitadas.

Episódio de vida 5: matriarca

Depois da volta para Edo, após a morte de Tadatoki, Sen’hime se torna a pessoa de confiança, uma espécie de conselheira do xogum Iemitsu (3º. xogum). Este, por sua vez, dispensa-lhe toda a atenção, cuidando do seu bem-estar, apoiando-a financeiramente. Ela se

¹³ *Koku* – unidade de medida para arroz equivalente a cerca de 180 litros. A importância da propriedade era medida pela capacidade de produção de arroz.

torna também responsável por Takechiyo (Ietsuna, 4º. xogum), o primogênito de Iemitsu e mãe adotiva do segundo filho Chômatsu (Tsunashige), configurando-se como matriarca da família Tokugawa.

Os episódios destacados acima mostram, por um lado, a preocupação da autora em criar a figura de Sen'hime conforme os padrões de comportamento esperados de uma mulher, ou melhor, de uma princesa, neta e filha de xogum, e por outro lado, uma face inovadora que acabam por torná-la uma figura especial. Levando-se em conta que uma das funções primordiais da mulher consistia em realizar casamentos de conveniência, visando o fortalecimento ou a sobrevivência do clã, dar à luz a herdeiros e honrar o nome do clã, Sen'hime, mesmo diante de sua conturbada vida, busca cumprir seu papel dentro de suas possibilidades. Na impossibilidade de cumpri-lo, não se limita a se resignar, e buscava outros caminhos e táticas. Não teve filhos, mas influenciou sobremaneira na nomeação de seu irmão Iemitsu e de seu sobrinho Ietsuna para xogum. Verifica-se que grande parte dos acontecimentos encontra-se baseado nos seus dados históricos e acrescidos de elementos nem sempre comprováveis historicamente que virão enriquecer as características da personagem, tais como as atitudes decisivas tomadas frente a questões essenciais (preparativos dos funerais de Tadatoki e Yûhime, escolha do herdeiro de Iemitsu), condizentes com as de uma “heroína”.

Conforme comentários de Itô Masateru (2009), a vida da verdadeira Sen'hime foi bastante conturbada durante a sua juventude, até o estabelecimento do xogunato Tokugawa, mas depois de se tornar viúva, aos trinta anos, até a sua morte aos setenta anos, viveu relativamente tranquila. É nessa fase da vida que a autora insere dois motivos que impedem que a vida de Sen'hime seja absolutamente serena. Ela insere a versão referente à sobrevivência de Hideyori e alguns subordinados, entre eles, o Hayami, Governador de Kai e, através de Miho, filha do Governador de Kai e personagem fictícia, faz crescer dentro de Sen'hime a grande dúvida que a acompanhará quase até o final de sua vida: a traição de Tadatoki com Miho.

Ainda segundo Itô, a hipótese de que Hideyori e alguns de seus subordinados teriam sobrevivido é aventado entre alguns historiadores principalmente pelo fato de não terem sido encontrados provas determinantes da morte deles, e haver um número insuficiente de ossadas nas ruínas do castelo.

Na obra, os rumores sobre o grupo de sobreviventes são referidos inicialmente na parte intitulada “Em Kuwana”, quando ocorre o primeiro encontro entre Sen’hime e Tadatoki. Em “O Navio Fantasma”, a menção aos sobreviventes é feita durante a viagem de volta de Sen’hime para Edo, depois da tomada do Castelo de Osaka. Na viagem para Edo, ela e sua comitiva são escoltadas por Honda Tadatoki e seus homens numa longa viagem, por terra e por mar. Durante a jornada marítima, a esquadra de Tadatoki sofre o ataque de um grupo, onde se via no navio que vinha à frente, um guerreiro com magnífica armadura e máscara feminina de nô, junto a arqueiros encapuzados. Embora suspeitos como piratas, a armadura e a máscara parecem fazer alusão a Hideyori, levando-se em conta que os Toyotomi eram conhecidos como grandes apreciadores de Nô e a luxuosa armadura simbolizando o próprio clã. A suspeita de que o Governador de Kai estaria vivo é confirmada em “O Templo de Quioto”. A obra deixa em aberto a questão de Hideyori, embora os indícios de que ele teria sobrevivido sejam bastante fortes.

A interação de Sen’hime com as demais personagens vai permitir à autora dar vazão à sua criatividade, que aproveitando-se da relação de Sen’hime tanto com as personagens históricas quanto com as ficcionais, vai formando sua imagem de princesa e de mulher, através do seu relacionamento familiar e social.

Numa época em que a mulher, após o casamento, raramente tinha contato com os familiares de sangue, pois ela se torna membro da família do marido, Sen’hime destaca-se especialmente pelo fato de ter sido separada da família com apenas sete anos de idade. Até os 19 anos, quando ocorre a queda do Castelo de Osaka e Sen’hime retorna para Edo, provavelmente seu contato com os familiares seria através de cartas, notícias ou raros encontros. Através dos vínculos familiares, uns mais fortes, outros quase formais, a autora particulariza algumas figuras históricas, atribuindo-lhes características até então desconhecidas ou enfatizando outras já conhecidas.

As relações sociais, ou seja, aquelas mantidas principalmente com as damas de companhia, caracterizam-se pela sabedoria, subserviência, fidelidade, mas também pelas intrigas, ciúmes ou traição. Nota-se, no entanto, que a convivência diária e próxima acaba criando vínculos indissolúveis.

A seguir, serão relacionadas as personagens que mantêm forte ligação com Sen'hime e que possuem papel importante na caracterização de Sen'hime. Entre as relações familiares destacam-se: Ieyasu (avô), Hidetada e Oeyo (pais), Iemitsu (irmão) e Tadatoki (marido).

Embora Sen'hime não tenha tido convivência com o seu avô, e o reencontro tenha ocorrido no momento muito difícil de sua vida, a relação entre os dois é de afetuosidade e bastante romantizado. Vimos que, por diversas vezes, Sen'hime recorreu à ajuda do avô ao deparar-se com problemas cuja solução estava acima de suas possibilidades. Ele desempenhou, inclusive, o papel de intermediário entre Sen'hime e o xogum, seu pai. Na obra, a imagem de Ieyasu como um avô cheio de cuidados com a neta preferida prevalece sobre a do estadista ladino e acautelado.

Separada também dos pais, Hidetada e Oeyo, ainda criança, a distância parece ter sido não só física como também afetiva. Mesmo após o retorno de Sen'hime para o Castelo de Edo, a aproximação entre eles é pouco explorada, mantendo-se uma relação bastante formal e distante, bastante diferente de sua relação com Iemitsu (Takechiyo) que, apesar da separação, mantém-se sólida. Iemitsu fora apegado a Sen'hime desde pequeno e a relação entre os dois torna-se ainda mais forte, após o retorno dela para Edo. O apoio de Sen'hime torna-se decisivo para a sua nomeação como herdeiro de Hidetada, pois apesar de ser o primogênito, seu irmão Tadanaga (Kunichiyo) tinha a preferência de seus pais. Após tornar-se xogum, Iemitsu deu proteção incondicional a Sen'hime.

Após um casamento de conveniência com Hideyori, Sen'hime vê em Tadatoki o grande amor de sua vida. Descrito como um jovem guerreiro garboso, belo e gentil, com ele Sen'hime se realiza como mulher. Sua união com o “príncipe encantado”, no entanto, não durará para sempre como nos contos de fada e rompe-se com a morte precoce dele. Além da tristeza da perda, as últimas palavras de Tadatoki deixam em Sen'hime um sentimento de apreensão que ela terá de carregar até o final da sua vida, quando só então encontrará uma resposta.

Dentre as relações sociais podemos destacar Achano Tsubone e Miho. Achano Tsubone era concubina de Ieyasu, hábil mediadora e pessoa de confiança dele. Enviado por Ieyasu para o Castelo Nijô, a fim de acompanhar Sen'hime no seu retorno para Edo, esteve presente ao seu lado nos momentos mais importantes como competente auxiliar e conselheira.

Achano Tsubone acabou também se tornando grande aliada de Sen'hime na sua união com Tadatoki, ao revelar a Ieyasu sobre os sentimentos de Sen'hime com relação a Tadatoki.

Dentre as personagens fictícias Miho é a que mais se destaca e a autora, desenvolvendo a liberdade de criação, construiu uma personagem possuidora de forte personalidade e carga emotiva, fiel aos seus sentimentos e descrita como “demônio formoso”, ao desejar que Sen'hime sofra aborto no episódio “A Princesa de Harima”. É destemida a ponto de visitar as ruínas do Castelo de Osaka para certificar-se da morte de Hideyori, sair em busca da cabeça de Kunimatsumaruru ou juntar-se à expedição de caça aos navios pirata. A união entre Sen'hime e Tadatoki não a impede de tentar conquistá-lo, levada pelo forte sentimento de amor por ele. Miho cresce junto com Sen'hime como sua dama de companhia e tem toda a sua confiança, mas acaba também se tornando sua maior rival secreta, visto que Sen'hime só vai tomar conhecimento da traição, na fase final de sua vida. Como fizera com os filhos de Hideyori, Sen'hime acolhe Onatsu, a filha de Miho e Tadatoki, e torna-se mãe adotiva de Chômatsu (Tsunashige) o filho que Onatsu tem com Iemitsu. O destino de Miho é desconhecido. Sentindo-se preterida por Takatoki, afasta-se e desaparece, provavelmente embarcando num navio rumo a países desconhecidos à procura de Hideyori, junto com seu pai, Governador de Kai.

Conforme citado anteriormente, a autora Hiraiwa Yumie buscou ser fiel à figura histórica de Sen'hime, desenvolvendo também características fictícias para enriquecer a formação da personagem. A cronologia referente à data de nascimento ou morte, eventos históricos em que teve participação bem como sua trajetória de vida como princesa da família Tokugawa são baseadas em provas documentais. Naturalmente esta Sen'hime não bastaria para se desenvolver um romance. Utilizando-se, então, de “manipulações literárias” (Freitas: 1986) ou a harmônica combinação da verdade com a ficção como as inserções de episódios e personagens fictícias, o deslocamento temporal de acontecimentos, o desenvolvimento do cotidiano da princesa, incluindo diálogos travados com outras personagens (elementos difíceis, senão impossíveis de se conhecer) a figura romanesca de Sen'hime acaba se sobrepondo à figura histórica, sem, contudo, anulá-la. Distante da licenciada figura popular e mais idealizada que os “heróis medianos” de Scott (LUKÁCS, 2011), a figura romanesca de Sen'hime apresenta-se determinada e forte diante de algum objetivo, romântica e ardorosa frente ao amor, dedicada e zelosa com a família. A tumultuada existência Sen'hime inicia-se na infância, ao ver-se afastada da família para viver um matrimônio arranjado por interesses

políticos. Assiste à aniquilação da família do marido pela família de seu pai. Após um período de relativa tranquilidade com Tadatoki, novamente sua vida se transforma com a morte deste. Retornando ao seio dos Tokugawa, consegue alcançar tranquilidade familiar, mas é atormentada por uma dúvida que a acompanha ao longo da vida: Tadatoki e Miho teriam tido algum tipo de relação? A descoberta de Onatsu, filha de Tadatoki e Miho, vem finalmente dissipar a dúvida. Sen'hime acolhe Onatsu e, quando esta dá à luz Tsunashige, filho de Iemitsu, Sen'hime adota-o, assim como já fizera com Kôhime, filha de Hideyori, e Takechiyo (Ietsuna), o primogênito de Iemitsu. Muitos anos depois, Ienobu, filho de Tsunashige, torna-se o sexto xogum. Sen'hime é representada, assim, como uma mulher determinada que busca vencer as vicissitudes de uma época bastante conturbada da História, e encontra seu espaço nos bastidores do xogunato, atuando como uma dedicada matriarca e dando suporte para os xoguns que sucederam seu avô Ieyasu e seu pai Hidetada: Iemitsu (3º. xogum) e Ietsuna (4º. xogum).

PARTE III – PRINCESA SEN’HIME – DE CASTELO EM CASTELO

Nesta parte procuraremos discutir o significado dos castelos na Época Edo e a relação de Sen’hime com os castelos em que viveu.

Os castelos japoneses conhecidos até os dias de hoje foram, em sua grande maioria, construídos principalmente a partir do século XVI, na época de lutas dos vários daimios e o posterior período de reunificação. Construções feitas inicialmente de madeiras, tornaram-se, posteriormente, verdadeiras fortificações construídas com a utilização de pedras na base e nos muros, comportando várias edificações, tendo na edificação principal a Torre de Menagem, e localizadas em pontos estratégicos com a topografia de modo a dificultar a aproximação dos inimigos.

Os castelos representavam na época de Sen’hime, um símbolo de poder. Era a fortaleza nos tempos de batalhas que aconteciam entre os *daimios* que se revezavam no poder. Sen’hime nasceu, cresceu, vivenciou batalhas, casou-se e faleceu em castelos.

As mulheres do palácio viviam na parte denominada *oku*, “fundos, interno”, parte do castelo reservada às atividades particulares do xogum. A parte do castelo voltada para as atividades oficiais era denominada *omote*, “frente, externo”. Na época Edo, o Palácio Interno era dividido em Nakaoku, “Médio Palácio Interno”, a residência do xogum e Ôoku, “Grande Palácio Interno”, onde ficavam a esposa e as concubinas do xogum.

Quando pequena, da torre do Castelo de Edo, avistava os samurais com armaduras que partiam para as lutas, ainda sem muita consciência do que acontecia. No Castelo de Osaka, nas Batalhas de Inverno e Verão, ela observava a situação real dos ataques. No Castelo de Himeji, passou momentos de felicidade e, nos momentos de tristeza, subia para a torre fazer suas orações. Os castelos sempre tiveram grande significado para Sen’hime. A história de vida de Sen’hime tomava rumos inesperados conforme os interesses do clã, e os castelos eram o seu destino a cada grande mudança.

A princesa Sen’hime passou por vários castelos em várias fases de sua vida, Fushimi, Edo, Osaka, Nijô, Sunpu, Kuwana e Himeji.

Nasceu no Castelo de Fushimi, residência dos Tokugawa, mas logo após o nascimento, mudou-se com os pais Hidetada e Ogô para o Castelo de Edo (Castelo de Chiyoda), onde permaneceu temporariamente após a morte de Hideyori e permanentemente, após a morte de Tadatoki. Após a união com Hideyori, viveu no Castelo de Osaka de 1603 a 1615. Neste ano, tem uma rápida passagem pelo Castelo de Nijô, onde permaneceu até se recuperar da saúde e retornar para Edo, após a tomada do Castelo de Osaka. No Castelo de Sunpu, propriedade do avô Ieyasu, Sen'hime permaneceu por dois dias, refazendo-se da viagem para Edo. Em 1616, após casar-se com Tadatoki, passou a viver no Castelo de Kuwana. Em 1617, mudou-se com Tadatoki para o Castelo de Himeji (Castelo de Shirasagi), local onde viveram por dez anos.

O castelo: representação de poder e hierarquia

Segundo consta em Reis e Lopes¹⁴ “O espaço constitui uma das mais importantes categorias da *narrativa*, não só pelas articulações funcionais que estabelece com as categorias restantes, mas também pelas incidências semânticas que o caracterizam”, podendo ser classificado em “espaço físico” ou seja aquele que serve de cenário ao desenrolar da ação e “espaço social/psicológico” que podem abarcar tanto as atmosferas sociais como as psicológicas. No caso da obra *A Princesa Sen'hime* grande parte da ação ocorre nas dependências dos castelos.

Segundo concepção de “castelo” citada por Chevalier e Gheerbrant, temos:

“Castelo: Na vida real, assim como nos contos e nos sonhos, em geral o castelo está situado em lugares altos ou na clareira de uma floresta: é uma construção sólida e de difícil acesso. Dá impressão de segurança (como a casa, geralmente), mas de uma segurança no mais alto grau. É um símbolo de **proteção**.

Todavia, sua própria localização *isola*-o um pouco no meio de campos, bosques e colinas. E o que ele encerra, separado assim do resto do mundo, adquire um aspecto longínquo, tão inacessível quanto desejável. Por isso o castelo figura entre os símbolos da **transcendência** (...)

O que é protegido pelo castelo é a transcendência do espiritual. Julga-se que ele resguarde um poder misterioso e inatingível. Os castelos surgem nas florestas e nas montanhas mágicas (que por si sós já têm o peso de uma força sagrada) e desaparecem como por encanto, quando deles se aproximam os cavaleiros e a miragem se esvai. Nos castelos estão adormecidas as belas jovens e padecem suspirosos, os príncipes encantados, enquanto esperam - elas, ser despertadas pelo visitante enamorado, e eles, o instante de

¹⁴ REIS, C. e LOPES, A. C. M. Dicionário de Teoria da Narrativa. São Paulo, Ática, 1988, p.204.

acolher a viajante maravilhosa. O castelo simboliza a **conjunção dos desejos.**” (Chevalier e Gheerbrant, 1985:199)

As diversas concepções simbólicas do castelo acima arroladas poderiam ser aplicadas aos castelos de *A Princesa Sen'hime*, embora estes não possuam de forma tão marcante a conotação mágica enfatizada por Chevalier e Gheerbrant. Os castelos abordados na obra simbolizam a proteção de todo um clã, pois são os castelos que deverão resguardá-lo contra os ataques inimigos. A busca pelo poder absoluto e o sentimento de invulnerabilidade do seu proprietário que os torna único pode caracterizar-se como uma transcendência. E os castelos simbolizam a conjunção de desejos na medida em que é lá que se encontram a esposa e as várias concubinas do xogum ou do senhor feudal que através da união buscam a perpetuação do clã. Mas conforme referido anteriormente, pode-se dizer que os castelos na época de Sen'hime simbolizavam fundamentalmente o poder do daimio e do xogum.

Castelos Japoneses e a Arquitetura Medieval

A arquitetura japonesa desenvolveu-se sob forte influência da China e da Coreia nos períodos Asuka (592-710) e Nara (710-784), e no período Heian (794-1192) quando há uma interrupção de envio de embaixadas para a China, o Japão passa a criar um estilo próprio.

Sabe-se que as construções de castelos ou fortificações datam da época Yayoi, nos primeiros séculos da História Japonesa. Os típicos castelos japoneses, *shiro* (城), conhecidos atualmente passam a ser construídos a partir da Idade Média japonesa (séculos XIII – XVI), principalmente no período entre as guerras civis (1467-1568) e o período de unificação do país por Oda Nobunaga e Toyotomi Hideyoshi (1573-1603). Diferentemente, porém, dos castelos até a época Heian que eram construídos pelo Estado, os castelos passam a ser construídos particularmente pelos daimios como fortificações ou como forma de demarcar e proteger seus domínios.

A partir do século XVI, diante das diversas guerras internas, os castelos forma se tornando mais imponentes, construídos sobre fundações feitas de pedra, e com torres com intuito defensivo. O castelo japonês é constituído de várias áreas fechadas ou fortalezas denominadas *kuruwa* fortemente isoladas com muralhas, portões e fossos com água para dificultar a entrada do inimigo em caso de invasão. A fortaleza central era denominada *honmaru* onde se localizava a Torre de Menagem (*tenshukaku*) e e os edifícios residenciais

do xogum (ou ainda dos daimios). O *honmaru* era cercado ou ladeado pelo *ninomaru* (segunda fortaleza) e *sannomaru* (terceira fortaleza) conforme o estilo arquitetônico do castelo.

Como o castelo medieval era construído com o objetivo principal de proteção durante uma guerra, outros elementos eram pensados e elaborados para estes momentos. Muitos possuíam passagens subterrâneas para que, num momento de invasão, seus moradores pudessem fugir. Após a unificação do Japão, sob o comando de Oda Nobunaga, os castelos passaram a ficar mais imponentes e luxuosos, simbolizando o poder dos senhores da época que reuniam em sua volta os vassallos, os artesãos, os comerciantes e o povo em geral, dando origem às cidades-castelos (*jôkamachi*).

Na época Edo, durante o xogunato dos Tokugawa, foi decretada a lei denominada *ikkoku ichijô*, “uma província, um castelo”, levando à destruição de muitos castelos.

Destacaremos a seguir, alguns dos castelos relacionados a Sen’hime, abordando a importância em sua trajetória de vida.

Castelo de Fushimi / Castelo de Momoyama

O Castelo de Fushimi, concluído em 1592, foi construído por Toyotomi Hideyoshi, e sua importância reside no fato de ter abrigado dois grandes senhores da época, o próprio Hideyoshi e, posteriormente, Tokugawa Ieyasu. Numa época em que as disputas pelo poder parecia ter terminado, Hideyoshi construiu o castelo para a tranquilidade de seu retiro. Em 1599, ano posterior à morte de Hideyoshi, Ieyasu toma posse do castelo, revelando o fortalecimento do poder dos Tokugawa. A morte de Hideyoshi, logo depois do nascimento de Sen’hime, transforma o Castelo de Fushimi como o espaço de transição de poder dos Toyotomi para os Tokugawa. Ieyasu reconstruiu-o para que se tornasse palco de seus momentos de glória: foi lá que recebeu sua nomeação como xogum (assim como Hidetada e Iemitsu), e fundou o Xogunato de Edo, em 1603, dando início à época de glória dos Tokugawa.

Mesmo após mudar-se para o Castelo de Edo, após a sua nomeação para xogum, Ieyasu costuma utilizar o Castelo de Fushimi para a realização da administração política. A extinção dos Toyotomi, porém, marcou também a extinção do Castelo de Fushimi e partes da

sua construção foram distribuídas para diferentes localidades. O atual castelo foi reconstruído em 1964, sendo uma réplica do original.

Após a morte do marido, Azai Nagamasa¹⁵, em 1573, Oichi, e suas filhas Chacha¹⁶, Hatsu e Ogô¹⁷ foram adotadas por Toyotomi Hideyoshi, e passaram a residir no Castelo de Osaka. Por ordem de Toyotomi Hideyoshi, Ogô casou-se com o futuro xogum Tokugawa Hidetada, em 1595 e, em 1597, nasceu Sen'hime no Castelo de Fushimi, na residência dos Tokugawa, no período de lutas para a unificação do país, no ano anterior à morte de Hideyoshi. Filha mais velha de Hidetada e Ogô, ela permaneceu pouco tempo no castelo, pois se muda ainda pequena com os pais para o Castelo de Edo. Seu retorno ao castelo vai ocorrer por ocasião do seu casamento com Hideyori, quando a comitiva de Sen'hime sai de Edo, passa pelo Castelo de Fushimi para encontrar-se com Ieyasu, e ali era preparada segue para o Castelo de Osaka.

Conta-se que, após a cerimônia de formalidade, cada se dirigiu para um aposento privado, Hideyori para a fortaleza central e Sen'hime para o edifício oeste. Na obra, pouco se sabe sobre a vida do casal, embora existam versões de que Sen'hime tivera educação como filha de Sra. Yodo, cuja alusão é feita quando Sen'hime diz para sua tia Jôkôin que a Senhora Yodo fora uma tia carinhosa e lhe ensinara muitas coisas, e outra de que esteve distante de Hideyori, pois a Senhora Yodo não permitia a aproximação entre os dois.

Sen'hime era vigiada no Castelo de Osaka tanto pelos Toyotomi quanto pelos Tokugawa, que possuía pessoas infiltradas por ordem de Ieyasu, e existem hipóteses de que a princesa era tratada friamente por mãe e filho. Diz-se que a nomeação de Ieyasu como xogum (1603) não fora do agrado da Senhora Yodo, e que numa eventual batalha contra os Tokugawa pretendia usar Sen'hime como escudo para se proteger.

Ieyasu, por seu lado, para solidificar o xogunato Tokugawa tomava medidas hostis frente aos Toyotomi, expressando o sentimento de insatisfação que já nutria contra a política adotada por Hideyoshi, o que resultou num rumo diferente para a conquista da paz.

¹⁵ Azai Nagamasa (1545 – 1573) comandante militar da época das guerras civis.

¹⁶ Senhora Yodo, mãe de Toyotomi Hideyori, marido de Sen'hime.

¹⁷ Mãe de Sen'hime.

Em primeiro lugar, era necessário expulsar a Senhora Yodo e Hideyori do Castelo de Osaka. Preparou-se para isso e, depois da Batalha de Sekigahara (1600), na qual teve como aliado grande parte dos daimios, isolando cada vez mais os Toyotomi, conseguiu reduzir seus domínios, distribuindo parte deles entre os daimios aliados. Buscando evitar um confronto direto com os Toyotomi, não deixou de cumprir o testamento de Hideyoshi e enviou a neta para o Castelo de Osaka como prova de sua fidelidade aos Toyotomi.

Em 1605, Ieyasu passou o título de xogum para o terceiro filho Hidetada, pai de Sen'hime que passou de neta para filha de xogum. Os Toyotomi estavam certos de que o título seria de Hideyori, causando, portanto, decepção e ira de Hideyori, Senhora Yodo e os samurais do clã Toyotomi, e a tensão que sempre existiu entre os dois clãs acaba se intensificando, e causando o inevitável confronto que resulta na vitória dos Tokugawa, na tomada do Castelo de Osaka, em 1615.

Castelo de Osaka

O Castelo de Osaka foi território de Toyotomi Hideyoshi, localizado no extremo norte do planalto de Uemachi, antiga fortaleza natural com instalações importantes. A construção de um muro de pedra teve início em 1583 e a torre foi concluída no final do mesmo ano. O interior da Torre de Menagem era ornado com folhas de ouro e no telhado brilhava o adorno de ouro denominado *kinshachi*, um animal imaginário com corpo de peixe e cabeça de tigre. Na área da fortaleza central, ficava Yamazatono Kuruwa¹⁸, cercada pela segunda fortaleza e terceira fortaleza. As obras do Yamazatono Kuruwa foram realizadas até pouco antes da morte de Hideyoshi.

Após a morte de Hideyoshi, passou para o filho Hideyori, mas foi quase que completamente destruído na Batalha de Osaka que ocorre no intervalo de seis meses, durante o inverno de 1614 e no verão de 1615. A reconstrução do castelo pelo governo Tokugawa levou 10 anos. Era o Castelo de Osaka dos Tokugawa que se erguia solenemente representando o novo poder vigente. A Torre de Menagem do atual castelo foi construída com concreto e é a réplica da torre da época de Hideyoshi.

¹⁸ Área fechada utilizada por Hideyoshi para a realização de Cerimônia do Chá ou local de encontros.

A obra *Princesa Sen'hime* tem início na Batalha de Verão, quando o castelo está prestes a cair nas mãos dos Tokugawa, e Sen'hime, com dezenove anos, deixa o castelo e segue para o acampamento do pai para pedir pela vida de Hideyori e da Senhora Yodo.

Hideyori e Sra. Yodo, na falta de uma resposta e diante de um ataque violento dos Tokugawa, são obrigados a tomar uma decisão drástica, explodindo o local onde haviam se refugiado. O que se via no dia seguinte à queda do Castelo de Osaka era a imagem da total destruição da terceira fortaleza, segunda fortaleza e até da fortaleza central.

Sen'hime que saíra do castelo para pedir pela salvação de Hideyori e da Senhora Yodo, havia sido resgatada sã e salva pelos homens dos Tokugawa. Com a saúde debilitada pela dor, a princesa é levada do acampamento ao Castelo de Nijô, e posteriormente para Edo. Sen'hime é recebida por Ieyasu, depois de mais de dez anos, desde que fora enviada para o Castelo de Osaka para um casamento de conveniência com Hideyori. Embora sua relação com Hideyori seja descrita na obra como fraternal, sua vida era constantemente vigiada pelos espões tanto dos Toyotomi como dos Tokugawa, e a aliança entre os dois clãs acaba na realidade não se concretizando, pois, não restando filhos com Hideyori, não há nenhum herdeiro com sangue Toyotomi e Tokugawa.

Sen'hime teria vivido no Castelo de Osaka por mais de 10 anos. Embora na obra não haja muitas referências com relação a esse período da vida de Sen'hime, o castelo parece ter lhe deixado lembranças de momentos significativos de sua infância e juventude, passados junto a Hideyori e Senhora Yodo. Como símbolo maior dos Toyotomi sua destruição torna-se inevitável e marca o início de uma nova fase da vida de Sen'hime.

Castelo de Nijô

O Castelo de Nijô foi construído por Tokugawa Ieyasu, após a vitória na Batalha de Sekigahara e, em 1603, sua construção estava praticamente concluída. Embora não possua características marcantes de uma grande fortaleza, pois não está localizado numa elevação, mas na cidade Quioto, servia para os propósitos de Ieyasu que o construiu para servir de residência do xogum quando viesse a Quioto. Durante a Batalha de Osaka serviu como quartel-general dos Tokugawa. Após a tomada do Castelo de Osaka, Ieyasu, Hidetada e daimios do

Exército do Leste, participaram da celebração da vitória no Castelo Nijô. Foi também lá que Sen'hime busca recuperar-se da morte de Hideyori e da Senhora Yodo.

Para Sen'hime o Castelo de Nijô foi como um local de transição para as diferentes fases da sua vida.

Na sua ida ao Castelo de Osaka para casar-se com Hideyori, foi lá que ela parou com sua comitiva, ainda sem muita consciência do que ocorria em sua vida.

Outro momento marcante foi o período posterior à tomada do Castelo de Osaka. Sen'hime permaneceu em Nijô enquanto se recuperava dos momentos de tensão que vivera, antes de retornar para o Castelo de Edo. Seu estado era desolador, não só por ter perdido o marido, mas por não ter conseguido salvá-lo, apesar das súplicas que fizera a Ieyasu e Hidetada.

Foi lá também que se inicia a outra fase de sua vida, quando, depois de conhecer o destino dos dois filhos que Hideyori tivera com uma das concubinas, já falecida, sente que precisa fazer algo por elas e resolve apelar, desta vez, no sentido de salvar a vida das duas crianças. Embora não tenha conseguido salvar a vida do menino Kunimatsumaruru, a Princesa Kôhime foi-lhe entregue sã e salva e entregue a um templo budista para seguir a carreira religiosa. Este acontecimento acaba dando a Sen'hime um alento, dando-lhe forças para seguir sua vida, retornando ao Castelo de Edo. E durante a sua viagem a Edo ocorre o encontro que causará uma grande transformação em sua vida.

Castelo de Himeji

Após um breve período no Castelo de Kuwana, no início de sua vida com Tadatoki, Sen'hime muda-se para o Castelo de Himeji com a família Honda.

Para o Xogunato de Edo o Castelo de Himeji estava localizado numa parte estratégica a leste, e Tadamasa aumentara seu poder econômico com um domínio de 400.000 *koku*.

A construção do Castelo de Himeji fora iniciada pelo clã Akamatsu em 1333, e cerca de 250 anos depois, Hideyoshi mandara construir três torres. Mas foi Ikeda Terumasa que o transforma no imponente e belo Castelo de Shirasagi atual.

O Castelo Himeji é tido como um exemplo do protótipo de castelo japonês, pois contém muita das características de defesa e de arquitetura considerada militar. A fortaleza era visível em todo o castelo, e todo o castelo podia ser visto a partir dela.

Mas o papel principal do castelo era o de observar os movimentos inimigos.

O estilo arquitetônico da fortaleza - uma série de quatro torres ligadas - permitia maior vigilância dos movimentos do inimigo. Possui características típicas do castelo japonês, como as altas fundações em pedra, as paredes brancas e a organização interna, além disso, o castelo traz exemplos do típico desenho japonês, com partes exclusivas para posicionamento de armas e orifícios para pedras de lagar.

A defesa do Castelo de Himeji se faz por um percurso confuso, um labirinto de caminhos para se ter acesso à Torre de Menagem. Especificamente, os portões, as muralhas exteriores e as paredes do complexo são organizados com a finalidade de confundir as forças invasoras, e para um contra-ataque mais rápido e eficiente.

O caminho para a Torre de Menagem é um extenso labirinto, e uma vez dentro da segunda fortaleza, é preciso passar por onze portões até alcançá-la. E quanto mais próximo a ela, mais difícil se torna o percurso, por causa de vários dispositivos. A Torre de Menagem era a parte vital do castelo durante uma batalha.

Como forma de proteção, o castelo possui uma espiral *kuruwa* que a contorna e de onde os inimigos eram observados da fortaleza durante todo o trajeto de aproximação, permitindo que se pudesse articular o contragolpe.

Himeji é também chamado de Castelo Shirasagi (Castelo da Garça Branca), e diz-se que o nome não se deve apenas ao branco da aparência externa, mas também à existência de uma quantidade imensa de garças cinzentas no Monte Hime, onde fica o castelo. Além disso, sua vista de cima tem o formato de garça, ou seja, de uma enorme ave branca.

De acordo com os autores Chevalier e Gheerbrant (1985) o castelo branco “é um símbolo de realização, de um destino perfeitamente cumprido, de uma perfeição espiritual”, o que se ajusta ao Castelo de Himeji, visto que foi em Himeji que Sen’hime viveu os melhores momentos de sua vida, na sua união de dez anos com Tadatoki. Naturalmente, este ciclo de felicidade chega a um fim, principalmente a partir da morte do filho Kôchiyo, anunciando, de certo modo, a extinção da família Honda que não deixa herdeiros.

O Castelo de Himeji, além da sua beleza, destaca-se por ser considerado uma fortaleza quase intransponível, possuindo dispositivos que não podem ser imaginadas a partir de sua aparência graciosa. Há, por exemplo, a forma como o castelo foi “amarrado”. O “amarramento” era o que fora do local para a construção do castelo, um termo derivado do

fato de que os limites foram demarcados, colocando uma corda no chão. Diferentemente dos castelos cercados por paliçadas e fossos, o Castelo de Himeji foi construído levando-se em conta todas as táticas de defesa, tornando-o praticamente indestrutível.

Dentro do Castelo de Himeji, a fortaleza oeste, juntamente da Torre de Menagem, é um dos setores estratégicos, estabelecido na Ala Oeste do castelo. Foi lá que Sen'hime viveu durante a sua permanência no castelo. Keshōno Yagura¹⁹ era o local mais apreciado por Sen'hime, que lá descansava, fazia orações à vista do santuário Otokoyama Tenmangū que fora construído sob seu patrocínio, desejando a prosperidade da família Honda.

Após a mudança para Himeji, Tadamasa construiu para o jovem casal a fortaleza oeste e outra construção nova, que passara a ser chamado de Palácio Musashino. Ambos eram luxuosos, contendo partes trazidas do Castelo Fushimi. Naturalmente, essas ordens foram deixadas por Ieyasu para Hidetada, como presente para a neta.

O Castelo de Himeji foi transformado pela família Honda em um castelo ainda mais imponente, digno de Sen'hime, que passou a ser chamada de princesa de Harima.

No Palácio Musashino, Sen'hime vive em harmonia junto a Tadatoki e seus pais. Cenas do cotidiano como quando Tadatoki ia praticar a falcoaria e Sen'hime se despedia da torre e ele respondia com aceno, montado em seu cavalo refletem momentos de harmonia familiar que se completa com a chegada da primogênita, Katsuhime e, no ano seguinte do primogênito Kōchiyo. Cercada e protegida no interior do Castelo de Himeji, com o homem com que se casara por amor, dois filhos, nada parecia ameaçar a tranquilidade de Sen'hime. Vemos, no entanto, que a proteção de um castelo pode impedir a invasão de inimigos, mas não a da chegada de desgraças.

A primeira sombra começa a ameaçar o “castelo branco” quando ocorre a morte repentina de Kōchiyo. Sua morte ocorre no capítulo denominado “A Lua Cheia” onde se descrevem os momentos mais auspiciosos da família Honda que realiza o encontro poético, reunindo todos os membros da família. O título do capítulo, no entanto, indica também que após a “lua cheia” surgirá uma nova fase, menos auspiciosa. O início do capítulo também faz alusão a uma fase de transitoriedade representada pelo cair das flores de cerejeira:

¹⁹ Refere-se à torre construída no Castelo de Himeji com parte do dote (*keshōryō*) de Sen'hime.

Quando as cerejeiras do jardim do Castelo de Shirasagi atingiram a plena floração, logo veio a chuva.

As flores que já tinham passado do pico da florada, caíam rapidamente, mesmo sem a chuva. (Grifo nosso) [“Lua Cheia” – A Princesa Sen’hime, p. 201]

A partir do capítulo seguinte “Aqueles que se Vão”, ocorrem as mortes de várias pessoas que a cercam, a mais terrível, a morte de Tadatoki, encerrando mais uma fase de sua vida. O Castelo de Himeji perde seu amo e se esvazia, pois Tadatoki não deixara herdeiros diretos. Mesmo assim, Sen’hime busca salvaguardar a família Honda e através de carta enviada ao xogum, seu irmão, consegue fazer com que os domínios dos Honda sejam redistribuídos entre os outros membros da família. Assim, sua missão em Himeji também chega ao fim e ela parte para mais uma etapa de sua vida agora no castelo sede de sua família, o Castelo de Edo.

Ao deixar o Castelo de Himeji, onde vivera feliz com Tadatoki e os filhos, Sen’hime despede-se do castelo, subindo ao Keshôno Yagura local especialmente importante para ela. Ela deixa o Castelo de Himeji acompanhada de sua comitiva, entre damas de companhia, samurais, amas de leite, enviadas por seu irmão Iemitsu. O mensageiro da família do xogum, Matsudaira Shigenari é enviado de Edo para acompanhá-la. No final de outono, Sen’hime e Katsuhime, seguem para Edo rumo a uma nova vida.

Castelo de Edo

O Castelo de Edo foi construído em 1457 e era um castelo de modestas proporções. Após a morte do primeiro proprietário passou pelas mãos da família Uesugi, Hôjô e Hideyoshi, que o passou a Ieyasu. Foi concluído por volta de 1607, depois de várias reformas e acabou se tornando o castelo sede dos Tokugawa.

A volta de Sen’hime ao Castelo de Edo, após a morte de Tadatoki, era também a volta para os domínios dos Tokugawa que tivera de deixar aos sete anos. Significava também estar junto dos pais, o xogum Hidetada e a mãe Ogô, mas diferentemente do afeto que sentia de Ieyasu, ela não consegue sentir o calor fraterno esperado, e a receptividade é bastante fria. Ela, no entanto, encontra em seu irmão Iemitsu uma relação muito próxima que lhe será importante para a mais longa, e também a última de sua vida.

Com a morte de Ieyasu pouco antes do seu matrimônio com Tadatoki, Sen'hime perdera seu maior protetor, mas logo que retornara a Edo, após a queda do Castelo de Osaka, ela havia conseguido por intermédio de Ieyasu que Iemitsu fosse nomeado herdeiro de Hidetada. Assim, a proteção dada a Sen'hime pelo avô, depois por Tadatoki vai ter continuidade através de Iemitsu que sempre lhe depositara muita afeição. O Castelo de Edo torna-se a nova fortaleza de Sen'hime, tendo como protetor o xogum Iemitsu, o que vai lhe proporcionar uma vida relativamente tranquila até a sua morte.

Levando-se em conta o tempo de permanência, 40 anos, vê-se que Sen'hime passa a maior parte dos seus 70 anos de vida, no Castelo de Edo. Após a morte do avô e do pai, torna-se figura central nos bastidores do xogunato, tornando-se senhora do Castelo de Edo por determinação de Iemitsu:

- Após minha morte, considerem a senhora Tenjuin como se fosse eu. Em hipótese alguma deverão desobedecer à senhora Tenjuin. Não o permito. (Grifo nosso) ["O Fluir do Tempo" – A Princesa Senn'hime, p. 291]

O Castelo de Edo vai se estabelecer como a sede dos Tokugawa que durante mais de duzentos anos governarão o país. Sen'hime, a Princesa Tokugawa cuja vida foi dirigida e manipulada conforme os interesses do clã foi, no entanto, capaz de lutar também pela prosperidade do clã e estabelecer seu próprio espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito dessa pesquisa foi buscar retratar a Princesa Sen'hime, sob o ponto de vista ficcional, fazendo referência ao histórico quando pertinente. Apresentando e comparando os dois retratos, por ângulos diversos, mas congruentes, discutimos os dados de formação da personagem baseados na História e na de Literatura, marcando sua complementaridade. Acreditamos que o valor do campo estético pode ser apresentado com a relação de imbricamento entre o real e o imaginário, bem como na obra que traz um viés de documentário e outro de trama ficcional.

O fio condutor deste trabalho foi abordar e interpretar a história de vida de Sen'hime, relacionando com a sua vivência nos castelos, que podem ser considerados marco de muitos acontecimentos importantes, como no caso de Castelo de Osaka, Himeji e Edo, na época de unificação do país.

Nascida numa época em que interesses políticos prevaleciam sobre os interesses pessoais, Sen'hime teve traçado um destino repleto de vicissitudes e momentos de inquietação, além de deparar-se com a perda de pessoas próximas como Hideyori, seu filho Kôchiyo e Tadatoki em circunstâncias trágicas ou inesperadas, o que não a impede de seguir buscando seu caminho. Sen'hime foi capaz ainda de manter seus sentimentos de consideração, como quando pede misericórdia pela vida de Hideyori e Senhora Yodo, pelos filhos de Hideyori ou quando acolhe a filha que Miho tivera com Tadatoki.

Sen'hime, apesar de buscar cumprir os interesses do clã, foi capaz de tomar atitudes determinadas quando necessário e tornar-se matriarca dos Tokugawa, na época de Iemitsu, ainda que nos bastidores do xogunato.

As várias fases de sua longa vida foram vividas em diferentes castelos, e em cada um deles, viveu como membro de famílias diferentes: os Toyotomi, no Castelo de Osaka, os Honda, no Castelo de Himeji e os Tokugawa, no Castelo de Edo. Nascida como a primeira princesa Tokugawa, numa época em que as alianças eram feitas e desfeitas, o destino de Sen'hime parece ter sido a de participar da consolidação definitiva do poder dos Tokugawa, através da sua capacidade de encontrar e estabelecer seu espaço seja ele onde for.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKIYAMA, Ken e MIYOSHI, Ikuo. **Shin Nihon Bungaku shi**. (Nova História da Literatura Japonesa). Tóquio: Bunmeidô, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora Fornoni Bernardini *et al.* São Paulo: Editora da Unesp; Hucitec, 1993.
- CANDIDO, Antonio. “A Personagem do Romance”. *In*: CANDIDO, A. et alii. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1972, 3. Ed., p. 51 – 80.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Ouro Sobre Azul, 2006.
- CHEVALIER, J. e CHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos**. Rio Janeiro: José Olympio, 1982.
- CHIGA, Shirô. **Edo Bukeno Miyako**. (Edo, Capital de Samurais) Tóquio: Shôgakukan, 1974.
- DIMAS, Antonio. **Espaço e Romance**. São Paulo: Editora Ática S.A. 1994.
- ECO, Umberto. **Pós-escrito a O nome da rosa**. Tradução Letizia Zini Antunes e Álvaro Lorencini: Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- ESTEVES, Antonio Roberto e MILTON, Heloisa Costa. “Narrativas de Extração Histórica”. *In*: CARLOS, A. M. e ESTEVES, A. R. (orgs.). **Ficção e História – Leituras de Romances Contemporâneos**, São Paulo: UNESP, p.9 – 28.
- FREITAS, Maria Teresa de. **Literatura e História – o Romance Revolucionário de André Malraux**. São Paulo: Atual Editora, 1986.
- FUJINO, Tamotsu. **Tokugawa Ieyasu Jiten** (Dicionário sobre Tokugawa Ieyasu). Tokyo: Shin Jinbutsu Oraisha, 1990.

- HASHIMOTO, Masaji. **Sen'himekô**. (Considerações sobre Sen'hime). Kobe: Sôgô Shuppan Sentâ, 1990.
- HIRAI, Nozomi et alii (org.). **Zusetsu Nihonno Meijô**. (Castelo do Japão Ilustrado). Tóquio: Kawade Shôbô Shinsha, 1994.
- HIRAIWA, Yumie. **Sen'himesama** (A Princesa Sen'hime). 26. ed. Tóquio: Kadokawa Shoten, 2009.
- IKEUCHI, Teruo, SANKAKU, Yôichi e YOSHIHARA, Hideo. **Shinsôgô Kokugo Zusetsu**. (Língua Japonesa Ilustrada). Tóquio: Shoseki Kabushiki Kaisha, 1994.
- ISER, Wolfgang. "Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional". *In*: LIMA, Luiz Costa (Org.). **Teoria da literatura em suas fontes**: v.2. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 385-400.
- ISHIHARA, Chiaki. **Yomutameno Riron, Bungaku, Shisô, Hyôka** (Teoria, Literatura, Ideologia e Crítica para Serem Lidas). Kanagawa: Yoshiki Shobô, 1991.
- ITÔ, Masateru. "Sen'himesama – Kaisetsu" (Princesa Sen'hime – Comentários). *In*: HIRAIWA, Yumie. **Sen'himesama**. 26. ed. Tóquio: Kadokawa Shoten, 2009, p. 317 - 321.
- KODAMA, Yukita. **Nihonno Rekishi - Edo Bakufu Hiraku**. (História do Japão - Fundação do Governo Feudal em Edo.). Tóquio: Shôgakukan, 1982.
- KOTANI, Kazuo. **Mangade Oboeyô Rekishi Nendai**. (Aprendendo as Datas Históricas com Mangá). Osaka: Sûgaku Kenkyûsha, 1971.
- KUWADA, Tadachika. **Sekaino Denki - Oda Nobunaga** (A Biografia Mundial - Oda Nobunaga) Tóquio: Popurasha Kabushiki Kaisha, 1969.

LUKÁCS, Gyorgy. **O Romance Histórico**. Tradução de Rubens Enderle da edição alemã (1955). São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

LUKÁCS, Georg. A Teoria do Romance. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2009 [1916]

MATSUMOTO, Sachiko. **Sen'hime - Monogatarito Shiseki wo Tazunete**. (Sen'hime – Em Busca da Narrativa e das Ruínas Históricas). Tóquio: Seibidô Shuppan Kabushiki Kaisha, 1982.

MIURA, Masayuki. **Shirono Tsukurikata Jiten**. (Dicionário de Construção de Castelo) Tóquio: Shôgakukan, 2005.

_____. **Kokuhôno bi** (Beleza dos Tesouros Nacionais do Japão). Hiroshima: Asahi Shinbun Shuppan, 2009.

NAGAI, Michiko. “Wasureareta Shiroto Onnatachi” (Os Castelos e as Mulheres Esquecidas). *In: Rekishi Dokuhon*. Tóquio, Shin Jinbutsu Ôraisha, v.25, no. 4, 1980, p. 68-73.

NAKAE, Katsumi. **Oedono Igaina Seikatsu Jijô**. (Inesperadas Situações da Vida de Edo). Tóquio: P.H.P. Kenkyûjo, 2001.

NAKAMURA, Kôya. **Senhime**. (Princesa Sen'hime). Tóquio: Kadokawa Shoten, 1966.

NUNES, Benedito. “Narrativa Histórica e Narrativa Ficcional”. *In: Narrativa: Ficção e Histórica*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p.09-35.

OWADA, Tetsuo. **Kasugano Tsubone** (Kasugano Tsubone). Tóquio: Kabushiki Kaisha 1944.

ROSENFELD, Anatol. “Literatura e Personagem”. *In: A Personagem de Ficção*. 3ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 9-49.

SAWADA, Fujiko. **Oedono Tsuzumi**. (O Tambor *Tsuzumi* de Edo). Tóquio: Tokuma Shoten, 2006.

- _____. “Ningyôno Hibi – Sen’hime” (Sen’hime - Dias de Boneca). *In: Rekishi Dokuhon*. Tóquio, Shin Jinbutsu Ôraisha, v.25, no. 4, 1980, p. 106-115.
- SCHOLLES, Robert e KELLOGG, Robert. **A Natureza da Narrativa**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977.
- TAIMARU, Shinshô. **Nihon Meijôshû** (Coleção de Castelos Seleccionados). Tóquio: Gakushû Kenkyûsha, 2001.
- TAKAYANAGI, Kaneyoshi. **Edojô Ookuno Seikatsu** (A Vida do Palácio dos Fundos do Castelo de Edo). Tóquio: Ôyama Kaku Shuppan, 1981.
- TANAKA, Mitsuyoshi. **Monogatari Onna Tachino Sengokushi** (História de Lutas das Mulheres das Narrativas). Tóquio: Shinjinbutsu Ôraisha, 1980.
- TANAKA, Sumie. **Monogatari Nihon Joseishi**. (História da Mulher do Japão das Narrativas). Tóquio: Nihon Hôsô Shuppan Kyôkai, 1979.
- TSUMOTO, Yô. **Kenkonno Yume**. (O Sonho do Céu e da Terra). Tóquio: Bungei Shunjû, dez.1999.
- TURNBULL, S. **Japanese Castles 1540-1640**. Oxford: Osprey Publishing, 2003.
- _____. **Strongholds of the Samurai: Japanese Castles. 250 - 1877**. Oxford: Osprey Publishing, 2009.
- UEMATSU, Midori. **Onnano Shiro**. (Castelo da Mulher). Tóquio: PHP Kenkyûjo, 2011.
- UTSUMI, Akiyoshi. **Tokugawa Sen’hime Dokuhon**. (Livro de Leitura de Tokugawa. Sen’hime). Tóquio: Gôshi Kaisha Rekiken, 2011.
- YAMAOKA, Sôhachi. **Tokugawa Ieyasu** (Ieyasu Tokugawa). Tóquio: Kôdansha, 1973, 28 volumes.

Schierbeck, Sachiko Shibata; Edelstein, Marlene R. (1994). *Japanese women novelists in the 20th century: 104 biographies, 1900-1993*. Museum Tusculanum Press. p. 157. ISBN 87-7289-268-4. p. 157-159. In:
http://books.google.co.jp/books?id=R01ofNI4AWkC&pg=PA157&lpg=PA157&dq=hiraiwa+yumie&source=bl&ots=KDpuRewboo&sig=RswDWEQUhSuq5OfBZYbknX7_5XI&hl=pt-BR&sa=X&ei=kHjiU4uDKqvfsASEkYGoDg&ved=0CCQQ6AEwAQ#v=onepage&q=hiraiwa%20yumie&f=false

TRADUÇÃO

PRINCESA SEN'HIME

Hiraiwa Yumie

--

A QUEDA DO CASTELO DE OSAKA

1

Num aposento do Palácio Interno²⁰ da fortaleza central²¹ do Castelo de Osaka, Sen'hime²² continuou sentada por muito tempo.

Foi no dia 7 do quinto mês do ano 20 da Era Keichô²³.

Após a varanda, no jardim interno onde havia persianas de bambu, pairava uma fumaça de pólvora branca como neblina.

Na Batalha de Inverno, ocorrida havia seis meses, isso não tinha acontecido.

Naquela ocasião, o que ela viu, de um lugar ligeiramente alto da fortaleza central em companhia da Senhora Yodo²⁴, sua sogra, que naquele castelo era chamada de Respeitável

²⁰ Refere-se a *oku goten*. A denominação *oku*, “fundos, interno”, era utilizada para indicar a parte do castelo reservada às atividades particulares do xogum. A denominação *omote*, “frente, externo”, refere-se à parte do castelo voltada para as atividades oficiais. O Palácio Interno era dividido em Nakaoku, “Médio Palácio Interno”, a residência do xogum e Ôoku, “Grande Palácio Interno”, onde ficavam a esposa e as concubinas do xogum.

²¹ O interior dos castelos da época comportava várias fortalezas protegidas por muralhas. A fortaleza central onde ficava a torre de menagem (*tenshukaku*) era chamada *honmaru*, a segunda fortaleza, *ninomaru* e a terceira fortaleza, *sannomaru*.

²² Optamos por manter a denominação Sen'hime, embora Sen seja o nome próprio e *hime* seja um tratamento honorífico utilizado para filhas de famílias da casa imperial, da nobreza, de daimios, sendo costumeiramente traduzido como “princesa”. O mesmo critério será utilizado para demais personagens como Kôhime, Yûhime.

²³ A Era Keichô vai de 1596 a 1615. O ano 20 corresponde a 1615.

Genitora²⁵, eram as numerosas bandeiras do exército de Tokugawa que cercavam o castelo, todas bem distantes dali.

Em frente à fortaleza central havia um fosso, adiante havia a construção da segunda fortaleza, mais o fosso interno e o pátio da terceira fortaleza.

Da terceira fortaleza em diante havia a moradia dos samurais, que serviam à família Toyotomi, no terreno amplo cercado pelo enorme fosso externo que aproveitava a água do rio Nekoma, que, por sua vez, vinha do rio Tenma, e que parecia ser uma muralha de ferro a proteger a fortaleza central.

De fato, no final da batalha de aproximadamente um mês, do acampamento do exército de Tokugawa haviam sido disparados ao mesmo tempo aproximadamente trezentos canhões, capazes de disparar balas de quase vinte quilos, adquiridos do Reino Unido e Holanda. Parecia o estrondo aterrador de cem trovões. Alguns disparos destruíram uma das torres da fortaleza central arremessando ao ar sete ou oito criadas da Senhora Yodo, e Sen'hime sabia disso.

No final das contas, isso serviu como motivo para que ambos os lados enviassem mensageiros para o acordo de paz e, no dia 22 do décimo segundo mês, bem no final do ano, a batalha teve fim.

Mas, desta vez, não era necessário subir à torre de menagem para perceber que o próprio Castelo de Osaka estava completamente diferente da última vez.

Tão logo a Batalha de Inverno terminara, os soldados e os agricultores que foram requisitados para realizar trabalhos pesados aterraram, num instante, os fossos internos e externos e destruíram a segunda e a terceira fortalezas. Assim, fortaleza central parecia estar quase nua, mostrando uma figura desoladora.

Sobre isso, muitas vezes, os enviados do Castelo de Osaka haviam ido negociar com os Tokugawa, e o reparo dos muros e o aterro dos fossos também havia começado, mas não se sabia por onde começar o conserto daquilo que fora completamente destruído. Hideyori disse estar perdido, mostrando-se indignado com a situação. Sen'hime ouvia isso quase chorando.

Quem estava no comando do quartel-general da tropa que cercava o Castelo de Osaka era Tokugawa Ieyasu, avô de Sen'hime, e Tokugawa Hidetada, pai dela.

²⁴ Refere-se a Chacha, esposa de Toyotomi Hideyoshi, um dos três grandes daimios unificadores do Japão, juntamente com Oda Nobunaga, a quem sucedeu, e Tokugawa Ieyasu. Era filha de Azai Nagamasa e Oichi, irmã de Nobunaga. Tinha duas irmãs, Hatsu e Gô, mãe de Sen'hime. Era mãe de Hideyori, primeiro marido de Sen'hime.

²⁵ Respeitável Genitora é o sentido aproximado de *gobokôsama* ou *gobokô*, no original, modo respeitoso de se referir à mãe de Hideyori.

Entretanto, nem o marido Hideyori, nem a Senhora Yodo, sua sogra, culpavam Sen'hime por isso.

Em tempos de guerra isso acontecia muitas vezes, e eles se mostravam compreensivos, considerando que nada tinha a ver com Sen'hime.

É porque sabiam também que se os de Osaka perdessem, Sen'hime teria de compartilhar do mesmo destino da família Toyotomi.

Pouco antes do início da atual batalha²⁶, Kunimatsumarū, de oito anos, e a princesa Kôhime, de sete anos, filhos que Hideyori teve com uma concubina, foram levados para a residência da alta nobreza em Quioto, cada qual com sua ama de leite. O nobre em questão, que na época nem imaginava que a guerra recomeçaria, havia dito:

- A senhora do Palácio Interno também não quereria vir junto apreciar a primavera de Quioto?

Ôkurakyôno Tsubone²⁷, dama de companhia da Genitora, havia recusado o convite categoricamente, dizendo:

- É que a princesa Sen'hime é uma refém²⁸ para o caso de emergência...

Assim contou pesarosa a criada de Sen'hime, no entanto, a princesa mesma não deu importância.

Só sabia com certeza que, em breve, a batalha recomeçaria e contemplando a cidade de Osaka do jardim da fortaleza central, que parecia bem mais próxima que antes, por não haver nada que atrapalhasse a visão, teve uma sensação indescritível.

- Princesa...

Matsuzakano Tsubone chamou-a discretamente do aposento vizinho:

- Miho voltou.

Sen'hime voltou o olhar distraído, do jardim central para Matsuzakano Tsubone.

- Ah, Miho? Que entre...

No Castelo de Osaka, Sen'hime continuava a ser chamada de princesa desde quando viera, aos sete anos, para tornar-se esposa de Hideyori. Era porque ainda não tinha filhos com ele e porque a Senhora Yodo a chamava dessa forma.

Esse tratamento combinava muito bem com Sen'hime, que ainda mantinha muita coisa de infantil para seus dezenove anos.

²⁶ Refere-se à Batalha de Verão.

²⁷ Termo que designa criada de mulher pertencente à Corte Imperial, à nobreza em geral e ao xogunato. Muitas *tsubone* também tinham origem nobre, servindo nobres de uma categoria acima que a delas. Em português, são conhecidas por dama de honra, dama de companhia, aia.

²⁸ Na época dos guerreiros, era comum manter como refém (*hitojichi*) algum membro do outro clã, normalmente filhos pequenos, mesmo que aliado, como medida de controle ou segurança.

Uma jovem chegou apressada ao aposento vizinho.

Filha de Hayami Moriyuki, Governador de Kai²⁹, chamava-se Miho e era um ano mais nova que Sen'hime, tendo, portanto, dezoito anos. Servia Sen'hime, desde os doze anos, e mesmo muito jovem, era inteligente e determinada, razão pela qual Matsuzakano Tsubone confiava naquela jovem mais do que em qualquer outra pessoa, apesar da aparência infantil.

Sua mãe era exímia tocadora de flauta transversal, por isso ela também sabia tocá-la. Nos tempos de paz, tocava frequentemente em conjunto com Sen'hime no *koto*³⁰, chegando a ser elogiada com entusiasmo pela Senhora Yodo e Hideyori.

- Miho, que foi? E a situação lá no Palácio Interno?

Na sala de visitas da Senhora Yodo, no Palácio Interno da fortaleza central, chegavam várias notícias do Palácio Principal, e por vezes acontecia uma espécie de conselho de guerra. Por esse motivo e por cerimônia, Sen'hime havia se retirado àquele aposento.

- A Senhora Yodo disse que, dentro de alguns instantes, o Senhor Hideyori estará de volta à fortaleza central, vindo do Portal Sakura, e que, por isso, a princesa também deverá ir até lá para recebê-lo.

Hideyori havia saído naquela manhã até o Portal Sakura da segunda fortaleza para encorajar os soldados do castelo. Por que teria de voltar à fortaleza central?

- Não sei muito bem, mas havia um boato sobre um traidor no interior do castelo que iniciaria um incêndio, por isso ele teria ficado preocupado com a mãe, Senhora Yodo, e estaria retornando à fortaleza central...

- E qual é a situação dos aliados?

Impaciente, Matsuzakano Tsubone intrometeu-se na conversa.

No dia 6, na batalha do templo Dômyôji³¹, já haviam morrido Gotô Mototsugu, Susukida Kanesuke e Yamakawa Kanenobu, e foi relatado que, em Yao e Wakae, ocorrera a morte de Kimura Shigenari.

Depois, na manhã daquele dia, a maioria dos comandantes do grupo de Osaka havia saído do castelo: Sanada Yukimura para Chausuyama, Môri Katsunaga e Ôno Harunaga para a região do templo Shitennôji e Ôno Harufusa para Okayamaguchi.

- Não sei se posso contar isso à princesa, mas a Senhora Yodo recebeu a notícia dos samurais que vieram de fora há pouco e que disseram a Ôkurakyôno Tsubone que a tropa do

²⁹ Kai - atual província de Yamanashi.

³⁰ Harpa japonesa.

³¹ No caso de templos, adotamos o mesmo critério citado na nota 3, mantendo a palavra *ji* ou *tera* que significam "templo".

Senhor Sanada Yukimura de Chausuyama avançara até o quartel-general do ex-xogum³², que por pouco conseguiu escapar... Porém, o Senhor Yukimura morrera no combate, e somente o seu filho Daisuke conseguira voltar ao castelo.

Sen'hime percebeu que Matsuzakano *Tsubone* engolira em seco.

Segundo o relato, os três mil cavaleiros de elite da tropa de Sanada fizeram o último ataque, buscando a cabeça de Tokugawa Ieyasu, e chegaram bem perto do quartel-general do inimigo, em Chausuyama, de onde o ex-xogum escapara por um triz. Porém, os guerreiros de Sanada também foram quase todos aniquilados.

Sen'hime se levantou e disse, forçando-se a mostrar decidida:

- Vou para onde está a Genitora. Acompanhem-me!

Quando a criada abriu a pesada porta corrediça, o forte cheiro de pólvora intensificou-se repentinamente.

- Parece que há fogo nas proximidades da terceira fortaleza! – Exclamaram, ao mesmo tempo, as mulheres que estavam no corredor.

Os guerreiros inimigos teriam chegado até ali ou seria culpa do traidor? Sen'hime e suas criadas nem tinham tempo para pensar nisso.

Na fortaleza central, viam-se samurais ensanguentados aqui e acolá. Quanto mais perto do aposento da Genitora, mais feridos havia.

Perto da porta corrediça totalmente aberta, via-se a figura de Ôkurakyôno *Tsubone*.

Recebeu Sen'hime, voltada para os fundos, anunciando-a:

- A princesa Sen'hime chegou.

Ao transpor o trilho de madeira, por um momento, Sen'hime sentiu algo estranho.

Ali dentro tudo permanecia luxuoso e suntuoso.

Talvez para disfarçar o cheiro de sangue e de pólvora, os queimadores de incenso tinham sido enfileirados, e os incensos nobres eram colocados fartamente para produzir a fumaça aromática.

No aposento elevado estava sentado Hideyori, tomando água num grande pote de vidro.

Sua mãe estava sentada ao seu lado, vestindo quimono de seda com brasão de paulóvnia bordado e um manto de seda, dobrado na altura do quadril, mas sua face estava pálida como a uma de morta.

- Osen?³³

³² No original, *Ôgosho* ou *Ôgoshosama* – expressão respeitosa de se referir àquele que se retirou do cargo de xogum. Tem o sentido de “ex-xogum”. Aqui refere-se a Ieyasu.

Hideyori chamou-a com a voz rouca. A fumaça deve ter afetado sua garganta.

- Aproxime-se.

Sen'hime chegou-se ao marido. Que dias mais difíceis deve ter vivido, neste ano, quem desde a infância ela amava como a um irmão? Sen'hime o olhava com dor no coração. E essa pessoa estava agora reunindo suas últimas forças, tentando suportar a humilhação.

- Tenho um pedido a fazer.

Sen'hime colocou as mãos sobre o tatame e se curvou. Ela não tinha a menor ideia do que o esposo iria falar.

- Gostaria que fosse à fortaleza do inimigo... ao quartel dos Tokugawa como mensageira.

Quando Sen'hime levantou o rosto, Hideyori abaixou o olhar.

- Eu acho que talvez seja tarde demais, mas um comandante deve poupar sua vida até o último instante, assim fui advertido pelo Governador de Kai. A vida da minha mãe, mais ainda.

A vergonha e dor não permitiram pronunciar a palavra até o final.

- Ôno Harunaga, Chefe do Departamento de Manutenção do Palácio, está dizendo para mandá-la para fora do castelo.

Em outras palavras, era uma ordem para que ela fosse ao acampamento do inimigo como mensageira para suplicar pela vida de Hideyori e sua mãe.

Sen'hime olhou ao seu redor sem querer.

O que lhe veio à mente em primeiro lugar foi a dúvida: será que daria tempo? Prestando atenção, ouvia-se os gritos de guerra e o cheiro de pólvora estava ainda mais forte.

- Se soubesse que a guerra evoluiria desta forma, não teríamos entrado nela...

A Senhora Yodo começou a dizer como que gemendo:

- Conspiraram contra nós, fomos completamente enganados. Quando terminou a batalha passada, o que disse o mensageiro do inimigo? Simplesmente recuar as tropas seria desonroso para o ex-xogum. Chegando com a cavalaria até Osaka, perdendo muitos soldados e recuando depois de tudo isso, ele perderia respeitabilidade perante os senhores daimios. Por isso pedira a demolição da estrutura só para mostrar que ele atacara o castelo. Concordamos, porque era pela honra do ex-xogum, mas não é que aterraram todos os fossos e derrubaram até os muros e as cercas da segunda fortaleza e terceira fortaleza? Fomos enganados. Nesta batalha, o ex-xogum deixou o Castelo de Osaka neste estado. Foi estupidez dos guerreiros, que nem

³³ Modo como Hideyori chamava Sen'hime.

perceberam isso e fizeram a vontade do inimigo. Os tolos se reuniram e deixaram este castelo do Regente-Conselheiro Retirado³⁴ passar pela situação desoladora de hoje.

- Minha mãe!

Exclamou Hideyori com muita dificuldade.

- Não culpe os guerreiros. Culpá-los, seria o mesmo que culpar-me. Já não adianta lamentar, por favor, aceite a minha falta de sorte na guerra...

Sen'hime levantou o rosto.

- Levarei a mensagem. Com certeza vou cumprir a missão e retornarei. Por favor, cuidem-se...

Outro comandante apareceu.

- O fogo está se aproximando, aqui está perigoso, por favor, mudem-se para a área de Yamazatono Kuruwa.

O Palácio Interno, em que estavam, ficava no centro da fortaleza central, originalmente chamado Tsumeno Maru. Ao lado sul, ficava o Palácio Frontal da fortaleza central e, ao lado norte, ficava Yamazatono Kuruwa.

O Portal Sakura, onde Hideyori estivera no comando de guerra, era a entrada principal daquela fortaleza central, e no lado interno ficava o Portal Yagura.

Na fortaleza central o terreno era mais alto no lado sul e, à medida que se seguia para o norte, ia ficando mais baixo. Por isso, Yamazatono Kuruwa tinha um desnível considerável em relação ao Palácio Interno e era cercado por um fosso profundo cheio de água pelos três lados. Nesse fosso havia uma ponte chamada Ponte do Paraíso, que servia como rota de fuga em caso de emergência.

Por assim dizer, no Castelo de Osaka, Yamazatono Kuruwa ficava no extremo norte, e ser encurralado, naquele local, significava que resistência nenhuma levaria à vitória.

- A terceira fortaleza já foi destruída. O fogo se espalhou até a segunda fortaleza e logo atingirá a fortaleza central com certeza. É melhor refugiarem-se imediatamente em Yamazatono Kuruwa.

Todos ficaram agitados.

- Senhora Yodo, por favor, prepare-se...

- Ôkurakyôno *Tsubone* levantou-se para acompanhá-la.

- Princesa, rápido...

Quem disse isso a ela foi Hayami, Governador de Kai.

³⁴ No original, *Taikôdenka*, que possui o sentido de “Regente-Conselheiro Retirado”. Hideyoshi passa a ser assim chamado, depois de se retirar do cargo de Regente-Conselheiro.

- Estarei orando à divindade para que, com a dedicação da princesa, possa socorrer a família Toyotomi da extinção.

Ôno Harunaga aproximou-se de Sen'hime.

- Repararemos nossa falta fazendo haraquiri a começar por mim. Por favor, faça ao Senhor ex-xogum o pedido de misericórdia para salvar a vida do Senhor Hideyori e da Senhora Yodo...

Sen'hime se levantou irrefletidamente. Olhar para o rosto do marido e da sogra era muito doloroso. Quando Sen'hime chegara àquele castelo, um era filho privilegiado do Regente-Conselheiro Retirado Toyotomi Hideyoshi, a outra, era a paixão deste, a Senhora do Castelo de Osaka, mais fascinante que uma flor de peônia.

E a maioria dos *daimios*, que serviram duas gerações de Toyotomi, feito constelações que rodeavam essas duas pessoas, havia morrido ou seguiram a família Tokugawa.

Hayami, Governador de Kai a apressou novamente:

- Senhora Sen'hime, rápido...

Aquele samurai, que nos dias de paz apreciava poemas chineses e japoneses, a cerimônia do chá e era uma pessoa branda, parecia outra pessoa com o rosto banhado de sangue dos inimigos.

- As acompanhantes são Matsuzakano *Tsubone* e Miho, o guia está na outra sala... Apressem-se!

Matsuzakano *Tsubone* puxou a mão de Sen'hime.

Ao deixar o limiar, cambaleando, Sen'hime virou-se, viu Hideyori cercado pelo seu séquito e a Senhora Yodo, apoiada pelas damas de companhia, saindo da porta do lado leste. Eles nem tiveram tempo de se despedir de Sen'hime.

- Miho...

Atrás de Sen'hime, ouviu-se a voz do Governador de Kai chamando a filha.

- Proteja a Senhora Sen'hime e que possa cumprir sem falta a missão... Seu pai permanecerá no castelo, esperando que tenham êxito.

- Meu pai...

A voz da filha que assim respondeu estava chorosa.

- Voltarei sem falta, juntamente com a Senhora Sen'hime...

- Vista a Senhora Sen'hime com o manto que tem o brasão de malva, pois ele é o melhor elemento de identificação.

- Entendi perfeitamente...

- Tome cuidado para não ser atingida por flechas perdidas! Vá com cuidado!

Era inevitável que o último clamor estivesse carregado do sentimento de pai para filha.

O Governador de Kai disse que havia um guia na outra sala. Era um samurai que se chamava Horiuchi Ujihisa. Estavam à espera uns três soldados, provavelmente subordinados dele.

- Senhora Sen'hime, por aqui...

Atravessando o Palácio Interno, ao longo do fosso do lado leste, e passando pelo muro de barro do prédio da frente, que desabara, escaparam de fortaleza central. No lado de cá de segunda fortaleza havia uma multidão em fuga.

Não eram só os samurais que estavam confinados no castelo. Os homens que prestavam serviços diários como os de cozinha, empregadas e servas, e ainda os missionários cristãos que oravam a Deus pela vitória do grupo de Osaka, os comerciantes e agricultores que se dedicavam a pequenas tarefas, corriam de lá para cá, aos milhares, em busca de refúgio.

- Não se afastem de perto da Senhora Sen'hime...

Horiuchi Ujihisa bradou, ele próprio como que carregando Sen'hime nas costas e avançou pela segunda fortaleza. A construção toda estava tomada pelo fogo.

Havia locais onde o fogo crepitava e outros, destruídos, fumegavam.

Também pairavam fagulhas sobre o manto branco com o brasão de malva com que Miho tinha coberto a cabeça de Sen'hime.

Matsuzakano *Tsubone* escorregou no degrau de pedra e rolou ao chão. Miho foi socorrê-la e também caiu. Havia perdido a sensibilidade das mãos e dos pés e nem sentia dores.

Apareceram soldados do outro lado do muro de barro. Cercaram o grupo de Sen'hime, brandindo as espadas e apontando lanças.

- Não ousem tocá-la, esta é a Senhora Sen'hime, neta do ex-xogum Ieyasu!

Bradou Horiuchi Ujihisa e Matsuzakano *Tsubone* colocou-se na frente de Sen'hime, como se a protegesse.

- Não há ninguém dos Tokugawa para recebê-la? É a Senhora Sen'hime. Acompanhem-na até o quartel-general do Senhor ex-xogum.

Por trás das tropas, apareceu um samurai de físico avantajado.

- É a Senhora Sen'hime, a princesa primogênita da família do xogum?

Vendo o samurai de rosto preto por causa de suor, poeira de terra e fumaça de pólvora, Horiuchi Ujihisa gritou:

- Você não é o Senhor Sakazaki, Governador de Dewa³⁵? Sou Horiuchi Ujihisa, acompanhei a Senhora Sen'hime e finalmente cheguei até aqui. Por favor, leve-a até o quartel-general do ex-xogum.

O homem que foi chamado de Sakazaki, Governador de Dewa, viu Sen'hime atrás de Matsuzakano Tsubone e se ajoelhou.

- Que bom que a Senhora Sen'hime esteja sã e salva. Eu, Sakazaki, Governador de Dewa, a acompanharei.

Vendo Sen'hime, Matsuzakano Tsubone, Miho e demais serviçais sendo protegidas por subordinados do Governador de Dewa, Horiuchi Ujihisa curvou-se diante de Sen'hime para se despedir.

- Eu retornarei ao castelo. Desejo de coração que a princesa cumpra a grande missão com sucesso.

Desapareceu rapidamente na multidão, seguido de seus guerreiros.

O Governador de Dewa também não os perseguiu.

- O Senhor ex-xogum está em Chausuyama. Eu a acompanharei até o local.

A partir daquele momento, a fuga estava sob a proteção dos soldados do Governador de Dewa.

No meio do caminho, foi providenciada uma carroça para Sen'hime.

Como que sequestrado por homens corpulentos, o grupo continuou a correr em direção a Chausuyama.

O sol já tinha se escondido e anoitecia.

O acampamento de Tokugawa Ieyasu de Chausuyama era uma construção esplêndida feita pelo marceneiro-chefe Nagai Masakiyo com material da cidade de Senba que fora destruída. Na entrada, nos lados leste e oeste, havia salas onde os guardas ficavam de prontidão, uma sala espaçosa e cozinha para os súditos mais próximos, participantes do Conselho de Guerra e, além disso, havia o dormitório de Ieyasu de doze tatames, sala de descanso, sala de cerimônia de chá, depósito e até sala de banho.

O antigo xogum Ieyasu, desde o começo, não vestia armadura e sim quimono de cânhamo fino amarelo claro e colete de verão marrom claro, que faziam as pessoas duvidar se ele era realmente o comandante-geral. Ele havia ordenado ao pajem para trazer uma sopa e estava tomando essa refeição leve, porém quando ouviu a notícia de que Sen'hime chegara, parou de comer e foi à sala.

³⁵ Dewa - Abrange as atuais províncias de Yamagata e Akita.

Contrariando a expectativa de Ieyasu, que pensara que a neta estaria quase morta já que atravessara o campo de batalha, mesmo completamente abatida, ela tinha no olhar com que recebeu o avô uma força oculta e até parecia garbosa.

- Que bom que voltou! Com certeza deve ter passado por momentos pavorosos!

Ieyasu pensou que a última vez que vira a neta foi quando ela tinha sete anos.

Quando foi decidido o casamento com Toyotomi Hideyori do Castelo de Osaka e ela veio se despedir do avô, era apenas uma criança, mas a Sen'hime que ele via depois de doze anos era mais linda que a mãe, Senhora Oeyo, célebre por sua beleza, parecia inteligente e, além disso, graciosa.

- Senhor ex-xogum, há quanto tempo!

Vendo as lágrimas caindo dos olhos de Sen'hime no momento em que ela lhe dirigiu a palavra, Ieyasu ficou a contemplá-la com comoção indescritível.

O arrependimento por não ter sentido nada, até há pouco, em sacrificar esta neta fascinante, na queda do Castelo de Osaka, tomou conta dele. Ciente de que um dia iria aniquilar a família Toyotomi, enfeitara a menina de sete anos e a enviara para o casamento.

Por quanta solidão e sofrimento esta linda menina teria passado, desde aquele dia, até se tornar adulta? Ao pensar nisso, Ieyasu, que estava inebriado com a notícia da vitória, foi tomado por uma forte emoção e ficou também com os olhos marejados.

- Cometi uma impiedade. Mas agora que voltou aos meus braços, não precisa se preocupar. Farei de tudo para fazê-la feliz.

Quem a teria resgatado? Que recompensa deverei dar a ele? O pensamento de Ieyasu já se adiantava, quando ouviu a voz desesperada de Sen'hime.

- Eu saí do castelo para implorar pela vida do Senhor Hideyori e da Respeitável Genitora. Por obséquio, o Senhor ex-xogum poderia comunicar às tropas para poupar a vida de ambos? Rogo encarecidamente que ouça este apelo.

Ao cruzar de olhares, Ieyasu viu as lágrimas de Sen'hime e balançou a cabeça, em reação.

- Se for seu pedido, ouvirei, qualquer que seja.

- Então vai salvá-los?

Vendo a fisionomia de Sen'hime radiante como uma flor, Ieyasu ficou atônito e corrigiu apressadamente.

- Eu gostaria, quero realizar o seu pedido, mas de qualquer maneira devo perguntar ao xogum, sim, tudo dependerá do xogum.

O rosto de Sen'hime que estava ruborizado ficou tenso novamente:

- Então, tenho de ir ao encontro do xogum. Em que acampamento se encontra o xogum?

Vendo Sen'hime prestes a sair correndo a qualquer momento, Ieyasu piscou os olhos e gesticulou com as duas mãos para contê-la.

- Espere, pois vou mandar imediatamente um mensageiro para transmitir-lhe os detalhes...

- É urgente. E se durante a noite o castelo for tomado?

Ieyasu finalmente sorriu.

- Você diz coisas que não combinam com uma princesa. Não se costuma combater à noite. Um general que se preze tem de evitar a baixa de soldados por fogo amigo dessa forma.

- Então o Senhor diz que à noite não haverá ação?

- Preste atenção e ouça. Não faz nenhum barulho de canhão. Cada acampamento já recolheu os soldados e está se preparando para a luta de amanhã.

- Então, gostaria de ter a resposta ainda nesta noite...

- Está bem, enviarei o mensageiro ao xogum agora.

Chamou o pajem, além disso, bateu palmas para chamar Achano *Tsubone*. Era uma das concubinas de Ieyasu, que já estava com sessenta anos.

- Veja um banho quente para Sen'hime e cuide dela com carinho. Enquanto isso, deverá vir a resposta do xogum.

Achano *Tsubone* aproximou-se de Sen'hime, que ainda assim relutava em se levantar, e sussurrou-lhe.

- Faça a vontade do Senhor ex-xogum, com certeza tudo sairá como deseja.

Suas palavras transmitiam uma sensação de tranquilidade que envolvia docemente o sentimento humano.

Respalhada, Sen'hime mais uma vez se curvou profundamente a Ieyasu e, acompanhada, retirou-se ao quarto dos fundos.

Miho e a dama de companhia seguiram-na e quando Matsuzakano *Tsubone* que ficara por último, pensou em acompanhá-las, Ieyasu chamou-a com naturalidade.

- Quero ouvir um pouco sobre como era a vida de Sen'hime no Castelo de Osaka.

Matsuzakano *Tsubone* prostrou-se diante de Ieyasu; a primeira pergunta dele foi sobre o relacionamento entre a neta e Hideyori.

- De acordo com os comentários, Hideyori tem uma concubina e teve dois filhos com ela; ele não tratava friamente a minha princesa?

Como a expressão dele era de um avô amoroso querendo saber como a neta estava sendo tratada pela família do marido, Matsuzakano *Tsubone* respondeu sem receio:

- Com todo respeito, de fato, o Senhor Hideyori tinha uma concubina e teve dois filhos com ela. Entretanto, isso foi quando Senhora Sen'hime ainda era criança. Após ela ter completado dezesseis anos e realizado a cerimônia de maioridade, viviam harmoniosamente. Além disso, a concubina acabou adoecendo e faleceu, e a Senhora Sen'hime tem sido atenciosa com as duas crianças.

- A relação era afetuosa?

- Sim, embora no começo a relação tivesse sido como a de irmãos...

- Mesmo depois do rompimento com o grupo da região leste³⁶, que resultou em batalha, no ano passado?

- Bem...

Sem querer Matsuzakano *Tsubone* queixou-se com sinceridade:

- Desde o incidente da inscrição do sino do Palácio do Grande Buda do templo Hôkô, ocorrido em agosto do ano passado, o Senhor Hideyori muitas vezes ficava irritado, dizendo que se tratava de uma maldade e insolência do grupo do leste e, por algum tempo, deixava de entrar no Palácio Interno, onde estava a princesa...

De repente, Matsuzakano *Tsubone* ficou apreensiva e emudeceu, mas Ieyasu sorriu-lhe carinhosamente.

- Claro. Sem dúvida deve ter sido doloroso para a princesa. Realmente, foi uma impiedade o que fiz a ela.

Mandou que ela fosse para os fundos, e imediatamente Matsuzakano *Tsubone* se afastou. Logo em seguida, entrou Honda Masazumi.

Ele era um dos súditos próximos de maior confiança de Ieyasu.

- O Senhor me chamou?

O vento noturno parou de soprar e, no quarto que se tornara abafado, pairava a fumaça de folha de pinheiro que estava sendo queimado como repelente de pernilongo.

Por um instante, Ieyasu ficou observando o trajeto da fumaça e falou em voz baixa.

- A princesa veio implorar pela vida do rapazinho do Castelo de Osaka e de sua mãe.

Masazumi curvou-se profundamente.

- Sobre isso, há pouco tempo, eu ouvi dos pajens...

Ieyasu esboçou um sorriso amarelo embaraçado.

³⁶ Refere-se ao grupo dos Tokugawa cujo domínio de *kantô*, região leste, inclui as atuais regiões de Tóquio, Chiba, Saitama, Kanagawa, Gunma, Ibaragi e Tochigi.

- Fiquei com pena de Sen'hime e não pude responder duramente, vá você e ouça a vontade do xogum.

Masazumi ergueu os olhos para ver a expressão do seu Senhor.

- Por mais que seja pedido da princesa, o pedido de clemência...

- Eu sei, para que serve esta guerra? Isso o xogum sabe muito bem. Entretanto, para qualquer eventualidade você será o mensageiro. É só isso.

Os olhos de Masazumi sorriram.

- Fiquei aliviado em ouvir isso. Então levarei a mensagem.

- Conto com você.

Quando Masazumi deixou o quartel-general sem nem mesmo fazer ruído de armadura, acompanhado de seus subordinados, Sen'hime tinha tomado banho e sido guiada para o aposento dos fundos.

- Descanse por alguns instantes até o mensageiro voltar.

Achano *Tsubone* ofereceu chá medicinal e Sen'hime tomou-o.

De fato, a fadiga tinha lhe tomado conta do corpo todo. A atitude carinhosa de Ieyasu abrandou a tensão, e isso também fez com que o cansaço aumentasse. Não tinha intenção de dormir, mas ao apoiar-se no suporte para o braço, já não conseguia ficar com os olhos abertos.

Quando Achano *Tsubone* passou pelo aposento junto com Ieyasu para dar uma olhada Sen'hime estava dormindo de bruços como se tivesse desmoronado, com a respiração tranquila.

As pessoas passaram uma longa noite.

O local era o depósito de objetos chineses dentro do Yamazatono Kuruwa no Castelo de Osaka.

Quem estava em volta de Hideyori e Senhora Yodo eram Ôno Harunaga, Môri Katsunaga e Ôkurakyôno *Tsubone*, o ancião Kan, Sanada Daisuke, o Governador de Kai Hayami e outros, no total de vinte e nove pessoas.

Ôkurakyôno *Tsubone* era mãe de Ôno Harunaga, e Sanada Daisuke era filho de Sanada Yukimura, que já falecera na batalha.

O ancião Kan era monge do templo Nanzenji e foi o autor da inscrição do sino do Palácio do Grande Buda do templo Hôkôji, que foi o estopim da Batalha de Inverno de Osaka. É uma pessoa conhecida por ser culta e qualificada na escrita.

O Palácio do Grande Buda do templo Hôkôji foi construído por Toyotomi Hideyoshi com o voto de prosperidade dos descendentes, mas no ano 1 da Era Keichô³⁷, foi destruído por um grande terremoto.

Com a recomendação de Ieyasu, foi decidida a reconstrução por Hideyori, mas houve incêndio durante a construção e por esse motivo a obra se atrasou e se prolongou, levando aproximadamente doze anos e fora concluída no ano anterior. Às vésperas do Culto do Palácio e da Cerimônia de Abertura dos Olhos de Buda que seriam realizados no oitavo mês, chegou um protesto da família Tokugawa com relação à inscrição no sino do Templo.

Isto é, foi utilizado o termo *Ubokuya*, que na China significa Ministro da Direita, título de Hideyori, na inscrição “*Ubokuya Minamoto Ason*”. No entanto, a família Tokugawa implicou, dizendo que Minamoto Ason se referia a Ieyasu, que é descendente do clã Minamoto, podendo os dizeres da inscrição ser interpretados como “lançar flecha contra Ieyasu”. Alegou também que os dizeres “*Kunshin Hôroku, Shison Insho*”³⁸ significavam “venerar a família Toyotomi como Senhor”, pelo fato de conter o ideograma que pode ser lido como “*Toyo*”, além de dizer que a parte que diz “*Kokka Ankô*” era uma maldição contra Ieyasu, pois dividira o nome de Ieyasu de modo que “*ka*” é o mesmo ideograma de “*ie*” e “*kô*” é o mesmo ideograma de “*yasu*”. Isso foi o estopim da batalha.”

³⁷ Corresponde ao ano de 1596.

³⁸ “Abundância ao senhor e aos súditos, prosperidade aos descendentes”.

Essa responsabilidade fez com que o ancião Kan decidisse compartilhar do destino do Castelo de Osaka até o último instante.

Na manhã do dia 8 do quinto mês, no Castelo de Osaka, a terceira fortaleza, a segunda fortaleza e até a fortaleza central estavam em chamas, e apenas Yamazatono Kuruwa restava no meio da fumaça.

E, ao meio dia, a unidade de artilharia de Ii Naotaka e a de Andô Shigenobu do Exército do Leste começaram a atirar simultaneamente em direção a Yamazatono Kuruwa.

Hideyori e Senhora Yodo, que aguardavam ansiosamente, no interior do depósito de objetos chineses, a resposta do pedido de misericórdia levado por Sen'hime, tiveram de tomar uma decisão diante desse ataque.

Pouco tempo depois, juntamente com um terrível estrondo, uma chama intensa subiu do depósito de objetos chineses, envolvendo-o inteiro, num instante, em violenta labareda.

Foi cerca de duas horas depois que a notícia do incêndio de Yamazatono Kuruwa e do suicídio de Hideyori e da Senhora Yodo chegou a Chausuyama.

Ao ouvir a notícia pela boca de Achano *Tsubone*, Sen'hime perdeu os sentidos.

Miho tentou retornar ao Castelo de Osaka, mas foi impedida por Matsuzakano *Tsubone*.

Na verdade, mesmo que quisesse retonar, o Castelo de Osaka estava destruído pelo fogo.

Algum tempo depois, foi preparado um palanquim.

Sen'hime, com rosto pálido como o de uma morta, foi colocada no palanquim, e Matsuzakano *Tsubone*, Miho e outras pessoas a acompanharam.

Ieyasu levantou o acampamento, por volta das quatro horas da tarde, e o palanquim de Sen'hime partiu de Chausuyama juntamente com sua comitiva.

Foi ao anoitecer que a chuva começou.

Em meio à chuva torrencial, o fogo que queimou totalmente o Castelo de Osaka também se extinguiu.

Foi aproximadamente às oito horas da noite que a tropa de Ieyasu regressou ao Castelo de Nijô, encharcada da chuva que ainda não havia parado.

Em Quioto, a notícia da queda do Castelo de Osaka e da destruição da família Toyotomi já tinha se espalhado.

- São chuvas de lágrimas do Regente-Conselheiro Retirado.

Alguns nobres levantaram os olhos para o céu, dizendo assim. Muitas pessoas de Quioto desaprovaram a conduta da família Tokugawa, que fez exigências absurdas e um

ataque traiçoeiro, por assim dizer, e não conseguiram deixar de sentir compaixão por quem fora aniquilado.

Quando essas pessoas ficaram sabendo que Sen'hime, membro da família Tokugawa, havia escapado pouco antes da queda do Castelo e tinha sobrevivido com segurança, entreolharam-se dizendo:

- É mesmo neta do esperto texugo Ieyasu. Tem sete vidas...

Sen'hime, em questão, começou a ter febre alta desde a noite em que chegou ao Castelo de Nijô e ficou inconsciente.

Foi chamado o médico, que a medicou, mas mesmo assim, não havia sinal de melhora, e algumas mulheres começaram a falar com temor:

- A maldição da família Toyotomi...

Por isso, Ieyasu reuniu os monges e mandou fazer orações.

Tokugawa Hidetada, que havia montado o quartel-general em Okayama, levantou o acampamento e voltou ao Castelo de Fushimi, no dia 9, um dia após a queda do Castelo de Osaka.

Os *daimio* do Exército do Leste também partiram de Osaka, ordenando aos soldados que retornassem aos respectivos feudos e, no dia 10 do quinto mês, dirigiram-se para o Castelo Nijô para a celebração da vitória na guerra.

Contudo a guerra ainda não havia terminado.

As pessoas que fugiram do Castelo de Osaka e que por sorte sobreviveram, foram atacadas pelos soldados do Exército do Leste e tiveram até as roupas do corpo roubadas.

Alguns missionários tiveram até as túnicas arrancadas e andaram totalmente nus pelo campo de batalha no meio dos cadáveres por dois dias, e outros chegaram até Hirado apenas com a roupa do corpo.

Muitas das mulheres sofreram violência dos soldados, havendo até algumas que ficaram perturbadas, e, por muito tempo, a cidade de Osaka ficou deserta mesmo durante o dia.

Miho pediu permissão para visitar o lugar em que a família Toyotomi foi aniquilada para oferecer incenso pela recuperação de Sen'hime e foi autorizada aproximadamente dez dias após a queda do Castelo de Osaka.

Por se tratar da segurança da dama de companhia de Sen'hime, veio uma ordem extraordinária de Achano *Tsubone* e algumas pessoas apropriadas foram destacadas para acompanhá-la. Saíram de manhã cedo do Castelo de Nijô e entraram na cidade de Osaka.

O que chamou atenção de Miho em primeiro lugar foi a cidade de Osaka transformada em um campo queimado a perder de vista. Para além dele, via-se o Castelo de Osaka, desprovido de qualquer resquício da imponência de outrora, com alguns muros de pedra da parede do castelo restando aqui e acolá.

Os cadáveres já haviam sido removidos, mas o odor ainda pairava no ar, e Miho seguiu, passando pela segunda fortaleza e a fortaleza central, sentindo náuseas várias vezes, suando frio.

O lugar onde havia o Palácio Interno, Tsumenomaru, havia se transformado em uma montanha de escombros.

Não existia o menor vestígio da pintura dos elementos da natureza feita no teto por um dos melhores artistas da época, nem do papel das portas de correr folhadas a ouro, nem do escritório todo construído em cipreste, nem mesmo da sala de descanso em que foi utilizada a madeira de caqui preto.

Um dos samurais que viera como guia disse a Miho:

- O lugar em que morreram é aqui atrás, no Yamazono Kuruwa.

Não era preciso lhe dizer, pois que Miho já sabia.

Quando ela estava para sair do Palácio Interno, acompanhando Sen'hime, vira com seus próprios olhos Hideyori, sua mãe Senhora Yodo e seus súditos descenderem juntos para o corredor que levava a Yamazono Kuruwa.

Quem estava de pé na retaguarda era o pai de Miho, Governador de Kai.

Ainda permanecia viva em sua memória a figura do pai que levantou alto a mão, olhando para ela.

O depósito de objetos chineses, lugar em que ocorreu o fim da família Toyotomi, teve o teto arrancado e a parede havia desabado, mostrando um aspecto desolador.

- Segundo consta, colocaram pólvora por dentro e detonaram. O teto foi pelos ares com um grande estrondo.

Um monge de meia idade, que Achano *Tsubone* havia enviado, juntou as mãos em posição de prece. Embora até chegar ali, Miho não o conhecesse, o monge disse a ela que se chamava An'ei e que servia ao ancião Kan do templo Nanzenji.

- É a segunda vez que venho aqui.

A primeira vez que viera, foi para saber da notícia do ancião Kan.

- Foi um dia após o término da batalha.

O monge An'ei disse que, na ocasião, as cinzas naquela parte ainda estavam ardentes e não conseguia nem ficar de olhos abertos.

- Os magistrados do Exército do Leste estavam fazendo a identificação das pessoas que morreram no depósito de objetos chineses, porém, com a forte explosão os corpos foram pelos ares e os cadáveres dos acompanhantes ficaram totalmente carbonizados e disseram que não conseguiam identificar de quem seriam.

Disse que não pôde pegar os restos do ancião Kan e que fora embora, depois de rezar e fazer respeitadas reverências:

-Sentia-me aflito, por isso solicitei à Senhora Achano *Tsubone* que me incluísse como acompanhante de hoje.

An'ei sentou-se na terra e começou a ler o sutra. Sua voz parecia estar soluçando.

Miho também juntou as palmas das mãos. A ideia de que seu pai também morrera naquele lugar foi crescendo aos poucos.

Era um pai carinhoso.

Depois que a mãe falecera ele era todo cuidados com ela.

Sempre que ia para Osaka comprava presentes e quando saía, também, perguntava se não queria algo.

Quando a Senhora Yodo soube que Miho perdera a mãe e quisera tê-la como companhia para brincar, ele ficou contente e muito agradecido, mas ao mesmo tempo parecia triste.

No Palácio Interno, onde Miho trabalhava, era proibida a entrada de oficiais samurais, por isso era raro ver o pai, o que se tornou ainda mais difícil depois de iniciada a guerra contra o Leste.

Por isso mesmo, Miho se lembrava com toda a saudade e afeto da expressão de seu pai naquela última despedida.

- Não podemos demorar muito. Já temos de nos retirar, pois do contrário chegaremos tarde a Quioto.

Apressada pelos samurais que a acompanhavam, Miho olhou em volta.

Pensou em levar alguma lembrança das pessoas falecidas para Sen'hime, que estava acamada no Castelo Nijô, mas não encontrou nada.

Pegava um punhado de terra queimada e a embrulhava num lenço, quando sentiu que alguém a observava. Levantou o rosto, mas não encontrou ninguém além do monge An'ei, que fazia uma oração budista como se não quisesse deixar o local.

Os samurais acompanhantes estavam agrupados e olhavam para a direção da Ponte do Paraíso, que desabara.

Miho guardou bem o embrulho junto ao corpo e levantou-se. Olhou mais uma vez para as ruínas.

Nesse momento, percebeu um vulto se mover.

A pessoa que ia se afastando com passos rápidos, no outro lado do muro de pedra desmoronada, parecia ser um monge.

Pensou que talvez fosse algum monge que tinha ligação com o ancião Kan que viera para rezar pela alma dele secretamente, como An'ei.

- Senhora... Vamos. Em breve o sol irá se por.

Ao ser chamada por An'ei, Miho começou andar arrastando os pesados pés.

Sen'hime, com muita dificuldade, sentou-se sobre o leito para ouvir Miho, que voltara, falar da situação do Castelo de Osaka.

O rosto muito magro e sem lágrimas não tinha expressão e assemelhava-se a um fóssil.

Quando Miho acabou de contar, ouviu-se apenas Sen'hime murmurar em voz baixa:

- Será que eles morreram mesmo?...

Miho se surpreendeu e fitou Sen'hime.

- Não disse que não havia corpos nem pertences deles?

Miho parecia morder os lábios:

- Ouvi dizer que o fogo era intenso e a pólvora explodiu o depósito...

Sen'hime jogou-se de bruços no leito.

- Não deveria ter saído do Castelo. Não importava o que dissessem, não deveria ter saído do Castelo...

Ouviu-se um choro silencioso, e Miho também deixou cair lágrimas.

Parece que Miho tinha se esquecido de chorar nas ruínas do Castelo de Osaka.

No Palácio Interno do Castelo de Nijô, nem Sen'hime nem Miho, sabiam, mas naquela época ainda continuava a caçada implacável aos remanescentes dos Toyotomi pelo exército de Tokugawa em Osaka, Quioto e Nara.

Sokabe Morichika, comandante do Exército de Osaka, capturado no dia 11, foi decapitado em Rokujô Kawara, no dia 15, e no dia 20, a esposa de Sanada Yukimura foi capturada em Kishû.

Em Awataguchi, todos os dias, eram expostas as cabeças dos integrantes do Exército de Osaka e seu número aumentava a cada dia.

Foi no dia 21 do quinto mês que Onono Otsû veio ao Castelo de Nijô visitar Sen'hime, que já não tinha mais febre alta, mas ainda não estava totalmente boa, ficando ora deitada, ora fora da cama.

Onono Otsû era filha do vassalo de Oda Nobunaga, Onono Masahide, e sua mãe servia ao Alto Conselheiro Kajûji Haruakira.

Por isso, desde jovem, começou a frequentar a corte imperial e era conhecida pelos seus múltiplos talentos.

Afinal tinha habilidade em tocar *koto*, *shamisen*³⁹, era boa na dança, além disso entendia de literatura, tinha o dom para pintura e caligrafia e era versada também em etiqueta, cerimônia de chá, apreciação de incenso, jogo de *go*⁴⁰ e *ikebana*, por isso Tokugawa Ieyasu, por ocasião do estabelecimento do xogunato em Edo, pediu a Onono Otsû que fosse para o leste e se encarregasse da educação das criadas do Castelo de Edo.

Quando Sen'hime entrou para a família Toyotomi, ela foi ao Castelo de Osaka como acompanhante e conquistou a simpatia de Kitano Mandokoro, a esposa oficial de Toyotomi Hideyoshi, e da Senhora Yodo. Com a recomendação especial da Senhora Yodo, fizera uma adaptação da peça “Jôruri Jûnidan Zôshi⁴¹” num drama de balada, para a qual Sawazumi Kengyô compôs a música para *shamisen*. Essa peça ficou muito famosa, revelando seu grande talento.

Ela tinha deixado o Castelo de Osaka, havia dois ou três anos, e estava servindo à família Kajûji, mas continuava levando uma vida de esplendor e estava sempre no centro das atenções.

Otsû havia levado consigo diversas pinturas em rolo, para a distração de Sen'hime, mas o motivo de sua vinda ao Castelo de Nijô era outro.

Ela aproveitou o momento em que não havia pessoas em volta de Sen'hime e informou-lhe que, segundo rumores, os filhos do falecido Hideyori, Kunimatsumarû e a princesa Kôhime, foram capturados e entregues à residência de Itakura Katsushige.

³⁹ Instrumento de três cordas.

⁴⁰ Jogo de tabuleiro

⁴¹ Obra de narrativa dramática acompanhada de shamisen, de autor desconhecido.

- Vitórias e derrotas são inevitáveis numa guerra, mas mesmo assim sinto meu peito ser esmagado ao ver o infortúnio de pessoas tão inocentes. Vim pedir à princesa que interceda no sentido de que lhes poupem a vida e que passem a viver num templo budista.

Nem era preciso que Otsû lhe fizesse tal pedido, pois para Sen'hime as duas crianças eram lembranças do falecido marido.

Não pairava dúvidas de que quem lhes deu à luz foi a concubina do esposo, mas desde que ela falecera por motivo de doença, Sen'hime havia se dedicado a eles como se fosse a própria mãe.

- Agradeço-lhe muito por ter me avisado, pedirei ao Senhor ex-xogum que poupe a vida das duas crianças.

Naquele mesmo instante Sen'hime deixou o leito.

Vestiu um quimono novo de manga estreita sobre o corpo magérrimo, por alimentar-se pouco e, com a ajuda de Miho e Otsû, foi ao encontro de Achano *Tsubone* para pedir-lhe empenho na questão.

Na presença de Achano *Tsubone*, Sen'hime escreveu duas cartas. Uma era para seu avô Ieyasu e a outra era para seu pai Hidetada, pedindo para salvar a vida de Kunimatsumarû e da princesa Kôhime, mesmo que em troca de sua vida. O conteúdo da carta revelava sua drástica decisão de que, caso não pudessem ouvir o seu pedido, ela sairia do Castelo Nijô, tornar-se-ia monja e terminaria seus dias vagueando sem rumo pelo país.

Achano *Tsubone* ficou deveras surpreendida.

Antes disso, desde a queda do Castelo de Osaka, notava-se no aspecto de Sen'hime algo amedrontador, como uma indiferença com relação à vida, e Achano *Tsubone* estava preocupada, achando que ela poderia cometer alguma loucura a qualquer momento.

- Por favor, desta vez ouça o pedido da princesa, caso contrário ela própria abreviará sua vida.

Ouvindo as palavras de Achano *Tsubone* e lendo a carta tão determinada de Sen'hime, Ieyasu tomou uma decisão:

- A Princesa Kôhime, por ser mulher, entregarei a Sen'hime, mas Kunimatsumarû não. Diga a Sen'hime que não deixe este velho em situação mais difícil do que estou. Diga-lhe que o coração deste velho só pensa no futuro dos Tokugawa...

No mesmo dia, a princesa *Kôhime* foi entregue a *Sen'hime*, no Castelo de Nijô.

Um dia após *Sen'hime* ter abraçado a pequena princesa e chorado de alegria, Kunimatsumaru foi levado a Rokujô Kawara.

O derradeiro herdeiro da família Toyotomi, de oito anos, não se mostrou constrangido.

Em Rokujô Kawara uma grande multidão havia se juntado para ver o fim de Kunimatsumaru. O que deixou essas pessoas atônitas foi quando o servidor lhe perguntou se ele tinha algo a dizer no momento final.

O menino estufou o peito e falou em voz alta:

- Só tenho uma coisa a dizer. Tokugawa Ieyasu recebeu por muitos anos favores do meu avô Toyotomi e, embora, na hora de sua morte, tenha recebido enorme confiança, traiu-o, destruindo a família Toyotomi. Ele é mais desprezível que um cachorro.

O servidor ficou perplexo e decapitou o menino. A multidão permaneceu algum tempo em silêncio, mas logo depois viam-se pessoas que choravam copiosamente aqui e acolá, e por mais que os servidores tentassem expulsá-las, não deixavam Rokujô Kawara.

O corpo do Kunimatsumaru foi jogado na vala, e a cabeça exposta ao público.

Essa notícia logo chegou ao Castelo de Nijô.

- Não deve contar isso à princesa.

Pálida, Matsuzakano *Tsubone* alertou Miho, mas ela estava pensando em outra coisa naquele momento.

À noite, Miho saiu do Palácio Interno.

- Vou entregar a carta da Senhora *Sen'hime* à Senhora Onono Otsû.

Assim disse Miho, e o porteiro, descuidado, deixou-a passar.

No meio do percurso, ela perguntou sobre o caminho várias vezes e, depois de muito esforço, chegou a Rokujô Kawara.

Via-se já uma lua minguante.

Independente da pouca claridade era um local solitário.

Além disso, com as sucessivas execuções dos sobreviventes capturados, o vento que soprava em Rokujô Kawara fazia lembrar o inferno.

A luz que tremeluzia era da cabana dos vigias, de onde se ouviam vozes rudes de homens que estavam provavelmente bebendo.

Miho foi se arrastando, procurando a cabeça de Kunimatsumaruru entre as cabeças que estavam pregadas na tábua de madeira.

Não sentiu pavor nem medo.

A idéia fixa de Miho era a de que, como alguém que servira à família Toyotomi, tinha de roubar a cabeça do jovem príncipe, levá-la ao local apropriado e prestar-lhe homenagem.

Ela não suportaria deixar a cabeça daquele adorável jovem príncipe ao relento.

Os dentes de Miho batiam ruidosamente.

Não conseguia encontrar a cabeça do príncipe.

Pensou em acender a vela que ela trouxera, mas era perigoso.

Havia o perigo de os guardas perceberem, caso vissem a luz.

Estava andando devagar, quando de repente o pé pisou em falso.

Ia cair na vala onde jogavam os cadáveres e Miho, desesperadamente, se agarrou em algo como uma estaca que sua mão havia tocado.

Nessa estaca passava o fio em que estavam pendurados os *naruto*, chocalhos de madeira.

Os chocalhos haviam sido pendurados com a certeza de que remanescentes dos Toyotomi viriam roubar as cabeças.

Vários homens saíram correndo da guarita, ao soar dos chocalhos.

Eles desembainharam as espadas, e alguns seguravam lanças.

Não houve tempo para fuga.

Miho puxou o punhal que trouxera na faixa do quimono. Não era para abater o inimigo, mas sim para se proteger e, em último caso, cometer suicídio.

- Parece que é mulher!

Um deles gritou e, entre os homens que cercaram Miho, ouviu-se um riso cruel.

Miho encostou o punhal no peito.

Era preciso se matar, antes de ser violentada por aqueles animais.

- Meu pai!

Exclamou, sem querer.

Era o triste clamor da filha que não tinha qualquer esperança de uma resposta.

Mesmo que chamasse, ele não iria responder, era um triste grito da filha.

Mas antes que essa voz desaparecesse, um dos homens que estava cercando Miho caiu, soltando um estranho grito.

Seguiu-se um som semelhante ao bater de um pano molhado, e Miho fugiu instintivamente. O homem que tentou persegui-la não andou nem dois passos e tombou, recebendo o golpe de espada que o cortou a partir do ombro.

- Fuja!

Uma voz desconhecida gritou às costas de Miho.

- Vá depressa, a cabeça do príncipe não está mais aqui.

Sem tempo de pensar em nada, Miho correu.

Tropeçou numa pedra, por pouco caiu, mas voltou a correr.

Quando percebeu, estava na encruzilhada da cidade.

Pensou no que teria sido aquilo.

Finalmente, ela percebeu que fora salva.

Alguém a tinha salvo das garras dos homens da cabana de vigia.

Sob o luar pálido, ele era um homem alto e forte.

Lembrou-se da voz que gritou:

- Fuja!

A voz rouca e grossa não lhe era familiar.

Mas apesar de não ser familiar, parecia-lhe saudosa.

Lembrou-se de que ele lhe dissera que a cabeça do príncipe não estava mais ali.

Então, seria mesmo sobrevivente da família Toyotomi?

- Moça...

Chamaram-na de algum lugar.

Virando-se para o lado de onde viera a voz, viu um cavalo parado ali.

Sobre o lombo do cavalo via-se a figura de um samurai.

Parecia um samurai de posição, pois estava acompanhado de vários guerreiros. Todos seguravam tochas na mão.

Fagulhas se espalhavam com o vento.

- O que aconteceu?

Iluminada pela tocha, Miho imediatamente respondeu:

- Sou dama de companhia da princesa *Sen'hime*, que está no Castelo de Nijô. Fui prestar serviço por ordem da princesa e, na volta, fui perseguida pelos bandidos; consegui a muito custo fugir deles até aqui.

O samurai que estava montado no cavalo fitou Miho.

- Dama de companhia de *Sen'hime*?

- Sim.

- Então vamos acompanhá-la.

Chamou dois samurais fortes, entre os que o acompanhavam.

- Levem-na com cuidado, respeitosamente.

Fazendo uma rápida mesura para Miho, seguiu em seu cavalo.

Um colete de batalha de fundo branco com brasão de malva-rosa bordado em ouro destacou-se em meio à luz da tocha.

Essa foi a primeira vez que Miho viu pelas costas a figura de Honda Heihachirô Tadatoki.

EM KUWANA

1

Cerca de dois meses após o Castelo de Osaka, considerado o último legado de Toyotomi Hideyoshi, desaparecer nas chamas, começaram a se espalhar pelas cidades de Osaka e Quioto rumores misteriosos.

Diziam que Toyotomi Hideyori estaria vivo.

- Dizem que a versão de que ele morreu em Yamazono Kuruwa na ocasião da queda do Castelo de Osaka foi uma mentira para enganar os inimigos, na verdade, pouco antes da tomada, escapara de barco pelo rio Tenma e, graças às providências do Senhor de Satsuma⁴², refugiou-se em local apropriado.

Diziam também:

- Parece que a mãe, Senhora Yodo, foi atingida por uma bala perdida em Yamazono Kuruwa e acabou morrendo, mas o Senhor Hideyori, juntamente com alguns homens de confiança, foi salvo pelos homens do Batalhão Naval de Setouchi, com quem Hayami, Governador de Kai, um dos comandantes dos Sete Grupos de Vassalos Diretos, tinha amizade, e conseguiu escapar ileso do Castelo de Osaka.

Assim, Miho, criada de Sen'hime que habitava os fundos do Castelo de Nijô, quando ouviu esses rumores, sentiu seu coração bater especialmente forte.

Para Miho, que esteve em companhia de Sen'hime na fortaleza central, no interior do castelo, até pouco antes de sua queda, esses boatos não pareciam ser totalmente absurdos.

De fato, na parte de trás de Yamazono Kuruwa, havia a Ponte do Paraíso que atravessava a vala, e tinha ouvido dizer que podia ser usado como rota de fuga em caso de emergência.

Se seguisse esse curso de água, do rio Tenma sairia para o rio Yodo, certamente seria possível alcançar o mar.

- O que acha do rumor de que o Senhor de Satsuma teria ajudado?

Matsuzakano *Tsubone*, que ouviu essa história junto com Miho, disse:

⁴² Satsuma - abrange a parte oeste da atual província de Kagoshima.

- De fato, o Senhor Shimazu, na Batalha de Sekigahara, foi aliado do Exército do Oeste.

Ishin Yoshihiro, irmão mais novo do chefe atual da família Shimazu, Senhor Ryûhaku Yoshihisa, conduziu mil e quinhentos soldados e juntou-se ao Exército do Oeste e, na ocasião da derrota, passou no meio dos inimigos calmamente, voltando a Satsuma.

- Entretanto, nesta última batalha, foi aliado do Senhor Tokugawa.

De Osaka, o próprio Hideyori escreveu uma carta e enviou-a junto com o punhal forjado pelo mestre Masamune, pedindo ajuda. No entanto Iehisa, o chefe da família Shimazu, devolveu o punhal junto com a resposta.

Ou seja, era uma resposta negativa em que ele dizia que não poderia apontar a arma contra a família Tokugawa, pois Tokugawa Ieyasu teve a benevolência de perdoar Shimazu Yoshihiro após a derrota na batalha de Sekigahara, dando tranquilidade aos feudos de Satsuma, Ôsumi⁴³ e Hyûga⁴⁴ e além do mais, achava que o dever para com Regente-Conselheiro Retirado já tinha sido cumprido na ocasião de Sekigahara.

E de fato Shimazu Iehisa foi para a guerra, juntando-se ao Exército do Leste, a pedido de Tokugawa Ieyasu.

Matsuzakano *Tsubone* dizia que era impossível acreditar que aquela família Shimazu tenha salvo Toyotomi Hideyori por ocasião da queda do castelo, abrigando-o secretamente, mas não eram poucas as pessoas que não duvidavam daquele boato.

Elas argumentavam que a família Shimazu se aliara ao Exército do Leste só na aparência, e Ishin Yoshihiro, de oitenta anos, continuava, na verdade, mantendo devoção à família Toyotomi. A prova disso seria que, embora tivesse recebido de Tokugawa o pedido para enviar a tropa, ele chegara significativamente atrasado, alegando que o tempo estava ruim. Também, na ocasião da queda do Castelo de Osaka, rapidamente reuniu os soldados, e o navio de guerra que estava ancorado no alto-mar zarpou de volta para sua terra como se estivessem fugindo. Assim, elas concordavam entre si:

- Não há dúvida de que o Senhor Hideyori tenha ido a Satsuma.

Miho estava mais inclinada a acreditar na outra versão, a da fuga com o Batalhão Naval.

⁴³ Ôsumi – parte leste da atual província de Kagoshima.

⁴⁴ Hyûga – atual província de Miyazaki.

Um dos motivos era o fato de o nome do seu pai, Hayami, Governador de Kai ter sido citado.

De fato, ele até que conseguiria fazer isso, pensava ela. Até onde Miho tinha conhecimento, o Governador de Kai tinha boas relações com os comerciantes de Sakai.

Originalmente, a cidade de Sakai desenvolveu-se como uma cidade comercial e mantinha fortes laços com a família Toyotomi.

Foi Hideyoshi que deu proteção e concedeu facilidades aos comerciantes de Sakai para construírem navios e irem desenvolver o comércio no Sudeste da Ásia.

Mas, após a batalha de Sekigahara, Ieyasu tinha assumido esse papel. Mesmo assim, muitos dos grandes comerciantes de Sakai mantiveram o relacionamento com a família Toyotomi, e pode-se dizer que eles e o Governador de Kai continuaram a manter boas relações.

Por essa razão, quando a batalha com Tokugawa se tornou iminente, Sakai providenciou e enviou armas e munições, atendendo ao pedido de Toyotomi.

Mas, por outro lado, os comerciantes de Sakai simpáticos à família Tokugawa, tais como Imai Sôkun, enviavam armas e munições ao Exército do Leste, e a família Shibatsuji, de ferreiros que fabricavam armas de fogo, estava engajada na fabricação de canhões a pedido de Ieyasu.

Isso foi descoberto pelos Toyotomi e, na ocasião da Batalha de Inverno, o Exército de Osaka, ao enviar mais de vinte mil soldados para atacar Castelo de Kishiwada, entrou também na cidade de Sakai e queimou toda a cidade.

Segundo Miho ouviu dizer, após ter vindo ao Castelo de Nijô, Sakai tinha sido reduzida a cinzas e, entre as pessoas que ficaram sem para onde ir, havia algumas que faziam do navio sua moradia, indo e voltando pelo mar interno de Seto, continuando o comércio habilmente.

- Não devemos deixar chegar aos ouvidos da princesa um boato com pouco fundamento de que o Senhor Hideyori talvez esteja vivo. Mesmo sem isso, ela já vive grande parte do tempo perdida em seus pensamentos.

Matsuzakano *Tsubone* advertiu Miho também.

Sen'hime, como sempre, continuava enclausurada no aposento. Achano *Tsubone*, que por ordem de Ieyasu, estava constantemente cuidando, com muita atenção, do dia a dia de Sen'hime, obteve permissão especial para transformar a antecâmara em sala de oração e instalou um altar budista. Nesse altar budista, Sen'hime colocou o pedaço de papel com a invocação budista “Namu Amida Butsu⁴⁵”, escrita por Hideyori, e acendia o incenso de manhã e à noite, diariamente.

Miho ficou emocionada ao ver aquele pedaço de papel.

Se não lhe falhava a memória, aquilo acontecera logo depois que Miho começou a morar no Castelo de Osaka como dama de companhia de Sen'hime.

Foi numa tarde em que o sol brilhante incidia no corredor. Sen'hime estava praticando caligrafia em sua mesa, e a Senhora Yodo estava ao seu lado, corrigindo carinhosamente, dizendo como devia escrever tal traço ou apontando onde faltava intensidade nos traços.

Nisso entrou Hideyori, que acabara de voltar e, pegando o pincel de Sen'hime, escreveu com leveza sobre o papel de caligrafia seis caracteres da invocação budista “Namu Amida Butsu”:

- Dizem que se estiver carregando o nome de Buda estará livre de qualquer desgraça.

Sorrindo, entregou-o a Sen'hime.

Ali mesmo Sen'hime dobrou o papel cuidadosamente, com expressão de felicidade, e guardou-o no seu porta-amuleto. Miho assistia a isso com sentimento parecido ao de inveja, sem motivo aparente, mas ao pensar que na ocasião da queda do Castelo de Osaka Sen'hime fora ao acampamento do Exército do Leste portando esse amuleto, carregando o peso da responsabilidade de pedir misericórdia para a Senhora Yodo e Hideyori, sentiu que não conseguiria orar, diante dessa invocação colocada no altar, sem derramar lágrimas.

Por isso mesmo, cada vez que via Sen'hime olhando fixamente para essa invocação, ficava imaginando o que se passava no seu íntimo.

A expressão de Sen'hime tornou-se ligeiramente suave só depois que recebeu a filha de Hideyori, a princesa *Kôhime*.

O irmão Kunimatsumaru fora executado não obstante o pedido de Sen'hime, mas a princesa *Kôhime* teve sua vida salva e foi acolhida por Sen'hime no Castelo de Nijô.

⁴⁵ Possui o sentido aproximado de “Creio profundamente em Buda Amida”.

Para a menina de sete anos, a aniquilação da família Toyotomi, a morte do pai e da avó só podiam ser sentidas como algo triste ou horrível, mas parece que o pavor pelo qual passou quando Kunimatsumarū, sob os cuidados de uma família aristocrata de Quioto junto com ela, foi capturado, causou-lhe um choque tão grande que, quando foi trazida ao Castelo de Nijō, ela se encontrava em estado de total mudez.

Não importava o que lhe dissessem, ela só chorava, mas nos últimos dias finalmente estava conseguindo responder a Sen'hime, ainda de forma desajeitada.

No sétimo mês, Sen'hime recebeu visita de Jōkōin.

Casada com Kyōgoku Takatsugu, ela era uma das filhas da família Asano e tinha como irmã mais velha a Senhora Yodo e como irmã mais nova a Senhora Oeyo, esposa do xogum Tokugawa Hidetada, sendo, portanto, tia de sangue de Sen'hime.

O marido Takatsugu foi o único *daimio* do Exército do Oeste aliado dos Tokugawa, na Batalha de Sekigahara, e foi altamente reconhecido por Ieyasu, mas nove anos depois, adoeceu e faleceu, aos quarenta e sete anos.

Por isso, a esposa Ohatsu cortou os cabelos, tornou-se monja, passando a se chamar Jōkōin, e recebeu a princesa Hatsu, quarta filha de Tokugawa Hidetada, como esposa de seu filho Kyōgoku Tadataka, fortalecendo ainda mais os laços com a família Tokugawa.

Na ocasião da Batalha de Inverno de Osaka também serviu como mensageira de reconciliação.

Sen'hime sempre foi próxima dessa tia.

Quando, no ano 8 da Era Keichō⁴⁶, Sen'hime, com sete anos, foi do Castelo de Fushimi ao Castelo de Osaka para se casar, sua mãe tinha acabado de dar à luz a sua irmã princesa Hatsu. Por esta razão, quem cuidou de tudo, desde os preparativos do casamento e da própria Sen'hime, foi Ohatsu que viera de Wakasa.

Desde então, sempre que tinha oportunidade visitava o Castelo de Osaka, fazendo companhia à Senhora Yodo ou apreciando o desenvolvimento da sobrinha, Sen'hime.

Nesse sentido, podia-se dizer que a tia era parenta de sangue bem mais íntima que a mãe Oeyo, de quem se separara aos sete anos e nunca mais tivera contato.

⁴⁶ Correspondente ao ano de 1603.

- Pensei em visitá-la mais cedo, mas pensando na minha irmã e no meu sobrinho Hideyori que faleceram, achava doloroso encontrar-me com você.

Na ocasião em que Sen'hime tinha deixado o castelo para fazer apelo de misericórdia, Jôkôin também estivera pedindo ao Senhor ex-xogum Ieyasu insistentemente para salvar a vida da Senhora Yodo e de Hideyori, segundo Achano *Tsubone* contou mais tarde a Sen'hime e suas acompanhantes.

Por isso mesmo, para Sen'hime, Jôkôin passou a ser uma pessoa ainda mais próxima.

- Para que saí do Castelo de Osaka? Se eu soubesse que aconteceria aquilo, não teria saído de perto da Respeitável Genitora. É isso que me mortifica.

Jôkôin abraçou Sen'hime, que chorava agarrada a ela, como se fosse sua mãe.

- Eu também não sei por quantos dias chorei, lamentando o fato de não ter conseguido salvar a vida da minha irmã e a do meu sobrinho. Mas agora, ao encontrá-la, não posso deixar de agradecer à misericórdia dos deuses e de Buda pelo fato de ao menos você estar a salvo.

Jôkôin apelou a Sen'hime para que não se arrependesse de ter sobrevivido.

- É justamente por estar viva que você conseguiu rogar pela vida da princesa Kôhime. Poder também rezar pela alma dos mortos é devido ao fato de você estar viva, pode-se dizer que foi a vontade de Buda.

- A Senhora me dizendo assim, parece que o peso do meu coração fica um pouco mais leve...

Comentou Sen'hime, rindo e chorando ao mesmo tempo, e Matsuzakano *Tsubone*, que estava atrás, aliviada, interrompeu:

- Como a tristeza da princesa era muito profunda, nós estávamos sem saber o que fazer. A visita da Senhora Jôkôin foi mesmo a melhor coisa.

Todas abaixaram a cabeça e pediram que viesse visitá-la com mais frequência.

- Vamos nos esquecer, por algum tempo, de coisas tristes e falemos das boas lembranças. Isso confortará a alma daqueles que faleceram...

Sugeriu Jôkôin, e Sen'hime também ficou com um olhar de quem rememora o passado.

- Dizem que, por aí, as pessoas comentam que com a Região Leste e Osaka tornando-se inimigas, talvez eu estivesse sendo maltratada pela Senhora Yodo. É verdade?

A preocupação de Sen'hime era de que esses rumores estivessem prejudicando a reputação da Senhora Yodo:

- Como é do seu conhecimento, cresci no Castelo de Osaka, desde os sete anos. A Senhora Yodo era para mim, mais do que mãe de Hideyori, uma tia carinhosa. Não sei quantas coisas ela me ensinou.

Sen'hime começou a contar com saudades que ela lhe dava as cópias antigas de antologias poéticas como *Kokinshû* e *Iseshû*, ensinou-lhe as primeiras lições de *waka*⁴⁷ e *renga*⁴⁸:

- Isso me fez lembrar: No outono do ano em que você completou nove anos, minha irmã rezou fervorosamente durante sete dias para receber um sinal divino através de sonho, e houve a apresentação de *renga* relativa ao sonho, não foi?

Nesse evento a Senhora Yodo dedicaria, como oferenda à divindade, o verso que lhe aparecera no sonho.

- Naquela ocasião, minha irmã deu o mote:

Cavalos da primavera

Soltos nos prados verdejantes

Do Monte Wakakusa

Que alegria causa a visão

*Dessa total despreocupação*⁴⁹

-E depois disso, você completou.

Sen'hime recitou levemente corada:

- *Torna-se também aprazível*

*O coração deve convidar*⁵⁰

- Isso mesmo. Minha irmã estava muito, muito orgulhosa pelo fato de você, com nove anos, ter completado o verso admiravelmente. Eu mesma, não sei quantas vezes tive de ouvir essa história...

⁴⁷ Poema clássico japonês.

⁴⁸ Poema encadeado.

⁴⁹ Em japonês: *Harugomaya/Wakakusayamani/tachiidete/omou kotonaki/kotozo ureshiki* (春駒や若草山に立ち出でておもう事なきことぞ嬉しき)

⁵⁰ Em japonês: *Nodokanimi/naruyakokorono/sasouramu* (のどかにもなるや心のさそうらむ)

Os olhos de Jôkôin encheram-se de lágrimas, ao contar que, no aposento da Senhora Yodo, no Castelo de Osaka, o *tanzaku*⁵¹, com o seu verso, estava cuidadosamente guardado junto com o de Sen'hime, dentro de uma caixa, e que sempre que tinha oportunidade, a Senhora Yodo, muito feliz, mostrava-os, tirando-os da caixa:

- E também, a sua caligrafia do *tanzaku* era muito parecida com a da minha irmã no modo de usar o pincel.

Óbvio. Para Sen'hime, tanto na caligrafia como na cerimônia do chá, a mestra era a Senhora Yodo.

- Os utensílios para a cerimônia do chá, era ela quem escolhia; desde a vestimenta até os enfeites de cabelo, eu, deixava tudo por conta da Genitora e vivia tranquila. No entanto, essas pessoas desprezíveis falam como se houvesse desavenças entre sogra e nora, o que acho imperdoável.

Jôkôin tentou acalmar Sen'hime, que falava com o olhar irado:

- Isso sim, é especulação de pessoas de baixo nível. A verdade sempre prevalecerá, não se preocupe...

Achano *Tsubone* chegou, nesse ambiente descontraído:

- Ouvi dizer que a Senhora Jôkôin veio nos visitar...

Ela trouxe *shiratama*⁵² com azuki⁵³ e ofereceu:

- Servidas para se refrescarem?

Jôkôin e Achano *Tsubone* haviam servido juntas, como mensageiras de reconciliação na Batalha de Inverno, e continuaram mantendo relações de amizade e confiança.

- Na verdade, eu estava hesitante se devia dar uma notícia assim à princesa, que ainda se encontra abalada emocionalmente, entretanto fiquei receosa de que, deixando passar o tempo desnecessariamente, pelo contrário a levasse a uma posição muito difícil, por isso criei coragem e vim contar, aproveitando a presença da Senhora Jôkôin.

Ouvindo as palavras de Achano *Tsubone*, Jôkôin franziu o cenho.

- Levar a princesa a uma posição muito difícil? Do que está falando?

⁵¹ Tira de papel para escrever poemas.

⁵² Doce gelado.

⁵³ Tipo de feijão.

Achano *Tsubone* era originalmente uma das concubinas de Ieyasu.

Ela era filha de Iida Hisaemon Naomasa, samurai de Kôshû⁵⁴, e casou-se com Kamio Magobê, de Isawa, mas após a morte de seu marido, chamou a atenção de Ieyasu e tornou-se uma de suas esposas.

Era por natureza inteligente e tinha tanto a coragem de fazer inveja aos homens, como a delicadeza e o cuidado próprios de mulher, o que agradou a Ieyasu que, depois do falecimento por doença da sua esposa, mãe de Hidetada e Tadayoshi, Senhora Saigôno *Tsubone*, ordenou que Achano *Tsubone* assumisse o papel de madrastra dos filhos.

Por isso, ao mesmo tempo em que tinha a confiança do ex-xogum Ieyasu, contava também com a amizade do xogum Hidetada por ter ficado responsável pela criação dele, desde que ele tinha dez anos, na condição de madrastra. Por isso, conhecia bem o íntimo de ambos e encontrava-se numa posição delicada dentro da família Tokugawa.

Essa mulher estava a dizer que havia uma informação séria sobre Sen'hime.

- Não sei como devo dizer para não ferir o coração da Senhora Sen'hime, mas... O xogum está tão preocupado com o futuro da princesa, que já tem seus planos a respeito do próximo marido.

A expressão de Sen'hime mudou:

- O que está dizendo? Como se não bastasse ter me tomado a Senhora Genitora e o Senhor Hideyori, o xogum ainda quer que me case com outro homem?

Achano *Tsubone* estendeu a mão, contendo Sen'hime, e continuou:

- Por favor, pense que tudo isso ele faz pelo sentimento carinhoso de pai. O xogum disse que o próximo casamento não deverá ser com samurai; disse que, para que a princesa não precise passar novamente por semelhante dor, o próximo marido deverá ser alguém apropriado escolhido entre os aristocratas, e pediu a Sakazaki, Governador de Dewa⁵⁵ que procurasse um bom partido, segundo ouvi dizer.

Sakazaki, Governador de Dewa, era aquele comandante que, na ocasião da queda do Castelo de Osaka, guiou Sen'hime e sua comitiva até o quartel-general de Chausuyama.

- Por causa disso, e também porque o Governador de Dewa tem amizade com os aristocratas, o xogum deve ter falado sobre isso especialmente com ele.

⁵⁴ Kôshû – atual província de Yamanashi.

⁵⁵ Dewa – atuais províncias de Yamagata e Akita.

Dizem que ele logicamente ficara lisonjeado e também emocionado com esse pedido do xogum e reuniu imediatamente os nobres mais próximos para escolher o futuro esposo de Sen'hime.

- Não me casarei. Não importa o que o xogum decidir, eu não me casarei com ninguém. Se me forcarem, me tornarei monja ou me suicidarei!

Sen'hime estava com os lábios trêmulos, e Jôkôin interveio em sua defesa:

- Tenha calma, ficar nervosa dessa maneira fará mal à saúde!

- De fato - disse, voltando-se para Achano *Tsubone*.

No mundo atual, no caso de uma pessoa na situação de Sen'hime se tornar viúva, aparecem interessados que a querem como esposa imediatamente, e também para o xogum, mesmo deixando de lado as questões políticas, não há dúvida de que o sentimento paterno o levaria a ter pena de deixar uma jovem que ainda nem sequer chegou aos vinte anos passasse a vida toda na situação de viúva.

- Mesmo no caso da Senhora Oeyo, esposa do xogum e mãe de Sen'hime, ela passou por várias separações, tanto é que pensávamos que não existia outra pessoa tão infeliz quanto ela, mas ela teve a felicidade de casar-se com o Senhor Hidetada, herdeiro de ex-xogum, teve muitos filhos e está desfrutando dias muito felizes. Como tia de Sen'hime, também desejaria uma felicidade igual à da mãe, mas isso seria para um pouco mais adiante, seria cruel demais arranjar um marido para Sen'hime agora!

Achano *Tsubone* também concordou:

- O Senhor ex-xogum também está preocupado com isso. Ele entende o sentimento do xogum, que deseja que a Senhora Sen'hime alcance a felicidade o mais breve possível, entretanto, também acha um pouco precipitado, por isso pediu-me que ouvisse a intenção da princesa.

- Por favor, diga ao ex-xogum que eu não irei para lugar algum, que me deixe ficar perto dele por toda a vida.

- Penso que será melhor a própria princesa transmitir esse sentimento ao ex-xogum e ao xogum.

Ieyasu estava de volta a Sunpu.

Hidetada tinha retornado a Edo.

- A Senhora sua mãe também disse que deseja vê-la, já que voltou sã e salva.

Sen'hime levantou o rosto pálido:

- Irei sim! Desejo ir a Edo e falar com o xogum.

Nos sentimentos de Sen'hime para com o pai, Hidetada, predominava a mágoa.

Quando chegou ao quartel-general de Chausuyama, o avô Ieyasu foi carinhoso, dizendo que atenderia qualquer pedido de Sen'hime.

No entanto, como ele estava numa posição de aposentado, era necessário pedir permissão ao xogum. Se ele concordasse, seria possível poupar a vida da Senhora Yodo e de Hideyori, disse, e enviou mensageiro ao acampamento de Hidetada.

Depois disso, acabou desmaiando e quando recuperou a consciência o Castelo de Osaka estava em chamas.

Muito tempo depois, chegou ao seu ouvido que, quando Hidetada ouviu o pedido de misericórdia de Sen'hime, ele repreendeu Honda Masazumi, que foi o mensageiro:

- Que estupidez ela me diz! Se teve coragem para sair do castelo, por que não se matou com Hideyori e a Senhora Yodo?

Sen'hime, embora parecesse inteligente, tinha apenas dezenove anos, não tinha experiência de vida e não conseguia perceber a real intenção do avô.

Não era de se admirar que ela acreditasse que o carinhoso era o avô e o insensível e cruel era o pai.

De fato, Ieyasu dedicava uma atenção especial a esta neta.

Mesmo quando retornou ao Castelo de Sunpu, tinha deixado sua esposa favorita Achano *Tsubone* para cuidar de Sen'hime, que estava acamada, e enviou várias cartas de conforto e presentes.

Estas cartas eram curtas, mas os textos eram cheios de amor.

- No caminho para Edo, poderemos passar no Castelo de Sunpu; assim poderei ver o ex-xogum...

Assim disse Sen'hime com uma voz um tanto manhosa, e Achano *Tsubone* disse firmemente:

- Então faça isso. Consultarei o ex-xogum e providenciarei tudo para a viagem, portanto, a princesa cuide da saúde para poder suportar a viagem...

Jôkôin que também estava próxima disse:

- Nessa viagem a Edo, eu também vou pedir permissão para acompanhá-la, pelo menos se servir de ajuda ficarei satisfeita.

A partir desse dia, Sen'hime mudou seu cotidiano, como se encorajasse a si mesma.

Passou a se esforçar para tomar as refeições que até então mal punha na boca e obedecia também às ordens do médico.

Para fortalecer as suas pernas, que estavam muito fracas, passeava no jardim e tentava aumentar a resistência física.

Matsuzakano *Tsubone*, junto com Miho e outras damas de companhia, preparavam-se para que elas pudessem viajar a qualquer momento, fazendo a bagagem, quando, um dia, veio um mensageiro do Palácio Frontal, solicitando para comparecer com uma dama de companhia, pois tinha algumas advertências a fazer a respeito dessa viagem.

Assim, Matsuzakano *Tsubone* e Miho saíram do Palácio Interno e dirigiram-se para a ala de visitas, onde estava à espera Itakura Katsushige, Governador militar do xogunato em Quioto.

- Inicialmente, permita-me avisá-la que a viagem da Senhora Sen'hime para Edo ficou marcada para o dia 30 do sétimo mês próximo.

Na viagem, além de Achano *Tsubone*, Jôkôin e acompanhantes de Sen'hime, um grande número de samurais de escolta as acompanharia.

- Sobre isso, há uma coisa que quero que vocês, damas de companhia, estejam cientes, mas sem que a princesa fique sabendo.

Itakura Katsushige disse que partida de Sen'hime a Edo tinha três motivos:

- O primeiro deles é o que a princesa já sabe e que Achano *Tsubone* lhes disse há pouco.

Era o de interromper a negociação de casamento de Sen'hime proposta pelo xogum.

- O outro é manter Sen'hime afastada o quanto possível de Osaka. Quioto é perto de Osaka e ela fica sujeita a ouvir rumores da família Toyotomi, o que incomoda o seu coração.

Por isso, o melhor é afastar-se de Osaka para curar o coração ferido o mais rápido possível; neste ponto o xogum e o ex-xogum estão de acordo.

O terceiro motivo seria:

- Talvez pudéssemos ignorar, porque pode ser apenas um boato, mas os espiões nos informaram que os remanescentes dos Toyotomi estão à espera de oportunidade para recapturar a princesa, querendo ao menos se vingar desta forma. Acho pouco provável, entretanto o ex-xogum não quer deixar a Senhora Sen'hime em Quioto para que não aconteça nada de ruim e ordenou que a transferíssemos urgentemente para Edo.

Era por isso que grande número de samurais a acompanhariam na viagem a Edo, mas não podiam deixar Sen'hime saber do motivo.

- Peço que as senhoras estejam bem cientes disso e deem uma boa explicação para a princesa.

No caminho de volta ao Palácio Interno, Matsuzakano *Tsubone* e Miho estavam atônitas.

Embora dissesse que poderia ser ignorado como boato, se os espiões do Órgão de Segurança do Xogunato em Quioto o relataram, era como se tivesse confirmado que os sobreviventes de Toyotomi planejavam o sequestro de Sen'hime.

- Porventura...

Miho não aguentou e disse.

- Se é que há uma conspiração para sequestrar Sen'hime... será que tem algo a ver com o rumor de que o Ministro da Direita está vivo?

Ministro da Direita referia-se a Hideyori.

- Eu também pensei a mesma coisa que você quando estava ouvindo a conversa do Senhor Itakura. Mas... Não é possível...

Naquela ocasião as tropas do Exército Leste cercavam o Castelo de Osaka literalmente em múltiplas frentes.

Os rumores diziam que atravessaram a ponte do Paraíso e seguiram o canal em direção ao rio Tenma, porém tanto nas margens do rio Tenma como na entrada do rio Yodo, certamente havia tropas do Exército do Leste de prontidão.

Era impossível acreditar que Hideyori tinha conseguido escapar, passando pelo cerco militar do Exército do Leste fechado como malha de uma rede.

- De qualquer forma, nosso dever é proteger a princesa Sen'hime, mesmo que nos custe a vida. Miho, também esteja preparada para isso.

Ouvindo essas palavras de Matsuzakano *Tsubone*, Miho se curvou docilmente, mas seu coração estava inquieto.

O que fazer, se no meio dos remanescentes dos Toyotomi que virão sequestrar Sen'hime estiver seu pai Hayami, Governador de Kai?

Mas balançou a cabeça, refutando sua idéia.

Assim como seria impossível Hideyori ter escapado do Castelo de Osaka, não era possível que seu pai tivesse saído com vida da queda do castelo.

Ao retornar para o Palácio Interno onde Sen'hime a esperava, Miho tinha a costumeira expressão de tristeza.

No dia 30 do sétimo mês do ano 1 da Era Genna⁵⁶, Sen'hime e sua comitiva saíram do Castelo de Nijô e seguiram para Edo.

Além das damas de companhia que cuidavam de Sen'hime, as numerosas serviçais de Jôkôin e Achano *Tsubone* que a acompanhavam faziam parte da comitiva, que além de esplêndida era suntuosa.

Mas a intenção de quem supervisionava a comitiva da viagem era tornar os samurais de escolta menos visíveis aumentando o número de mulheres. E os samurais selecionados para acompanhar a comitiva eram todos muito bem treinados.

A caminhada das mulheres, no entanto, era lenta. Exceto Sen'hime, Achano *Tsubone* e Jôkôin, que estavam nos palanquins, as demais estavam todas a pé. Os samurais suavam frio internamente diante da lentidão da comitiva que caminhava a passos de gado.

Era uma viagem insegura em que não sabiam quando poderiam ser atacados pelos remanescentes dos Toyotomi.

Não havia tempo para relaxar.

Apesar disso, a viagem até o lago Biwa ainda foi boa.

De Kusatsu, na margem leste do lago Biwa, começava a caminhada pela montanha.

Atravessariam o desfiladeiro de Suzuka.

A caminhada da comitiva tornou-se ainda mais vagarosa.

Não eram poucas as mulheres que estavam com os pés feridos.

O responsável pela comitiva de Sen'hime era um samurai chamado Kamo Jinzaemon Munetoshi, subordinado de Itakura Katsushige, e ao iniciar a caminhada pela montanha ele fez com que Sen'hime, Jôkôin e Achano *Tsubone* ficassem no meio do grupo, cercadas por todos os lados pelas mulheres, que por sua vez estavam cercadas pelos samurais, tendo vários homens de sentinela na frente e na retaguarda e a comitiva foi avançando com cautela.

Em Kamiyama pousaram uma noite e partiram ao amanhecer.

⁵⁶ Corresponde ao ano de 1615.

Atravessaram o posto de fiscalização de Suzuka.

Na parte da manhã nada aconteceu.

Perto do meio dia, o céu começou a escurecer.

Avaliando que a chuva seria um problema para a comitiva em que havia muitas mulheres, Kamo Jinzaemon apressou-as insistentemente.

Porém a chuva começou a cair torrencialmente sobre eles.

Sem alternativa, a comitiva se abrigou por algum tempo sob as sombras das árvores de cedro.

Devido a isso, houve atraso significativo na jornada do dia.

Kamo Jinzaemon temeu enfrentar a noite na montanha. Embora tivessem preparado as tochas, se porventura os remanescentes dos Toyotomi quisessem vir sequestrar Sen'hime, como diziam os boatos, o desfiladeiro de Suzuka seria uma ótima oportunidade para o ataque.

Saindo de Suzuka e chegando em Kuwana, estariam sob a proteção de Honda Tadamasa, primogênito de Tadakatsu, um dos quatro maiores generais dos Tokugawa e atual senhor do feudo de Kuwana de 100 mil *koku*⁵⁷.

Indo de Kuwana a Miya através do mar, dali para leste era, por assim dizer, a base da família Tokugawa, e podia-se dizer que toda a estrada Tôkaidô era fortemente guardada pelos veteranos generais de Tokugawa.

Era impossível os remanescentes dos Toyotomi agirem naquele lugar.

O perigo estaria na travessia de Suzuka. Isto estava na mente de Kamo Jinzaemon desde que saíra de Quioto.

- Apressem-se, por favor!

Os samurais encorajaram as mulheres.

- Se anoitecer durante o percurso na montanha correremos perigo. Imagino que estejam cansadas, mas falta só mais um pouco. Por favor, ajudem-se umas às outras e apressem-se.

⁵⁷ *Koku* – unidade de medida para arroz equivalente a cerca de 180 litros. A importância da propriedade era medida pela capacidade de produção de arroz.

Aquelas que tinham as pernas mais fortes ajudavam as que eram menos fortes e iam se arrastando ofegantes pela estrada no meio da montanha, quando se depararam com viajantes vindos da direção oposta, fugindo apavorados, aos tropeços.

- Quem são vocês? O que aconteceu?

Indagados pelo samurai que estava à frente da comitiva, os três homens disseram que eram todos empregados de atacadista de algodão da cidade de Ise e estavam indo para Kusatsu, carregando nas costas as mercadorias. Pálidos, disseram que haviam se deparado com uma luta de espadas a pouco mais de um quilômetro dali.

- Creio que havia cerca de trinta ou quarenta pessoas, juntando os dois lados. Foi uma luta terrível, mas entre eles havia uma pessoa alta, bastante respeitável que nos disse para sairmos de lá rápido para não sermos envolvidos...

Kamo Jinzaemon ouviu o relato do subordinado e ficara sem saber o que fazer.

Havia luta entre samurais e, ainda mais, eles eram numerosos. Afinal, o que está acontecendo? Estava pensando em enviar o sentinela primeiro, quando ouviu aproximar-se o som forte de cascos de cavalos.

- Um suspeito!

Kamo Jinzaemon colocou-se em posição de alerta, quando uma pessoa de meia idade com todo o jeito de ser um samurai de posição saltou do cavalo.

- Sou Kamio Masanosuke, vassalo da família Honda, vim como mensageiro do jovem Senhor Honda Heihachirô.

Era um cumprimento respeitoso.

- O jovem senhor ouviu dizer que a comitiva de Sen'hime atravessaria Suzuka e entraria em Kuwana, por isso ele próprio veio até o meio do caminho para recebê-la.

Disse que ele estava à espera da comitiva, com os vassalos, a cerca de um quilômetro adiante.

- O jovem senhor disse que no caminho por onde irá passar a comitiva da princesa Sen'hime, acabaram de subjugar os salteadores, e não houve tempo para retirar os corpos ensanguentados, por isso pede à princesa e suas damas de companhia para não abrirem as portas dos palanquins, bem como para as serviçais que estão a pé não olharem para as margens da estrada em hipótese alguma.

Kamo Jinzaemon notou que nas roupas de Kamio Masanosuke, que falava com calma, havia manchas nítidas de sangue dos adversários.

- Então aquela violenta luta que os viajantes acabaram de relatar...

Kamio Masanosuke sorriu discretamente.

- O jovem senhor da família Honda, em pessoa, exterminou os bandidos que barrariam o caminho da comitiva da princesa Sen'hime.

Kamio Masanosuke tomou a frente para guiá-los, e a comitiva começou a avançar.

Seguindo por cerca de um quilômetro, num das margens havia um penhasco íngreme, e a estrada se estreitava repentinamente.

Pouco antes desse local, estavam uns dez samurais para receber a comitiva.

- É o jovem senhor.

Kamio Masanosuke sussurrou a Kamo Jinzaemon, que foi ouvido por Miho, que estava ao lado do palanquim de Sen'hime.

Essa pessoa estava ajoelhada de costas para o sol poente.

Curvou-se levemente para os três palanquins, o de Sen'hime, o de Jôkôin e o de Achano *Tsubone* e falou com a voz límpida.

- Sou Honda Heihachirô Tadatoki, filho de Honda Tadamasa, e vim recebê-las. Estamos numa estrada da montanha e, além disso, está quase anoitecendo. Peço licença para saudá-las formalmente, depois que chegarmos ao castelo, por isso, por favor, passem direto por ora.

Sobre o quimono branco de mangas estreitas, o colete amarelo claro se destacava.

O ambiente estava calmo e tranquilo, não sendo possível imaginar nem em sonho que há algum tempo atrás havia ocorrido uma sangrenta luta.

Os palanquins de Sen'hime e de Jôkôin passaram, e quando foi a vez de Achano *Tsubone*, a porta do seu palanquim abriu-se devagar.

- Senhor Heihachirô, muito obrigada pelo trabalho. Abusarei da sua bondade e ficarei no palanquim mesmo.

Ouvindo isso, Heihachirô levantou o rosto.

Possuía traços muito bonitos, dignos de um jovem nobre, mas ao mesmo tempo era um guerreiro forte e admirável.

Conheço-o de algum lugar, pensou Miho. Com certeza o vi uma vez em algum lugar, pensou, passando na sua frente, Miho viu o brasão no colete de Heihachirô.

Era um brasão de malva-rosa.

Quando, há pouco mais de dois meses, Miho fora a Rokujô Kawara buscar a cabeça de Kunimatsumaru que fora executado e estava voltando, após escapar por pouco dos vigias do local da execução; jamais podia imaginar que aquela pessoa que lhe dirigira carinhosamente a palavra de cima do cavalo, seria o jovem senhor da família Honda, dono do Castelo de Kuwana

Mesmo sabendo que virar-se para olhá-lo seria falta de respeito, Miho sentiu seu corpo todo ficar quente.

Com o coração tomado por uma enorme vontade de virar-se para se certificar de que era ele mesmo, Miho manteve a cabeça baixa e seguiu o palanquim de Sen'hime.

Ouviram-se pequenos gritos entre as mulheres da comitiva.

Embora Heihachirô tivesse ordenado a Kamio Masanosuke que as prevenisse, em vários pontos do caminho havia vários corpos de samurais que deveriam ter sido recolhidos provisoriamente para não chamar a atenção.

No solo havia grande quantidade de sangue escorrendo, e de alguns lugares vinham gemidos de pessoas que ainda não tinham morrido.

Kamo Jinzaemon olhou para isso tudo, depois olhou para a topografia do local e ficou arrepiado.

Se, neste lugar estreito entre penhascos, tivessem sido atacados repentinamente, como poderiam proteger Sen'hime? Pela sua experiência em inúmeras batalhas, sabia perfeitamente a razão de os inimigos terem escolhido o local para a emboscada.

Kamio Masanosuke disse que eram salteadores, entretanto, vendo os mortos caídos ficava óbvio que não eram nada disso.

Tratava-se sem dúvida de um ataque dos remanescentes dos Toyotomi.

Como Honda Heihachirô soubera disso? Com pouco mais de dez pessoas enfrentara os inimigos em número muitas vezes maior e eliminara a maior parte deles.

Quão hábeis guerreiros o teriam acompanhado? Pensou.

Ao entrar na cidade-fortaleza de Kameyama, Kamo Jinzaemon estava encharcado de suor devido à forte tensão.

O Castelo de Kameyama é a residência do *daimio* Matsudaira Tadaaki, Governador de Shimousa⁵⁸, mas ele tinha ido à capital Edo.

Deixando aí as criadas que atrasavam a caminhada, as demais seguiram viagem apressadamente com os guerreiros mais destemidos que protegiam os palanquins de Sen'hime, Jôkôin e Achano *Tsubone*, entrando em Kuwana, de madrugada.

No Castelo de Kuwana, Yûhime, a esposa de Tadamasa, recebeu a comitiva.

Yûhime era neta de Tokugawa Ieyasu.

Sua mãe era Tokuhime, filha de Oda Nobunaga, e o pai era Nobuyasu, o primogênito de Tokugawa Ieyasu. O casal teve duas filhas e Yûhime era a segunda.

Nessa ocasião, aos olhos de Sen'hime, ela não parecia ter quarenta anos, tinha um rosto arredondado e elegante e lembrava ligeiramente Ieyasu e, por isso, sentiu simpatia e cordialidade.

Uma tinha quarenta anos, a outra, dezenove, e podiam até ser mãe e filha, entretanto ambas eram netas de Tokugawa Ieyasu.

- Isso é um tanto engraçado.

Quando abordaram o assunto da idade, Yûhime sorriu.

- A princesa Sen'hime é mais jovem que o meu filho Tadatoki.

- Agradeço pelo fato de o jovem senhor ter ido especialmente receber-nos até o meio do caminho.

Achano *Tsubone* agradeceu novamente:

- Não imaginei que aparecessem salteadores na montanha de Suzuka. Se o jovem senhor não os tivesse combatido, nem sei o que teria acontecido. Foi a melhor coisa para a princesa.

Yûhime parecia não saber do incidente da travessia de Suzuka. Apenas disse calmamente:

- Que bom que ele foi útil.

E continuou:

- Infelizmente Tadamasa foi à capital Edo, mas chegou uma ordem no sentido de levá-las com nosso navio na viagem de Kuwana para Miya. Se me permitem, gostaria de acompanhá-las até Miya.

⁵⁸ Shimousa – abrange partes das atuais províncias de Chiba, Ibaraki, Saitama e Tóquio.

Parecia sinceramente satisfeita com o encontro com Sen'hime.

Recebida essa hospitalidade calorosa de Yûhime, já era quase de manhã quando Sen'hime voltou ao aposento dos fundos que lhe foi oferecido como dormitório.

Ao longo da viagem, Matsuzakano Tsubone e Miho se revezariam para ficar de plantão, e nessa noite era a vez de Miho.

Mesmo no leito Sen'hime parecia não conseguir conciliar o sono.

Miho supunha que fosse porque a travessia de Suzuka a deixara cansada demais, ou porque estivesse com os nervos à flor da pele. Miho mesma estava bem desperta, sem o menor sono.

- Miho...

Sen'hime acabou por chamá-la.

- Sim, senhora...

Respondeu, mas Sen'hime permaneceu em silêncio.

- Quer que lhe traga chá medicinal?

Assim disse Miho. Ela estava com um pacote de remédio que o médico lhe entregara, dizendo para fazê-la tomar, quando Sen'hime se sentir cansada. Bastava dissolvê-lo na água quente para ser tomado imediatamente.

- Ele não apareceu.

Comentou abreviadamente Sen'hime.

- Quando ele veio nos receber no caminho da travessia da montanha, ele disse que iria nos cumprimentar formalmente quando entrássemos no castelo, não foi?

Ela está falando mesmo daquela pessoa, pensou Miho e sentiu, de repente, uma agitação no seu peito.

- Pode ser que ele tenha feito cerimônia, por termos chegado à noite.

- Miho, você viu aquele cavalheiro?

Diante da pergunta inesperada, Miho ficou perplexa.

- Não... quando passei em frente... só o vi por um instante...

- Como ele era?

- Bem...

- Pode falar, diga exatamente o que você achou.

Miho sentiu como se a visão lhe escurecesse.

- Alto, de aparência majestosa...

- E que mais?...

- Deu a impressão de ser, assim, gentil.

Como Sen'*hime* mantinha-se em silêncio, Miho ficou preocupada.

- A princesa viu o jovem senhor?

- O que eu ouvi foi somente sua voz. Mas a imagem que fiz dele, ouvindo-lhe a voz, e a descrição que você me fez agora coincidem exatamente.

Depois que as palavras de Sen'*hime* cessaram, Miho refletiu sobre elas várias vezes.

Talvez estivesse especulando demais, quando sentiu que havia um profundo interesse por Honda Heihachirô Tadatoki no tom de voz da princesa – refutou assim várias vezes seu pensamento.

Mesmo assim, Miho estava inquieta. Chegou a sentir medo ao pensar no que significaria aquele seu sentimento.

No dia seguinte, Miho estava de olhos vermelhos e não sabia o que fazer com a cabeça pesada, ao contrário de Sen'*hime*, que estava com expressão alegre e aparência de quem acordara bem disposta.

Miho ficou observando Sen'*hime* e teve a impressão de que ela tinha se maquiado com mais esmero do que o habitual.

Terminada a tardia refeição matinal, Jôkôin apareceu:

- Que bom que o tempo está bom. Dizem que o embarque será em breve; a princesa já está pronta?

Retirou-se, depois de ver a boa disposição da princesa.

Realmente, o tempo estava maravilhoso. A temperatura também estava ligeiramente elevada e não havia vento.

Miho notou que Sen'hime estava preocupada com o fato de o jovem Honda Heihachirô Tadatoki não ter vindo cumprimentá-la.

A causa dos ares de preocupação da princesa era devido à ausência de Heihachirô, que não aparecera, mesmo na hora da partida do castelo.

Do castelo, saíram para a ponte de atracação que conduzia ao mar.

O navio estava ancorado ali.

Era um navio enorme e esplêndido.

No centro, sobre o convés, havia uma parte coberta que lembrava um palacete.

Os marinheiros eram todos criados da família Honda, e quem comandava o navio eram samurais.

Uma grossa tábua havia sido colocada, ligando o pier ao navio.

Ali estava um jovem samurai à espera.

Ele disse alegremente para Yûhime, que vinha à frente:

- Minha mãe.

O rosto de Yûhime se desmanchou em sorriso.

- Princesa, Senhora Jokôin, Senhora Achano *Tsubone*, este é o meu filho Heihachirô. Hoje supervisionará o navio e as escoltará até Miya.

- Bem, vamos embarcar!

Bradou Heihachirô e, primeiramente, segurou a mãe pela mão e a fez passar para o navio.

- Senhor Heihachirô, por favor, ajude a princesa.

Quem lhe dirigiu a voz foi Achano *Tsubone*.

- Permita-me.

Estendeu o braço forte e bem bronzeado de sol.

Miho observava de trás Sen'hime que segurou firme essa mão, depois de hesitar por um momento.

A tábua que ligava a terra e o navio, por mais que fosse bem feita, era instável.

Sen'hime, aparentando muito medo, passou para o navio com a ajuda de Tadatoki e, em seguida, passaram Jôkôin e Achano *Tsubone*.

Aquele era o navio principal, em que somente os acompanhantes mais próximos de Sen'hime embarcaram. O restante foi dividido em dois outros navios.

- Como está o vento?

Miho estava ouvindo da entrada da parte coberta a voz de Tadatoki perguntando aos samurais no convés.

Sen'hime, Jôkôin e Achano *Tsubone* já tinham entrado na parte coberta junto com *Yûhime*.

- Se sairmos ao alto mar, provavelmente teremos vento a favor.

- Isso é bom!

Supervisionar um navio não é um trabalho fácil, pensava Miho, olhando o movimento.

Tadatoki não ficava nem um minuto parado. Corria pelo convés, passando em cada posto de trabalho e conversava com os encarregados de cada posto.

Já era perto de meio-dia.

Afinal, num grupo em que predominam mulheres tudo é demorado.

- Quando sairmos ao alto mar talvez haja um pouco de onda. Se pretendem almoçar, talvez seja melhor agora...

Assim sugeriu *Yûhime* pois, embora o navio ainda estivesse ancorado, Jôkôin começou a se queixar do enjoo.

O navio balançava devido às ondas, mesmo estando atracado, e isso parece ter causado mal-estar em Jôkôin.

Um médico foi chamado do castelo.

Por isso, a partida ficou ainda mais atrasada.

Yûhime sugeriu adiar o dia da partida, mas no castelo de Sunpu, Ieyasu estava contando os dias para receber Sen'hime.

Até mesmo Kamo Jinzaemon, que era o responsável pelo grupo, não poderia mudar o cronograma da viagem a menos que acontecesse algo extremamente sério.

- Não há problema. Se eu ficar de repouso...

Jôkôin disse com o rosto pálido.

Logo o navio levantou a âncora e soltou a amarra da popa. Os remadores remavam sem descansar, soltando brados vigorosos.

Por ser um navio grande, a velocidade não era tão grande.

As velas foram içadas.

Sen'hime saiu da parte coberta depois que o navio alcançou o alto mar.

Yûhime e Achano *Tsubone* estavam cuidando de Jôkôin.

Andar no convés era instável, mas, acostumando-se, não apresentava nenhum problema.

- Princesa.

Chamaram-na de trás.

- É perigoso.

Sen'hime não precisou olhar para trás, sabia de quem era a voz.

- Senhor Heihachirô?

Sen'hime parou e Heihachirô ficou ao seu lado, de pé, como se a protegesse.

- Para a princesa, a viagem de navio...

- É como se fosse primeira vez.

Quando, aos sete anos, fora para o Castelo de Osaka para se casar, descera o rio Yodo de barco, mas nem se comparava àquele navio que seguia pelo mar.

- Como se sente?

- É muito mais agradável ficar aqui fora do que na parte coberta.

De fato, o vento soprava em boas condições.

- Kuwana já está tão distante.

Sen'hime colocou a mão acima dos olhos, depois disse com expressão séria:

- Posso fazer-lhe uma pergunta?

Heihachirô assentiu com uma expressão séria.

- À vontade.

- Ontem à noite não notei a sua presença, por acaso se feriu na luta?

Seu olhar de preocupação varreu discretamente o corpo inteiro de Heihachirô.

Heihachirô sorriu.

- Entendi. A princesa estava preocupada porque eu não fui cumprimentá-la ontem à noite.

- O ferimento não seria algo sério, seria?

- Nem um arranhão sequer!

Se duvida, tiro a roupa para lhe mostrar, disse Heihachirô de forma franca, e Sen'hime ficou ruborizada.

- Não estou duvidando. Mas, se não estava ferido, qual foi a razão de não comparecer na noite passada?

- Tenho que dizer o motivo?

- Gostaria de ouvir.

- A princesa me põe em apuros!

De repente lançou o olhar em direção ao mar.

Ondas brancas começaram a surgir.

- Na noite de ontem, na floresta de Suzuka, eu abati os inimigos com espada.

Heihachirô começou a falar num tom natural.

- Como todos sabem, o samurai mata muitas pessoas durante o combate. Não foi diferente ontem.

Heihachirô disse que, no entanto, o que se sente depois de matar uma pessoa, não era nada agradável.

- Quando vou matar alguém, meu corpo exala ferocidade. E parece que isso não desaparece imediatamente, mesmo depois de vencer o adversário.

Enquanto olhava as ondas, Heihachirô disse à princesa que não queria lhe mostrar essa ferocidade.

- Fiquei receoso de que a ferocidade que estava no meu corpo despertasse uma lembrança amarga do passado e por esta razão abster-me de vê-la.

Sen'hime notou que Heihachirô se referia à queda do Castelo de Osaka.

De fato, não sabia quantos cadáveres vira naquela ocasião.

- Sinto muito por ter-lhe causado preocupação.

Tentando responder-lhe, Sen'hime fitou Heihachirô e se flagrou chorando.

Sem saber por que em um momento como aquele estava derramando lágrimas, Sen'hime ficou hesitante e envergonhada diante de Heihachirô.

- Princesa...

Quando, surpreso, Heihachirô a chamou, o navio balançou.

A agitação do navio parecia refletir o sentimento de Sen'hime.

Cambaleando, Sen'hime se agarrou a Heihachirô.

Os braços dele apoiaram Sen'hime firmemente e ele olhou para o rosto dela de modo meio cerimonioso.

Sen'hime pensou, cerrando os olhos, que era a primeira vez na vida que lhe acontecia isto.

A força e a segurança destes braços não eram encontradas em Hideyori.

Acima das cabeças deles, a vela recebia o vento e fazia um ruído alto, e o mastro rangeu ligeiramente.

Pouco a pouco, o entardecer alcançava o mar.

O NAVIO FANTASMA

1

À noite, o mar se acalmou.

Originalmente, a rota por Tôkaidô, de Kuwana para Miya, era feita pela travessia Shichiri, no entanto, a comitiva de Sen'hime seguiria a Baía de Ise em direção ao sul, contornaria a península de Chita, entraria na Baía de Mikawa e desembarcaria perto de Shirasuga.

Um dos motivos era para dar mais conforto às mulheres esgotadas fisicamente devido à travessia de Suzuka, pois por esta rota não seria preciso sair ao alto mar, sendo, por assim dizer, uma viagem tranquila que ligaria uma enseada a outra.

Os três navios da família Honda, incluindo a nave principal, abaixaram as velas, e os remadores empurravam os remos com brados vigorosos, mas por ser um navio esplendoroso que carregava um palacete de dois patamares, a velocidade era bem baixa.

A lua ainda não havia surgido e a bordo havia fachos acesos cuja fumaça branca fluía para a superfície do mar.

Sen'hime, Jôkôin e Achano *Tsubone*, recebiam a hospitalidade de Yûhime, esposa de Honda Tadamasa, e descansavam no interior da parte coberta.

De antemão, foram colocados os biombos e os cortinados, o chão foi forrado com várias camadas de tapetes, e o interior da parte coberta era tão espaçoso e confortável que não parecia estarem a bordo do navio.

Jôkôin, que sofreu de enjoo logo que embarcara, finalmente começou a cochilar, e Achano *Tsubone* e Yûhime, que estiveram cuidando dela também, talvez vencidas pelo cansaço, estavam com os olhos cerrados, apoiadas sobre o suporte de braço.

Somente Sen'hime contemplava o céu noturno da única claraboia que estava aberta.

Era uma noite escura. Nem havia estrelas.

Estava pensando em que parte do navio aquela pessoa estaria agora.

Aquela pessoa em questão era Honda Heihachirô Tadatoki.

Parecia um sonho que, antes do pôr do sol, ela tivesse tido um momento a sós com Heihachirô de forma inesperada, no convés.

Sen'hime não conseguia acreditar que tivesse trocado mesmo que poucas palavras com um homem praticamente desconhecido e tivesse tocado em seu corpo, ainda que fosse devido ao balanço do navio.

Até então, Sen'hime nem podia imaginar que chegasse a falar a sós com um homem ou aconchegar-se a ele. Mesmo quando ficava com seu marido Hideyori, sempre havia a presença de mais alguém, e mesmo nas poucas noites juntos, sempre havia sinal de presença de alguém de sentinela do outro lado da porta corrediça.

Sentir vergonha a ponto de não conseguir olhar para a pessoa, estando na frente dela, então, era uma coisa que nunca tinha acontecido na vida de Sen'hime.

Desde que retornara para o interior da parte coberta, escoltada por Heihachirô Tadatoki, Sen'hime não escutava nem respondia, mostrando-se aérea. Só pensava em Tadatoki.

Miho ficava olhando fixamente Sen'hime nesse estado, permanecendo na sala que ficava um nível abaixo. Desde que Sen'hime saíra sozinha para o convés, sem ninguém saber, e voltara acompanhada por Tadatoki, o coração de Miho estava agitado como mar bravio.

Só podia ter acontecido algo entre eles naquele curtíssimo espaço de tempo. Sen'hime e Miho, cada qual perdida em seus pensamentos, nem perceberam, mas naquele instante, estava acontecendo uma pequena agitação a bordo.

O primeiro a perceber foi o comandante Inokuna Senbê.

Do mar escuro vinham se aproximando barcos, barcos e mais barcos, sabe-se lá de onde.

Eram do tamanho de barcos pesqueiros. Em compensação, vinham em altíssima velocidade.

Todos estavam sem iluminação.

Se o vulto das pessoas que estavam nos barcos que vinham do outro lado pôde ser visto de forma vaga, foi porque Senbê ordenou ao subordinado que iluminasse com a tocha.

Os samurais da família Honda duvidaram do que seus próprios olhos estavam vendo, pois no barco que vinha à frente estava a bordo um guerreiro trajado com uma esplêndida armadura.

Além disso, esse guerreiro estava com uma máscara utilizada no teatro Nô. Era uma máscara denominada *koomote* que representava uma mulher jovem.

Em volta desse estranho guerreiro, havia samurais com as cabeças envoltas em capuz cinza, com os arcos retesados, mirando os remadores do grande navio.

- Apareceram, então, piratas...

Ouviu-se a voz de Tadatoki atrás de Senbê.

- Grupo de atiradores, grupo de arqueiros, vão para frente! Grupo de lanceiros, na defesa da câmara da princesa!

Ao movimento do bastão de comando de Tadatoki, formou-se uma respeitável fileira no convés.

Provavelmente tinham sido preparadas com antecedência, as luminárias foram acesas de uma vez e direcionados para o mar.

Voou uma flecha do pequeno barco.

Como respondendo, do navio grande foram disparadas as armas de fogo.

Tadatoki também estava de pé entre os samurais, atirando flechas.

Era um arco forte. Da proa do barco que se aproximava, os homens caíam, um após o outro, atingidos pela flecha.

- Jovem amo, tome cuidado!

Gritou Kamio Masanosuke, que estava no comando do bombordo. Antes que percebessem, vários guerreiros, com a espada desembainhada, haviam invadido o navio e atacavam o grupo de atiradores.

Tadatoki largou o arco e desembainhou a espada. Abateu com um único golpe um guerreiro que se aproximou por trás de Kamio e lançou-o para o mar.

- Vão para a parte coberta! Sen'hime está lá!

Impediu a passagem de quem assim gritara correndo. Senbê, com a lança, sua arma preferida, imediatamente abateu uns três.

Na frente de Tadatoki estava Miyamoto Mikinosuke.

Ele era filho adotivo de Miyamoto Musashi, e servia à família Honda. Assim como Tadatoki, era praticante de Niten Ichiryû, técnica de uso simultâneo de duas espadas.

- Deixe aqui por minha conta, o jovem amo deve ir para perto de onde estão as senhoras.

Tadatoki deu uma rápida olhada pelo navio.

A luta havia terminado em um instante.

Todos aqueles que vieram a bordo foram abatidos com a espada e lançados ao mar.

À frente dos lanceiros que cercava a parte coberta como se a protegessem, a artilharia atirava contra a superfície do mar.

- Começou a ventar, jovem senhor.

Ouviu-se a voz forte de Senbê.

- Vamos nos livrar deles.

- Muito bem! Icem as velas!

- Icem as velas!

As velas que estavam abaixadas até a metade do mastro subiram todas, soltando um som ruidoso.

Com o vento soprando as velas, o grande navio começou a deslizar no oceano rapidamente. Dessa forma, dificilmente o alcançariam com barcos pequenos.

A orientação de Tadatoki quando saíram de Kuwana era a de evitar ao máximo as batalhas desnecessárias.

- No mar, não se sabe quem irá nos atacar. Empenhem-se na defesa, não se delonguem na perseguição, nosso dever é levar a princesa em segurança.

Obedecendo à ordem de Tadatoki, os samurais da família Honda trabalharam com agilidade e não havia ninguém que desobedecesse às regras de batalha.

Quando Tadatoki apareceu na porta da parte coberta, Sen'hime se levantou de repente e se aproximou dele.

Não conseguia esboçar uma palavra, apenas olhava para o corpo todo de Tadatoki como se buscasse algo. Tadatoki deixou escapar um sorriso:

- Não se preocupe, foi apenas uma luta contra reles piratas, não me feri.

- Eram piratas?

Perguntou *Yûhime* dos fundos.

- Sim. Ouvi dizer que nesta área há muitos piratas à solta, querendo assaltar cargas de navios.

Tadatoki disse para não se preocuparem e fez uma mesura para as mulheres.

- Descansem tranquilas.

Quando Tadatoki voltou ao convés, a lua estava subindo.

No céu, as nuvens se moviam.

Queria mostrar a lua que surgia sobre o mar para *Sen'hime*. Ao voltar-se para a parte coberta, viu uma mulher de pé na entrada.

Percebeu que era a acompanhante chamada Miho e disse-lhe:

- Por favor, diga à princesa que a lua está subindo.

Miho hesitou por instantes, mas desapareceu em direção ao interior da parte coberta. No seu lugar, *Sen'hime* apareceu no convés.

- Que maravilhosa!

Tadatoki ficou satisfeito com a exclamação de alegria, como a de uma menina. Do palacete, as mulheres apareceram uma após outra.

Achano *Tsubone*, como se estivesse contemplando a lua, olhou para Tadatoki e depois para *Sen'hime*, ambos de pé a pouca distância.

- Mesmo a lua no quarto crescente, quando vista assim sobre o mar, é tão encantadora!

Sussurrou *Yûhime* para Jôkôin e Achano *Tsubone* disse com a voz ainda mais baixa:

- Olhando para os dois lá, não parece o homem celestial levando a jovem celestial para um passeio de barco de lua, cantado em versos antigos? Como combinam.

A contemplação da lua no convés foi breve. As senhoras entraram para a parte coberta e Tadatoki voltou para o convés da popa. O convés já tinha sido lavado com a água do mar, e a remoção dos cadáveres também já tinha terminado.

- Tivemos feridos entre os nossos?

Perguntou Tadatoki, ao que respondeu Kamio Masanosuke:

- Alguns marinheiros foram atingidos por flechas, mas nenhum deles com perigo de morte.

- Isso é bom!

Senbê comunicou:

- Os navios que vinham atrás nos alcançaram.

Eram os dois navios que transportavam as acompanhantes de Sen'hime.

- Aparentemente não sofreram ataque dos inimigos.

- Provavelmente foram mesmo os remanescentes dos Toyotomi.

Masanosuke franziu a testa.

Vieram atacar diretamente o navio principal. Entre os inimigos que subiram a bordo, havia alguém dando instruções claras para raptar Sen'hime.

- O que teria sido aquilo?

Miyamoto Mikinosuke também falou:

- O guerreiro que vestia uma imponente armadura e com máscara de uma jovem provavelmente era o comandante.

- Talvez um samurai ilustre da família Toyotomi.

Após ordenar aos samurais que retornassem aos respectivos postos, Tadatoki foi caminhando em direção à proa.

Como se nada tivesse acontecido, o navio navegava para o sul pela baía de Ise.

Ao amanhecer, deveria passar ao redor do cabo da península.

O vento varreu as nuvens e miríades de estrelas brilhavam no firmamento.

Ele se lembrou do olhar cheio de sentimento de Sen'hime que viera correndo, há pouco, em sua direção. Ela ainda guardava o ar de menina, pura e inocente.

Até então Tadatoki se dedicara ao treino da espada e nunca dirigira um olhar para as mulheres, mas de repente surgira Sen'*hime*, como um lindo passarinho, ao alcance de suas mãos. Tadatoki sentiu o desejo de tê-la para si.

A autoconfiança de que ele, sim, conseguiria proteger em seus braços aquela princesa que corria risco de vida, perseguida pelos remanescentes dos Toyotomi, deixou a mente de Tadatoki excitada.

Ele desejava ter Sen'*hime* em sua vida por todos os meios, mas ela era a primogênita do xogum Tokugawa e fora esposa oficial de Toyotomi Hideyori.

Recebendo de frente o vento do mar, Tadatoki permaneceu estático.

O momento de deixar o navio foi agitado, mas Sen'hime ficou bastante emocionada pelo fato de Tadatoki tê-la olhado com muita paixão, na hora da despedida.

Mas foi apenas isso.

Sem que tivessem trocado uma palavra, Sen'hime entrou no palanquim e a comitiva, apressada, seguiu em direção a Sunpu.

A partir daí, os súditos de Honda Masazumi, enviados especialmente por Ieyasu, passaram a fazer a guarda.

Hospedaram-se nos castelos de Kakegawa e Fujie e finalmente chegaram a Fuchû.

No Castelo de Sunpu, Ieyasu, em pessoa, aguardava para recebê-la, na portão principal:

- Parece que houve vários incidentes durante a viagem, não? No meio do caminho houve vários acontecimentos, não?

Vendo Sen'hime um tanto quanto triste, tentou confortá-la, mostrando-se preocupado.

Depois que Sen'hime se recolheu ao Palácio Interno, acompanhada pela Senhora Okatsu, uma jovem concubina de Ieyasu, este chamou Achano Tsubone:

- Disseram-me que os samurais da família Honda fizeram um bom trabalho, não?

Ele já tinha conhecimento tanto sobre o ataque em Suzuka quanto sobre o incidente no mar, antes da chegada da comitiva.

- Só posso dizer que foi magnífico. Não nega ser herdeiro do Senhor Honda Tadamasa. Mesmo sendo jovem, fiquei admirado com sua consideração.

Prevendo o aparecimento dos remanescentes dos Toyotomi para raptar Sen'hime, foi recebê-la em Suzuka, e o navio também estava totalmente preparado.

- Não foi só isso, mas em consideração ao sentimento da princesa, sustentou até o fim tratar-se de salteadores e piratas, não se referindo jamais aos Toyotomi. Provavelmente, a princesa acredita plenamente nisso.

Achano *Tsubone* disse que, se Sen'hime soubesse que os remanescentes dos Toyotomi foram raptá-la, ela, que já estava emocionalmente instável, ficaria com os nervos abalados.

- A Senhora Jôkôin também estava muito preocupada com isso, mas graças ao jovem herdeiro da família Honda...

- Ainda assim, achei que a princesa estava com a fisionomia muito triste.

Achano *Tsubone* sorriu discretamente.

- Talvez a princesa esteja apaixonada.

- O quê?

- O Senhor Honda Heihachirô é um belo moço, hábil no uso de duas espadas em estilo Niten Ichiryû, que não encontraria rival nem entre os nobres. Na ocasião do ataque de inimigos, ele próprio defendeu e protegeu a princesa com a espada. Nenhuma mulher deixaria de se impressionar com isso.

- Então a princesa se apaixonou.

Ieyasu murmurou e olhou para a escrivanhinha que estava próxima. Ali estavam preparados diversos presentes para Sen'hime.

- Então o esforço de Sakazaki, Governador de Dewa terá sido em vão, não?

- Preocupada com isso, enviei uma carta ao xogum de Edo...

- O xogum está achando que, para mudar o ânimo de Sen'hime, nada melhor que um novo casamento. A esposa do xogum também pensa a mesma coisa. Além disso, a proposta que Sakazaki trouxe parece ter agradado muito a ela.

- Quem é o pretendente?

- Segundo consta, é da família Reizei. Parece que é o Médio Conselheiro Kimihisa...

- E a idade...

- Passa dos trinta anos...

- Se até essa idade não tem esposa oficial...

- Deve ter concubina, mas dizem que não havia encontrado uma moça cuja família esteja à altura da dele.

Achano *Tsubone* balançou a cabeça lentamente.

- Provavelmente a princesa não aceitaria.
- Quantos anos tem o filho de Honda?
- Ouvi dizer que tem vinte anos.
- Não tem esposa?
- Parece que se dedicou até hoje somente ao treino de espada.
- Ah, sim?

Ieyasu sorriu, demonstrando satisfação.

- A esposa oficial de Tadamasa é minha neta. É uma família à altura para enviar Sen'hime, mas o que ele pensa da princesa?
- Com todo o respeito, pelo que observei de perto, o Senhor Heihachirô também...
- Se enamorou?
- A princesa é linda. Ainda mais se um passarinho ferido vier buscar abrigo no seu peito, qualquer pessoa sentiria carinho e compaixão.
- Parece que Achano *Tsubone* gostou muito de Heihachirô.
- Não, quem se sentiu atraída pelo Senhor Heihachirô é a princesa.
- Vou pensar no caso.

Nessa noite, o ambiente no Palácio Interno do Castelo de Sunpu estava animado.

Ieyasu dirigia palavras a Sen'hime sempre que tinha oportunidade, e ela também estava à vontade. E, de vez em quando, Achano *Tsubone* falava como quem não quer nada, sobre Yûhime e Tadatoki que foram embora de Shirasuga, e toda vez Sen'hime ficava com o rosto corado, o que era atentamente observado por Ieyasu.

A comitiva de Sen'hime ficou em Sunpu por dois dias e depois seguiu para Edo.

- Seu avô está sempre pensando na princesa. O que não lhe agrada, eu não permitirei que façam, não importa de quem seja a ordem. Jamais se preocupe. Tendo uma oportunidade, irei a Edo. Se tiver algum problema, escreva-me.

Ouvindo as palavras de Ieyasu, que a acompanhou até o portão principal, Sen'hime acenou com a cabeça muitas vezes e despediu-se já com muita saudade.

De Sunpu a Edo, costuma-se ir pela costa.

Toda vez que via o mar, Sen'hime pensava em Honda Tadatoki.

Sentia-se às vezes envergonhada por esse sentimento.

Fazia apenas três meses que o marido Hideyori havia falecido. Ela se repreendia por tamanha volubilidade para uma mulher casada, mas ainda assim o que lhe vinha à mente era a fisionomia e a voz firme de Tadatoki.

Quando a brisa do mar passava soprando a comitiva, Sen'hime sentia saudades do momento em que ficara ao lado de Tadatoki em meio à brisa e, se contemplava a lua na hospedaria, lembrava-se com grande carinho de Tadatoki, que a convidara para mostrar a lua.

Sen'hime teve que reconhecer que se tornara prisioneira do amor.

E quando já se aproximava a lua cheia, a comitiva de Sen'hime chegou ao Castelo de Chiyoda, em Edo, sem nenhum incidente pelo caminho.

Tokugawa Ieyasu chegara a Edo no primeiro dia do oitavo mês, no ano 18 da Era Tenshō⁵⁹.

Aquele ano, primeiro ano da Era Genna⁶⁰, era o vigésimo quinto ano desde a sua chegada.

O Castelo de Edo, que Sen'hime via pela primeira vez, tinha muro alto de pedra e parede toda branca, sendo uma bela e imponente sede da família Tokugawa.

Depois de refeita da viagem no Palácio Interno e de ter feito os cumprimentos ao pai Hidetada e à mãe Oeyo, Sen'hime sentiu antes de tudo um vazio.

Tanto o pai como a mãe a confortaram a seu modo, mas era totalmente diferente da recepção recebida de Ieyasu no Castelo de Sunpu.

Os pais a receberam gentilmente, porém um pouco distantes.

Sen'hime sentiu na pele o desconforto que uma pessoa que deixa a casa, após casar-se, sente, ao retornar para a casa dos pais.

Foi-lhe reforçada a percepção de que ela era um fardo para a família Tokugawa.

A proposta de casamento intermediada pelo Governador de Dewa não foi transmitida a Sen'hime, nem no momento do cumprimento inicial, nem posteriormente, como se não existisse.

⁵⁹ Corresponde ao ano de 1590.

⁶⁰ Corresponde a 1615.

Sen'hime estava ansiosa, pois não lhe diziam nada.

A única pessoa com quem contava era Achano *Tsubone*. Por ser ela madrastra do xogum Hidetada, provavelmente ele também não ignoraria a opinião dela, mas mesmo assim sentia-se extremamente insegura.

E se os arranjos do casamento estivessem avançando sem seu conhecimento, o que aconteceria? Sen'hime refletiu e tomou uma decisão.

Caso isso acontecesse, bastaria se matar, pensou.

De qualquer maneira, era para ter morrido na queda do Castelo de Osaka. Não tinha medo de morrer.

Sen'hime sentiu pena de si mesma, ao descobrir que seu real desejo era a de se manter pura para Tadatoki, ao achar que seria melhor morrer do que ser obrigada a se casar com um desconhecido.

Sentia piedade de si mesma, pois estava disposta a morrer por alguém que não era nem seu marido, nem alguém a quem tivesse se entregado.

À medida que o outono chegava ao fim, começaram a chegar vários comentários aos ouvidos de Sen'hime.

O mais importante deles era o boato sobre o herdeiro do xogum.

O segundo xogum Hidetada e sua esposa oficial Senhora Oeyo tiveram quatro filhas e três filhos, sendo Sen'hime a mais velha.

Nagamaru, o primogênito, nasceu no dia 3 do décimo segundo mês do ano 6 da Era Keichô⁶¹, no Castelo de Edo, mas no nono mês do ano seguinte faleceu; sendo, portanto, o herdeiro de fato o segundo filho, Takechiyo. Abaixo dele havia Kunichiyo, dois anos mais novo.

Takechiyo nasceu no ano 9 de Keichô⁶² e Kunichiyo, no ano 11⁶³, portanto, Sen'hime não conhecia esses dois irmãos.

Sen'hime se casou e se tornou membro da família Toyotomi, no ano 8 de Keichô⁶⁴ e Takechiyo nasceu no ano seguinte.

⁶¹ Corresponde a 1601.

⁶² Corresponde a 1604.

⁶³ Corresponde a 1606.

⁶⁴ Corresponde a 1603.

Portanto, não sabia nada sobre os dois irmãos, no entanto voltando a Edo, notou que o irmão mais novo Kunichiyo recebia muito mais afeição dos pais do que Takechiyo.

A propósito, quando ela chegou a Edo e foi cumprimentar a mãe, Senhora Oeyo, Kunichiyo estava, por acaso, no Palácio Interno e encontrou-se com ela.

O menino parecia maduro para os seus dez anos, tinha uma tez saudável e parecia ser um menino alegre.

Era parecido com a mãe, tinha os traços definidos e era gracioso.

- Comparado com o Senhor Kunichiyo, que é saudável e inteligente, o Senhor Takechiyo tem saúde frágil e, por esse motivo, não teve muito progresso nem nos estudos nem nas artes marciais, e os preceptores estavam muito preocupados, segundo contam.

Informou-lhe Matsuzakano *Tsubone*, que vindo a Edo, logo se acostumou à vida no Palácio Interno.

- Dizem que a ama de leite chamada Senhora Ofuku se dedica muito a ele, mas sendo frágil de nascença, talvez a responsabilidade de herdeiro da família Tokugawa lhe pese, e provavelmente o Senhor Kunichiyo se tornará herdeiro. Assim comentam todas as pessoas do Palácio Interno.

As pessoas próximas a Hidetada parecem pensar que a pessoa que assumirá a função de xogum não poderá ser propensa à doença, por comprometer o futuro do xogunato.

Naquele momento, Sen'*hime* pensou no quanto Takechiyo sofreria pelo fato de ser substituído pelo irmão por motivo de doença, quando era herdeiro nato pela ordem de nascimento.

Logo depois, Ofuku, a ama de leite de Takechiyo, acompanhada de Achano *Tsubone*, veio visitar Sen'*hime* que sem ter o que fazer, estava contemplando o jardim do fim de outono.

- Esta é a Senhora Ofuku.

Achano *Tsubone* apresentou uma mulher com pouco mais de trinta anos, com uma feição de alguém com gênio forte, mas que mostrou ter simpatia por Sen'*hime*.

- Esta é uma ordem do ex-xogum de Sunpu. Ele disse para a princesa Sen'hime ir para o templo Mantokuji, no distrito de Nitta, província de Jôshû⁶⁵, ficar em retiro para cortar relações com a família Toyotomi.

O templo era o Mantokuji, de monjas, situado na aldeia de Tokugawa, distrito de Nitta, em Jôshû.

No ano 19 da Era Tenshō⁶⁶, por ocasião de uma viagem pela região leste, Ieyasu convidou Shôda Hayato, que estava no comando da aldeia de Tokugawa com 450 *koku*, no feudo de Kawagoe, em Bushû⁶⁷, e garantiu-lhe a posse desse território, entregando-lhe o controle. Isso porque a família Tokugawa descendia da linhagem dos Nitta Genji.

Ou seja, Tokugawa Shirô Yoshisue, filho de Nitta Yoshishige, seria o antepassado da família Tokugawa, que desde então até Chikauji, da oitava geração, residia na aldeia de Tokugawa, mas, pressionada pela família Ashikaga, que tinha base na propriedade dos Ashikaga, na província de Yashû⁶⁸, teve que deixar as terras sob os cuidados da família Shôda, da mesma linhagem. Após vagar por várias regiões, na geração de Yasutoki, filho de Chikauji, fixou residência em Mikawa⁶⁹, adotando o sobrenome de Matsudaira, e expandiu seu poderio gradualmente.

Ieyasu é a sétima geração a partir de Yasutoki; essa seria a origem da família Tokugawa.

Por isso, Ieyasu garantiu o domínio de Shôda Hayato, dando-lhe o poder de governá-lo, e dos 450 *koku* destinou 100 *koku* para o templo Mantokuji, que tinha relação com a família Tokugawa.

O nome oficial do templo Mantokuji do monte Tokugawa é “Jishû Ipponji Amadera Gosho Mantokuji⁷⁰”. Ipponji significa que se trata de um templo independente, sem templo matriz nem templo filial, e o Governo Feudal o chamava de “Amadera Gosho”, palácio de monjas.

⁶⁵ Jôshû ou Kôzuke – atual província de Gunma.

⁶⁶ Corresponde ao ano de 1591.

⁶⁷ Bushû ou Musashi – atual província de Saitama.

⁶⁸ Yashû – atual província de Tochigi.

⁶⁹ Mikawa – atual província de Aichi.

⁷⁰ Jishû Ipponji Amadera Gosho Mantokuji – possui o sentido de “Templo Mantokuji, templo independente de monjas da seita Jishû”.

Se a mulher praticasse ascetismo durante três anos nesse templo, concretizava-se o fim da união – esse era o único meio disponível numa sociedade em que a mulher não podia pedir a separação.

No caso de Sen'hime, ela saía do castelo na condição de mensageira, na ocasião da queda do Castelo de Osaka, e mantinha-se casada com Hideyori.

Isso não era conveniente para Sen'hime, caso ela viesse a se casar novamente com outro homem.

Achano *Tsubone* explicou-lhe que fora por essa razão que Ieyasu determinara a ida ao Templo Mantokuji:

- Pensando no futuro da princesa, o Senhor ex-xogum deseja cortar de uma vez por todas seu vínculo com a família Toyotomi.

Por trás dessa decisão de Ieyasu, estavam os boatos sobre o plano dos remanescentes dos Toyotomi de raptar Sen'hime e sobre Hideyori ter sobrevivido, porém Achano *Tsubone* não tocou nesses assuntos.

Com relação aos procedimentos para a ida ao templo Mantokuji, quando Ofuku, a ama de leite de Takechiyo, começou a servir a família Tokugawa, ela havia ido, eventualmente, àquele templo, por orientação de Honda Masazumi, para cortar relações com o pai, por ser ele vassalo importante de Akechi Mitsuhide, o que poderia lhe trazer entraves; por isso, também daquela vez, Honda Masazumi recebera ordens de Ieyasu e fizera com que Ofuku providenciasse a ida de Sen'hime.

- Como fica num lugar ermo, não é um lugar apropriado para a permanência da princesa durante três anos. Por isso, a princesa fará uma visita ao templo somente na hora da formalização da entrada no templo, e, depois disso, alguém a substituirá para praticar o ascetismo. Consta ainda que o Senhor Honda, Vice-Governador de Kôzuke, está pedindo para o templo alterar o regulamento para que esse período também seja abreviado.

Ofuku explicou a situação com tom de voz clara e calma e tirou a inquietação de Sen'hime:

- Tudo é para tranquilizar o ex-xogum, por favor, deixe por minha conta.

Informada de que era tudo em virtude da vontade de Ieyasu, que queria que ela, conhecida como a Senhora de Osaka, voltasse a ser a Princesa do Leste, ela concordou.

- Se meu avô se sente melhor assim...

Não que tivesse perdido o sentimento pela família Toyotomi, mas estava começando a sentir que não adiantava ficar se apegando àquilo para sempre.

A própria Sen'hime tinha percebido que isso estava acontecendo porque ela se apaixonara por Honda Tadatoki. Era por esse motivo que se sentia culpada.

- Deixarei por conta de vocês. Façam como acharem melhor...

Depois que Achano *Tsubone* e Ofuku foram embora satisfeitas, Sen'hime prestou atenção no som da flauta que Miho estava tocando.

Era a primeira vez que ela tocava flauta desde que chegara àquele castelo.

Sen'hime estava ciente de que Miho estava zangada com ela.

Ela era a filha única de Hayami, Governador de Kai.

O seu sentimento com relação ao Castelo de Osaka, que fora destruído, devia ser diferente do que Sen'hime tinha.

O fato de Sen'hime ir ao templo Mantokuji desligar-se de Hideyori e livrar-se do grilhão do título de Senhora de Osaka não parecia outra coisa senão traição para Miho. Talvez por essa razão o som da flauta ressoava pelo Palácio Interno como se fosse um choro sufocado.

Novembro, outono.

Sen'hime peregrinou ao templo Mantokuji e depois Gyôbukyôno *Tsubone* entrou para substituí-la.

Nesse ensejo, Jôkôin mudou de nome para Shunchôni e tomou posse como monja responsável do templo Mantokuji. Isso foi para elevar o prestígio do templo Mantokuji, e um pretexto para receber muitos donativos da família Tokugawa, e a permanência de Jôkôin no templo Mantokuji não seria longa.

Sen'hime visitou Takechiyo, depois de concretizado seu desligamento da família Toyotomi, graças ao templo Mantokuji.

Sen'hime ouvira de Ofuku que a gripe de Takechiyo tinha se complicado e foi à fortaleza central onde Takechiyo residia, levando consigo uma dama de companhia, a quem fez carregar tangerinas enviadas por acaso pela família Honda de Kuwana, para levar de presente.

- O jovem senhor ficará contente, felizmente a febre abaixou e o estado de saúde está melhor...

Ofuku a conduziu com entusiasmo ao aposento de Takechiyo, que era menor e mais escuro do que pensava.

O mobiliário era simples, e o ambiente parecia frio.

Takechiyo estava olhando para Sen'hime com os olhos úmidos e expressão distraída.

- Sua irmã veio visitá-lo.

Disse Ofuku, mas ele só continuava a olhar para Sen'hime.

- Você é herdeiro da família Tokugawa, tem que se cuidar e não deve ser derrotado pela doença. Tenha muito ânimo e torne-se um adulto digno de ser um jovem senhor dos Tokugawa.

Sen'hime disse essas palavras com toda a sinceridade, descascou a tangerina e a levou à boca de Takechiyo.

Os lábios secos por causa da febre entreabriram-se ligeiramente e ele comeu a tangerina da mão de Sen'hime.

Nesse dia, voltou logo ao Palácio Interno, mas depois de um intervalo de dois dias, Ofuku veio agradecer-lhe. Disse que Takechiyo saíra do leito:

- Ele me disse, várias vezes, que a princesa lhe dissera para se tornar um jovem senhor digno da família Tokugawa, mostrando-se muitíssimo feliz.

Disse ainda que, assim que deixou o leito, chamou o Governador de Tajima, Yagyû Munenori, e começou o treino de espada.

- Não pode fazer isso e se tiver uma recaída...

Sen'hime ficou preocupada, mas contaram que, desde então, Takechiyo não tinha febre e estava bem.

Cerca de dez dias depois, quando Sen'hime voltou da Sala do Altar Budista, Miho a esperava com um ramo de camélia japonesa colocada sobre a escrivaninha.

- Há pouco o Senhor Takechiyo o trouxe pessoalmente, eu lhe disse que a princesa voltaria logo, mas ele ficou acanhado e foi embora rapidamente.

Assim, disse Miho, achando graça, o que não lhe era comum.

O ramo da camélia tinha três flores abertas. Havia também muitos botões.

Sen'hime mandou trazer um vaso e ela mesma colocou o ramo nele.

Era um belo ramo.

Ao pensar que o seu irmãozinho, com doze anos de idade apenas, foi alguém procurar uma flor para ela, Sen'hime ficou emocionada.

A partir desse acontecimento, Sen'hime visitava Takechiyo na fortaleza central, de vez em quando, levando um presente e assistia ao seu treino de artes marciais ou lhe pedia que dançasse.

Takechiyo gostava de teatro Nô, acreditava na sua própria habilidade em danças e cantos, e o fato de Sen'hime assistir as performances parecia se tornar especialmente encorajador para ele.

- Que tipo de música será que a minha irmã prefere? - pedia conselho a Ofuku.

- Graças à princesa, o jovem senhor se tornou extremamente alegre.

Ofuku confessou que, por um tempo, ele ficara muito triste por achar que não era amado pelos pais e disse a ela que não valia a pena estar vivo. Ela havia chorado a noite inteira de tanta pena, por isso agradeceu sinceramente a Sen'hime, felicíssima:

- Fico muito receosa em falar tal coisa, mas às vezes penso que nem sempre é preciso o jovem senhor assumir o posto de terceiro xogum, prefiro que ele tenha saúde e viva feliz. Entretanto, isso é pensamento leviano feminino e as pessoas próximas dele, os preceptores, acham que o Senhor Kunichiyo ser o próximo xogum, passando por cima do Senhor Takechiyo é muito alarmante.

De fato, o mundo dos homens sempre deve ser assim, pensou Sen'hime. Os homens pensam que existe uma diferença tão grande entre ser xogum e não ser, quanto a que existe entre o céu e a terra. Além disso, alguns dos samurais, que servem à família há muitas gerações, apostam o seu futuro em Takechiyo. O mesmo acontecia com Kunichiyo.

Dependendo de qual dos dois, Takechiyo ou Kunichiyo, se tornar o próximo xogum, essas pessoas perderão a posição ou alcançarão o sucesso, e esse resultado influenciará os seus descendentes ou mesmo os mais humildes vassalos.

Como Ofuku dizia, isso não era mais problema de Takechiyo apenas, era uma questão séria que envolvia todas as pessoas que apoiavam Takechiyo e, não importava o que sua ama de leite pensasse, ela nada poderia fazer com relação a isso.

- Para o Senhor Takechiyo, a princesa é a única pessoa em quem ele pode confiar e está tentando de todas as maneiras confortar a irmã que viveu um infortúnio. Por favor, leve em consideração esse seu sentimento.

Ofuku mostrava assim que contava muito com Sen'hime.

Ao escrever a carta de saudações ao avô, Sen'hime mencionou a situação de Takechiyo tal como ela viu.

No final daquele mês, Ieyasu subitamente partiu de Sunpu e veio a Edo.

Durante a curta estadia, Ieyasu visitou o aposento de Sen'hime por duas vezes.

A primeira era para saber sobre a vida no Castelo de Edo, se não estava insatisfeita, se não lhe faltava nada e disse a Matsuzakano Tsubone e até a Miho, que se houvesse algum problema, era para recorrer a ele.

Na segunda vez, dia anterior ao retorno a Sunpu, convidou Takechiyo ao aposento de Sen'hime, e os três fizeram a refeição juntos.

Perguntou a Takechiyo também sobre artes marciais e os estudos e falou até de teatro. Não, mas a certa altura perguntou a Sen'hime, como se tivesse se lembrado repentinamente:

- Conhece Yûhime, não?

- Sim, conheci-a a bordo do navio que partiu de Kuwana. Ela se deu ao trabalho de me acompanhar...

- Outro dia, ela foi a Sunpu acompanhado de Heihachirô Tadatoki.

Sen'hime ficou perplexa ao ouvir, inesperadamente, um nome inesperado. Mas as palavras de Ieyasu foram ainda mais diretas.

- Yûhime é filha de Nobuyasu, meu filho que tive com Tsukiyama Gozen.

A esposa de Nobuyasu era Tokuhime, filha de Oda Nobunaga.

No ano 7 da Era Tenshō⁷¹, Oda Nobunaga ordenou que Ieyasu mandasse Nobuyasu, seu filho, cometer haraquiri, alegando que Nobuyasu estaria conspirando com a família Takeda de Kôshu⁷² e que ele estaria planejando insurgir contra os Oda e os Tokugawa.

Na ocasião, Ieyasu sabia da inocência de Nobuyasu, mas não podia contrariar Nobunaga.

Na época, a família Tokugawa não tinha poder e lutar contra a família Oda significaria a extinção.

- Extinguir a família que perdura há gerações por causa de afeição ao meu filho, seria priorizar o filho em detrimento dos antepassados.

Assim, com profundo pesar ordenou que Nobuyasu praticasse haraquiri. Ele tinha vinte e um anos.

Yûhime, esposa de Honda Tadamasa, era filha de Nobuyasu e Tokuhime.

- O que aconteceu com Nobuyasu é a lembrança mais dolorosa e difícil de esquecer da minha vida. Por isso, tinha pena de Yûhime também.

Mas felizmente ela se casou com Honda Tadamasa e leva uma vida feliz.

- Essa mesma Yûhime veio pedir a mão da princesa, como esposa oficial de Tadatoki.

Takechiyo deixou cair os *hashi*. Pegou-os apressadamente, mas olhava para Sen'hime com expressão de preocupação.

Sen'hime abaixou a cabeça e não respondeu. Parecia não saber o que dizer.

- Conheci Heihachirô. É um jovem muito bom, ele será capaz de fazer a princesa feliz.

- Não precisa responder agora - disse Ieyasu.

- Quando chegar o Ano Novo, virei para ouvir o que a princesa pensa. Depois falarei com o xogum também.

Depois de passar alguns momentos agradáveis, Ieyasu foi embora para a fortaleza central junto com Takechiyo.

A notícia que Ieyasu trouxe deveria ter deixado Sen'hime feliz.

⁷¹ Corresponde ao ano de 1579. A Era Tenshō vai de 1573 a 1592.

⁷² O mesmo que Kai, atual província de Yamanashi.

Mesmo depois de ter se despedido em Shirasuga, o sentimento por aquela pessoa ainda se mantinha vivo.

Mas desde que passara a viver no Castelo de Edo, Sen'hime começara a desistir pouco a pouco dos seus sentimentos.

Ao pensar em sua posição de filha da família Tokugawa, era quase impossível conseguir se casar com quem desejasse, por sua própria vontade.

Quem decidia com quem uma mulher deveria se casar era o pai, e essa decisão é formada pela conjunção de diversos interesses.

Além do mais, Sen'hime era, como dizem, uma mulher que perdera o marido e voltara para casa dos pais.

Não acreditava que lhe fosse permitido casar-se com outro homem, contra a vontade do pai.

Ela havia decidido intimamente que, então, seria monja.

Poderia ser no templo Mantokuji, onde sua tia Jôkôin era monja responsável, ou no templo Tôkeiji, em Kamakura, para onde a princesa Kôhime, a filha do falecido Hideyori, em breve iria.

Ela sabia que tornar-se religiosa era a única forma de resistência que lhe restava.

Quando ela estava com esse estado de espírito, o avô veio com o assunto do casamento com Honda Tadatoki, e Sen'hime ficou subitamente perturbada.

Talvez o seu desejo, que parecia um sonho, pudesse ser realizado.

Ao pensar que Yûhime, a mãe de Tadatoki, fora especialmente a Sunpu para fazer apelo a Ieyasu, e de que Tadatoki também estava junto, significando que Tadatoki também a queria, Sen'hime ficou feliz a ponto de quase chorar.

Sen'hime ficou embevecida com a esperança de amar e ser amada e de se tornarem esposa e marido.

Por essa razão, sem querer esqueceu-se de visitar Takechiyo como antes fazia.

Por outro lado, Matsuzakano Tsubone ouviu das damas de companhia mais antigas do Palácio Interno que a Senhora Oeyo, a esposa oficial do xogum, continuava a desejar mesmo o casamento de Sen'hime com o filho da família Reizei.

- Escreva uma carta ao ex-xogum de Sunpu. Se a princesa deseja o matrimônio com o Senhor Heihachirô, seria melhor pedir para levar adiante essa proposta o quanto antes...

Por conhecer os sentimentos de Sen'hime, Matsuzakano *Tsubone* insistiu muitas vezes, mas Sen'hime achava que seria falta de decência fazer isso e não tinha coragem de escrever uma carta desse tipo.

No período do final de ano para o Ano Novo, Sen'hime passou os dias inquieta.

Achano *Tsubone* veio a Edo, no dia 15 do Ano Novo.

- Acabei de ter audiência com o Senhor xogum e entreguei-lhe a carta do ex-xogum.

Disse Achano *Tsubone* com naturalidade e sorriu para Sen'hime.

- O ex-xogum, talvez por causa da sua idade, anda impaciente em tudo....

Sen'hime ficou ruborizada quando Achano *Tsubone* lhe disse que provavelmente fora aceita a proposta de casamento com o filho da família Honda.

- Não desgosta dele, não é? Do Senhor Heihachiro...

Achano *Tsubone* continuou a falar para Sen'hime, que estava de cabeça baixa.

- Segundo a Senhora Yûhime, desde que conheceu a princesa, seu filho anda muito distante, pensando em algo... Disse que ele fica olhando para o mar. Embarca sozinho no navio em que a princesa esteve e fica horas olhando para o céu. As pessoas da casa estão preocupadas com Heihachirô, comentando que ele estaria perdido de amor.

Achano *Tsubone* disse, achando graça, que por ser um homem que até então só se dedicara às artes marciais e nunca tinha se interessado por uma mulher, ele ficara cego de amor.

- O ex- xogum também disse várias vezes que naquele homem ele confiaria.

- Mas eu fui esposa de Toyotomi Hideyori - disse Sen'hime, finalmente.

- Não faz ainda nem um ano, desde a queda do Castelo de Osaka...

- Por favor, deixe de se preocupar com isso. Para que se desligou deles no templo Mantokuji? O ex-xogum costuma dizer que não poderá nem mesmo morrer tranquilo, enquanto não ver a princesa feliz. Ultimamente, ele não tem tanta energia nem força física. Por favor, tranquilize o ex-xogum...

Disse tanto que finalmente Sen'hime assentiu:

- Estou feliz. Se o meu desejo for realizado... pois eu pensava ser apenas um sonho...

Miho teve a impressão de que essa resposta sussurrada da Sen'hime havia fincado em seu ouvido.

Na mente de Miho alternava-se o pensamento de que acabaria acontecendo o que temia, e o pensamento de que não havia garantias da realização do desejo de Sen'hime.

- Oh! Que ótimo!

Achano *Tsubone* comemorou exageradamente e disse:

- Nesse caso, voltarei imediatamente a Sunpu e darei a notícia ao ex-xogum.

Miho olhava com ódio Achano *Tsubone* se levantar com entusiasmo.

Que mulher forte, ela pensou.

Já passava dos sessenta anos, mas os cabelos ainda eram pretos, e dizem que ela fazia a viagem de ida e volta de Sunpu a Edo e até para Quioto, sem nenhum problema.

Miho não trocou palavras com Sen'hime até o fim daquele dia.

No dia seguinte, Ofuku veio visitar Sen'hime depois de certa ausência.

- Tenho uma boa notícia!

Naquela manhã, o xogum Hidetada havia anunciado aos *daimio* que compareceram à Sala *Shiroshoin*⁷³ que Takechiyo seria o herdeiro oficialmente.

- Nós não sabíamos, mas no outono passado, quando o ex-xogum veio a Edo, foi decidido sobre isso entre ele e o xogum Hidetada. Agora finalmente chegará a verdadeira primavera para o Senhor Takechiyo.

Ofuku enxugou as lágrimas, dizendo que tudo fora graças a Sen'hime.

- Não foi meu mérito, é a consideração do ex-xogum e o destino de Takechiyo. Felicito-o de coração.

De qualquer forma, pensou em cumprimentar Takechiyo e Sen'hime foi para o jardim da fortaleza central conduzida por Ofuku.

Em um canto do interior do castelo, chamado de Fukiage, Takechiyo estava de pé, sozinho, distante dos acompanhantes.

⁷³ Situada no Castelo de Edo, era voltada para eventos públicos. Em tradução literal, sala branca para a escrita.

Sen'hime se aproximou e se dirigiu a ele:

- Vim parabenizá-lo.

Takechiyo baixou a cabeça.

- Eu tenho capacidade para ser xogum?

A insegurança do menino transparecia na sua voz.

- Será que conseguirei prosseguir a contento a linhagem dos Tokugawa, que o ex-xogum construiu?

- E não foi justamente por ter essa capacidade que o ex-xogum indicou Takechiyo? O coração do ex-xogum está sempre com você. Você tem também bons súditos. O resto é só aprimorar-se a cada dia.

- Mana...

Takechiyo apontou para uma direção.

- Daquele lado fica Yotsuya. Honda Masazumi me ensinou que quando o ex-xogum chegou pela primeira vez neste castelo, havia apenas quatro casas, Casa da Ameixa, Casa da Madeira, Casa do Chá e Casa dos Tecidos, donde era chamado de Yotsuyahara⁷⁴. Agora veem-se casas por todos os lados.

Sen'hime também assentiu levada pela voz jovial:

- Tem toda razão. Não apenas as pessoas de Edo, mas também o povo de todo o Japão, em breve irá trabalhar sob o seu comando. Você precisa ser confiante para quando esse dia chegar.

- Mana, você...

Subitamente, o tom de voz de Takechiyo mudou.

- Vai se casar e tornar-se membro da família Honda, não é?

Sen'hime pensou que ele ia felicitá-la, mas de repente dos olhos de Takechiyo começaram a transbordar lágrimas.

- Eu quero que a mana fique sempre perto de mim. Se eu fosse um pouco mais velho, não entregaria a minha irmã a Tadatoki.

⁷⁴ Literalmente “campo de quatro casas”.

Isso era uma confissão de amor para a irmã.

Se não fosse sua irmã, Takechiyo gostaria de amá-la como mulher, mas Sen'hime entendeu isso como se o irmão estivesse apenas sentindo-se solitário.

- Esteja onde eu estiver, nunca me esquecerei de você, seja forte.

Takechiyo segurou a mão da irmã. Pressionando as mãos macias e brancas de Sen'hime em seu rosto, chorou copiosamente.

O jardim de Fukiage do Castelo de Edo, estava deserto, à tarde, e não havia qualquer ruído.

A PRINCESA DE HARIMA

1

No dia 13 do sétimo mês do ano 20 da Era Keichô⁷⁵, houve mudança do nome da Era para Genna⁷⁶ e a partir dessa época passou a ser permitida a contratação de samurais desempregados dos antigos aliados de Osaka pelos *daimio*.

O motivo da decretação desta medida no quinto mês, segundo mês após a queda do Castelo de Osaka, foi atribuído ao fato de que boa parte do trabalho de perseguição aos sobreviventes dos partidários de Toyotomi estava terminada e os sobreviventes mais importantes já haviam sido aniquilados, mas na verdade seria para evitar que formassem grupos e se escondessem para se preparar para o dia de recompor o exército, acreditando que Toyotomi Hideyori ainda estaria vivo em algum lugar.

De fato, o rumor sobre o fato de Toyotomi Hideyori ter sobrevivido estava sendo comentado fortemente, especialmente na região oeste. Por mais que Tokugawa Ieyasu doasse os sinos para os templos e santuários de todas as regiões, rezasse pela paz e pelos espíritos dos mortos na Batalha de Osaka, em Quioto e Osaka dizia-se:

- A Senhora Yodo, não digo, mas o Senhor Hideyori está bem. O velho ladino, brevemente será morto por alguém.

Ou ainda:

- Dizem que o castigo do falecido Toyotomi Hideyoshi descera sobre a família Tokugawa, e estão acontecendo coisas estranhas. Como prova disso, em Edo, onde mora o xogum Tokugawa, houve um grande terremoto e as casas desabaram, matando muitas pessoas. A vida de Ieyasu também não durará por muito tempo.

Tais rumores continuaram desde o verão até o outono e, mesmo entrando no ano 2 da Era Genna, não perdiam a força.

Além disso, no Ano Novo, ocorreu um incidente em que um grupo desconhecido andou colando, nos templos e santuários de Quioto, amuletos com maldição contra Ieyasu.

⁷⁵ Corresponde a 1615.

⁷⁶ A Era Genna vai de 1615 a 1624.

Esses amuletos em que se lia em vermelho a expressão “Maldição a Ieyasu” tinham sido atirados contra pilares e telhados com flechas sonoras ou estavam colados nas salas de cultos e de orações e por mais que os sacerdotes xintoístas e monges budistas os removessem, imediatamente os rumores se espalhavam.

Nessa situação, chegou também a Quioto e Osaka a notícia de que Ieyasu adoecera. As pessoas se entreolharam ansiosamente e concordaram que seria a maldição da família Toyotomi.

De fato, Ieyasu estava doente no Castelo Sunpu.

Contavam que ele se sentiu mal num lugarejo chamado Tanaka em Sunpu, quando participava de uma caça com falcões e ficara acamado e, devido à idade, a cura era demorada.

Normalmente, Ieyasu gostava de manipular ele mesmo os medicamentos e, até então, ele se orgulhava de ter se curado da maioria das doenças com os seus remédios, só que daquela vez a cura demorava a acontecer e estava recebendo o tratamento do médico também.

De Edo, o próprio xogum Hidetada foi até Sunpu visitar o pai e nessa ocasião se encontrou casualmente com *Yûhime*, esposa de Honda Tadamasa, que também tinha ido de Kuwana a Sunpu em companhia do filho Tadatoki.

Conforme colocado anteriormente, *Yûhime* é neta de Ieyasu, portanto a relação entre Hidetada e ela era de tio e sobrinha.

Ieyasu, do seu leito, manifestou o forte desejo de casar *Sen’hime* com Honda, ainda naquela primavera, sem falta.

- Não importa o que aconteça comigo, *Sen’hime* deverá se casar e ir para Kuwana antes de cair as flores da primavera. A plenitude de uma flor dura pouco. Fazer uma jovem esperar desnecessariamente seria cruel.

E, depois que *Yûhime* e Tadatoki se retiraram, Ieyasu mandou Hidetada se aproximar e perguntou:

- Como está o assunto do Governador de Dewa, Sakazaki?

Ieyasu também sabia que ele tinha sido incumbido por Hidetada de procurar um candidato para o novo marido de *Sen’hime*, em reconhecimento ao mérito de ter conduzido *Sen’hime* a partir do meio do caminho, quando ela saiu do Castelo de Osaka e chegou ao

acampamento de Tokugawa como mensageira, e que, após procurar entre os nobres da corte, havia encontrado um candidato da família Reizei.

- Fiquei com um pouco de pena de Sakazaki, mas disse para desconsiderar a questão da família Reizei e ele se trancou na mansão, deixando de comparecer ao trabalho.

- Isso quer dizer que ele não aceita isso.

- Deve ter sentimento de contrariedade talvez, porque foi ferido na honra de guerreiro...

O argumento de Sakazaki, Governador de Dewa, era de que estariam-no colocando em uma situação desconfortável, ao mandarem desfazer o arranjo que ele fez, pois tinham lhe dado a honra de encontrar um pretendente para a primeira filha de um xogum e ele tinha encontrado um à altura. E nem tinha como se desculpar perante os nobres de Quioto.

Diante de Hidetada, que estava totalmente sem saber o que fazer, Ieyasu falou em voz baixa:

- Se não tem desculpas é melhor fazer haraquiri!

- O que disse?

- Disse que é melhor morrer, se não tem como salvar a honra como um samurai.

- Mas isso é por demais...

- Se alguém impede a felicidade de Sen'hime, mate-o. Livre-se dos incômodos e faça Sen'hime casar-se com Honda.

- Tem tanto carinho assim pela Sen'hime?

Diante da indagação de Hidetada, Ieyasu fechou os olhos:

- Quando vejo a princesa, lembro-me da minha mãe de quem me separei aos três anos.

A mãe de Ieyasu se chamava Senhora Odai e era filha de Mizuno Tadamasa. A família Mizuno era um clã poderoso que dominava toda a região de Kariya, distrito de Aomi, na província de Mikawa⁷⁷, mas após a morte do chefe da família Tadamasa, Nobumitsu, o meio-irmão de Odai aproximou-se de Oda Nobuhide e rompeu relações com Matsudaira Hirotada, pai de Ieyasu, e assim a Senhora Odai teve de se separar do filho e do marido, sendo devolvida à casa dos pais em Kariya, aos dezessete anos. Depois, teve de se casar novamente

⁷⁷ Mikawa - antiga província que abrange parte das atuais províncias de Yamagata e Akita.

com Hisamatsu Toshikatsu, Governador de Sado, senhor do castelo de Akoya, distrito de Chita, na província de Owari⁷⁸.

- Minha mãe, que se separou do filho e do marido com apenas dezessete anos, entregava-me secretamente roupas costuradas com carinho e doces, quando me tornei refém da família Oda. Mesmo depois de me tornar refém da família Imagawa, pude receber, sempre que tinha oportunidade, os presentes cheios de carinho da minha mãe. Não sabe o apoio emocional que isso representou para uma criança solitária. Pude reencontrar minha mãe aos dezenove anos, na ida do Senhor Imagawa à capital. Graças à ajuda de pessoas em volta, pude entrar no Castelo de Akoya secretamente e tive o prazer de ver a minha tão sonhada mãe. Ainda sonho com isso, mesmo nesta idade em que estou.

Hidetada viu lágrimas nos olhos do velho pai.

Não sabia dizer quantas vezes tinha-o ouvido contar sobre essa pessoa, a mãe de seu pai. O próprio Hidetada só conhecera a avó, logo depois da morte de Toyotomi Hideyoshi, quando Ieyasu, que estava no Castelo de Fushimi, chamou Odai. Ela já tinha passado dos setenta anos. Como seu pai Ieyasu se dedicara à idosa mãe até sua morte no outono do ano 7 da Era Keichô⁷⁹, aos setenta e cinco anos! Sua dedicação à mãe se tornou lendária dentro da família.

Mas que Ieyasu estava sobrepondo a imagem da jovem mãe à da neta Sen'hime, ele ficara sabendo naquele dia pela primeira vez.

- Xogum... - Ieyasu chamou Hidetada.

- Por favor, não deixe que a princesa passe pelo mesmo sofrimento da minha falecida mãe. Todos veem que Sen'hime está apaixonada por Tadatoki. Heihachirô é um bom homem. Acredito que a felicidade da princesa está em se casar e ir para Kuwana. Para tanto, faça qualquer coisa. Mate Sakazaki. Não deixe vivo nenhum ser que impeça a felicidade da princesa.

- Sim senhor, sem falta farei como o senhor disse, por isso fique tranquilo.

A partir daquela noite, a doença de Ieyasu foi melhorando rapidamente a ponto de surpreender o médico. O apetite ainda não era tanto e, às vezes, ocorria irregularidade na pulsação, preocupava-se o médico de Edo, Nakarai Roan, mas o próprio Ieyasu parecia extremamente bem disposto, tanto é que no dia quatro de fevereiro, dois dias depois de

⁷⁸ Owari - antiga província que abrange a parte oeste da província de Aichi.

⁷⁹ Corresponde ao ano de 1602.

Hidetada chegar a Sunpu, ele tomou sopa de *nattou*⁸⁰ com os séquitos Konchiin Sûden, Todô Takatora, entre outros.

Achano *Tsubone*, que acompanhava Ieyasu, achava que o bom humor dele vinha do fato de Hidetada tê-lo informado que dera imediatamente a ordem confidencial a Honda Masanobu, responsável pelo Castelo de Edo durante sua ausência, no sentido de determinar a punição de Sakazaki, Governador de Dewa.

Mesmo porque, naquele dia, Ieyasu estava à mesa, escrevendo uma carta endereçada a Sen'hime, depois de tanto tempo.

Nela estava escrito:

“É muito auspicioso o acontecimento feliz desta primavera e estou muito feliz. Soube que está com saúde também, o que me alegra. Também me sinto melhor e pode ficar tranquila. Estou feliz por você estar sempre se preocupando comigo, enviando-me cartas.”

Consultava também Achano *Tsubone*:

- Com qual espada devo presentear o noivo?

Em seguida, chamava Hidetada especialmente para lhe dizer:

- No casamento da princesa, dê a Tadatoki como dote 100.000 *koku*.

E também dizia, demonstrando ser um avô coruja:

- Kuwana é bom, mas falta algo para ser o castelo da princesa. Se possível, gostaria de fazer dela a senhora do melhor castelo do Japão.

Então, Achano *Tsubone* instigou-lhe:

- Se está tão preocupado com a princesa, por que não a chama aqui para Sunpu de uma vez? Ouvi dizer que a princesa também está muitíssimo preocupada com o Senhor ex-xogum.

- Não, a princesa está convalescendo e não aguentará uma viagem longa. Em vez disso, recomende aos médicos de Edo que a façam restabelecer-se totalmente até o casamento nesta primavera. Que ela se cuide acima de tudo, que não a deixem pegar gripe...

Parecia estar cuidando de um bebê.

A carta de Ieyasu foi entregue por um mensageiro expresso.

⁸⁰ Soja fermentada.

Pouco antes disso, Sen'hime, que estava no Palácio Interno do Castelo de Chiyoda, tinha recebido a boa notícia de Yûhime.

A carta dizia que sentia como se um pássaro, trazendo felicidade, tivesse aterrissado, ao ouvir a notícia de que Ieyasu dissera em Sunpu para casar Sen'hime com o filho da família Honda de Kuwana ainda naquela primavera. Além disso, a carta da Yûhime estava, também, acompanhada de uma carta amorosa do próprio Tadatoki.

Em fortes pinceladas masculinas, ele dizia que, embora receasse que a princesa de coração ferido se indignasse com a proposta insensível, pois nem um ano se passara após a queda do Castelo de Osaka, não conseguia se esquecer do momento que passaram a bordo do navio e aguardava o reencontro ansiosamente e que todas as noites adormecia pensando na imagem de Sen'hime. Sen'hime releu inúmeras vezes a carta em que transbordava nas entrelinhas a paixão incontrolável e ficava comovida.

O coração de Sen'hime já estava em Kuwana.

Se tivesse asas, voaria pelo imenso céu em linha reta até o castelo onde Tadatoki residia.

Nisso, chegou a carta de Ieyasu.

Estava escrito com todas as letras: “acontecimento feliz desta primavera”. Sen'hime foi tomada por felicidade.

Sua mãe, Senhora Oeyo, também mandou buscá-la para escolher o quimono para o casamento.

Foram colocados no baú, o quimono mais longo e o quimono de mangas estreitas com o brasão de malva-rosa da família Honda bordado e todo o enxoval luxuosissimamente tingido com paisagens de jardim com córrego ou bordados com flores de cerejeira. E foram ficando prontos os novos apetrechos de maquiagem e vistosos aparelhos de laca tais como mesinhas de refeição, tigelas, alguidares e baldes que o casal usará, no dia a dia.

Takechiyo vinha, de vez em quando, espiar a sala de Sen'hime.

Sen'hime vestia o novo quimono mais longo para lhe mostrar. Ele ficava contemplando-a demoradamente e depois ia embora com a expressão um tanto triste.

- Parece que o jovem senhor está triste com a aproximação do casamento da princesa.

Dizia Ofuku, a ama de leite de Takechiyo, mostrando-se muito condoída.

- Ultimamente, antes de dormir, ora aos deuses e a Buda por muito tempo. Pela recuperação do ex-xogum de Sunpu e pela felicidade da princesa...

Sen'hime ficou feliz com tanta consideração do irmão.

Ele contava com esta irmã que voltara para casa, depois de separada, e mostrava afeição por ela.

Sen'hime cortou um retalho da faixa preferida de quimono e fez um saquinho para amuleto. Dentro dele pôs um retalho com a oração budista "Namu Amidabutsu", bordado com fio de ouro. Fez dois e entregou um a Takechiyo.

A alegria de Takechiyo ao receber um amuleto igual ao da irmã, deixou todos surpreendidos.

- Levarei sempre comigo, pensando que este amuleto é você. Minha irmã também pense que esse amuleto sou eu, Takechiyo.

Miho levava uma vida distante desse dia a dia de Sen'hime.

Obviamente as obrigações de dama de companhia ela as cumpria, porém a mente estava sempre distraída. A tristeza e a sensação de vazio envolviam Miho como uma nuvem escura. Quando isso acontecia, ela pegava a flauta do pai e começava a tocar.

E até mesmo esse som da flauta se tornava mais triste a cada dia.

Quando Sen'hime a encontrou, ela estava também tocando flauta.

Aproximando-se de Miho, sentada na varanda da casa de cerimônia de chá construída recentemente no jardim do Palácio Interno, Sen'hime ficou ouvindo esse som por algum tempo.

Ela pensou em quão triste era a melodia.

Sen'hime fitou as costas de Miho que tocava como se estivesse chorando lágrimas de sangue.

Era evidente que ela estava chorando. Depois de algum tempo, o som da flauta parou.

- Miho...

Depois de afastar a dama que a acompanhava, Sen'hime a interpelou.

- Se tem algo que a atormenta tanto, por que não me diz?

Miho enxugou as lágrimas sem olhar para Sen'hime.

- Não achava que o Castelo de Chiyoda fosse um lugar confortável para você, mas...

Ela era a filha de Hayami, Governador de Kai, vassalo importante da família Toyotomi.

Miho disse em voz baixa:

- Para mim, não há lugar confortável, não importa aonde eu vá. Ouvi dizer que o Castelo de Osaka, que ruiu no meio do fogo, começou a ser reconstruído pelas mãos do Senhor Tokugawa.

Parecia ser o máximo de ironia que ela conseguia dizer.

O corpo daquela moça estava impregnado de ressentimento pela destruição da família Toyotomi. Não que Sen'hime não compreendesse a raiva indizível que Miho sentia em relação a ela, que involuntariamente deixou de compartilhar o destino da família Toyotomi e voltou à casa dos pais, passando a levar uma vida tranquila e fácil.

Contudo, Sen'hime não estava enxergando outro detalhe.

Tratava-se do vago sentimento hostil que havia dentro do coração de Miho, com o qual que nem ela mesma sabia lidar. Analisando-se a fundo esse sentimento, deparar-se-ia com uma palavra: ciúme.

Naquele momento, Sen'hime sequer podia imaginar que esse ciúme era voltado ao homem chamado Honda Heihachirô Tadatoki, a pessoa que se tornaria seu marido em breve.

Por isso, tornou a dizer:

- Sobre seu futuro, tenho pensado muito. Achano *Tsubone* disse que com sua beleza você poderá se casar com filho de qualquer família. Ela se ofereceu para servir de intermediária, se você quiser.

- Eu não tenho intenção de me casar com súdito da família Tokugawa.

- Então, se for vassalo dos *daimio* que no passado receberam apoio da família Toyotomi?

- Jamais. Aqueles que se esqueceram do favor da família Toyotomi e aliaram-se aos Tokugawa?

- Sabia que ia dizer isso.

Sen'hime mostrou sorriso forçado. Nem sentiu raiva. Ela mesma com certeza estaria falando o mesmo que ela, se o parceiro não fosse Honda Heihachirô.

- Então o que vai fazer? Pode ir comigo para Kuwana?

Miho mordeu os lábios.

- Eu sei mais do que qualquer pessoa dos seus sentimentos. Sei também que você está com raiva de mim. Você deve estar indignada comigo, pois estou feliz por me casar de novo, quando ainda não faz nem um ano, desde a queda do Castelo de Osaka.

Miho levantou a cabeça.

- É verdade. Eu não consigo entender. A princesa admirava tanto a Senhora Yodo, amava o Senhor Hideyori. Por que essa mudança de sentimento?

- Se não tivesse conhecido aquela pessoa em Kuwana, teria me tornado monja.

Disse em um tom calmo.

- Por mais que insistissem, por mais que forçassem, acho que não me casaria, passaria a vida fazendo devoção aos mortos.

- Faça isso!

Era uma voz de súplica.

- Eu também cortarei o cabelo. Não sairei de perto da princesa a vida toda.

Sen'hime olhou para o céu que se abria sobre o jardim do Castelo de Chiyoda.

- Miho, sabe que eu me apaixonei. Desde que conheci aquela pessoa, passei a ter apego a este mundo. Fiquei com o desejo de realizar o único amor da vida e para isso estou disposta a dar a minha vida.

- A senhora diz, o único amor da vida?

- Sim.

- Então, o Senhor Hideyori...

- Sinto muito, mas aquilo não era amor. Era como um sentimento em relação a um irmão... afetuoso... mas, não era amor... depois que conheci o Senhor Heihachirô, percebi isso com clareza.

- Isso não está certo! - Miho gritou.

- Isso é cruel demais para aquele que se foi!

- Pedirei perdão quando morrer. Mas no meu coração agora mora só aquela pessoa. O Senhor Heihachirô se tornou minha vida.

- A senhora é uma pessoa indecente. É luxuriosa, desavergonhada.

Miho jogou palavras duras demais a Sen'hime, sem perceber que eram duras:

- Estou me sentindo miserável. Não acredito que a princesa a quem servi, era uma pessoa assim... É tão decepcionante que nem consigo chorar.

- Diga o que quiser, por mais que me despreze, não tenho como me defender.

Dentro da atmosfera ainda fria do início da primavera, as palavras de Sen'hime eram delicadas, mas havia uma resistência capaz de repelir qualquer coisa:

- Por mais que me censurem, eu amo aquela pessoa. Se puder ser esposa dele por um dia, depois disso podem esquartejar-me ou queimar-me na fogueira, que não me arrependerei.

- Princesa!

- Quando penso no dia em que poderei ver o Senhor Heihachirô, sou capaz de atravessar montanha de agulhas, rio de sangue. Eu me tornei uma mulher assim.

Miho olhou para Sen'hime atônita. De repente, aquela pessoa que tinha apenas um ano a mais que ela, parecia dez anos, vinte anos mais velha.

O sentimento de derrota deixou Miho abalada.

Ela pensou: Honda Heihachirô a ama! Diante de uma mulher feito papoula-do-campo que floresceu deslumbrante no meio da chama, não há como uma flor, à beira da estrada, que o admira discretamente, chamar-lhe a atenção.

Conformada, Miho gritou com toda a força que lhe restava:

- Já não direi mais nada! A princesa viva como desejar! Eu decidirei o meu destino!

- Se possível, quero que venha a Kuwana junto comigo. É muito triste separar-me de você. Ainda mais quando penso na imagem do Governador de Kai, seu pai, na ocasião da queda do Castelo de Osaka... Pelo menos gostaria que ficasse perto de mim. Não importa o quanto me odeie ou tenha mágoa de mim. Fico preocupada em deixar você...

Miho engoliu o choro:

- Deixe-me pensar.

Depois que os passos de Sen'hime se afastaram, Miho levantou o rosto devagar. Ao contrário do gesto lento, o coração estava agitadoíssimo.

O que devo fazer? Pensou.

Depois que a princesa fosse para Kuwana, não haveria lugar para ela.

O mais fácil era tornar-se monja.

Se disser que cortará os cabelos para tornar-se monja, Sen'hime apresentaria um templo apropriado para Miho.

Ao imaginar-se passando os dias somente lendo o sutra no templo de uma montanha, rezando pelas almas dos falecidos, Miho sentiu calafrios.

Achou muito desolador. Se mantiver tal vida retirada de monja, desde uma idade que mal chegara aos vinte anos até a morte, o que teria sido sua vida? Isso a deixava triste.

Sentia-se envergonhada pelo fato de ela mesma não conseguir abraçar tal ideia, apesar de ter recomendado a Sen'hime que se tornasse monja.

Por trás desse sentimento havia as figuras de Sen'hime e Honda Heihachirô tendo uma vida feliz e harmoniosa. Se ambas, Sen'hime e ela, fossem ter uma vida solitária num eremitério seria até aceitável, mas ao pensar que para a princesa se abria uma nova vida deslumbrante e cheia de felicidade como mulher, enquanto que a vida dela estava envolta em cinza, sentia até raiva.

E quando pensava que, além de tudo, a pessoa que ia estar ao lado de Sen'hime seria Honda Heihachirô Tadatoki, Miho ficava aflita.

Lembrando-se de Heihachirô, sobre o cavalo, dirigindo a palavra carinhosamente a ela na rua numa madrugada em Quioto, acenando da estrada para a comitiva na travessia de Suzuka, e de sua voz agradável comandando os marinheiros que corriam pelo convés a bordo do navio em Kuwana, Miho sentiu o corpo tremer.

Aquela pessoa será esposo da princesa.

A vontade sincera de Miho era amaldiçoar os deuses e a Buda.

Quem conheceu primeiro Honda Heihachirô fora ela, pensou, mas aí lhe ocorreu que Heihachirô não a tinha reconhecido.

A bordo do navio, Tadatoki interpelou Miho somente uma vez.

Ele lhe pediu que transmitisse a *Sen'hime* que a lua estava subindo, no entanto, naquele momento também, Tadatoki não parecia perceber que ela era a mulher que ele salvara numa rua de Quioto.

Para se consolar, Miho pensou que isso era compreensível. Não havia como um jovem herdeiro da família Honda se lembrar de uma mulher que vira uma única vez na escuridão da noite.

Quem Tadatoki amou foi *Sen'hime*. Achou que Tadatoki sentira-se atraído, ao ver a mulher, que era chamada de Senhora de Osaka, voltando para a casa dos pais com o coração ferido, após perder o marido na queda do Castelo. Por mais que ela fosse a mulher mais bonita do país, Heihachirô se apaixonara por uma mulher que fora esposa de outro homem.

Miho lamentava isso.

Em beleza perderia para *Sen'hime*, mas seu corpo era puro e queria se orgulhar disso.

O sentimento de hostilidade ferveu.

Miho deu um leve sorriso quando lhe ocorreu que, se a princesa vai se casar com Tadatoki Honda, ela também ir junto para perto dele. Se pudesse trabalharia próximo a ele, talvez algum dia pudesse lhe falar sobre o encontro de Quioto. Iria se aproximar de Tadatoki e, um dia, com certeza, conquistaria seu coração. Apostaria tudo para tomar Heihachirô de *Sen'hime*.

Ainda que fosse pouco, ela era mais nova que *Sen'hime*. E era pura.

No dia seguinte, Miho esperou chegar um momento em que não houvesse ninguém ao redor de *Sen'hime* e se apresentou diante dela:

- Antes de mais nada, perdoe-me por ontem.

Sen'hime olhou com ansiedade para Miho, que se curvou diante dela sem mostrar constrangimento:

- Eu não estou com raiva. Você tinha razão em cada coisa que disse. Ontem à noite, estive pensando nisso...

- Princesa...

Miho interrompeu-a, delicadamente:

- Por favor, não diga nada. Vou acompanhá-la não importa para onde a princesa vá. Por favor, deixe-me ficar sempre junto.

- Então irá comigo para Kuwana?

Dizendo estar feliz, Sen'hime tomou a mão de Miho. As mãos quentes de Sen'hime foram colocadas sobre as mãos frias de Miho.

- Promete? Miho, promete mesmo?

Deixando suas mãos como estavam, Miho olhou para os olhos de Sen'hime e sorriu. Parece que Miho tinha aprendido pela primeira vez a fazer um sorriso falso, escondendo bem o que se passava no coração.

Ieyasu, que estava ansioso pelo casamento de Sen'hime, ficou com o estado de saúde instável durante o segundo mês e a começar por Hidetada, famílias como Yoshinao da província de Owari, além de Konchiin Sûden e até os *daimio* mais próximos estavam em Sunpu, acompanhando a evolução do quadro, mas no terceiro mês, o estado teve ligeira piora.

Em parte por este motivo, a intenção não oficial da Corte de conferir o título máximo de Primeiro-Ministro a Ieyasu, que já existia, repentinamente começou a tomar forma e ele próprio respondeu, concordando em receber a distinção, resposta esta que foi transmitida a Quioto, no dia dezessete do terceiro mês, pelos mensageiros Hirohashi Kanekatsu e Sanjônishi Saneeda, que foram visitar Ieyasu em Sunpu. Não se podia dizer claramente, mas o propósito era dar-lhe a honra de Primeiro-Ministro em vida e o estado de saúde de Ieyasu melhorou a partir desse acontecimento.

No dia dezenove, estava tão disposto que se levantou e andou, recuperou o apetite e, no dia vinte e cinco, chegou a Sunpu o mensageiro de Quioto, trazendo o termo oficial de nomeação de Primeiro-Ministro e no dia vinte e sete, Ieyasu vestiu o traje de gala e realizou a Cerimônia de Nomeação.

Os *daimio* compareceram ao Castelo de Sunpu no dia vinte e oito para felicitá-lo pela promoção a Primeiro-Ministro e Ieyasu os recebeu de bom humor.

No entanto, esta foi a última aparição gloriosa de Ieyasu.

Entrando no quarto mês, aqueles mais próximos já não conseguiam esconder a preocupação e o próprio Ieyasu parecia ter percebido que sua morte se aproximava e começou a instruir os vassalos e os *daimio* e chamando Kinjiin Sûden, Nankôbô Tenkai e Honda Masazumi, Governador de Kôzuke, transmitiu-lhes seus últimos desejos e no dia dezessete do quarto mês, faleceu aos setenta e cinco anos.

Conforme seu desejo, o corpo foi transladado, no mesmo dia, ao castelo no topo do monte Kunôzan e sepultado como Deus.

Não apenas Sunpu, mas também o Castelo de Chiyoda em Edo foram envoltos em profunda tristeza e os *daimio* também ficaram em luto. Quando o verão estava terminando,

Hidetada tornou público o casamento de Sen'hime com Honda Tadatoki, dizendo ser vontade póstuma do ex-xogum Ieyasu. No dia treze do nono mês, a comitiva da noiva partiu apressadamente de Edo e seguiu em direção a Kuwana.

E depois de realizada a cerimônia nupcial de Sen'hime com Honda Tadatoki, no Castelo de Kuwana, todos ficaram surpresos com a notícia de que Sakazaki, Governador de Dewa, enlouquecido, fora morto por um vassalo, mas que graças à atenção especial do xogum, a família Sakazaki não seria extinta.

Sen'hime, que estava no Castelo de Kuwana, obviamente não sabia disso.

Na primeira noite com Tadatoki, Sen'hime sentiu que pela primeira vez a mulher dentro dela aflorara.

Com a carícia do marido, ficava fora de si, esquecia o recato e gritava noites seguidas e Sen'hime ficava fascinante como uma peônia.

Vendo a vida doce como mel do jovem casal, o sogro Tadamasa Honda e a sogra Yûhime também estavam totalmente tranquilos e o Castelo de Kuwana ficou ainda mais alegre.

Em meio a isso, Miho continuava sendo a dama de companhia de Sen'hime, sempre muito dedicada.

Servindo-a de perto, às vezes flagrava cenas indecorosas do casal.

Miho não desviava o olhar.

Pensou que precisava fortalecer seu coração, sabendo tudo sobre o casal.

Tornou-se hábil em suportar a vergonha e em conter o ciúme e acostumou-se a esconder os seus sentimentos.

Outono, a família Honda recebeu do xogum Hidetada a ordem de transferência para Himeji.

Kuwana era ponto estratégico da estrada, mas possuía 100.000 *koku*, enquanto Himeji, em parte pela importância da defesa do território contra os ataques do lado oeste, fora confiado aos vassalos de muita confiança do xogum, entre os principais súditos da família

Tokugawa. Aqui em Himeji, com 150.000 *koku*, na província de Harima⁸¹, havia o lindo castelo chamado de Castelo Shirasagi⁸².

Além disso, foi dado a Tadatoki 100.000 *koku* como dote de Sen'hime.

- Tudo isso era a vontade do falecido Tôshô Daigongen⁸³. O Castelo Shirasagi é um belo castelo apropriado para Sen'hime. Que a família Honda faça dele o castelo mais belo de Harima.

Essa foi a ordem.

A transferência foi logo no início do ano seguinte. A família Honda mudou-se de Kuwana para Himeji, em Banshû⁸⁴, e Tadamasa construiu para o jovem casal a fortaleza oeste e um palácio novo, que foi chamado de Palácio Musashino. Ambos eram luxuosos, contendo partes trazidas do Castelo de Fushimi. Tudo isso foi feito por instrução dada a Hidetada por Ieyasu em vida, como presente para a neta.

Conta-se que a construção do Castelo de Himeji foi iniciada pelo clã Akamatsu no ano 3 da Era Genkô⁸⁵, e cerca de 250 anos depois, nele entrou Hideyoshi, que construiu três torres. Porém, foi Ikeda Terumasa que o transformou no belo Castelo Shirasagi atual.

O que torna aquele castelo elegante são as torres reformadas por Terumasa, que ligou três pequenas torres a uma torre grande, dando-lhe o acabamento com reboco branco em toda a superfície. Por isso, aquele castelo branco que se destaca no céu azul faz lembrar a garça branca, dançando com as asas abertas.

No entanto, dizem também que o nome do Castelo Shirasagi não se deve a esta aparência externa e sim à existência de quantidade imensa de garças cinzentas no Monte Hime, onde fica o castelo, tanto é que era chamado de Sagiyama ou Monte das Garças.

O Castelo Shirasagi foi concluído pela família Honda em um castelo ainda mais deslumbrante e elegante, digno de Sen'hime, que passou a ser chamada de princesa de Harima.

No palácio Musashino, o casal Tadatoki e Sen'hime tornou-se ainda mais harmonioso.

Quando Tadatoki ia à caçada com falcão, Sen'hime subia até a torre para se despedir e ficava lá por muito tempo e Tadatoki, no lombo do cavalo, acenava para ela, enviando sinais

⁸¹ Harima - abrange a parte sudoeste da atual província de Hyôgo.

⁸² Shirasagi significa "garça branca".

⁸³ Título póstumo recebido por Ieyasu por ordem imperial.

⁸⁴ O mesmo que Harima.

⁸⁵ Corresponde ao ano de 1333. A Era Genkô vai de 1331 a 1333.

com o arco levantado para o alto. Os vassalos já estavam acostumados. Inokuma Senbê, um dos vassalos próximos de Tadatoki, por exemplo, se queixava:

- Já não aguento mais acompanhar o jovem senhor à caçada. Se tento atirar no faisão, ele diz: “talvez seja mãe; não o mate”; e se persigo um veado, diz: “na sua morada lá na montanha a esposa dele deve estar esperando; deixe-o ir”. Não sei para que vamos caçar.

Era a época em que Sen’*hime* estava grávida.

Tadatoki nunca deixava de cuidar com muita atenção da esposa que estava esperando um filho pela primeira vez.

Quando saía à caça, em vez da caça, trazia flores silvestres e ele próprio as colocava no vaso e punha-o na prateleira na sala de estar.

Quanto à refeição, a menos que houvesse algum impedimento, eles faziam juntos e quando via que ela se alimentava pouco, mandava os criados da cozinha trazer algo que uma gestante gostasse, tais como pêssego, melão e outras coisas, mostrando ser um esposo carinhoso.

Naquele dia também, Tadatoki foi ao mar, em companhia de Senbê e outros. A pescaria foi boa e trouxe muitos pargos, encheu a cesta de haliotes e turbilhos. Ficou algum tempo mostrando-os a Sen’*hime* e levou-os também à fortaleza central.

Voltou, tirou a roupa úmida de brisa do mar e foi tomar banho. Em tais ocasiões Sen’*hime* sempre ia à sala de banho, levando muda de roupa e não deixava que as criadas cuidassem de Tadatoki, mas ultimamente, com a gravidez avançada, tinha dificuldade em se movimentar e já não conseguia fazer tudo ela mesma.

Por isso, esse papel foi delegado a Miho.

Na sala de banho, Miyamoto Mikinosuke esfregava as costas de Tadatoki, mas como terminara, foi embora.

Miho preparou a muda de roupa e esperava silenciosamente no vestiário⁸⁶.

Mas de repente, veio uma voz da sala de banho:

- É Osen⁸⁷ que está aí?

- Não.

⁸⁶ Refere-se a *itano ma*, literalmente “sala com soalho de madeira”. Neste caso, seria a sala onde se tira ou põe a roupa, no momento do banho.

⁸⁷ É como Tadatoki chamava a princesa.

Miho respondeu respeitosamente com a voz um pouco rouca.

- Sou eu, Miho. Sua senhora o espera na sala de estar...

- É bom ouvir isso. Desde outro dia, estava preocupado, pois ela está grávida e o soalho de madeira é frio.

Miho percebeu que ele saíra do banho e abriu para ele o quimono de algodão de mangas estreitas.

Tadatoki abriu a porta de madeira e saiu. Quando ele virou as costas para ela, Miho colocou o quimono pelas costas e rapidamente enxugou-lhe as costas. Ou seja, o quimono de algodão transformava-se em toalha. Depois de trocar alguns quimonos, colocou-lhe a roupa de baixo, entregou-lhe a faixa do quimono de baixo, o quimono de seda e também a faixa, sem olhar para cima.

- Qual a sua idade?

Talvez se sentindo desconfortável por estar a sós com uma mulher jovem, Tadatoki perguntou-lhe.

- Tenho exatamente...

- Vinte?

- Sim, senhor.

- Ah, então era por isso que ela estava preocupada.

Tadatoki disse que Sen'hime havia-o consultado sobre o casamento de Miho.

- Você é filha de Hayami, Governador de Kai, não?

Miho ficou ofendida ao saber que Sen'hime havia contado até isso ao marido.

- Tanto pela posição como pela aparência e postura, ninguém é mais qualificada do que você para ser noiva de algum dos vassalos principais da família Honda. Que tal, eu posso intermediar. Se houver algum bom homem, não quer se casar?

- Com todo o respeito...

Continuando de cabeça baixa, Miho respondeu em voz baixa.

- Fico muito agradecida pela proposta do jovem senhor, mas esta proposta não posso aceitar...

- Por quê?
- Eu não tenho intenção de me casar com ninguém.
- E qual é a razão...?
- Não posso falar.
- Não me diga que não gosta de homens...
- Por favor, perdoe-me.

Foi para trás de Tadatoki e apertou a faixa.

- Ao invés desse assunto, há uma coisa que eu gostaria de dizer ao jovem senhor.
 - O quê?
 - Posso falar?
 - Claro, diga.
 - O senhor não salvou uma mulher nas ruas de Quioto, no verão do ano da queda do Castelo de Osaka?
 - Verão do ano da queda do Castelo de Osaka...
 - Na cidade à noite, uma mulher solitária estava sem saber o que fazer, quando o senhor dirigiu-lhe a palavra de cima do cavalo.
 - Lembrei-me.
- Tadatoki sorriu.
- Perguntei-lhe quem era e como me respondeu que era dama de companhia da princesa Sen'hime, que estava no Castelo de Nijô, fiz Senbê acompanhá-la... Ah, então aquela mulher era você.
 - O senhor se lembrava.
 - Foi por isso que achei que a tinha visto em algum lugar, quando a vi a bordo do navio em Kuwana.
 - Peço-lhe perdão. Cometi indiscrição por querer agradecer-lhe por aquela ocasião. Por favor, me perdoe.
 - Que é isso, foi bom ter falado. Minha esposa já sabe disso?

- Naquela ocasião só vi o brasão no colete e não percebi que era o Senhor Honda Heihachirô, por isso não mencionei o fato para sua Senhora.

- Eu vou lhe contar. Ela também se surpreenderá.

Venha você também, disse Tadatoki, e Miho entrou na sala atrás dele.

- Dizem que no mundo há uma relação cármica. Soube por Miho de uma coincidência interessante.

Tadatoki contou a Sen'hime a história de Miho tal qual ouviu e Sen'hime alegrou-se do fundo do coração.

- Nossa, não sabia até agora que tinha acontecido tal coisa com Miho. Muito obrigada por tê-la ajudado, eu também gostaria de lhe agradecer.

- A propósito...

Tadatoki perguntou a Miho que estava sentada afastada deles:

- Por que estava vagando pelas ruas, às altas horas da noite? Foi prestar algum serviço para minha esposa?

- É que...

Miho hesitou em dizer e olhou para Sen'hime de propósito.

- É algo que a princesa não sabe.

- Eu estava no Castelo de Nijô acamada. Miho, o que, afinal...

- Fui recuperar a cabeça do príncipe.

- Príncipe...

- A cabeça do Senhor Kunimatsumaru.

Sen'hime ficou pálida.

Kunimatsumaru era filho de Toyotomi Hideyori com a concubina. Após a queda do Castelo de Osaka foi capturado e decapitado em Rokujô Kawara e sua cabeça foi exposta ao público.

Miho, sabendo disso, quis pelo menos recuperar a cabeça e sepultá-la com a merecida deferência e foi de noite para Rokujô Kawara, uma atitude temerária para uma mulher.

- Mas não pude encontrar a cabeça do jovem príncipe. Além disso, fui descoberta pelo samurai que fazia a guarda e consegui fugir a muito custo...

- Ah, foi isso?

Sen'hime deixou escapar um suspiro doloroso.

Sua fisionomia era de quem teve remexida a antiga ferida de que havia esquecido sem perceber, por ter estado todos os dias envolta por felicidade, desde que se mudaram de Kuwana para Himeji.

- Vou servir chá para o senhor...

Tentou ir para o lado do forno que havia preparado com a intenção de servir chá, depois do banho, quando o corpo cambaleou.

- Cuidado!

Imediatamente Tadatoki segurou Sen'hime nos braços. Vendo-a com a tez escurecida, ordenou a Miho:

- Vá chamar o médico. Rápido...

Miho saiu correndo. Afastou-se da sala de estar, chamando as criadas pelo longo corredor. Teve a sensação de que se vingara parcialmente. Se o resultado, por ter dado um banho de água fria em meio à felicidade, for Sen'hime abortar, seria melhor ainda.

O rosto de Miho, que ia pelo palácio Musashino com as sobrancelhas bem levantadas, era de um demônio formoso.

O VERÃO DE SETOUCHI

1

No ano 4 da Era Genna⁸⁸, Sen'hime deu à luz Katsuhime, sua primeira filha, no Castelo de Himeji.

Não era menino, no entanto a alegria da família Honda foi grande. Tadamasa, que estava em Edo, recebeu o aviso por mensageiro expresso.

Dizem que o auge da beleza da mulher é quando ela acaba de ter um filho e Sen'hime, que se tornou mãe, estava ainda mais linda, até aos olhos de Miho, que lhe servia, a ponto de provocar suspiros.

A Senhora Oeyo, mãe de Sen'hime, era considerada a mais parecida com a mãe, entre as órfãs da Senhora Oichi, mas sua beleza era mais serena, tendo ar de uma boneca.

Sen'hime, embora com traços bonitos herdados da mãe, tinha algo da alegria natural da tia, Senhora Yodo.

No passado, dizia-se que qualquer traje, até o mais sóbrio, uma vez no corpo da Senhora Yodo, tornava-se suntuoso e espetacular e que mesmo num culto budista, quando a Senhora Yodo ocupava seu assento, o ambiente se tornava iluminado como se o sol tivesse entrado e Sen'hime também tinha um pouco disso.

Miho sabia desde o começo que Sen'hime era como uma flor, mas ultimamente a flor aumentara o seu encanto feminino, como que umedecida pelo orvalho, e tinha o ar de uma mulher que não declinaria de nenhum convite.

Era evidente também que Tadatoki estava totalmente satisfeito com tal esposa.

Tadatoki estava convencido de que fora ele a transformar Sen'hime numa mulher de verdade e isso o deixava seguro de si como marido.

Além disso, Katsuhime, a primogênita do casal, era a cara do pai.

Era graciosa, mas tinha um quê de geniosa.

⁸⁸ Corresponde ao ano de 1618.

Parece que Yûhime, a mãe de Tadatoki, tinha um carinho especial por aquela neta e vinha ao palácio Musashino, várias vezes ao dia.

- Talvez por ter sido criada em Osaka por muito tempo, o gosto de Osen é muito requintado. Parece ser até uma princesa da alta nobreza.

Os móveis e utensílios que Sen'hime trouxera de Edo eram todos do gosto da aristocracia de Quioto, justificando a admiração da sogra Yûhime.

Todos foram adquiridos na ocasião do casamento e a maioria era do gosto de Sen'hime.

O gosto de sua mãe Oeyo e o gosto de Sen'hime eram totalmente diferentes.

O gosto de Sen'hime era incomparavelmente mais nobre e refinado.

Isso porque Sen'hime cresceu sob a influência mais forte da Senhora Yodo que a da mãe.

Sen'hime contou à sogra que a vida da Senhora Yodo no Castelo de Osaka era pautada pelo gosto de Quioto em tudo, por influência de Onono Otsû, que lhe servia próxima:

- A Senhora Yodo gostava muito de Onono Otsû e sempre a mantinha ao lado.

Onono Otsû era a mulher que o falecido Tokugawa Ieyasu enviara como acompanhante de Sen'hime, quando esta fora para Osaka.

- Ela era boa em tudo, narrava o *yoruri*⁸⁹ com sua bela voz, era hábil no *go*, que jogava com a Senhora Yodo. Era boa também em *koto*, cerimônia do chá e apreciação de incenso...

Yûhime acenou com a cabeça, concordando:

- Sobre Otsû, ouvi falar muito. Ouvi dizer que atualmente encontra-se em Quioto, servindo para Shinjô Tômon'in.

Shinjô Tômon'in era a mãe do Imperador.

- Ah, é? Otsû sempre me ensinava sobre as indumentárias e a combinação de cores na superposição de camadas de quimono.

Passados três anos desde que se tornara nora da família Honda, Sen'hime finalmente começou a falar mais à vontade sobre a época em que vivera em Osaka.

Era por causa do tempo decorrido e também porque estava se sentindo tranquila com a vida feliz que vivia no momento.

⁸⁹ Narrativa dramática acompanhada de *shamisen*.

No entanto, com Miho era diferente.

Todas as vezes em que Sen'hime falava sobre a época de Osaka, sentia uma comoção no fundo do coração e, às vezes, quase chegava a chorar.

Aqueles foram para Miho dias inesquecíveis e felizes.

O que destruíra o dia a dia esplendoroso do Palácio Interno do Castelo de Osaka, que girava em torno da Senhora Yodo, foram as duas batalhas com os Tokugawa, acontecidas no curto espaço de apenas um ano.

E Sen'hime era filha dos Tokugawa.

Se não houvesse aquela batalha, seu pai, Governador de Kai, não teria morrido em combate. Miho segurou as lágrimas e tocou a flauta, colocando essa tristeza no seu som.

Tadatoki sabia que Miho tocava a flauta nas tardes melancólicas, como que evitando ser vista. Não tinha como saber o que se passava em seu coração, mas Tadatoki sentia-se atraído, pouco a pouco, ao ver Miho de costas, demonstrando fragilidade e desamparo.

Todavia, Tadatoki era um bom marido para Sen'hime. Não havia espaço para Miho na relação do casal que acabara de ter a primeira filha.

No verão daquele ano, no mar de Setouchi, houve muita ação de piratas.

O governo Tokugawa havia se consolidado e a sociedade havia retomado a prosperidade econômica.

O comércio se intensificara, os produtos de outros feudos eram concentrados no centro, onde as transações eram realizadas.

A rota marítima de Setouchi era movimentada, com navios que iam e vinham de Kyûshû, Shikoku e Chûgoku, carregando diversos tipos cargas. Não eram poucos também os navios que transportavam mercadorias estrangeiras que vinham via Hakata e Hirado.

Os navios piratas agiam, visando tais navios.

Com o aumento dos prejuízos, o Governo Feudal ordenou aos feudos da costa do mar interno de Seto uma investigação sobre a situação real dos piratas.

A família Honda era originária de Kuwana e tinha experiência no mar. Mesmo depois de ter se mudado para Himeji, possuía vários navios à sua disposição.

O chefe dos marinheiros era Inokuma Senbê, que no passado tinha ido a Tonkin, Luzon, Sião e Camboja a bordo do navio de uma casa de chá de Sakai e era, por assim dizer, um guerreiro do mar, que aprendera a arte de navegação com o oficial do navio mercante inglês Anjin⁹⁰.

Era um homenzarrão muito forte e era franco, por isso enfrentava sem cerimônia quem não lhe agradasse, mesmo que fosse alguém superior. Mas, não se sabe por que, admirava por demais Tadatoki e implorou a Tadamasa que o deixasse servir ao jovem Senhor Tadatoki e, desde então, onde quer que Tadatoki estivesse, estava também Inokuma Senbê.

Miyamoto Mikinosuke, que também serve a Tadatoki, tem com ele uma diferença de idade quase de pai e filho, mas eles se davam bem, e apesar de discutirem o tempo todo, respeitavam-se mutuamente.

Como Tadamasa deixava por conta de Tadatoki os assuntos referentes aos marinheiros, desde o tempo de Kuwana, o levantamento sobre os piratas de Setouchi tornou-se trabalho de Tadatoki.

Afinal de contas, tratava-se de crime praticado no mar e a dificuldade aumentava, pois tanto os navios quanto seus proprietários eram variados.

Senbê recebeu instrução de Tadatoki e colheu informações através dos antigos colegas marinheiros e o que apuraram ia além da previsão de Tadatoki.

Dizia-se que o local onde apareciam os navios piratas era, inicialmente, no alto-mar de Marugame, em Sanuki⁹¹, na direção noroeste.

- Naquela área há muitas pequenas ilhas.

Os navios piratas se escondiam atrás da ilha e atacavam os navios que passavam.

Porém, parece que recentemente eram mais frequentes no alto mar de Harima.

A maioria dos navios tem a cidade de Osaka como destino e o alto mar de Harima fica pouco antes dela.

Esta zona marítima entre a ilha de Shôdo e a ilha de Awaji fica a pouca distância de Osaka e, quanto maior a distância navegada, mais alívio se sentia quando se chegava lá.

⁹⁰ William Adams (1564-1620), navegador inglês que se tornou importante conselheiro de Ieyasu. Ficou conhecido com o nome japonês Miura Anjin 三浦 按針.

⁹¹ Sanuki - atual província de Kagawa.

Em Setouchi, dependendo da estação, há muita neblina e, ao menor descuido, o navio pode colidir contra uma pequena ilha, deixando o timoneiro temeroso, mas ao chegar no alto mar de Harima, já não havia esse problema.

Era tão perto que, içando as velas com o vento favorável, num piscar de olhos se chegava em Osaka.

- Só posso dizer que é muita audácia!

Tadatoki franziu a testa diante da informação de Senbê.

- Não podemos deixar como está.

O alto mar de Harima era literalmente o mar de Himeji.

Perto do continente, alinhavam-se as três ilhas: Tangajima, Iejima e Nishijima e, dirigindo os olhos para oeste, via-se o cabo Akô.

A ocorrência de chacinas e roubos de cargas no mar à vista de todos comprometia a honra dos Honda.

- Senbê, vamos para o mar?

Tadatoki disse que, por ora, fariam um giro de inspeção no mar e, caso encontrassem um navio suspeito, o apreenderiam. Senbê exaltou-se:

- Vamos poder navegar, depois de um longo tempo!

Para Tadatoki também isso era muito emocionante.

Eram homens que sempre gostaram do mar.

Ao saber que Tadatoki embarcaria num navio de patrulha, Sen'hime ficou apreensiva.

- Não é perigoso?

Tadatoki deu uma gargalhada:

- Até mesmo os comerciantes partem em navios, dizendo não ser possível fazer negócios, se temerem os piratas. Por que um guerreiro deveria ter medo de ratos salteadores?

Disse que era como se fosse a partida do guerreiro para a batalha e Sen'hime ficou sem saber o que fazer.

A lembrança da batalha de Osaka, que havia esquecido, voltou à sua mente.

- Não há com que se preocupar. É apenas uma patrulha marítima. Caso os piratas apareçam, protegeremos o jovem senhor, tornando-nos escudos.

Miyamoto Mikinosuke consolou Sen'hime, que se mostrava ansiosa, mas na mesma época, um navio de Sakai que fugira ao porto de Shikama, trouxe uma notícia alarmante.

Diziam que no alto-mar de Hinashi, em Bizen⁹², foram atacados por um navio pirata e tiveram toda a carga roubada, mas como não reagiram, todos que estavam no navio foram salvos.

- Mas foi pavoroso, não parecia coisa deste mundo!

A tripulação do navio, respondendo à investigação de Inokuma Senbê, relatou:

- Sobre o navio deles via-se uma cortina com brasão de paulóvnia em preto sobre um fundo branco e atrás dela havia três ou quatro pessoas com máscaras amedrontadoras, todos de armadura. Quem estava no comando era um guerreiro de corpo avantajado, usando enorme armadura costurada com fios pretos e ao seu lado estava sentada, num banco, uma pessoa que parecia ser o general, vestindo armadura costurada com fios escarlates. E sobre a proa do navio, vi muitas bandeiras em que estava escrito Toyokuni Daimyôjin⁹³.

- Toyokuni Daimyôjin refere-se ao Regente-Conselheiro Retirado, cultuado no santuário Toyokuni em Quioto... Por acaso não seriam os remanescentes de Toyotomi?

Quando assim disse Senbê, Tadatoki também se lembrou das frotas que apareceram no mar de Kuwana.

Aquilo acontecera quando Sen'hime estivera voltando de Quioto para Edo e ele tinha sido alertado de antemão por Itakura Katsushige, por intermédio de mensageiro, de que os remanescentes dos Toyotomi poderiam tentar resgatar Sen'hime.

Por isso, Tadatoki fora, em primeiro lugar, buscar pessoalmente a comitiva na travessia de Suzuka e livrara-se de todos os bandidos, possíveis remanescentes de Toyotomi, que encontrou ali.

E ainda, como precaução adicional, havia equipado o navio com todos os recursos necessários e como previa, uma frota misteriosa o alcançou, e atiraram flechas, subiram ao convés, mas estes também foram repelidos pelos vassalos da família Honda.

⁹² Bizen - abrangia a parte sudeste da atual província de Okayama.

⁹³ Nome pelo qual Toyotomi Hideyoshi era chamado após a morte.

Naquela ocasião, Tadatoki também vira homens com máscaras estranhas, lá no convés do navio inimigo.

Ao pensar que era aquela frota que estava praticando pirataria no mar de Setouchi e no alto-mar de Harima, Tadatoki ficou aterrorizado.

Ele podia imaginar o motivo pelo qual eles estavam cometendo assaltos naquele mar perto de Himeji.

Se eles realmente fossem os remanescentes dos Toyotomi, o objetivo não seria Sen'hime, que reside no Castelo Shirasagi, em Himeji?

Se for isso, como marido, tinha de fazer de tudo para proteger a esposa do perigo que a ameaçava.

- Equipe bem o nosso navio para a batalha. Selecione os guerreiros com melhores habilidades e não negligencie ao providenciar arcos, flechas e armas de fogo.

Nem era preciso Tadatoki ordenar-lhe, Senbê já tinha feito os preparativos. Os remadores também, ele os escolhera a dedo e examinara cuidadosamente a identidade de cada um.

Se eram os remanescentes de Toyotomi, não se sabia com que estratégia viriam desafiá-los.

Pelo visto, já não era mais questão só de patrulhar o mar e prender os piratas.

Talvez o objetivo do inimigo fosse atrair o navio de guerra da família Honda para tirar a vida de Tadatoki.

- Nós lutaremos pela honra do seu nome. Penso que seria melhor o senhor não embarcar e ficar no castelo.

Assim sugeriu Miyamoto Mikinosuke, mas Tadatoki riu e não deu importância.

- Pelo temperamento dele, por mais que digamos para não embarcar, não nos ouvirá. Parece que está decidido a aproveitar a oportunidade para combater, ele mesmo, os remanescentes dos Toyotomi para acabar com motivos de preocupação futura.

Senbê e os outros também se exaltaram.

Por outro lado, Tadatoki instalou um posto de fiscalização na entrada da cidade castelo de Himeji e ordenou que fiscalizassem pessoas suspeitas.

O Castelo Shirasagi era o melhor dos castelos e não haveria espaço para os bandidos se infiltrarem, no entanto pela segurança de Sen'hime, que estava no palácio Musashino, era sempre melhor se precaver.

Na véspera da partida do navio de patrulha do porto de Shikama, uma presa inesperada caiu na rede.

Era um homem com aparência de pequeno comerciante, que carregava um grande volume nas costas e quando o funcionário do posto de fiscalização quis examinar o conteúdo por precaução, de repente saiu correndo. Ao ser capturado, o homem mordeu a língua e se suicidou.

O que o homem carregava era uma grande tabuleta votiva com a figura de um cavalo⁹⁴.

Como viera pelo caminho que leva ao monte Shosha, levava a pensar que seria uma oferenda ao monte Shosha, mas a pintura da tabuleta era a de navio. Seria para pedir a segurança da navegação, portanto, não era nada incomum, mas o nome do navio era Toyokunimaru e no nome do autor do voto podia-se ler Hideyori, o que deixou o funcionário do posto de fiscalização alvoroçado.

Imediatamente a notícia chegou a Tadatoki através de Senbê.

- Hideyori? Imagine...

Murmurou Tadatoki, olhando para a tabuleta e tanto Senbê como Mikinosuke franziram a testa.

- Não é possível que o Senhor Hideyori esteja vivo, mas...

Constava que Toyotomi Hideyori, que era marido de Sen'hime, cometera suicídio em Yamazono Kuruwa por ocasião da queda do Castelo de Osaka, mas era fato também que, por longo tempo, murmurava-se nas ruas a teoria de que ele estaria vivo.

Se o guerreiro mascarado que estava no navio pirata, vestido de armadura costurada com fios escarlates for Toyotomi Hideyori, abatê-lo seria o maior mérito como guerreiro da família Tokugawa.

Mas, o que pensaria Sen'hime? Ao pensar nisso, Tadatoki sentiu intimamente um aperto no coração.

⁹⁴ Refere-se a *ema* (絵馬), tabuleta votiva utilizada pelos fiéis em santuários e templos, ao fazer pedidos ou ao agradecer um desejo realizado.

Ele tinha a segurança de que se tornaram marido e mulher por amor.

No entanto, o que Sen'hime pensaria, quando soubesse que Tadatoki matara seu primeiro marido Hideyori? O orgulho de Tadatoki não aceitaria jamais que Sen'hime conjecturasse que ele matara seu ex-marido por ciúme.

Tadatoki refletiu um pouco e foi ao palácio Musashino.

Sen'hime veio recebê-lo, pálida.

- Senhor, é verdade? Disseram que o navio pirata é dos remanescentes dos Toyotomi e que quem o comanda é o Senhor Hideyori...

- Quem lhe disse tal coisa?!

Ao lado de Sen'hime, Miho curvou-se com as mãos no chão.

- Por favor, perdoe-me. Ouvi a história dos guerreiros de fora e, levada pelo enorme susto, inadvertidamente acabei contando à senhora.

- Por favor, não repreenda Miho.

Sen'hime agarrou-se a Tadatoki.

- Por favor, não me esconda nada, disseram que na tabuleta votiva levada pela pessoa capturada a caminho do monte Shosha, estava escrito que o autor do voto era Hideyori.

Viu a esposa com os lábios trêmulos e decidiu falar a verdade.

- Se sabe de tudo isso, não há como esconder.

Primeiro mandou Miho sair e ficou a sós com a esposa.

- Tudo que ouviu de Miho é verdade. No entanto, não sei até que ponto o fato é verídico ou não... Seja o líder do navio pirata Hideyori ou outra pessoa, logo que o encontrar vou abatê-lo. Disse Tadatoki.

- Sendo essa a missão da família Honda, um dos “quatro maiores generais” da família Tokugawa...

Tadatoki perguntou a Sen'hime, que estava cabisbaixa:

- Você me odiará?

Sen'hime levantou a cabeça, dando um de surpresa, e Tadatoki continuou:

- Prefere que eu seja morto por ele ou que eu mate Hideyori?...

- Senhor...

Sua voz parecia rasgar a garganta:

- Oh! Que coisa o senhor diz!

- Quero saber o que você pensa. De nós dois, quem você prefere que morra...

- Eu sou sua esposa.

- Mas...

- Deve estar achando que sou um demônio. Mas o meu coração... Por pior que seja o castigo que virá dos deuses... pense que esta minha vida é sua.

- Osen...

- Mesmo que Hideyori ressuscite e volte para este mundo, sou sua esposa. Mesmo que seja esquartejada, morrerei como sua esposa.

- Osen...

Tadatoki abraçou Sen'hime fortemente.

- Fiz uma pergunta insensata, perdoe-me.

Lágrimas escorriam dos olhos de Sen'hime que demonstravam sentimento intenso. Tadatoki aproximou o seu rosto e sorveu-as.

- Você é minha esposa. Não a largarei!

- Não irei a lugar nenhum. Eu pertenço ao senhor.

Sen'hime se agarrou a ele com louca paixão e Tadatoki seguiu seu instinto, deitando seu corpo delicado.

Na antecâmara, Miho ouvia os soluços de Sen'hime. Os soluços se transformaram em gemido e depois em grito de prazer e ela ouvia com o rosto inexpressivo.

Tadatoki saiu, depois de pouco mais de uma hora.

Miho acompanhou Tadatoki, que ia retornar ao Palácio Frontal, até o corredor.

- Senhor.

Interpelou-o como quem tomou uma decisão.

- Tenho um pedido a fazer.

Tadatoki virou-se e olhou para Miho.

- O que é?

- Por favor, inclua-me entre os tripulantes amanhã.

- Para quê? Creio que não há o que uma mulher possa fazer num navio de guerra.

- Com todo o respeito, o senhor conhece a fisionomia do Senhor Hideyori?

- Como?

- Será que há alguém que possa fazer a identificação do líder do navio pirata, se ele é ou não o Senhor Hideyori, entre os vassalos da família Honda?

Finalmente Tadatoki compreendeu a intenção real de Miho.

- Você diz que vai embarcar para identificação do líder do navio pirata?

- Com certeza serei útil.

Sem dúvida, ela era filha de Hayami, Governador de Kai.

Ela viveu no Castelo de Osaka servindo a Sen'hime e conhecia bem a fisionomia não apenas de Toyotomi Hideyori como também de assessores dos Toyotomi. Talvez ela fosse capaz de identificar um a um os bandidos do navio pirata.

- Por que pede tal coisa? Quem sabe entre os piratas esteja seu pai.

- Não.

Miho sacudiu fortemente a cabeça.

- Meu pai morreu em combate na ocasião da queda do castelo. Se estivesse vivo, não creio que não mandasse nenhuma notícia. Com certeza, faria de tudo para me avisar que está vivo. Se não tive notícia dele, isso é a prova de que ele morreu na batalha.

Ao contrário do que dizia, Miho negava a morte de seu pai.

Se Hideyori estiver vivo, seu pai também com certeza estaria vivo.

Esse pensamento estava ligado à voz da pessoa que a salvou, no verão em que ocorreu a queda do castelo, e ela foi até Rokujô Kawara resgatar a cabeça de Kunimatsumarû, órfão de Hideyori, desafiando sua condição feminina, quando foi descoberta pelo guarda.

Aquela voz não seria de seu pai?

Tadatoki não percebeu o que se passava no íntimo de Miho.

- Então você diz que quer contribuir para punir os remanescentes dos Toyotomi?

- Sim, senhor.

Parecia decidida:

- Por favor, elimine o motivo de preocupação da princesa Sen'hime.

Voltando ao Palácio Frontal, Tadatoki contou a Senbê e Mikinosuke a proposta de Miho e decidiu incluí-la entre os tripulantes.

O dia em que o navio da família Honda deixou o porto de Shikama estava nublado.

Sob as nuvens cinzentas fechando o céu, parecendo começar a chover a qualquer momento, o navio lentamente soltou o cabo de âncora e zarpou em direção às ondas.

Inicialmente, Senbê direcionou o curso do navio para oeste porque as pessoas da embarcação que fora atacada pelo navio pirata, um tempo atrás, disseram que isso acontecera no alto mar de Hinashi, em Bizen e por isso estava programado para passar pelo norte de Shôdojima, dar uma volta ao redor da ilha, sair para o alto mar de Harima e voltar ao porto de Shikama.

Quando passavam pelo cabo de Akô, veio a chuva.

Quando a chuva chega, o mar fica encoberto de espesso nevoeiro.

- Ninguém se descuide!

Tadatoki dava as ordens pessoalmente, os guerreiros olhavam do convés para todos os lados e Senbê avançava o navio com o maior cuidado.

Muito raramente cruzavam com navios. Eram barcos pesqueiros ou algum navio tentando entrar no porto próximo para evitar o nevoeiro.

Ao passarem para o lado oeste de Shodojima, já passava de meio dia.

Por causa da neblina, a velocidade do navio era extremamente baixa.

- Posso tocar a flauta? Sinto que vou ficar com enjôo se ficar parada.

Miho perguntou a Senbê, que concordou sem desconfiar de nada.

Depois de entrar no recinto que foi atribuído a ela, Miho começou a tocar a flauta.

Se o navio pirata que age naquela região do mar for dos remanescentes da família Toyotomi e se Hideyori e Hayami, Governador de Kai, estiverem nele, deverão reconhecer a música que Miho toca.

Essa música, denominada “Ôshukubai”, era de difícil execução. Era preciso ser exímio tocador de flauta para aprender a tocá-la.

Miho teve a permissão do professor para aprender essa música aos quinze anos.

Desde então, o pai, Governador de Kai, em parte por se orgulhar da filha, costumava pedir para tocar “Ôshukubai”.

Tanto Sen’*hime* como Hideyori gostavam dessa música que Miho tocava, era uma bela música que justificava sua dificuldade de execução.

A melodia bela e com muitas variações era muito peculiar.

Ao tocar “Ôshukubai”, Miho queria avisar o pai que ela estava a bordo daquele navio.

Acreditava que o pai perceberia que o navio que a levava era o navio de guerra da família Honda.

Se o navio pirata que devastava o mar de Setouchi era realmente dos remanescentes dos Toyotomi, se o líder era Hideyori e se seu pai, Hayami, Governador de Kai, estava vivo, eram só rumores e nada havia de concreto, mas o sentimento de Miho agarrava-se a eles.

Não que no íntimo do seu coração, que se estremecia de felicidade com a possibilidade de seu pai estar vivo, de Hideyori estar a salvo, não houvesse também o medo do inferno que viria depois.

Ela pensou que seria derramado muito sangue e, fosse qual fosse o vencedor, ela teria de derramar lágrimas de novo.

Mas, naquele momento Miho fechava os olhos para tudo isso e só tocava a flauta, sem pensar em outra coisa. A única coisa que podia fazer era distrair o seu sentimento, tocando flauta.

Passando em torno de Shôdojima, o vento ficou mais forte.

As velas molhada pela chuva faziam um ruído pesado.

O som da flauta era abafado pelo vento.

Miho estava olhando para o mar escuro distraidamente.

O navio avançava entre as ondas e o mastro rangia.

Senbê ordenou aos marinheiros que deixassem as velas a meio mastro.

No mar entre Shôdojima e Sanuki, a corrente marítima se movia com bastante velocidade em direção ao alto mar de Harima.

O navio da família Honda ia sendo levado por essa corrente marítima para o alto mar de Harima.

Foi então que avistaram um vulto de navio no meio do nevoeiro.

À frente, um negro e robusto navio os aguardava, como que barrando a passagem do navio da família Honda.

Miho ouviu a voz de Tadatoki.

Os marinheiros tentavam desesperadamente mudar a direção do navio, que ia sendo levado pela corrente marítima.

Ainda assim, os navios se aproximaram num instante.

Miho saiu do recinto.

No centro do convés, Tadatoki ordenou aos vassalos a retirada do canhão que estava envolto em um pano grosso.

Era bem menor que o canhão que foi usado no acampamento dos Tokugawa contra Castelo de Osaka, na última batalha em Osaka, mas era imponente, de origem europeia.

- A pólvora está úmida devido à chuva.

Assim disse a Tadatoki, o samurai que devia ser responsável pelo canhão e foi correndo buscar pólvora nova na parte de baixo do navio.

Miho empalideceu e olhou para o mar, ao pensar que iriam atirar no navio dos inimigos com uma arma daquelas.

O navio inimigo, sabendo ou não que o navio estava equipado com tal arma, se aproximava tranquilamente.

No convés, ardia uma fogueira avermelhada.

A primeira coisa que Miho viu foi uma cortina branca.

Nela estava tingido em preto o brasão da família Toyotomi.

E na frente dela, havia uma bandeira com o símbolo de cabaças.

No entanto, não havia nem sombra de pessoas.

O grande navio no meio da neblina balançava sobre o mar, sem ninguém no convés.

- Senhor, cuidado!

Ouviu-se a voz de Mikinosuke de algures e Miho digiriu o olhar à proa.

Ali estava começando uma feroz luta de espadas entre os guerreiros que subiram a amurada do navio e os samurais da família Honda.

Pelo visto, enquanto os samurais da família Honda estavam distraídos com o grande navio sem viva alma, os barcos pequenos apareceram do nada, puseram a corda na amurada e subiram um atrás do outro.

O corpo alto de Tadatoki moveu-se como borboleta esvoaçante próximo a Miho e abateu o inimigo com a espada.

Na frente do outro guerreiro que vinha atacando colocou-se Mikinosuke, barrando a passagem.

E a bordo do grande navio que veio se encostando e se aproximou, Miho viu pessoas enfileiradas.

Todas estavam com máscaras de *nô* e ela não conseguia ver-lhes o rosto.

Ela se aproximou dois ou três passos da amurada, tentando ver se entre elas estava Hideyori ou seu pai, Governador de Kai, quando as flechas vieram na sua direção. Uma delas atravessou o ombro de Miho.

- Miho.

Tadatoki segurou Miho, que cambaleou, e levou-a para dentro do recinto.

Ao mesmo tempo, com um ruído ensurdecador, foi disparada uma bala de canhão, a partir do navio de cá, que derrubou o mastro do navio inimigo num instante.

Com esse impulso os dois navios se afastaram bastante.

No convés do navio inimigo havia uma confusão. Ainda assim, várias pessoas atiravam flechas. Atiravam com espingardas.

Do navio da família Honda também foram atiradas flechas e as espingardas também abriram fogo.

- Disparem o canhão, afundem o navio dos inimigos!

Tadatoki assim ordenou. O segundo disparo caiu no convés do navio inimigo. Antes do terceiro disparo, o navio do inimigo havia pegado a corrente marítima.

A correnteza mais forte que se dirige ao alto mar de Harima foi sugando o navio inimigo em meio ao espesso nevoeiro.

- Persigam-no, não o percam de vista!

O próprio Senbê se agarrou ao leme, mas o navio estava fora da corrente.

O vento e a chuva estavam tirando a agilidade do navio.

A luta de espadas no convés já tinha terminado.

As ondas foram lavando o convés ensanguentado.

- Miho, seja forte, mantenha-se consciente....

Ouvindo a voz de Tadatoki junto ao seu ouvido, Miho foi aos poucos perdendo a consciência, entregando-se aos braços daquela pessoa.

O ferimento de Miho era profundo.

Tadatoki tirou a flecha e, como primeiro socorro, estancou o sangue. Quando o navio entrou no porto de Shikama, Miho recebeu tratamento médico à parte dos demais feridos.

Na noite em que voltou ao castelo, souou e gemeu de tanta dor.

A febre estava alta e os lábios secaram.

Em estado de semiconsciência, Miho tinha vaga lembrança de que Sen'hime tinha levado água fria à sua boca.

A febre alta abaixou em dois dias e depois foi se recuperando bem. Passados uns dez dias, Sen'hime providenciou uma ida à terma para tratá-la:

- Dizem que a água quente da montanha faz bem ao ferimento de flecha.

Miho foi levada de palanquim para a estância termal da montanha.

Ali havia várias habitações particulares e uma casa de veraneio que a família Honda mandara construir para tratamento termal.

Servida por três damas de companhia, Miho, exausta mental e fisicamente, mergulhava o corpo na banheira e passava os dias em recuperação.

A dor física se foi, mas em contrapartida passou a sonhar com frequência.

Em sonho, as pessoas com máscaras que estavam alinhadas no navio, apareciam-lhe nitidamente.

Por vezes, a face da máscara era Hideyori, outras vezes era o pai e Miho acordava com seu próprio grito.

A cada três ou quatro dias, chegava um mensageiro de Sen'hime.

Diversos presentes de convalescença eram entregues e o médico também ia saber do estado de Miho.

Mesmo recebendo o máximo de atenção de Sen'hime, Miho agradecia só formalmente, curvando-se em reverência.

Parecia que seu coração tinha ficado vazio e não tinha serenidade para aceitar a bondade.

Tadatoki apareceu na estância termal no final do verão, quando na montanha o sinal de outono já estava forte.

Tadatoki que dissera estar passando por ali na volta da falcoaria, como sempre parecia destemido e era tão viril que chegava a ofuscar os olhos da convalescente Miho.

- Minha esposa está preocupada com você. Estava orando para que a marca de ferimento ficasse menos visível com as águas termais.

Ao pensar que Sen'hime estava preocupada com o fato de a flecha ter deixado uma cicatriz feia na pele da moça solteira, Miho sentiu o coração ficar agitado.

Miho sabia que Sen'hime tinha uma pele translúcida como a cor rosada da flor de cerejeira, sem uma mancha sequer em todo o corpo.

Até vir a Himeji, era magra e os seios pareciam peito de criança, mas, depois que Katsuhime nascera, tornaram-se mais arredondados e o corpo como um todo ganhou suavidade.

Ao pensar que Tadatoki conhecia cada detalhe daquele lindo corpo de Sen'hime, o ciúme que estava reprimindo voltava a ganhar força.

Um morador local preparou a presa da caça para refeição e Tadatoki bebeu saquê e comeu com os acompanhantes mais destacados.

Ele disse que passaria aquela noite na estância termal e, no dia seguinte, retornaria ao castelo.

Miho cuidou diligentemente de Tadatoki.

Como eram coisas que fazia no palácio Musashino, não era nada estranho.

Preparou também o leito de Tadatoki.

- Tome um banho, senhor. Aliviará o cansaço.

A banheira era rodeada por rocha.

Olhando para o céu, mergulhado em água quente, viam-se as estrelas.

Tadatoki estava feliz com essa beleza natural.

Pensou em trazer Sen'hime ali um dia.

A água quente transparente deslizava pela pele suavemente e escorria.

Tadatoki pensou no momento em que a pele branca de Sen'hime ficaria corada como se tivesse sido imersa em água quente.

Sob o corpo de Tadatoki, Sen'hime se contorce e a pele vai se tornando rosada.

Só ao imaginar isso, Tadatoki sentiu desejos.

Tadatoki virou-se, ao ouvir um pequeno som.

Miho estava com a barra de quimono arregaçada bem alto e estava à beira da banheira.

- Esfregarei as suas costas.

Tadatoki não se mexeu.

- Não é necessário, aguarde lá fora.

Não queria nenhuma mulher por perto, nesse momento.

Dentro dele havia um animal feroz.

- Senhor.

Miho o chamou e Tadatoki olhou para ela instintivamente.

Miho estava despida.

Dos ombros arredondados pendiam seios fartos, flutuando na fumaça branca de água quente.

- Fui ferida pela flecha e minha pele ficou, assim, feia.

A voz ficou um tanto chorosa.

O sentimento de piedade mexeu com o coração de Tadatoki.

Aproximando-se dela, esticou o braço e tocou na ferida.

Ela não era feia.

A ferida pequena e vermelha tinha uma cavidade.

- Um dia, voltará a ser como antes.

Tadatoki quis dizer que com o passar do tempo o tecido iria se reconstituir, mas Miho sacudiu a cabeça violentamente e agarrou-se a Tadatoki.

Os lábios de Tadatoki se aproximaram da ferida.

Miho estremeceu e envolveu ainda mais o corpo de Tadatoki.

Os lábios de Tadatoki passaram da ferida ao peito.

Acariciou lentamente o botão da flor ainda dura.

Miho fechou os olhos, envolveu o tronco de Tadatoki com os braços e roçou suas costas com os dedos.

O sereno da montanha era agradável para o corpo ardendo de calor.

Quando Tadatoki penetrou Miho, ela soltou um grito e foi se aconchegando ainda mais a ele.

Em volta dos corpos unidos, o som dos insetos de outono de repente se intensificou.

Na manhã seguinte, Tadatoki parecia aborrecido.

Miho notou que não era mau humor, mas certo embaraço.

Não dirigiu uma palavra a Miho, que lhe servia a refeição.

Logo, chegou a hora da partida.

Miho criou coragem e disse a Tadatoki:

- Gostaria de curar-me o mais rápido possível e voltar ao castelo.

Tadatoki olhou Miho de relance e assentiu.

- Osen também está esperando ansiosamente, volte logo.

Um samurai veio buscá-lo e Tadatoki deu as costas para Miho.

Quando Miho foi para fora, Tadatoki já estava montado no cavalo.

- O jovem senhor está de partida!

Aproveitando a voz de Mikinosuke, Tadatoki chutou levemente a barriga do cavalo.

O som alto de cascos foi se distanciando.

Absorta, Miho permaneceu de pé ali.

Pensou que jamais se esqueceria do que acontecera na noite anterior.

Ela percebeu o que desejava.

Agora que foi amada por essa pessoa e passou a ser sua, não havia nenhum arrependimento.

Se fosse possível, queria ter um filho de Tadatoki.

Sen'hime teve uma menina.

Se ela tivesse um filho de Tadatoki, se ele fosse um menino, ele seria herdeiro do Castelo Shirasagi.

Olhando para o céu ensolarado da montanha, Miho soltou um pequeno suspiro.

Sentimentos complexos ocupavam o coração de Tadatoki, que estava retornando ao castelo.

Havia o arrependimento de ter se recostado justamente com a dama de companhia de Sen'hime.

Ao mesmo tempo, estava sem saber o que fazer consigo mesmo, que estava se sentindo atraído por Miho.

Na verdade, fazia tempo que ele estava percebendo as atitudes sedutoras que Miho lhe mostrava de vez em quando.

Estava fingindo que não percebia que a dama de companhia de sua esposa tinha um sentimento especial por ele, mas na noite anterior acabou caindo na sua armadilha.

Não era desagradável, mas teria problemas, caso Sen'hime descobrisse.

Podia-se pensar que o laço de marido e mulher que se uniram por amor e paixão não seria afetado por uma dama de companhia.

Para começar, era comum os daimios terem várias concubinas.

Mesmo seu pai Tadamasa tinha concubina na mansão de Edo, que sua mãe também conhecia, mas nem por isso a relação deles ficou difícil.

Mas, como seria com Sen'*hime*?

Ela era uma briosa princesa dos Tokugawa.

Tadatoki não sabia o que fazer com o sentimento de culpa de ter traído essa pessoa que a ama com toda a sinceridade e confia totalmente nele.

Na descida da montanha, a frente se abriu e avistou-se o mar.

Sob o céu ensolarado, o alto mar de Harima brilhava azul.

Desde então, os piratas estavam quietos.

Se aqueles piratas eram realmente os remanescentes dos Toyotomi, nesse momento não havia como saber.

- Senhor...

Mikinosuke veio encostando o cavalo.

- Já podemos ver a torre do Castelo Shirasagi.

No castelo, Sen'*hime* espera ansiosamente o retorno de Tadatoki.

Tadatoki levantou a mão e enxugou o suor da testa.

O TEMPLO DE QUIOTO

1

Assim que a estância termal da montanha cercou-se de folhagens vermelhas, Miho voltou para Himeji.

Entre os samurais que foram buscar Miho estava Miyamoto Mikinosuke e a escolta era um tanto exagerada, mas um samurai chamado Yamamoto Shirôzaemon explicou:

- Como houvera ordem secreta do jovem senhor de que em nenhuma hipótese deveríamos permitir que os remanescentes de Toyotomi causassem algum dano à Senhora Miho...

Dentro do palanquim, Miho pensou sobre o que poderiam os remanescentes de Toyotomi fazer contra ela.

Se é que iriam fazer algum mal a Miho, talvez ela estivesse sendo considerada traidora, assim como Sen'hime.

Ela não tinha se esquecido da gratidão à família Toyotomi. Caso seu pai ainda estivesse vivo, queria vê-lo, mas por outro lado, ainda que fosse apenas uma vez, mantivera relação com o herdeiro dos Honda, um dos quatro vassalos mais importantes dos Tokugawa. Tal ato era vergonhoso perante seu pai, perante as pessoas dos Toyotomi e indigno de uma filha do Governador de Kai e isso a deixava triste.

Apesar disso, à medida que se aproximava do Castelo de Himeji, o coração de Miho se enchia de sentimento por Honda Heihachirô Tadatoki.

Sua respiração, o calor de sua pele, sua voz um tanto rouca voltavam à sua memória e a palpitação se tornava cada vez mais forte.

O palanquim passou pelo portão do castelo.

Na parte de baixo da escada de pedra que levava ao palácio Musashino, Matsuzakano Tsubone a aguardava com a dama de companhia. Ela disse a Miho, que já havia descido do palanquim e veio subindo a pé até ali:

- A princesa viu do jardim do palácio o seu palanquim entrando o portão principal e me pediu que viesse recebê-la.

Matsuzakano *Tsubone* disse-lhe o quão ela a esperava ansiosamente e Miho abaixou os olhos. Ainda não tinha conseguido pacificar seu coração com relação à traição que cometera contra sua ama.

Miho subiu as escadas de pedra como que conduzida por Matsuzakano *Tsubone* pelas mãos.

O jardim do palácio Musashino estava tingido de vermelho pelas folhas das azaleias.

Sen'hime estava na varanda.

- Miho.

Pela voz com que a chamou, Miho percebeu que Tadatoki não havia contado a Sen'hime sobre a noite que passara com ela.

- Parece se sentir melhor. A ferida não dói mais?

Alegremente, colocou-a na sala de estar e disse para a criada que estava próxima:

- Avise ao senhor que Miho voltou da montanha.

Miho olhou involuntariamente a expressão de Sen'hime, mas ela não demonstrava inquietação.

- O senhor também estava preocupado, disse várias vezes que não deveria tê-la levado no navio... Se não a tivesse colocado no navio, não teria se ferido daquela maneira, disse e pediu perdão até para mim.

- Não, senhora, foi tudo por causa do meu atrevimento. Só atrapalhei o trabalho de todos e não pude ajudar em nada...

Mesmo que tentasse identificar os guerreiros que estavam no navio usavam máscara de nô e não mostravam o rosto.

- Não vamos mais falar desse assunto.

Sen'hime interrompeu as palavras de Miho com expressão de dor.

- Felizmente, desde então não se ouve falar mais em piratas em Setouchi, segundo o senhor.

Foram servidos doces raros, e Sen'hime preparou o chá.

- Na estância termal deve ter se sentido muito solitária!

Miho deu um sorriso bastante tranquilo.

- Mas o senhor passou por lá quando voltava da caça...

Sen'hime balançou a cabeça inocentemente.

- Naquele dia, pedi ao senhor que passasse lá. Fiquei aliviada ao saber que o ferimento provocado pela flecha estava se curando bem.

Miho ficou muito admirada ao saber que Heihachirô Tadatoki tinha contado isso à sua esposa. Se ela fosse desconfiada, iria perguntar-lhe como soubera de uma ferida que não se vê de fora.

Sen'hime não demonstrou nenhuma desconfiança. Confiava totalmente no marido.

Miho conteve o impulso de contar tudo o que havia acontecido naquela noite. Achou que ainda não era hora.

A criada voltou:

- O jovem senhor disse que está ocupado e recomendou à Senhora Miho que não fizesse muito esforço.

Miho sentiu que Heihachirô estava evitando-a.

Ficou com vontade de rir de sua ingenuidade.

Como ele pretendia continuar evitando Miho, que serve a Sen'hime no palácio Musashino?

A ama de leite chegou, trazendo Katsuhime.

Era a primogênita de Tadatoki e Sen'hime. A criança cresce rápido e, em pouco tempo, havia se tornado uma adorável princesa de pele alva.

- Deixe Miho pegar Katsuhime no colo. Certamente, vai se surpreender com seu peso.

Disse Sen'hime, e Miho receosamente pegou Katsuhime no colo.

De fato ela estava pesada.

- Realmente, ela cresceu bastante!

Miho ficou até o anoitecer ao lado de Sen'hime e depois foi descansar, por recomendação da sua patroa.

- Deve estar cansada, vá descansar.

Obedecendo às palavras de Sen'hime, retirou-se ao seu quarto.

As damas de companhia que servem Sen'hime tinham à disposição um aposento no Palácio Interno, mas Matsuzakano Tsubone e Miho tinham cada qual um aposento independente e serviços à sua disposição.

Trocou de roupa, fez uma refeição leve e foi se deitar cedo, mas apesar do cansaço físico não conseguia dormir, devido à tensão nervosa. Ao pensar em com que cara deveria encarar Tadatoki, no dia seguinte, estranhamente o coração palpitava.

Tadatoki foi ao palácio Musashino assim que Miho se retirou.

Como de costume, eles jantaram juntos.

- Ainda bem que Miho voltou da montanha. Está com um aspecto melhor que antes e fiquei mais tranqüila.

Quando Sen'hime lhe agradeceu, Tadatoki apenas balançou a cabeça levemente.

Mas o assunto que Tadatoki queria comentar era sobre seu pai Tadamasa, que estaria voltando em breve de Edo.

- Em sua carta enviada para minha mãe, ele está muito ansioso para ver Katsuhime. Quer ver o quanto ela cresceu... Por isso, falei à minha mãe que, quando ele voltar, receberá mais uma notícia boa.

Sen'hime ficou vermelha.

- Então falou à sua mãe!

- Notícia boa é melhor dar logo.

- Mas tenho vergonha. Acabei de ter Katsuhime neste ano.....

Sen'hime estava envergonhada, pelo fato de ter engravidado novamente apenas seis meses depois do nascimento de Katsuhime.

Tadatoki sentiu ternura pela esposa, mas também uma dor no fundo do coração. Miho, que voltara há pouco tempo da estância termal, também em breve saberia da gravidez de Sen'hime. Com certeza ela ficará com o coração ferido, pensou ele. Pensava também que precisaria decidir logo sobre o que fazer com Miho.

Esse era um assunto sobre o qual ele não podia consultar ninguém.

Tadatoki encontrou Miho na manhã seguinte.

Como de costume, Miho ajudou Sen'hime a se vestir e, após o casal terminar o ritual matinal de cultuar Otokoyama Hachiman da sala de estar do palácio Musashino, cumprimentou Tadatoki novamente.

- Fiquei muito tempo afastada. A partir de hoje voltarei a servir-lhes.

Ao que ele respondeu sucintamente:

- Conto com você.

O dia a dia de Miho voltou ao que era antes.

Quando Tadatoki vinha ao palácio Musashino, Miho cuidava dele, mas não havia nenhuma palavra dele em particular.

Algum tempo depois, Miho soube da gravidez de Sen'hime.

Foi um grande choque, mas Miho controlou os seus sentimentos habilmente.

Entretanto, o fato de já engravidar do segundo filho, no mesmo ano em que teve a primeira filha, mostrava como a relação conjugal era harmoniosa.

- As pessoas de camada social mais baixa dizem que, enquanto amamentam os seus bebês, não engravidam do outro filho, mas como as pessoas de camada social mais alta entregam o bebê para a ama de leite, concebem rapidamente.

A ama de leite de Katsuhime falava para as criadas jovens com ar de entendida, e Miho ouvia isso com a expressão de desagrado, franzindo a testa.

No final daquele mês, Tadamasa, que estava em Edo, voltou ao castelo.

Após receber a saudação dos vassalos que foram recebê-lo, foi direto ao palácio Musashino e pegou Katsuhime no colo.

- Ouvi dizer que espera o próximo filho. Isso é a maior alegria. Virá um início de primavera auspiciosa para a família Honda.

O rumor de Edo contado por Tadamasa foi transmitido a Sen'hime através de Tadatoki.

- Que fique entre nós, mas o terceiro filho do xogum, o Senhor Tadanaga, teria desagradado o pai.

Chômaru, o primeiro filho do xogum Hidetada, morreu prematuramente aos dois anos, e o segundo filho, Takechiyo, realizou a Cerimônia de maioridade, adotou o nome de Iemitsu e residia na fortaleza oeste.

Tadanaga, o terceiro filho do xogum, que nos últimos tempos estava treinando a técnica de manejo de espingarda estilo Inatomi, atirou no pato selvagem que estava no fosso de fortaleza oeste

- A Senhora Oeyo, mãe de Tadanaga, ficou muito contente e mandou preparar o pato para servir na refeição do xogum, mas ele ficara irado pelo fato de Tadanaga ter disparado a arma na direção da fortaleza oeste, onde vive o herdeiro, fato este muito comentado entre os *daimio*, em Edo...

Tanto Iemitsu quanto Tadanaga eram irmãos de sangue para Sen'hime.

Mas Sen'hime, quando estava em Edo, tinha mais intimidade com Iemitsu e com Tadanaga tinha pouca ou quase nenhuma comunicação.

Sabendo disso, Tadatoki confidenciou para sua esposa a história contada pelo pai.

- Meu pai disse que o xogum faz mesmo distinção entre irmãos.

Desde antes de Ieyasu morrer, já estava decidido que Iemitsu seria o terceiro xogum e, portanto, recebia o tratamento de herdeiro.

- E depois, sobre a questão de casamento de sua irmã Matsuhime com o imperador...

Matsuhime, a filha caçula do xogum Hidetada, foi eleita para ser esposa do Imperador Gomizunoo, no ano 19 da Era Keichô⁹⁵.

No entanto, a cerimônia tinha sido adiada porque no ano 2 da Era Genna⁹⁶ faleceu Ieyasu, e no ano 3 faleceu o ex-imperador Goyôzeiin, e estavam de luto, e justo agora ocorreu um incidente que deixou Hidetada enfurecido.

- Segundo meu pai, uma pessoa que servia próximo ao imperador, chamada Oyotsuno Tsubone, filha do nobre Yotsutsuji Kinmichi, está para dar à luz, em breve, um filho do imperador.

Esse fato chegou aos ouvidos de Tôdô Takatora e comunicado a Edo, e o xogum Hidetada, pai de Matsuhime, ficou aborrecido e encaminhou à corte o seu protesto.

Parece que em Edo cogitaram até cancelar a cerimônia nupcial de Matsuhime, dependendo da explicação da corte.

- É que meu pai tinha especial carinho por Matsuhime...

⁹⁵ Corresponde ao ano de 1614.

⁹⁶ Corresponde ao ano de 1616.

Até mesmo o xogum é ser humano e ele dedicava uma atenção especial para a caçula.

Além do mais, logo após o nascimento, *Matsuhime* tinha sido prometida para o príncipe imperial, pela vontade do avô Ieyasu, assim, mesmo entre as filhas dos Tokugawa, foi a que teve uma educação muito especial.

Sen'hime conheceu a irmã, dez anos mais nova, quando voltou de Osaka para Edo e lembra-se de ter se surpreendido com sua fineza e firmeza de caráter, apesar de ser uma menina de apenas nove anos de idade, confirmando a fama de menina calma e inteligente.

Essa princesa deve ter completado doze anos.

Ao conversar sobre o casamento de *Matsuhime*, Tadatoki, mesmo sem querer, comparou a situação dela com seu caso com Miho.

Tanto Sen'hime como *Matsuhime* eram filhas do xogum.

Até mesmo o imperador estava sob severas críticas pelo fato de ter engravidado outra moça antes do casamento.

Se, em Edo, ficarem sabendo que eu, que sou marido de Sen'hime, me envolvi com outra mulher, o que acontecerá? Só de pensar, Tadatoki sentiu arrepios.

Entretanto, Tadamasa, que não tinha como saber do pensamento de Tadatoki, viu Miho nas várias vezes que fora ao palácio Musashino para brincar com *Katsuhime* e falara com a esposa *Yûhime*.

Quando estava terminando o ano, certo dia Sen'hime foi convidada por *Yûhime* para a fortaleza central, para conversar entre mulheres sobre a preparação de Ano Novo. Na ocasião *Yûhime* disse-lhe:

- O senhor disse-me que há uma boa proposta de casamento para Miho.

O candidato em questão era um dos membros do clã Honda, um parente distante de Tadatoki, de vinte e seis anos, e se chamava Shintarô Nobuyuki.

- Creio que você ainda não o conhece, mas ele virá a Himeji para os cumprimentos do Ano Novo, e nesse encontro o senhor pensa em apresentar Miho a ele.

Sen'hime agradeceu aos sogros pela consideração, mas contou-lhe sobre o que ouvia de Miho com relação aos seus sentimentos.

- Como a senhora sabe, Miho é filha de Hayami, Governador de Kai, um conselheiro aliado de Osaka, por isso receia que isso cause algum problema a outra parte.

Yûhime negou com brandura.

- A respeito desse assunto, o senhor também sabe. Mas ele diz que já faz três anos desde o fim da batalha de Osaka, e atualmente o xogum não proíbe os *daimio* de empregarem os que tinham relação com o grupo de Osaka. É pouco provável que haja alguma repreensão por causa de uma mulher. Além do mais, Miho é sua dama de companhia, portanto, ele disse que tal preocupação é desnecessária.

A sogra disse-lhe que a felicidade de uma mulher está mesmo em conseguir um bom casamento e tornar-se esposa e mãe. Assim, Sen'hime voltou ao palácio Musashino, chamou Miho e contou-lhe tudo conforme acontecera.

- Eu também não conheço Shintarô Nobuyuki, mas minha sogra disse que tem excelente caráter e é de boa índole. Não que seja necessário casar-se com ele, mas não quer conhecê-lo sem compromisso?

Diante das palavras de Sen'hime, Miho abaixou a cabeça e disse em voz baixa que gostaria de pensar um pouco.

Todavia, nunca mais tocou no assunto, como se tivesse esquecido.

Sen'hime hesitou em cobrar a resposta e comentou no leito com Tadatoki.

- Talvez Miho não se sinta à vontade para responder para mim. O senhor poderia falar com ela de forma indireta?

O Ano Novo estava próximo. Sen'hime teria que responder à sogra.

- Tudo bem, eu perguntarei à Miho.

Tadatoki, mesmo contra sua própria vontade, aceitou a incumbência, pois ele tinha outra pergunta para fazer a Miho.

No dia seguinte, Tadatoki convidou Miho para ir com ele até a pequena torre leste.

A grande torre do Castelo Shirasagi é cercada por três torres pequenas: torre Inui, torre oeste e torre leste, todas com acabamento em reboco inteiramente branco, uma particularidade que o diferenciava de qualquer outro castelo. Pela sua beleza fazia jus à denominação de “castelo da garça branca”.

Na pequena torre leste adentrava o sol da manhã.

As montanhas de Harima que se viam dali mostravam a paisagem de inverno, mas a paisagem que circundava o castelo era brilhante e serena.

Para não ficar a sós com Miho, nomeou Miyamoto Mikinosuke para ficar na sala ao lado.

Conforme o caso, Miho poderia falar algo comprometedor. Tadatoki não se importava caso fosse Miyamoto Mikinosuke a ouvir o que ela dissesse.

Companheiro de estudo de técnica de espadas estilo Niten-ichiryû, eram mais que senhor e vassalo, eram quase irmãos.

Miho parecia ter suspeitado do que ele iria tratar, quando foi chamada para ir até a pequena torre leste.

- Em primeiro lugar, o que eu quero perguntar-lhe é sobre a proposta de casamento de que Sen'hime lhe falou outro dia...

A Tadatoki que começou a falar hesitante, Miho respondeu com veemência:

- Se o assunto é esse, como sempre venho dizendo, não tenho intenção de me casar.

- Todavia, Sen'hime também está preocupada.

- A Senhora Sen'hime está preocupada porque soube o que aconteceu na estância termal?

O rosto de Tadatoki ficou corado.

- O que está dizendo?!

- A Senhora Sen'hime percebeu o que houve entre nós e está tentando me afastar do senhor...

- Que tolice! Essa proposta de casamento foi ideia do meu pai e da minha mãe, que pensaram na sua idade, conversaram entre si e encontraram essa solução. Sen'hime não tem conhecimento de nada.

- Então, o senhor seu pai e senhora sua mãe sabem que nós...

- Não se atreva!

Tentando não ficar perturbado, Tadatoki desviou o olhar de Miho.

- O que aconteceu na estância termal foi o maior erro da minha vida; não disse nada nem para meu pai nem para minha mãe.

- O senhor diz que foi um erro?

A voz de Miho ficou trêmula. Tadatoki olhou para a montanha de inverno, lá distante.

- Eu tenho esposa.

- Não estou lhe pedindo para fazer-me a esposa oficial; possuir muitas mulheres é um costume da sociedade; o Senhor Hideyori também, antes de ter a princesa como esposa, tinha uma concubina.

Sen'hime conheceu Toyotomi Hideyori quando tinha sete anos, mas antes de se tornarem marido e mulher oficialmente, Hideyori teve dois filhos com uma concubina.

A expressão de Tadatoki mudou e ele demonstrou amargura na sua fisionomia.

- Para mim é desnecessário, disse.

- O senhor tem medo de desagradar o xogum?

Miho tocou no ponto frágil.

- O senhor também é um homem, e creio que não tem obrigação de manter-se fiel à Senhora Sen'hime...

Quanto mais argumentava, mais Miho sentia que seus argumentos eram em vão. Notava nitidamente que Tadatoki ia perdendo a admiração por ela, ficando decepcionado. Ainda assim, Miho não conseguia controlar a si mesma.

- Eu falarei com Sen'hime. Uma vez que fui amada pelo senhor, não me casarei com ninguém. Ficarei perto do senhor...

- Espere.

Tadatoki a conteve firmemente.

- Osen está grávida! Não quero abalá-la dando-lhe tal notícia.

- Recuse então a proposta de meu casamento, por favor. Eu prometo em nome dos deuses manter silêncio sobre o fato, se o senhor assim pede.

Tadatoki soltou um pequeno suspiro.

- Muito bem, então vamos proceder como você deseja, desde que...

Com os olhos cheios de angústia, fitou Miho.

- Se, por um acaso, causar sofrimento a Sen'hime, estará morta.

Miho não desviou o olhar.

- Como quiser...

- Preciso fazer uma pergunta para você.

Era sobre o encontro com o navio pirata, no outono.

- Você acha que entre os guerreiros que usavam máscaras de nô estava Hideyori?

Com o rosto inexpressivo, Miho balançou a cabeça.

- Não sei.

- E seu pai, Governador de Kai, viu alguém que se parecesse com ele?

- Se meu pai estivesse lá, tenho certeza de que não teria deixado atirarem em mim.

- Eu acho que os inimigos não sabiam que você estava no nosso navio...

Era uma luta entre navios no meio da escuridão da tempestade.

- Talvez...

- Você não viu ninguém parecido com seu pai?

- Não.

Miho não mencionou que no convés do navio que ostentava a bandeira de Toyokuni Daimyôjin, havia a figura de um guerreiro, com um físico muito parecido com o de seu pai. Ela concluiu que, por ora, seria melhor não dizer que pensou ser Toyotomi Hideyori aquele general, vestindo armadura costurada com fios escarlates e que estava logo ao lado daquele outro guerreiro.

- Então pode se retirar, falarei com minha mãe a respeito da sua resposta.

Após ouvir as palavras de Tadatoki, Miho abaixou a cabeça ligeiramente e saiu da pequena torre, com passos apressados.

- Senhor!

Miyamoto Mikinosuke saiu da sala que ficava ao lado e pôs as mãos no chão devagar.

- Deixe aquela moça comigo, por favor!

- Você quer matá-la?

- Se a deixar viva, não será bom nem para o jovem senhor, nem para a Senhora *Senhime*.

- Não se precipite.

Tadatoki sorriu com um semblante de amargura.

- Aquela moça não tem culpa. Eu é que fui tolo.

Tadatoki estava com vergonha de ter sido levado pela conversa de uma menina como Miho.

- No momento, não quero tomar atitude drástica.

Tadatoki estava consciente de que para uma mulher grávida aquele era um momento muito importante.

- Eu quero que Sen'hime dê à luz um filho saudável, com muita tranquilidade.

Ele disse para não se preocupar com a questão da Miho e desceu a pequena torre, dirigindo-se a fortaleza central.

Contou diretamente para Yûhime a resposta de Miho, e esta assentiu em silêncio, mas repentinamente mandou a criada se retirar, ficando a sós com Tadatoki.

- Seu pai disse que, caso Miho se recusasse a se casar, era para afastá-la de Osen sem demora...

- Afastar Miho de Osen?

- Em outras palavras, afastá-la de você.

Yûhime olhou para seu filho fixamente.

- Nós não achamos que você esteja apaixonado por aquela garota. Porém, tememos o que ela esconde no fundo do coração. Antes que lhe aconteça alguma coisa, o melhor é afastá-la deste castelo.

- Minha mãe!

- Não quer deixar por minha conta? Posso arranjar uma desculpa e deixá-la na casa de algum conhecido em Quioto.

- Espere, por favor. Miho é dama de companhia de Sen'hime, e preciso perguntar o que ela acha.

- Talvez Osen também esteja com o coração atormentado por causa de Miho. Porém, Osen confia totalmente em você...

Tadatoki não conseguia levantar o rosto diante da mãe.

Todos, o pai, a mãe e até mesmo Sen'*hime* estavam a par do sentimento de Miho por Tadatoki.

Diante do peso das palavras da mãe, Tadatoki não sabia o que fazer.

O início do ano 5 da Era Genna⁹⁷ foi para a família Honda de Himeji um Ano Novo muito tranquilo.

A relação entre Tadatoki e Sen'hime era de grande harmonia, mais do que quando acabaram de se casar, tendo ao centro Katsuhime, que começou a se levantar segurando em objetos, o palácio Musashino estava sempre repleto de risos.

Quando a ameixeira chinesa do jardim voltado para o sul do Castelo Shirasagi começou a florir precocemente, Yûhime veio visitar o palácio Musashino, trazendo uma carta em mãos.

- É uma carta de Achano *Tsubone*, que está no Castelo de Nijô, em Quioto.

Ela disse sorrindo para Sen'hime e para Miho, que estava perto de Sen'hime.

- O xogum está dando atenção especial à gravidez de Sen'hime e disse para depositar voto pelo nascimento de um menino no templo Keikôin, em Ise, pelo bem da família Honda. Consta que Achano *Tsubone* solicitou a Onono Otsû que fosse mensageira. Assim, é preciso pedir para alguém visitar Ise junto com Otsû como sua mensageira. O Senhor Tadamasa sugeriu Miho, por isso gostaria de conversar com Sen'hime para decidir...

Obviamente da família Honda seriam destacados os samurais mais fortes para acompanhá-las, portanto, não haveria preocupação durante a viagem.

Antes que Sen'hime falasse qualquer coisa, Miho perguntou a Yûhime.

- A senhora se importaria se eu lesse essa carta da Senhora Achano *Tsubone*?

Yûhime sorriu.

- Veja, é a mesma caligrafia firme de Achano *Tsubone*.

Miho leu atentamente a carta. Realmente, era exatamente como Yûhime dissera.

O xogum Hidetada esperava ansiosamente que Sen'hime, que engravidara de novo, tivesse um filho homem desta vez.

⁹⁷ Corresponde ao ano de 1615.

Keikôin de Ise era um templo de monjas dentro do santuário Ise Jingû. Era um templo de alta categoria, que tinha a permissão de usar o hábito roxo.

Todas as monjas responsáveis adotavam o nome de Keikôin, ao assumir o cargo, e quando iam a Edo, ao longo do caminho era permitido o uso gratuito do serviço oficial de transporte de cargas e documentos, e em Edo tinham uma residência na ilha Reigan, onde se hospedavam em suas visitas.

Tinham relação profunda com a família Toyotomi também, mas a família Honda, por ser de Kuwana, tinha envolvimento maior com Ise e havia doado o terreno ao templo Keikôin.

Foi devido a esse vínculo que Hidetada ordenara a Sen'hime, casada com um Honda, que fizesse voto de nascimento de um menino, em Keikôin.

- Então, Miho, vamos lhe dar trabalho, mas é pelo bem de Sen'hime e também de nossa família Honda. Levaria o voto?

Indagada por Yûhime, Miho devolveu a carta e se curvou.

- Embora não esteja à altura da missão, aceitarei ser a mensageira.

- Que bom ouvir isso. Então, Osen, escreva imediatamente o voto.

Cinco dias depois, Miho partiu apressadamente para Quioto acompanhada de duas damas de companhia e protegida pelos samurais da família Honda.

Ela conjecturou se a ordem para servir de mensageira seria resultado de maquinação entre Tadatoki e Yûhime, mas mesmo que fosse isso, ela não tinha a intenção de recusar a missão.

Miho desejava viajar.

Depois de ouvir de Tadatoki a declaração clara de que a relação entre eles na estância termal fora um erro, ela estava decepcionada.

Era como se tivesse caído no fundo do abismo, logo após ter tido a alegria de ser correspondida no amor que por um longo tempo ela nutria.

Miho estava exausta de servir a Sen'hime como se nada tivesse acontecido, suportando o sofrimento da desilusão amorosa.

A vontade sincera de Miho era fugir deste castelo, mesmo que não pudesse voltar nunca mais a Himeji.

Mesmo assim, a tristeza que sentiu ao se despedir de Sen'hime e deixar o palácio Musashino era tão grande que não podia ser expressa em palavras. Matsuzakano *Tsubone* acompanhou Miho até o Portal Sakura.

- Cumpra sua missão com sucesso e volte logo.

As palavras de Matsuzakano *Tsubone*, que não sabia de nada, foram dolorosas e angustiantes para Miho.

- Cuide da Senhora Sen'hime, por favor - disse freneticamente.

Ainda que Sen'hime fosse sua rival no amor, para Miho a princesa era tudo.

Miho sentia que conseguira manter-se de pé, desde a queda do castelo até aquele dia, pelo fato de estar com Sen'hime.

Ela estava sem saber o que fazer consigo mesma, tentava odiar Sen'hime e não conseguia, tentava sentir rancor e não conseguia. Ao atravessar o rio Kako, avistou à distância a grande torre do Castelo Shirasagi.

- Por algum tempo não a veremos, não é mesmo?

Uma das acompanhantes assim murmurou, e Miho não conseguiu segurar as lágrimas que vinham brotando dos seus olhos.

Na viagem até Quioto nada aconteceu.

A paz reinava.

As figuras dos agricultores já arando a lavoura coberta de capim seco também pareciam tranquilas, diferentemente do período de guerras.

As estradas estavam mais movimentadas.

Ao entrar na cidade, Miho ficou surpresa ao ver o Castelo de Osaka, que havia sido destruído pelo fogo, reconstruído com todo o esplendor.

Olhando de perto, a posição da torre, da muralha do castelo estavam um pouco diferentes de antigamente, mas lá estava um castelo, mais suntuoso que o de Chiyoda, em Edo.

- O xogum designou um representante para ocupar o Castelo de Osaka, em substituição ao guardião, o de Fushimi, que mantinha até então.

Foi a explicação dada pelo empregado de Chaya Matashirô, que aguardava a comitiva de Miho, também por ordem de Achano *Tsubone*.

De Osaka, subiram pelo rio Yodo rumo a Quioto com o barco providenciado por Chaya.

Na sala de estar de Achano *Tsubone* no Castelo de Nijô estava Ono no Otsû.

Fazia cinco anos que Miho não a via. Estava um pouco mais cheia do que no tempo em que servia a Senhora Yodo no Castelo de Osaka e os traços definidos como os de um homem estavam mais suaves. Continuava sendo uma mulher de personalidade.

- Miho tornou-se bem feminina, bem diferente do tempo em que a conheci, quando era apenas uma menina.

Assim disse, com sua peculiar voz baixa e mostrou-se feliz com o reencontro.

Miho pensou que partiriam imediatamente para Ise, mas Achano *Tsubone* disse:

- O mensageiro do xogum de Edo chegará portando a doação ao templo Keikôin e está programado para irmos juntos.

Disse que iriam permanecer no Castelo de Nijô até lá.

Depois de algum tempo, Otsû disse que talvez Miho não se sentisse à vontade no castelo e levou-a a para sua residência.

A residência de Otsû ficava próximo ao palácio Imperial.

Otsû disse que haviam lhe emprestado a casa de veraneio de alguém da alta nobreza, que, pelo visto, pertencia a um dos ramos da família Konoe.

Diferentemente do Castelo de Nijô, na residência de Otsû, Miho podia sair a hora que quisesse.

Quioto já não era igual à época da queda do Castelo de Osaka.

O Palácio Imperial tinha sido completamente reformado, e havia muitas mansões novas dos nobres.

O bairro comercial estava ainda mais bonito e, na região da Quarta e Quinta Avenidas, havia grande movimento de pessoas.

Nesse dia, Miho saiu da residência de Otsû sem levar ninguém em companhia.

Foi quando andava por Karasuma que teve a sensação de estar sendo seguida por alguém e sentindo um pouco de medo, apressou os passos. Ao dobrar a esquina onde havia um muro de barro, deparou-se com um homem parado ali.

Era um monge de físico robusto. Ele se cobria com um chapéu de bambu e na mão trazia uma bengala.

- Miho.

O monge a chamou. Essa voz lhe era inesquecível.

- Não se preocupe. Acompanhe seu pai.

O monge começou a andar e Miho o seguiu sem pensar em nada. Sentia que atrás também vinha alguém.

Quando se virou para ver, avistou mais uma pessoa, um monge alto, que vinha andando atrás da Miho lentamente.

Atravessaram o rio Kamo.

Algum tempo depois, estavam num templo cercado de bosque.

Atrás do aposento havia um santuário. O monge entrou no santuário e ela o seguiu. O monge que veio atrás parecia ter ficado lá fora.

- Há quanto tempo, Miho!

O monge tirou o chapéu e Miho segurou a respiração.

Estava com a cabeça raspada, como se fosse monge, mas não havia dúvida de que era seu pai, Hayami, Governador de Kai.

- Meu pai!

Chamou-o com uma voz surda e se abraçou a ele.

- O senhor estava mesmo vivo!

Miho não sabia o que dizer, apenas apertava fortemente a mão de seu pai, e ele olhou penalizado para sua filha.

- Sabia que você estava perto da Senhora Sen'hime. Achei que seria melhor nunca mais nos vermos, se possível, para sua felicidade. Mas surgiu uma coisa que eu preciso confirmar com você sem falta.

Ouvindo-o falar com o tom sereno, Miho não podia acreditar nos seus ouvidos.

- Por que seria melhor não me ver?

- Hayami, Governador de Kai, já morreu. Você também, para o seu bem, é melhor esquecer o quanto antes que é filha de um dos vassalos próximos à família Toyotomi.

- Como assim...

Confusa, Miho disse:

- O senhor não está se esforçando para reerguer a família Toyotomi, ajudando o Senhor Hideyori?

O Governador de Kai aproximou seu rosto ao de Miho.

- Você viu o Senhor Hideyori? Se viu, onde e como o viu?

- O senhor não estava com o Senhor Hideyori?

Ficou atônita. Então, quem eram aqueles guerreiros que estavam no navio pirata?

- Na ocasião da queda do Castelo de Osaka, o Senhor Hideyori escapou de barco pelo fosso de fuga, debaixo da Ponte do Paraíso.

Os acompanhantes eram Ôno Shuri e mais alguns.

- Seu pai transportou o corpo da Genitora, que morreu atingida por balas, até Yamazatono Kuruwa e colocou pólvora para explodir o local, depois seguiu o Senhor Hideyori num outro barco, mas infelizmente perdeu-o de vista.

O fosso de fuga era como um verdadeiro labirinto, que vai dar no rio Tenma.

- Foi durante a noite, mas as tropas de Tokugawa estavam vigiando o curso do rio. Não sabemos se ele conseguiu passar ileso...

Felizmente, o barco do Governador de Kai alcançou o mar, e disfarçado de pescador, conseguiu escapar.

- Durante algum tempo fiquei escondido no templo de Sakai, enquanto ouvia os rumores, mas não foi possível saber se o Senhor Hideyori sobreviveu.

O Governador de Kai disse que ouviu dos comerciantes de Sakai que os remanescentes dos Toyotomi atacaram a comitiva de Sen'hime, que seguia para Edo, e que foram eliminados por Honda Tadatoki.

- Então aqueles não eram seus subordinados?

As pessoas que foram mortas na floresta de Suzuka, o navio que atacou no mar de Kuwana, e...

- Os piratas que agem no mar de Setouchi...

- Estou investigando isso. Os boatos falam em piratas que se dizem remanescentes dos Toyotomi. Dizem que você estava no navio de guerra da família Honda e presenciou a luta com os piratas...

- É isso mesmo.

Entusiasmada, Miho relatou:

- No navio pirata havia bandeiras de Toyokuni Daimyôjin alinhadas e cortina com o brasão de paulóvnia, e a bordo estavam os guerreiros usando máscara de nô...

- Guerreiros com a máscara de nô...

- Sim, a pessoa que usava a armadura costurada com fios escarlates parecia ser o Senhor Hideyori. Não consegui ver o rosto, pois estava coberto com a máscara... e depois, pensei que o guerreiro que estava ao seu lado fosse o senhor...

O Governador de Kai assentiu com a cabeça.

- Então é isso? Até mesmo você pensa assim. Então o rumor era verdadeiro.

O Governador de Kai disse em tom grave que estava buscando o paradeiro de Hideyori.

- Caso ele esteja bem, quero falar com ele de qualquer jeito. Ficar frente a frente e conversar com ele.

Mordendo os lábios, dirigiu o olhar para Miho.

- Digo para você também. Esqueça o passado de uma vez por todas.

O Governador de Kai disse que o mundo está em constante movimento.

- A água que corre com força intensa não pode ser parada com força humana. Seu pai foi empurrado por essa correnteza e já desapareceu desse mundo, no entanto você chegou à margem. Na margem há vegetação, haverá flores também. Viva a vida como ela é.

- Então meu pai perdoa a Senhora Sen'hime? A Senhora Sen'hime, que depois da aniquilação da família Toyotomi, casou-se com um membro da família Honda...

- A Senhora Sen'hime alcançou a margem do rio e agarrou-se à mão que lhe foi estendida. Ninguém pode censurá-la por isso.

- Eu não posso acreditar!

Duvidava que aquelas fossem palavras ditas por seu pai, conhecido como um dos mais sábios e bravos súditos ilustres da família Toyotomi.

- Desde quando o senhor se tornou uma pessoa tão sem coragem?!

- Você não consegue ver o movimento do mundo, mesmo estando ao lado da Senhora Sen'hime? Aliás, talvez seja justamente a proteção da Senhora Sen'hime que impede você de entender o mundo.

O Governador de Kai disse-lhe que, um dia, ela entenderia.

- Você tem de esquecer seu pai. Pense que a questão dos remanescentes dos Toyotomi, os rumores de que Hideyori estaria vivo, nada disso tem relação com você.

- Isso é impossível. Como filha, não serei capaz de esquecer meu pai.

- Esqueça!

O Governador de Kai chamou o monge que estava do lado de fora.

- Poderia acompanhar minha filha até o outro lado do rio?

- Sim, senhor.

O monge que estava lá fora se aproximou de Miho.

- Eu a acompanharei.

- Meu pai...

Ela o chamou, mas o Governador de Kai deixou Miho e se afastou rapidamente para o outro lado do aposento.

Miho achou que se ficasse irrequieta deixaria o pai em perigo. Agora que sabia que o pai estava lá, poderia visitá-lo outras vezes.

- Irei embora por hoje.

Saiu do templo, conforme desejo de seu pai, e voltou pelo caminho de onde viera. Atrás dela, vinha o monge.

Após atravessar o rio Kamo, Miho virou-se, mas não viu a figura do monge em nenhum lugar.

No dia seguinte, Miho juntou um pouco de dinheiro, atravessou o rio Kamo e foi ao templo novamente.

Não havia ninguém no santuário. Nenhum sinal de pessoa no aposento também.

No dia seguinte e no outro dia também, ela atravessou o rio.

No templo desabitado soprava o vento da primavera que acabara de começar.

A LUA CHEIA

1

Quando as cerejeiras do jardim do Castelo de Shirasagi atingiram a plena floração, logo veio a chuva.

As flores que já tinham passado do pico da florada, caíam rapidamente, mesmo sem a chuva.

Na sala de estar do palácio Musashino, Sen'*hime* observava o balançar das pétalas brancas acumuladas sobre o lago e mentalmente contava com os dedos.

Desde que Miho partira em missão ao templo Keikôin, em Ise, já se passaram cinquenta dias.

Tinha recebido duas cartas de Onono Otsû de Quioto, informando que a comitiva de Miho chegara a Quioto em segurança, e que, em breve, o xogum Hidetada visitaria a Capital, e os preparativos estavam tomando-lhes tempo; por isso, a partida para Ise estava atrasada e explicava as mudanças do plano inicial, tais como a permanência de Miho por mais algum tempo em Quioto e a pretensão de acompanhá-la em breve.

Pelas falas de Yûhime, esposa de Tadamasa, parece que esta também recebera semelhante aviso de Onono Otsû.

- Sinto por Miho, mas em se tratando da ida do xogum à Capital, a Senhora Otsû também deve estar muito atarefada.

Disse que não havia o que fazer, sugerindo que o retorno de Miho demoraria.

Na carta, Otsû dizia que o principal objetivo da ida do xogum Hidetada era pôr fim ao problema de Oyotsu Goryônin, que acabou repercutindo sobre a entrada de Matsuhime na corte; sendo assim, Sen'*hime* também compreendeu muito bem que Onono Otsû, que mantinha contato próximo com as personalidades da corte de Quioto em conexão à entrada de Matsuhime na corte, não poderia partir para Ise.

Mas independente dessa razão aparentemente plausível, Sen'*hime* pressentia que talvez Miho nunca mais voltasse para junto dela.

Esse sentimento já estava vagamente presente no coração de Sen'hime, desde quando Miho partira de Himeji, e, passado esse tempo, até conseguia presumir que houve por trás disso a intenção de alguém para distanciar Miho dela.

Ela tinha medo de pensar na razão disso.

Não é possível, pensou.

Escutou o farfalhar de quimono no corredor.

Matsuzakano *Tsubone*, que permanecia próxima a Sen'hime, levantou-se e foi ver o que a criada tinha para informar.

- Parece que o jovem senhor está vindo da fortaleza central. Pediram para avisar Sen'hime que não é preciso recepcioná-lo.

Preocupando-se com a esposa grávida, Tadatoki sempre avisava antecipadamente, mas Sen'hime olhou para o espelho, arrumou-se e se levantou.

Desceu para o corredor que dá para a entrada principal do palácio Musashino, acompanhada de Matsuzakano *Tsubone*.

Tadatoki, ao ver Sen'hime, correu até ela feito vento.

- Disse-lhe que não era preciso vir me receber.

Rapidamente abraçou o ombro de Sen'hime e conduziu-a com cuidado de volta para a sala de estar.

- Se acontecer de cair, pode ser muito sério.

Nos braços do esposo, Sen'hime sorriu.

- Os médicos disseram que para o bebê é melhor que me movimente, em vez de ficar parada.

Por ser o segundo filho Sen'hime estava tranquila.

- Dizem que é bom espalhar grãos de feijão na sala e andar catando-os.

- Então vou também catá-los junto.

Escutando os risos alegres, Matsuzakano *Tsubone* ficou aliviada.

Estando próxima de Sen'hime, podia-se notar bem que ela estava preocupada com Miho, que fora para Quioto e não voltava. Matsuzakano *Tsubone* desejava que Miho não

voltasse para Himeji. Por intuição de estarem a serviço juntas, ela percebia os sentimentos velados de Miho em relação a Tadatoki.

Não que chegasse a supor que tivesse acontecido algo entre os dois, mas intuitivamente sentia certo receio, da mesma forma que o casal Tadamasa e, por isso, quando soube que Miho iria depositar o voto no templo *Keikôin*, em Ise, teve uma sensação de alívio.

Além do mais, Sen'hime já se encontrava no oitavo mês de gravidez. Dali em diante, até o mês do parto, as relações íntimas do casal tendem a ficar estagnadas, de modo que dizem que é nessa fase da esposa que os maridos tendem a cometer erros, por isso, Matsuzakano *Tsubone*, como dama de companhia de Sen'hime, desejava ainda mais que Miho permanecesse distante.

Quando Matsuzakano *Tsubone* foi levar o chá que preparara, Tadatoki e Sen'hime conversavam calmamente, olhando para o jardim sob a chuva.

- Foi confirmado que o xogum irá a Quioto, e que meu pai também se dirigirá para lá no próximo mês.

Matsuzakano *Tsubone* ouviu Sen'hime retrucar Tadatoki:

- Então, como ficará Miho?

Ao ouvir isso, Matsuzakano *Tsubone* sentiu o coração sobressaltar-se. Ficou com os ouvidos atentos para escutar o que Tadatoki responderia.

Tadatoki respondeu com naturalidade:

- Não sei bem, mas como o xogum estará chegando a Quioto, a Senhora Otsû também não poderá se afastar de Quioto. Meu pai disse que todos esses assuntos estão a cargo da Senhora Achano *Tsubone*.

Tadatoki perguntou se Sen'hime estava se sentindo solitária pelo fato de Miho não estar por perto.

- Não é isso...

Sen'hime respondeu hesitante.

- Ao seu lado está também Matsuzakano *Tsubone*. Até mesmo eu, Tadatoki, se você deseja, posso ficar o dia todo fazendo-lhe companhia, por isso não tem por que se sentir só. Não se preocupe com Miho.

Sen'hime riu.

- Mas o senhor está muito ocupado com o treino de espada com o Senhor Miyamoto Musashi.

Miyamoto Musashi, que ensinara o método da espada Niten Ichiryû a Tadatoki, estava em Himeji desde a última primavera.

Tadamasa recebeu calorosamente Musashi como uma visita importante e permitiu que Tadatoki e outros samurais do clã tivessem aulas com o mestre.

Por isso, Tadatoki também passava muitas horas durante o dia ao lado de Musashi.

- Não me encontrava com o mestre há muito tempo. E, em breve, por vontade de meu pai, partirei para ajudar na construção do Castelo de Akashi, do Senhor Ogasawara Tadazane. Assim sendo, os treinos seriam por mais dois ou três dias.

Tadatoki contou alegremente que, antes disso, iriam partir para uma longa cavalgada a três, incluindo Mikinosuke.

- Para o mestre, Harima é como sua terra natal, e parece que há lugares que deseja visitar nessa oportunidade.

- Então ficará novamente ausente.

- Vou lhe trazer de presente algo que lhe agrade.

- Em vez disso, volte logo.

- Entendido.

A ama de leite trouxe *Katsuhime*, e a sala de estar ficou ainda mais animada.

Brincando com a criança, Tadatoki olhava para a esposa discretamente.

O corpo estava rechonchudo devido à gravidez, mas ao olhar para o rosto, notava-se que a região da bochecha estava afinada. Quando chegou a Himeji, ainda parecia uma criança, mas depois que deu à luz *Katsuhime* passou a apresentar uma aura de tranquilidade e nos últimos tempos tornou-se ainda mais elegante e fina.

Essa mesma *Sen'hime*, de repente ficava pensativa, quando estava a sós com Tadatoki. Ao perceber isso, ele perguntava:

- O que foi?

Nisso, ela sorria repentinamente, mas havia algo não natural e forçado.

O que deixava Tadatoki inseguro era esse jeito de Sen'hime e, por ter sentimento de culpa por causa do caso de Miho, ele era tomado por uma impaciência indizível.

Pensando que esse pequeno hiato entre os sentimentos do casal deverá desaparecer com o nascimento do segundo filho, ele se sentia ansioso pela chegada desse dia.

Mikinosuke, que sabia desse sentimento de Tadatoki, depois de refletir muito, resolveu perguntar ao seu mestre e padraсто, Miyamoto Musashi:

- Se por acaso eu tomar conhecimento da existência de uma causa de preocupação que atormenta a alma do meu senhor, como seu vassalo, devo tratar de eliminá-la?

Musashi dirigiu para o filho adotivo, que se mostrava angustiado, um olhar severo.

- Se ficar claro que lhe causa preocupação, não há o que discutir. Mas precisa aguardar o momento certo.

- Sobre isso, penso estar ciente...

- Enquanto tiver dúvidas, deve ser difícil. Primeiro, deve abrir bem os olhos da mente, eliminar as nuvens de hesitação para só então decidir.

Mikinosuke fez reverências, colocando as palmas das mãos no chão.

- Agradeço-lhe pelo ensinamento. Eu, Mikinosuke, dedico minha vida ao Senhor Heihachirô. Caso aconteça algo comigo, peço desculpas desde já, por não cumprir o dever filial até o fim.

Musashi somente assentiu.

No quinto mês, Miyamoto Mikinosuke, por vontade própria, fez parte da comitiva do Honda Tadamasa que partia rumo a Quioto.

Sen'hime ignorava completamente, mas Miho permanecia no templo Keikôin, em Ise.

Após dirigir-se para o templo Keikôin, passando pela estrada de Ise, em plena primavera, juntamente com Onono Otsû e depositar o voto, Miho manifestou seu desejo de permanecer por algum tempo naquele templo de monjas.

- Também fiquei com vontade de permanecer aqui e refletir sobre o que passei e para que direção seguir. Estando próximo de Buda, talvez minha pobre alma também receba a luz da sabedoria.

Otsû ficou pensativa por algum tempo, mas disse:

- Talvez isso lhe faça bem. Farei o possível para que Achano *Tsubone* transmita isso ao Senhor Honda.

Atendendo a essa solicitação de Miho, Shûseini, a superiora do templo Keikôin, ofereceu-lhe um aposento e permitiu sua permanência.

Onono Otsû retornou a Quioto conforme planejado e Miho ficou em Ise.

O dia a dia do templo Keikôin era extremamente monótono para Miho. Juntamente com as monjas fazia limpeza do templo e, na hora do serviço religioso, sentava-se no fundo e fazia as preces, juntando as palmas à sua frente.

Os dias eram tranquilos, mas a mente de Miho estava vazia. Estava muito distante de atingir a sabedoria, e Miho apenas passava os dias sem nenhum propósito, quando, certo dia, um monge foi visitá-la.

Antes de tirar o chapéu e mostrar o rosto, Miho já sabia que era seu pai, Governador de Kai.

- Soube da Senhora Onono Otsû que você estava aqui e vim vê-la.

Ouvindo as palavras inesperadas, Miho ficou boquiaberta.

- O senhor e a Senhora Onono Otsû...

Certamente, na época em que Onono Otsû servia no Castelo de Osaka, conhecia de vista o Governador de Kai Hayami, e ambos devem ter participado dos mesmos eventos da cerimônia de chá ou reuniões de poemas *renga*.

- Ainda troco correspondências com a Senhora Otsû, através do Senhor Matashirô Kiyotsugu, filho do Senhor Chaya Shirô Jirô.

- E por que o Senhor Chaya...?

Chaya Shirô Jirô era um grande comerciante que prestara relevantes serviços como vassalo próximo de Tokugawa Ieyasu. Constava que na época atual também, a maioria dos navios que fazia viagens ao exterior para a prática de comércio, com a autorização do Governo Feudal, eram navios da propriedade da família Chaya, chamados de Chaya-bune, “navios de Chaya”. Miho não compreendia por que a família Chaya, comerciante que servia à família Tokugawa, dava proteção ao Governador de Kai Hayami, um samurai remanescente do grupo de Osaka.

- O Senhor Chaya é uma pessoa que tem visão do amplo universo fora do Japão. Para quem tem os olhos para enxergar além do oceano, o antagonismo entre Toyotomi e Tokugawa é questão pequena demais e, também, trata-se de algo do passado. Mas, independente disso, tenho as minhas ideias, e o Senhor Chaya tem as dele, e ficou decidido que embarcarei no Chaya-bune.

- Para onde pretende ir de Chaya-bune...?

- Para os países do sul. Por enquanto, devo ir para um lugar chamado Cochin.

Ele disse que era um país muito mais ao sul de Ryukyû.

- Com que propósito o senhor irá para um lugar desses?

- Chaya-bune objetiva realizar comércio.

Levam biombos, armaduras, espadas, tecidos, entre outros, e lá adquirem fios de seda, pele de cervo, etc.

- Para todos os efeitos, é comércio, mas tenho outro objetivo. É para procurar certa pessoa.

Não eram poucos os navios que partiam do Japão para fazer comércio com os países do sul, da mesma forma que o Chaya-bune.

- Existem navios de Suetsugu, Suminokura, Araki, e outros que partem para o comércio sem autorização do governo. E dizem que entre eles há alguém que diz ter visto Udaijin.

Udaijin referia-se a Toyotomi Hideyori.

- O Senhor Chaya também deseja verificar a veracidade dessa informação.

- Caso o Senhor Hideyori esteja vivo, o que o Senhor Chaya pretende fazer?

Não era possível que Chaya Matashirô deixasse Hideyori em paz, tendo relação muito íntima com a família Tokugawa.

- Conversei francamente com o Senhor Chaya. Eu tenho meus planos. Por isso, seu pai partirá no Chaya-bune.

Pedi para que não lhe perguntasse mais nada, e Miho lacrimejou.

Quando estava em Himeji, via e ouvia dizer que, naquele mar de Setouchi, que parecia calmo como uma lagoa nos dias de sol, quando enfurecido, até os navios grandes naufragavam.

E Miho já experimentara o terror da tempestade no navio da família Honda.

- Quando partir para o grande oceano, o que poderá lhe acontecer? Preocupo-me com a segurança do senhor meu pai.

Tratava-se do pai que, por uma graça divina, conseguira reencontrar vivo.

- Se possível, gostaria de viver quieta com o senhor, escondida em algum canto.

Agora que sofrera uma desilusão amorosa, esse sentimento era ainda mais forte.

- Seu pai pensa o mesmo. Mas agora preciso ir.

Antes que o boato de que Hideyori estava vivo se espalhasse entre as pessoas dos navios que se dirigem ao sul, precisava certificar-se da sua veracidade ou não.

- E como sobrevivente do grupo de Osaka, tenho algo que preciso concluir, custe o que custar - disse o Governador de Kai.

Ao ouvir a explicação de que isso não seria levantar-se contra o Governo Feudal na qualidade de partidário do lado de Osaka, mas abrir um novo caminho para viver, deixando o passado para trás, Miho franziu a testa.

- Será possível fazer uma coisa dessas?

O xogum anterior Ieyasu faleceu, mas parecia impossível que o segundo xogum Hidetada perdoasse Hideyori.

O Governador de Kai olhou para o céu azul que se estendia acima da cabeça da filha.

- Mesmo aquilo que é impossível fazer neste país, talvez seja possível numa ilha distante do sul.

- Então, neste caso, o senhor meu pai também...

- Se, por um milagre, o Senhor Hideyori estiver vivo, desta vez sim, o seu pai também o acompanhará no seu destino.

- Eu também irei!

Miho clamou, não se contendo.

- Deixe-me embarcar também no Chaya-bune, juntamente com o senhor!

- Ainda é cedo. Quando chegar a hora, virei buscá-la. Até lá, siga sempre as instruções da Senhora Onono Otsû.

Ao pegar as mãos da filha, os olhos do pai estavam levemente úmidos.

- Sobre a sua situação, a Senhora Otsû contou-me em linhas gerais. Sinto pena do seu sentimento, por ter que se afastar de Sen'hime, para quem serviu por tanto tempo... Mas é preciso suportar. Se for minha filha, por favor, suporte. Mantenha-se saudável até que seu pai volte para buscá-la.

- Peço também que se cuide. Eu estarei aguardando por esse dia, ansiosa pelo cumprimento da promessa do senhor meu pai.

Graças à atenção de Shûseini do templo Keikôin, o Governador de Kai se hospedou naquela noite num templo próximo e, no dia seguinte, de sandálias novas, pisando firme, partiu de Ise.

Pelo fato de ter se encontrado com o pai, houve uma mudança na mente de Miho.

Se Hideyori estava no navio que faz comércio com os países do sul, isso significa que os navios piratas que um dia vira em Setouchi, estão indo e vindo dos mares do sul, pensou.

Por falar nisso, Tadatoki havia dito que, desde aquele episódio, não vira mais navios piratas no mar de Setouchi.

Ocasionalmente, havia notícias de Onono Otsû de Quioto.

Gentilmente, dizia que, quando sentisse vontade de voltar a Quioto, enviasse uma carta, pois mandaria pessoas para buscá-la.

Miho respondeu que queria permanecer por mais algum tempo em Ise.

Miho que diariamente se curvava diante da imagem do Buda, orava em seu coração.

Orava com fervor, unindo as palmas das mãos, pela segurança do pai e para que este reencontrasse Hideyori.

Quando chegou a época em que se ouvia o canto dos cucos-pequenos, Onono Otsû mandou três notícias.

A primeira era sobre a chegada do xogum em Quioto. Hidetada, ao chegar ao Palácio Imperial, entregara ao imperador, às consortes e às damas da Corte mil moedas de prata cada e definira tudo sobre a entrada de *Matsuhime* na Corte, no próximo ano.

A segunda era de que, durante a estada do xogum em Quioto, Fukushima Saemonno Tayû Masanori, o senhor de Castelo de Hiroshima da província de Aki⁹⁸, reformara o castelo sem autorização do Governo Feudal e fora destituído.

Fukushima Masanori era o braço direito e vassalo fiel da família Toyotomi, mas após a batalha de Sekigahara, passara a servir aos Tokugawa e agora era um dos *daimio* de Aki e Bingo⁹⁹, que somavam 498.000 *koku*.

Estava claro para Miho que se mesmo Fukushima Masanori, tão servil aos Tokugawa, fora alvo de destruição na primeira oportunidade, significava que o passado dele como *daimio* aliado dos Toyotomi, ainda não fora esquecido.

Miho pensou que realmente, se souberem que Toyotomi Hideyori está vivo, não passará ileso e sentiu um calafrio.

A terceira notícia era de que *Sen'hime* dera à luz um herdeiro.

Para Honda Tadatoki, era o nascimento do primogênito. Otsû escrevera que a alegria da família Honda era tanta que pareciam arrebatados ao céu, e o avô, Tadamasa, havia enviado por mensageiro expresso o aviso ao xogum, dando à criança o nome de Kôchiyo.

Miho olhou para o céu do oeste com um sentimento difícil de definir, pensando que finalmente *Sen'hime* dera à luz o herdeiro da família Honda.

⁹⁸ Aki - parte oeste da atual província de Hiroshima.

⁹⁹ Bingo - parte leste da atual província de Hiroshima.

Para Sen'hime, que se casara com o filho da família Honda e tivera seu herdeiro, estava praticamente garantida a vida feliz pelo resto da vida como esposa de Honda Tadatoki.

Pensando que os arredores do Castelo de Himeji deviam estar repletos de alegria, Miho olhou para o jardim do templo Keikôin.

Na transição da primavera para o verão, na lagoa do templo das monjas, estavam se formando os pequenos botões de lótus.

No Castelo de Himeji, ocorria dupla, ou melhor, tripla comemoração.

O motivo da primeira celebração estava relacionado com a destituição de Fukushima Masanori, senhor do Castelo de Hiroshima, em Aki, por ter infringido a lei do Governo Feudal. Os *daimio* das regiões de Sanyô, Saigoku e Nankai¹⁰⁰ foram convocados para tratarem de assuntos relacionados à entrega do castelo.

Por parte da família Honda, Tadatoki, em pessoa, ordenou ao magistrado encarregado de navegação que mandasse navios de guerra para Onomichi, na província de Bingo, e Tadamasa conduziu a tropa por terra para chegar a Onomichi, de onde seguiu em direção a Hiroshima de navio, participando do confisco do castelo juntamente com outros *daimio*. Esperou Asano Nagaakira, Governador de Tajima¹⁰¹ do Castelo de Wakayama, em Kii¹⁰², chegar ao castelo e entregou-lhe, cumprindo a missão de entrega sem incidentes.

Por ser um acontecimento importante em que um erro poderia deflagrar uma batalha, Yûhime e Sen'hime, que cuidavam do castelo na ausência deles, sentiram-se aliviadas.

Em seguida, o xogum baixou um decreto em que dizia que deixaria sob os cuidados da família Honda um grande navio de guerra em reconhecimento ao seu feito.

Este navio fora construído por Ikeda Terumasa e presenteado ao xogum. Era realmente um navio enorme e magnífico e para a família Honda era uma honra.

Além disso, Sen'hime dera à luz Kôchiyo, e não apenas no interior do castelo como também em todos os cantos de Harima, soaram tambores de celebração, os agricultores e até os pescadores não trabalharam, e as pessoas mais importantes das cidades foram presenteadas com bebidas enviadas pelo castelo para que elas pudessem festejar.

- Você conseguiu! Assim nossa família Honda está com a felicidade completa e a alegria de Tadamasa não poderia ser maior.

¹⁰⁰ San'yô, Sangoku, Nankai - referem-se a províncias da região sudoeste do Japão.

¹⁰¹ Tajima - parte norte da atual província de Hyôgo.

¹⁰² Kii - corresponde à atual província de Wakayama e sul da província de Mie.

O casal Tadamasa chorou de alegria, segurando as mãos de Sen'hime como que a reverenciando, e Tadatoki também não saiu de perto da esposa.

Imediatamente, a esposa de um dos principais vassallos da família que tinha dado à luz há seis meses foi chamada para ser a ama de leite. Mas, como fez quando nasceu Katsuhime, Sen'hime quis amamentar o bebê pelo menos no começo e por algum tempo deu o próprio peito.

Mas, mesmo assim, depois de um mês entregou aos cuidados da ama de leite, pois na época se receava que continuar a amamentar por muito tempo, atrasaria a recuperação pós-parto.

Tornando-se mãe de dois filhos, Sen'hime parecia ter se livrado de toda a insegurança.

O instinto de esposa dizia-lhe que havia algo ameaçador entre o esposo e Miho, mas isso também havia desaparecido por completo.

Tamanhos eram o orgulho e a honra por ter um filho homem.

No dia 14 do oitavo mês, foi realizada a tradicional festa de apreciação da lua cheia a bordo do grande navio de guerra, e todos os membros da família Honda estavam reunidos.

No navio, com a presença de Tadamasa e sua esposa, Tadatoki e sua esposa; Masatomo, segundo filho de Tadamasa; Tadayoshi e outros, foi realizada a reunião de poema *renga*.

A praia de Takasago, onde estava ancorado o grande navio de guerra, era a terra do pinheiro de Takasago citada na canção de nô e era também um lugar apropriado para a festa de comemoração.

Naquela noite, a convidada de honra era sem dúvida Sen'hime. Com quimono de mangas estreitas tingido em degradê e manto de cauda de sarja fina, estava encantadora, e Tadatoki, acompanhando-a com orgulho, estava garboso e varonil, formando um casal perfeito. Isto se tornou uma lenda transmitida por muitas gerações.

O tema para a composição de *renga* era “Navio”, e Tadamasa começou, compondo o primeiro verso:

- *Água de crisântemo*¹⁰³ *que ameniza o destemido coração*¹⁰⁴

¹⁰³ Nome de um renomado saquê da época. O crisântemo era tido também como um remédio para a eterna juventude e vida longa.

E sua esposa Yûhime continuou:

- *No jardim, a lua se reflete no tranquilo lago*¹⁰⁵

Em seguida, Tadatoki:

- *Recolhendo o vento do início de outono na persiana de bambu*¹⁰⁶

Sen'hime continuou:

- *O orvalho das folhas de bambu que encobrem o beiral*¹⁰⁷

Depois, outros membros da família continuaram:

*No encalço da chuva do fim de outono, a neblina deve chegar*¹⁰⁸ (Ochiyo)

*Extremidade da linha da montanha ainda por vir*¹⁰⁹
(Okame)

*Deixa o amigo e se vai, dizendo: “Não dá!”*¹¹⁰ (Masatomo)

*Tilintar das pedras de shôgi*¹¹¹, *vozes de festejo!*¹¹²
(Ochiyo)

*Deve galopar por vastos campos, deve galopar de uma vila a outra*¹¹³ (Tadayoshi)

*Água do lago que se torna turva pela interminável fumaça*¹¹⁴ (Okin)

E por último, em nome de Katsuhime e Kôchiyo, concluíram:

*O amanhecer! Na sombra dos pinheiros, na margem do rio.*¹¹⁵

¹⁰⁴ Em japonês: *Isagiyoki/kokoroya tamuru/kikuno mizu* (いさぎよき心やたむる菊の水)

¹⁰⁵ Em japonês: *Ikeno/shizukani/tsuki utsuru niwa* (池のしづかに月うつる庭)

¹⁰⁶ Em Japonês: *Hatsuakino/kazeo sudareni/makitorite* (初秋の風を簾にまきとりて)

¹⁰⁷ Em japonês: *Nokibani/ou takeno/hano tsuyu* (軒場におほふ竹の葉の露)

¹⁰⁸ Em japonês: *Shiguretsuru/atoya kirino/furi koramu* (時雨つる跡とや霧の降り来らむ)

¹⁰⁹ Em japonês: *Mada kinikururu/sueno yamakiwa* (まだきにくる末の山きは)

¹¹⁰ Em japonês: *Karisutete/akanuto kaeru/tomo oite* (かりすててあかぬとかへるともおいて)

¹¹¹ Jogo de tabuleiro conhecido como xadrez japonês.

¹¹² Em japonês: *Katakatani/shimokoma/iwau koe* (かたかたにしも駒祝ふ声)

¹¹³ Em japonês: *Hiroki noya/murayori murao/kakenuramu* (広き野や村より村をかけぬらむ)

¹¹⁴ Em japonês: *Tsuzuku kemurini/shiruki ikenu mizu* (つづく煙にしるき池の水)

¹¹⁵ Em japonês: *Matsukagemo/kishino kakuremo/akehanare* (松陰も岸のかくれも明はなれ)

*Desponta o navio! Mangas e mais mangas a se agitar.*¹¹⁶

Depois, beberam juntos, contemplaram a lua que surgia sobre o mar e festejaram a prosperidade do clã.

Sen'hime ficou com o rosto corado com um pequeno gole de bebida.

Após ter tido Kôchiyo, era a primeira vez que saía do castelo e fazia tempo também que não tomava bebida alcoólica.

Para tentar aliviar o efeito do álcool, foi tomar vento na proa e viu o reflexo da lua que já estava alta, resplandecendo entre as ondas.

O poema *renga* fez Sen'hime recordar o passado.

Era o décimo primeiro mês do ano em que Sen'hime completara nove anos.

No santuário Toyokuni, dedicado a Toyotomi Hideyoshi, foi realizado um encontro de *renga* cujo mote era o sonho tido pela Senhora Yodo, e Sen'hime fora a solicitante do voto.

Esse evento consistia em compor *renga* a partir de um verso que aparecera no sonho da Senhora Yodo, considerado vontade divina, e oferecê-lo aos deuses.

O verso inicial da senhora Yodo naquela ocasião fora:

*Cavalos da primavera soltos nos prados verdejantes do Monte Wakakusa,
Que alegria causa a visão dessa total despreocupação!*

E Sen'hime completara o terceiro verso:

*Torna-se também aprazível
O coração deve convidar*

Naquela época, embora houvesse algumas divergências entre os clãs Tokugawa e Toyotomi, nada levava a se imaginar que se travaria uma terrível guerra.

Pelo menos, Sen'hime nem sonhava que o Castelo de Osaka estaria em chamas depois de dez anos e pôs-se a compor *renga* orientada pela Senhora Yodo, que ela considerava como mãe.

Não conseguia acreditar que entre aquele *renga* e o de hoje, sua vida tivesse mudado tanto.

¹¹⁶ Em japonês: Fune sashi izuru/sode amatanari (船さしい出る袖あまたなり)

- O que foi? Não está se sentindo bem?

Sen'hime não tinha notado, mas o marido Tadatoki estava atrás.

No rosto alvo dele também se notava o sinal do efeito de bebida.

- Parece que fiquei um pouco embriagada.

Sen'hime segurou o rosto quente.

- Eu também estou sentindo uma embriaguez agradável.

O casal ficou, lado a lado, olhando para o alto mar.

As ondas douradas e prateadas iluminadas pela lua chegavam à praia de Takasago.

- Isso me faz lembrar o mar de Kuwana – disse Tadatoki.

Sen'hime percebeu que ele falava da ocasião em que ele a levou de Kuwana com o navio de guerra da família Honda.

- Naquela noite também a lua estava linda.

Ele a chamou especialmente para ver a lua que estava surgindo sobre o mar.

Ele próprio afastou os remanescentes de Toyotomi que os atacaram no mar, protegendo Sen'hime.

Nos braços fortes, que inspiram segurança, ela conheceu a felicidade de ser mulher e deu à luz dois filhos.

- Às vezes, eu, Tadatoki, acho que estou tendo mais sorte do que mereço.

Disse, colocando de leve a mão nas costas da esposa.

- Nesta noite, você parece uma deusa da lua.

Sen'hime encostou o rosto corado no peito do marido.

- Eu é que sou feliz. Se não o tivesse conhecido, a esta hora estaria em algum templo de monjas, levando uma vida solitária.

Tadatoki apertou-a com mais força.

- Agradeço ao destino que me fez encontrá-la. Que esta felicidade continue para sempre...

- Eu também só peço isso aos deuses.

Naquela noite, Tadatoki e Sen'hime desejaram do fundo do coração viver juntos até morrer de velhice como o casal de deuses anciãos encontrados ao lado do par de pinheiros no Santuário Takasago.

Entre os anos 5 e 6 da Era Genna¹¹⁷, quando a família Honda estava no auge da felicidade, o Governo Feudal estava ocupado com a cerimônia de casamento da filha caçula do xogum Hidetada, Matsuhime Masako, com o imperador.

Matsuhime Masako nasceu no dia 4 do décimo mês do ano 12 da Era Keichô¹¹⁸, no Castelo de Edo, como sétima dos filhos de Hidetada, e para Sen'hime a irmã era dez anos mais nova.

No tempo em que Matsuhime nasceu, Sen'hime já estava no Castelo de Osaka como esposa de Toyotomi Hideyori e a maior parte do que sabia sobre a irmã lhe foi transmitida pela Senhora Yodo e por pessoas próximas a esta. Parece que o avô Ieyasu, desde cedo, tinha a intenção de casá-la com o filho do imperador Goyôzei, que na época ainda era chamado de príncipe Kotohito, o que foi decidido oficialmente no ano 19 da Era Keichô¹¹⁹.

Antes disso, no ano 16 da Era Keichô¹²⁰, pelo príncipe ter sido entronizado, Matsuhime entraria na corte como esposa do imperador.

Desde Tokuko, filha de Tairano Kiyomori, nenhuma filha de samurai havia se tornado esposa do imperador, e Sen'hime ouvira falar que na Corte havia muita rejeição.

O sentimento que predominava no íntimo de Sen'hime era de piedade pela irmã que se tornaria esposa do imperador em meio a essa oposição.

Entretanto, Sen'hime agora conseguia compreender vagamente a intenção do Governo Feudal e pôde saber por conversa com Tadamasa que Onono Otsû e Achano Tsubone, utilizando-se dos privilégios femininos, prepararam o terreno, e com isso na Corte também começou a surgir um movimento visando agradar ao Governo Feudal, tornando-se ainda mais concreta a entrada de Matsuhime na Corte.

Sen'hime considerou-se mais feliz que sua irmã.

¹¹⁷ Respectivamente 1619 e 1620.

¹¹⁸ Corresponde a 1607.

¹¹⁹ Corresponde ao ano de 1614.

¹²⁰ Corresponde ao ano de 1611.

Mesmo em se tratando de um imperador, ela estava se casando com uma pessoa que nunca vira. Além de tudo, o imperador tinha uma consorte preferida chamada Oyotsuno *Tsubone*, filha de Yotsutsuji Kimmichi, e já tinha até uma filha com ela.

Se bem que o primeiro casamento de Sen'hime também não fora muito diferente.

Eram primos, mas até ir ao Castelo de Osaka para casar, não conhecia o marido Hideyori que tendo Sen'hime por esposa, apesar desta ainda ser criança, teve dois filhos com a concubina, antes de Sen'hime se tornar a esposa oficial de fato.

De qualquer forma, no dia 8 do quinto mês do ano 6 da Era Genna¹²¹, Matsuhime Masako partiu do Castelo de Edo para entrada na Corte imperial.

Os acompanhantes, liderados pelo Conselheiro Sakai Tadayo, Chefe do Departamento da Música da Corte, eram Itakura, Governador de Suô¹²², governador militar do xogunato em Quioto e outros *daimio*, no total de vinte e Achano *Tsubone*, representando a mãe, e a esplêndida comitiva seguiu pela estrada Tôkaidô na direção oeste, entrando no Castelo de Nijô em segurança, no dia 28.

Naturalmente, por parte da família Honda, Tadamasa, em companhia do segundo filho Masatomo, que era o senhor do Castelo Tatsuno, seguiu rumo à capital, encarregando-se da segurança do Castelo Nijô.

No dia 18 do sexto mês, Matsuhime Masako entrou no Palácio Imperial, partindo do Castelo de Nijô, num magnífico carro de boi adornado com pintura em laca feita em ouro e prata, em alto relevo, seguindo a antiga cerimônia, protegida na frente e atrás por nobres que incluíam o Regente Conselheiro Kujô Yukiie, altos dignitários e cortesãos de famílias que tradicionalmente ocupavam cargos de Regentes e Ministros, bem como pelos samurais de escolta.

Dizem que nas margens da estrada, um grande número de pessoas se aglomeraram para assistir à passagem desta comitiva vistosa.

¹²¹ Corresponde ao ano de 1620.

¹²² Suô - parte sudeste da atual província de Yamaguchi.

Miho, que estava no templo *Keikôin*, em Ise, foi chamada de volta para Quioto por Onono Otsû, cerca de um mês antes da cerimônia de entrada de *Matsuhime* na Corte.

Otsû, que recebeu Miho com a expressão vivaz de sempre que não denunciava sua idade, logo que se viu frente a frente com ela na sala de estar, disse:

- Você não poderia servir por um tempo no Palácio Imperial para a princesa Masako, que em breve se casará?

Miho ficou atônita, porém Otsû falava com segurança, como se tudo estivesse decidido.

- Para a princesa Masako é imprescindível uma acompanhante prestativa como você. As damas que virão de Edo em sua companhia, com certeza não poderão competir com as damas da Corte daqui, sem contar que muitas das damas de Palácio Imperial são bastante maldosas.

Miho servira desde criança a *Sen'hime*, no Castelo de Osaka.

- Como você sabe, a Senhora Yodo possuía os mesmos gostos da alta nobreza de Quioto, por isso o dia a dia do Palácio Interno do Castelo de Osaka não era muito diferente do Palácio Imperial.

Otsû disse que desde o modo de anunciar a visita e de cumprimentar, até as preferências e a etiqueta da refeição, além de eventos e jogos, tudo era ao estilo da alta nobreza.

- Tenho certeza de que você, que cresceu nesse ambiente, será uma grande ajuda para a princesa Masako.

Achano *Tsubone* disse que estava lhe transmitindo a ordem recebida do xogum.

- A princesa Masako é irmã de *Sen'hime*, e Achano *Tsubone* já deve ter falado de você, portanto, creio que será fácil servir-lhe.

Apressadamente Miho interrompeu as palavras de Otsû.

- Eu estou esperando o meu pai.

- Você se refere ao seu pai, que foi para o mar do sul, no navio de Chaya?

- Sim.

Ao reproduzir as palavras de seu pai, que prometera vir buscá-la, Otsû sorriu.

- Com certeza. Porém, você pensa que seu pai voltaria já amanhã?

Não apenas o navio de Chaya, como, também, todos os navios que vão do Japão às ilhas do sul partem entre o final de outono e inverno, por questão de direção do vento e a volta, por mais que fosse rápida, seria no verão do ano seguinte, aproveitando o vento que sopra do sul ao norte.

- Dizem que um navio que vai para fazer comércio precisa ficar pelo menos dois anos. Além disso, seu pai viajou à procura de uma determinada pessoa, por isso não se sabe se voltará ao Japão em dois ou três anos. É justamente por isso que estou lhe dizendo para você servir no Palácio por um tempo.

Ouvindo sua recomendação de que aguardasse a volta do pai servindo na Corte, o que não só ajudaria alguém como também seria útil para seu futuro, em vez de ficar morando de favor no templo *Keikôin* sem nenhum objetivo, Miho ficou pensativa.

Ela concluiu que realmente Otsû tinha razão.

Para ela, que se afastara de *Sen'hime* do Castelo de Himeji, e estava tentando trilhar por um novo caminho, servir na Corte imperial talvez fosse uma alternativa. Pensando assim, no dia seguinte, Miho transmitiu oficialmente sua decisão a Otsû:

- Seguirei suas ordens. Por favor, faça o que for necessário.

No mesmo dia, Miho entrou na família Takatsukasa e passou a receber, da dama da Corte que estava servindo no Palácio Imperial até recentemente, aulas rigorosas dos costumes, rituais e etiqueta da Corte.

Não eram dias nada fáceis, mas Miho sentia-se realizada.

Especialmente quando foi ter instrução sobre música e técnica de flauta, Miho surpreendeu a dama da Corte, parece que a mestra sentiu prazer em ensinar e a relação entre mestra e aluna se tornou muito mais suave.

A flauta, que depois de ela ter saído de Himeji, não tocava muito, novamente deu forças para Miho.

A fama sobre a habilidade de Miho na execução da flauta chegou, pelas damas, aos ouvidos do Senhor da família Takatsukasa, o Ministro da Esquerda Nobufusa, que solicitou enfaticamente um dueto com sua filha Takako no *koto*.

Takako era muito habilidosa em *koto* e gostou da flauta de Miho. Assim, quase todos os dias ela solicitava que tocassem juntas. Naturalmente, Takatsukasa Nobufusa também passou a dar-lhe atenção e assim a situação de Miho ficou ainda melhor.

Esse período de cerca de um mês à disposição da família Takatsukasa mudaria significativamente o futuro de Miho, mas nesse momento, obviamente, Miho não tinha como saber disso.

No quinto mês, no dia seguinte ao da chegada de Matsuhime no Castelo de Nijô, Miho agradeceu às pessoas da família Takatsukasa por tudo que lhe fizeram e se despediu, entrando com Otsû no Castelo de Nijô.

Matsuhime, com quem se avistou pela primeira vez acompanhada de Achano Tsubone, estava com quatorze anos, e Miho, que passou a servir Sen'hime exatamente quando ela tinha essa idade, sentiu como se estivesse olhando para Sen'hime.

Sendo irmãs, as feições são semelhantes, a voz e os pequenos gestos também são muito parecidos.

O coração de Miho se encheu de saudade.

Renasce em Miho, o sentimento do tempo em que serviu a Sen'hime, de que faria de tudo por aquela princesa, e parece que até Achano Tsubone, que estava ao lado dela, percebeu isso.

- O Palácio Imperial, para nós, que viemos de famílias de samurai, é outro mundo e deverá enfrentar coisas que não lhe são familiares, situações difíceis, mas peço que se esforce pelo bem da futura esposa imperial Masako.

Deu as recomendações cuidadosas, e Matsuhime Masako também disse gentilmente:

- Considero você, que trabalhou para minha irmã, como se fosse irmã e conto muito com você.

Miho, que entrou no Palácio Imperial acompanhando Matsuhime, trabalhou com muita dedicação.

Originalmente, tinha personalidade reservada, mas após a queda do Castelo de Osaka, vivenciou uma série de experiências com Sen'hime, caminhando por um mundo cheio de vicissitudes, de modo que adquirira coragem para enfrentar qualquer situação e capacidade de se adaptar às circunstâncias.

As criadas que acompanharam Matsuhime Masako de Edo imediatamente passaram a admirar Miho e começaram a seguir suas ordens.

A maior preocupação de Miho era o rumor de que o imperador, o marido da princesa, não desejava recebê-la como esposa, tanto é que quando esteve na família Takatsukasa, ouviu os maledicentes comentarem:

- O imperador acha vergonhoso receber uma esposa da terra de bárbaros do leste.

Para a Corte Imperial de Quioto, Edo ainda era uma terra habitada pelos bárbaros do leste, e entre a alta nobreza havia ainda a antiga tendência de menosprezar os samurais.

- Antigamente, na era Heian, consideravam os samurais cães de guarda dos nobres e agora também pensam da mesma forma. Tal insensatez e a teimosia em fechar os olhos para as mudanças dos tempos deixa a família imperial em situação cada vez mais crítica...

Costumava dizer Otsû quando visitava Miho na época em que estava na família Takatsukasa. Foi da boca de Otsû que ela soube que a Corte com muita dificuldade mantinha a aparência, graças ao ouro e prata que o Governo Feudal lhe oferecia.

De fato, o palácio onde Matsuhime residiria foi construído pelo Governo Feudal, que despendeu dois anos para essa obra, e a restauração do Palácio Imperial e novas obras de construção também foram custeados pelos *daimio*, por ordem do Governo Feudal.

Como a entrada de Matsuhime Masako acabou tornando ainda mais claro para a sociedade essa relação de poder entre o Governo Feudal e a Corte, Miho estava preocupada com o tratamento do imperador em relação a Matsuhime.

Nada é mais triste do que se casar e ser tratada com frieza pelo marido.

Mas o imperador era uma pessoa generosa.

Que tem queixas contra o Governo Feudal, por vezes evidentes nas pequenas nuances de suas palavras, mas era gentil com Matsuhime.

Parecia atraído pela graciosidade e beleza de Matsuhime Masako e não poucas vezes ia até a residência desta.

- Parece que Matsuhime também gosta do imperador.

Achano *Tsubone*, que veio representando a mãe de Matsuhime, sussurrou para Miho sentindo-se aliviada, e de fato, Matsuhime também parecia sentir-se atraída pelo imperador, que era alto e bastante formoso.

As circunstâncias pelas quais Miho passou a servir na Corte, acompanhando Matsuhime Masako em sua entrada na família imperial, foram transmitidas a Sen'hime por Tadamasa.

- Parece que Miho não estava muito disposta, porém a súplica da Senhora Achano *Tsubone* e Onono Otsû finalmente a convenceram...

Assim Tadamasa disse e entregou-lhe a carta de Achano *Tsubone*.

Na carta, Achano *Tsubone* primeiramente pedia desculpas por ter enviado Miho para a Corte sem a permissão de Sen'hime e depois informava que Matsuhime estava gostando muito dela, e que Miho, no Palácio Imperial, parecia se sentir muito à vontade.

Sen'hime pensou que um novo caminho se abria para Miho.

- A Senhora consorte é minha irmã, Miho servindo a ela, eu também me sinto tranquila.

Tadatoki assentiu para as palavras de Sen'hime.

Se de um lado suspirou aliviado, por outro lado, talvez por sentimento egoísta masculino, Tadatoki sentiu um leve apego por Miho que se distanciara dele.

Seja como for, as pessoas, quando se encontram no auge da felicidade, apenas lastimam que o tempo esteja passando rápido demais e não costumam tentar perceber o que as espera lá para frente.

Não era de se estranhar que as pessoas da família Honda, que estavam como que no auge da florada ou no período de lua cheia, não previssem a sombra da morte que se aproximava discretamente.

Quem poderia imaginar que algo de ruim pudesse acontecer a Kôchiyo, que continuava crescendo saudável, ou a Tadatoki, musculoso e forte, que se dedicava ao treino de artes marciais com Miyamoto Mikinosuke, e ainda a Yûhime, cercada pelo esposo, pelo filho e pela nora, vivendo dias tranquilos como avó carinhosa de dois netos?

No ano 6 da Era Genna, o Castelo da Garça Branca resplandecia iluminado, envolvendo pessoas no auge de sua felicidade.

AQUELES QUE SE VÃO

1

A província de Harima, na época em que Sen'hime se encontrava no Castelo da Garça Branca, era chamada de *Banshû Honda*, “Harima dos Honda”, estando sob o domínio do clã Honda.

Começando por Honda Tadamasa e seu filho Tadatoki, que juntos governavam os distritos de Shikitô, Shikisai, Kantô, Kansai, Katô, Kasai, Innami, Kako, Taka, Itô, Isai, totalizando 250.000 *koku*, e somando-se o segundo filho de Tadamasa Honda Masatomo, Governador de Kai, que era o senhor do Castelo de Tatsuno de Harima com 50.000 *koku*, e o genro de Tadamasa Ogasawara Tadazane, que era o senhor do Castelo de Akashi de 10.000 *koku*, juntando os distritos de Akashi e Miki, o poderoso clã possuía 400.000 *koku*.

Isso se devia à enorme confiança depositada pelo xogum Hidetada à família Honda, que nomeou Honda Tadamasa como inspetor da região oeste, tornando-o superintendente dos *daimio* daquela região.

Além disso, entre Tadatoki e Sen'hime havia nascido dois filhos, Katsuhime e Kôchiyo, que fez Tadamasa dizer emocionado:

- Não poderia haver felicidade maior para mim.

A primeira sombra sinistra que se lançou sobre a felicidade da família Honda foi a morte súbita de Kôchiyo.

No início de inverno, teve uma gripe e ficou dois ou três dias acamado, após o que teve febre alta e rapidamente deixou este mundo.

Isso aconteceu em no dia 9 do décimo segundo mês do ano 7 da Era Genna¹²³, quando Kôchiyo estava na fase mais graciosa, de três anos de idade.

Com a morte do seu filho, Sen'hime descobriu pela primeira vez que as pessoas, quando deparam com uma tristeza repentina, não conseguem soltar lágrimas.

¹²³ Corresponde ao ano de 1621.

Mesmo quando o médico anunciou a morte de Kôchiyo, Sen'hime não acreditava. O corpo que ela pegou no colo ainda estava quente, e os lábios levemente abertos pareciam que iam chamá-la a qualquer momento e tinha a impressão de ouvir sua voz:

- Mamãe.

- Kôchiyo está vivo. Olhe aqui...

Tadatoki pegou seu filho das mãos de Sen'hime que assim dizia.

- Kôchiyo não vai a nenhum lugar, ficará aqui conosco...

Tadatoki começou a dizer, mas ficou engasgado sem palavras, e Yûhime, que estava ao lado, não aguentou e começou a soluçar aos prantos.

Ainda assim, Sen'hime continuava absorta. Não sabia por que a sogra chorava.

- Minha mãe...

Katsuhime soltou-se das mãos da criada e começou a rondar Sen'hime, e Tadatoki aproveitou o ensejo para ordenar a Matsuzakano Tsubone:

- Leve Osen e Katsuhime daqui, eu também irei em seguida.

Matsuzakano Tsubone tentou levar Katsuhime para fora, mas talvez por estar assustada com a estranha atmosfera do aposento, ela se agarrou à mãe e não queria sair dali.

Sen'hime levantou-se instintivamente junto com Katsuhime.

Ao sair da sala, apressada por Matsuzakano Tsubone, virou-se, Tadatoki estava segurando Kôchiyo firmemente nos braços e assentiu para Sen'hime.

Katsuhime estava inquieta, e Sen'hime foi para o Palácio Interno, puxando a mão da filha.

- A Pequena Princesa deve estar com sono.

No Palácio Interno todas chamavam Katsuhime de Pequena Princesa.

Mesmo depois de se trocar e se deitar, Katsuhime não soltava as mãos da mãe. Porém, algum tempo depois adormeceu com cara de choro.

Quando Sen'hime se deu conta, Tadatoki estava atrás dela de pé.

- Senhor.

Quis perguntar por Kôchiyo, mas ficou sem voz. O aspecto do esposo, que se sentou calado ao seu lado, estava estranho. O rosto estava pálido e os olhos, vermelhos, estavam transbordando de amargura.

Enquanto fitava seu marido, Sen'hime começou a tremer. A morte de Kôchiyo tornou-se uma realidade que não podia ser ignorada, e ela agarrou-se ao marido, chorou sem voz e sem lágrimas.

O funeral de Kôchiyo foi realizado, após a chegada de Tadamasa, no templo Seiganji, no monte Gunro, construído como templo da família, e o corpo foi sepultado no monte Shosha.

Durante algum tempo, a família Honda parecia mergulhada no abismo da tristeza.

Pelo infeliz neto, Tadamasa fez a doação de sua propriedade à deusa Kannon do templo Saisenji do distrito de Taka e contribuiu com a reforma do santuário principal e do auditório do Monte Shosha para que ele pudesse descansar em paz, e a avó Yûhime dedicava-se a visitar a sepultura do neto.

Porém, ao mesmo tempo, a família Honda manifestava o anseio pelo nascimento de um herdeiro que substituísse Kôchiyo o mais breve possível.

Pelo código dos samurais da época, a família de samurai que não tivesse herdeiro, quando da morte do chefe, seria extinta.

Tadatoki ainda estava com vinte e sete anos, mas nunca seria demais apressar o nascimento do filho herdeiro.

Foi a partir desse momento que surgiu a sugestão de propor a Tadatoki que arranjasse uma concubina.

Sen'hime estava com vinte e seis anos de idade. Na realidade, estava na flor da idade, mas entre as pessoas nobres, já era considerada um pouco velha para ter um filho.

Sen'hime ouviu do médico da família que Tadatoki rejeitou de pronto tal ideia, quando as pessoas mais próximas abordaram a questão.

Provavelmente o médico quis dizer que o jovem senhor prezava muito Sen'hime, mas isso deixou um pesar no coração dela.

Sen'hime pensou durante alguns dias e foi procurar a sogra Yûhime.

Yûhime ficou olhando com compaixão Sen'hime, que implorava para recomendar a Tadatoki que tivesse uma concubina, mas disse:

- Transmitirei a Heihachirô a preocupação de Sen'hime com o futuro da família Honda. Mas, ainda que ele arrume uma mulher assim, não pense jamais que o sentimento de Heihachirô para com você irá mudar.

- Existe algum distanciamento entre vocês? - perguntou a Sen'hime, que ficou corada.

- Não...

Talvez por consideração ao sentimento de Sen'hime, muito chocada com a morte de Kôchiyo, mesmo dormindo com ela à noite, Tadatoki não a tocava.

- O melhor mesmo é você ter dois, três filhos de Tadatoki, sei que não será fácil, mas tente...

- Eu também desejo isso. Mas independente dessa questão, acho que seria dever de esposa sugerir que tenha uma concubina...

Se ela não pudesse ter filho homem, o futuro da família Honda seria tenebroso.

- Quando penso na preocupação de todas as pessoas do clã, eu fico em agonia.

Sen'hime receava que dissessem que Tadatoki nem pudera ter uma concubina, porque se casara com a filha do xogum.

- Se isso acontecer, eu não vou me perdoar.

Pedi insistentemente a Yûhime e voltou ao Palácio Musashino. Dias depois, Tadatoki voltou de Chûshomaru mais cedo que o habitual.

O castelo de Himeji estava sendo ampliado gradualmente, e havia sido construída a fortaleza oeste, à parte da fortaleza central, onde morava Tadamasa, para Tadatoki, e como este ocupava a posição de Ministro adjunto do Ministério dos Assuntos Centrais Nakatsukasa Tayû, a fortaleza oeste era chamada de Chûshomaru, utilizando sua denominação chinesa.

Ou seja, essa era a residência oficial, e ele despachava ali os assuntos políticos do dia a dia e passava a noite na residência privada, o Palácio Musashino, que ficava no lado leste.

Quando Tadatoki, que na maioria das vezes voltava muito cedo ao palácio Musashino, entrou na sala de estar, por volta das três horas da tarde, Sen'hime teve um pressentimento.

Pela expressão de Tadatoki, ele estava visivelmente zangado.

Mesmo assim, aceitou os cumprimentos de Sen'hime, que o recebeu dizendo:

- Bem vindo de volta.

E disse:

- Tenho um assunto para tratar com você; as damas retirem-se.

Depois que Matsuzakano *Tsubone* e as outras damas se retiraram preocupadas, Sen'hime, como sempre, viu como estava o do fogo do forno e verificou a fervura da água da chaleira.

Era rotina de Tadatoki tomar um gole de chá, quando voltava do Chûshomaru.

- Fui convidado pela minha mãe e conheci três moças.

Disse com uma voz de raiva contida e fitou Sen'hime.

- De acordo com as palavras da minha mãe, foi você quem sugeriu.

Sen'hime esforçou-se em sorrir ao marido.

- Havia alguém do seu gosto?

- Por que está fazendo uma coisa dessas?

- Eu me tornei membro da família Honda e fiz isso pela prosperidade da família Honda.

O rosto de Tadatoki ficou vermelho.

- Você é esposa de Tadatoki, é escusada essa preocupação como nora da família Honda.

- O que está dizendo? O senhor é o filho herdeiro da família Honda e diz que é escusada a preocupação com um assunto importante da família?

- Osen...

Não podendo se conter, Tadatoki segurou a mão de Sen'hime.

- O que devo dizer para você entender? Eu não preciso de concubina. Já deixei clara a minha recusa para minha mãe.

- Não pode se preocupar comigo!

- Eu, Heihachirô, não me apaixonei por você não porque é filha do xogum.

- Sei disso.

- Se sabe, porque se preocupar sem motivo.

De repente, Tadatoki abraçou Sen'hime.

- Achei que por consideração a você, eu deveria esperar passar os quarenta e nove dias, após a morte de Kôchiyo, mas agora chega. Mostrarei o verdadeiro Heihachirô.

Sen'hime ficou agarrada ao seu marido, sentindo o peso de seu corpo. A respiração de Tadatoki ficou ofegante e Sen'hime quase perdeu os sentidos.

Tadatoki colocou a água do jarro na concha e levou-a aos lábios de Sen'hime boca a boca.

- Gosto de você. Você não entende o sentimento de Tadatoki, que a quer tanto?

Nos braços de seu marido, Sen'hime deixou escorrer as lágrimas.

- Com certeza terei seu filho, deixe-me tê-lo.

As noites se tornaram ainda mais apaixonadas que antes e logo Sen'hime estava grávida.

- Viu só? Quem vai ter filho de Tadatoki é só Sen'hime.

O riso finalmente voltou ao Palácio Musashino, mas foi por um breve momento. No oitavo mês daquele ano, Sen'hime sentiu uma anomalia no seu corpo e consultou o médico.

- Não sei como dizer isso... O bebê desapareceu do ventre da princesa.

Ao ser informada de que o feto havia desaparecido como espuma por razão ignorada, Sen'hime desmaiou.

Como se não bastasse ter perdido dois filhos em seguida, um boato se espalhou.

- A princesa de Harima está sendo amaldiçoada pela alma de Toyotomi Hideyori.

Não se sabe como se espalhou, mas esse boato percorreu a cidade de Himeji e chegou até o Palácio Musashino.

- Que coisa estúpida!...

Tadatoki riu e nem se importou, mas Sen'hime ficou preocupada.

Consultou Yûhime que convidou um adivinho de Quioto para descobrir o que era.

- Será que a princesa não está de posse de alguma lembrança do falecido Toyotomi Hideyori? – disse o adivinho.

Ouvindo isso, Sen'hime se lembrou de um pedaço de papel.

No passado, quando Sen'hime ainda vivia no Castelo de Osaka, por acaso Hideyori aparecera quando ela estava praticando caligrafia e, pegando o pincel de Sen'hime, escreveu palavras do sutra do budismo “Namu Amida Butsu” e depois assinou.

- Dizem que carregar sempre consigo as palavras do sutra serve como amuleto de proteção.

Recomendou que o colocasse num saquinho de amuleto e o carregasse e Sen'hime obediamente o guardou no saquinho.

Na ocasião da rendição do Castelo de Osaka, levou consigo esse amuleto e, desde então, guardara-o no oratório no lugar da tabuleta memorial de Hideyori, dedicando-lhe flores e incensos.

No casamento com Honda, desfez-se de todas as lembranças, porém, por ter o nome de Buda Amida, não podia dar tratamento desrespeitoso a esse papel; assim, manteve-o no saquinho de amuleto e continuou fazendo o culto secretamente, considerando o dia da queda do Castelo como data da morte de Hideyori.

Não havia outro objeto que servisse de lembrança de Hideyori, de modo que Sen'hime mostrou esse pedaço de papel ao adivinho.

- Ah, então a senhora carregava isso...

O adivinho ficou analisando o papel que já começara a amarelar com o passar do tempo, e recomendou:

- Então, para sossegar a alma do falecido, mande esculpir a imagem de Kannon, deusa da misericórdia, deposite no ventre dela esta lembrança e solicite a um monge adequado para escrever uma oração budista para acalmar o espírito e faça o culto.

- Osen, por que deixou perto de si tal coisa por tanto tempo? Deveria ter depositado em algum templo...

Yûhime ficou a olhar, temerosa, esse pedaço de papel, e Sen'hime não tinha como responder.

Não que estivesse guardando por tanto tempo por amor a Hideyori, porém para a família Honda, especialmente para Yûhime, mãe de Tadatoki, com certeza fora desagradável.

Sen'hime ficou preocupada, achando que Tadatoki também pensasse mal dela, mas ele, ao ouvir sobre isso da mãe, imediatamente procurou um ancião chamado Chôkai, considerado um dos melhores escultores de imagem da deusa Kannon de Harima, e encomendou a imagem.

- Assim que a imagem da deusa Kannon estiver concluída, vamos solicitar a algum grande mestre e faremos o culto.

Falando com naturalidade para não abalar Sen'hime, Tadatoki começou a se lembrar de um homem que tinha esquecido.

Era um samurai com armadura que estava a bordo de um navio que parecia ser de piratas, visto na primeira vez no alto mar de Kuwana e na segunda vez no mar de Setouchi. Ele estava de máscara e não foi possível ver seu rosto, mas...

- Seria ele, Hideyori...?

Mais uma vez, essa suspeita voltou à mente e Tadatoki ficou inquieto.

A ideia de que o ex-marido de sua esposa poderia estar vivo não lhe era nada agradável.

No ano 9 da Era Genna¹²⁴, Hidetada abdicaria do cargo de xogum em favor do filho Iemitsu, e ficou decidida sua ida à capital para a cerimônia de transmissão do cargo.

Da família Honda, foram convocados o pai, Tadamasa, e Tadatoki para fazerem parte da comitiva da visita ao Palácio, e, no sexto mês, adentraram ao Castelo de Nijô para aguardar a chegada de Hidetada.

Iemitsu estava com vinte anos naquele ano. Por motivo de doença, a partida se atrasou, entrando no Castelo de Fushimi, no dia 13 do sétimo mês, e, após o anúncio de que seria nomeado xogum e Ministro do Centro, no dia 6 do oitavo mês, foi ao Palácio Imperial para a cerimônia de nomeação.

Tadamasa e Tadatoki tomaram parte da comitiva nessa ocasião, e Iemitsu teve audiência com o Imperador em Naishidokoro, e de acordo com os usos e costumes antigos levou-lhe oferecimentos como espada, cavalo e prata.

Como a esposa do Imperador era irmã de Iemitsu, após avistar-se com o Regente Conselheiro, o Ministro da Esquerda, o Ministro da Direita e outros altos dignitários, dirigiram-se ao Palácio onde ela residia e foram saudados com bebidas.

Tudo terminou sem problemas e, no dia seguinte, a mensageira da consorte Masako do Castelo Nijô trouxe os presentes para comemorar a ocasião festiva.

Honda Tadamasa e Tadatoki também faziam parte do séquito de Hidetada, e Tadatoki quase ficou sem respiração ao olhar para a dama da Corte que viera como mensageira de Masako.

Usando pantalonas escarlate e quimono externo e com o penteado *osuberashi*¹²⁵, a aparência havia mudado completamente, mas sem dúvida é Miho, que serviu Sen'hime.

- É a Senhora Himeji, a dama que serve a consorte - disse o samurai encarregado da recepção e Miho levantou a cabeça.

- Dirijo-me ao digníssimo ex-xogum. A Senhora Consorte disse que se congratula do fundo do coração com este acontecimento festivo. E esta é a carta para sua digníssima esposa, por obséquio, receba-a.

¹²⁴ Corresponde ao ano de 1623.

¹²⁵ Tipo de penteado com o cabelo preso na altura do ombro como um rabo de cavalo e a parte da frente mais cheia.

Pelo fato de Hidetada ter entregado o posto de xogum a Iemitsu, passaria a ser chamado de ex-xogum e a Senhora Oeyo, sua esposa e mãe de Masako, Iemitsu e Sen'hime, passaria a ser tratada como *Ômidaidokoro*¹²⁶.

Miho pediu a Hidetada que entregasse a carta para a Senhora Oeyo.

- E segundo a Senhora Consorte, o imperador também está satisfeito com a ida da filha do Ministro da Esquerda a Edo, assunto tratado há algum tempo e pediu-me que lhe transmitisse isso.

- Entendi.

Hidetada fez um meneio grande com a cabeça.

- Diga para a Senhora Consorte que agradeço muito por sua atenção.

- Sim, senhor.

- Segundo ouvi falar, algum tempo atrás, a Senhora Himeji já havia servido a Sen'hime. Se quiser saber notícias dela ou algo parecido, aqui estão pessoas ligadas a ela. Poderão conversar em outra sala.

- Agradeço pela atenção, no entato, hoje vim como mensageira da Senhora Consorte. Talvez em breve eu traga a carta da Senhora Consorte para a Senhora Sen'hime, portanto, fica para outra oportunidade...

Fazendo uma saudação eloquente, Miho deixou o local.

A ida da filha da família Takatsukasa a Edo, mencionada no recado da Consorte Masako, referia-se à escolha de Takako, filha de Takatsukasa Nobufusa, como resultado do esforço de Masako, para atender ao propósito do Governo Feudal de casar Iemitsu com alguém da nobreza de Quioto, aproveitando a oportunidade da cerimônia de nomeação do xogum.

- Miho está completamente mudada, não? Quando estava no Castelo de Himeji, parecia ser introvertida e um tanto triste... - disse Tadamasa a Tadatoki, depois de voltar à residência da família Honda no Castelo de Nijô, onde estavam hospedados.

- Ouvi dizer que as damas da Corte adotam o nome do lugar de sua origem. Se Miho adotou o nome de Himeji, talvez seja porque ainda não consegue esquecer Sen'hime...

Tadamasa disse sem nenhuma intenção, mas Tadatoki sentiu um golpe no coração.

¹²⁶ Expressão utilizada para se referir à esposa de ex-xogum ou à mãe do xogum em exercício.

Tadatoki sabia que para Miho a vida no Castelo de Shirasagi não podia ser considerada feliz.

Primeiro violara aquela moça, deixando-se levar por violenta emoção, mas por respeito à esposa, rejeitara o devotado amor dela.

Esse arrependimento estava ficando pesado e mais forte, aos poucos, desde que Miho deixara Himeji.

Tadatoki percebeu que seu sentimento estava abalado pelo fato de ter visto Miho e ouvido sua voz inesperadamente.

Dois dias depois, chegou à família Honda o mensageiro de Onono Otsû.

- Há uma carta da Senhora Consorte para a Senhora Sen'hime. E eu também gostaria de dizer algumas palavras sobre os infortúnios que se abateram sobre ela, de modo que gostaria que o Senhor Ministro Adjunto do Ministério dos Assuntos Centrais acompanhasse o mensageiro.

Atendendo a tal convite do mensageiro de Otsû, Tadatoki saiu do Castelo de Nijô.

Na cidade de Quioto onde, segundo diziam, a chegada do outono foi mais rápida que em outros anos, soprava um vento úmido, e parecia que iria chover a qualquer momento.

Foi guiado a uma casa que parecia ser de veraneio de algum nobre, próxima a Arashiyama, e na entrada havia uma senhora à espera.

Foi conduzido a um aposento que dava para um jardim, onde havia uma persiana de bambu na direção da varanda.

Depois que o chá foi trazido, ninguém mais veio.

A mansão inteira estava totalmente em silêncio e, mesmo aguçando o ouvido, só se ouvia o som da água que fluía no córrego do jardim.

Uma carpa pulou no lago do jardim.

Provavelmente devido à proximidade da chuva, começou a escurecer de repente.

Tadatoki estava com uma sensação estranha. Era como se aguardasse ansiosamente a chegada do ser amado para um encontro secreto.

Uma rajada de vento soprou e a chuva começou a cair sobre o jardim quando, ao som discreto do farfalhar de roupa, a porta corrediça se abriu.

- Perdoe-me fazê-lo esperar.

Tadatoki virou-se, ao ouvir a voz familiar de Miho.

Hoje não usava o quimono externo e sim o quimono de manga estreita tingido com pétalas de flores e sobre ele um quimono esverdeado cor de salgueiro.

Estava com o cabelo levemente preso atrás, com um cordão com franja lilás.

- Ouvi dizer que o senhor perdeu filhos sucessivamente, aceite minhas sinceras condolências.

Tadatoki sentiu o perfume de incenso, quando Miho sentou-se perto e o cumprimentou.

Era diferente do perfume que Sen'hime usava, dando a impressão de ser estrangeiro.

- Meu pai disse que você mudou.

Disse Tadatoki que não sabia o que falar, por onde começar.

- O Senhor Heihachirô não achou que eu pareço mais velha?

Chamou Tadatoki como antigamente e mostrou um sorriso tranquilo.

- Você não está com tanta idade assim.

Ela era mais nova que Sen'hime. No entanto, Miho, no momento, parecia muito mais segura do que seria próprio de sua idade, emanando uma feminilidade tranquila.

Tadatoki não sabia dizer se ela adquirira isso naturalmente, ao longo do tempo que vinha servindo à Consorte como dama da Corte, ou se era resultado da resignação a que chegou após viver um amor doloroso.

- A senhora Sen'hime está bem?

Miho fitou Tadatoki, que desviou o olhar para o jardim.

Foi dito que a terceira criança que ela abortara, era uma menina. O médico assim disse para aliviar o sofrimento de Sen'hime, mas desde então sua saúde não estava boa.

- Tanto o Senhor Heihachirô como a Senhora Sen'hime ainda são jovens. Chegará o dia em que nascerá um herdeiro.

- E como está?

Por alguma razão, Tadatoki sentiu-se irritado e perguntou:

- Não vai me dizer que vai trabalhar a vida toda na Corte Imperial como dama da Corte.

- Até o dia em que meu pai vier me buscar...

Era uma voz tão baixa que era praticamente abafada pelo som da chuva que vinha do outro lado da persiana de bambu.

- Seu pai... Seu pai está vivo?

Se o sábio general de Osaka, Hayami Moriyuki, Governador de Kai, está vivo, Hideyori também estaria?

- Meu pai foi às ilhas do sul de navio.

Continuando, Miho disse:

- Disse ele que é para confirmar a veracidade do rumor de que o Senhor Ministro da Direita estaria vivo.

Miho explicou em poucas palavras o encontro com o pai em Quioto.

- Meu pai me disse para esquecer o passado e que não podemos nadar contra a corrente...

Miho contou que foi por isso que ele foi para o mar do sul no intuito de convencer Hideyori a não mais tentar lutar contra os Tokugawa, e sim buscar novos horizontes no outro lado do vasto oceano, caso ele estivesse vivo.

- Eu também, pretendo abandonar o Japão em breve juntamente com meu pai.

Então era essa decisão que deixava Miho com essa tranquilidade? Tadatoki olhou novamente para ela.

- Provavelmente não tornarei a ver a Senhora Sen'hime também. Peço ao Senhor Heihachirô que lhe dê minhas lembranças.

Assim que terminou a conversa, o barulho da chuva de repente se tornou mais forte.

- Isso me lembra a estação termal da montanha – disse Tadatoki subitamente e Miho abaixou a cabeça.

- Aquela noite será para mim uma lembrança que carregarei por toda minha vida.

Quando Miho ia se despedir, deixando a caixa que continha a carta, dizendo ser a carta da Consorte para Sen'hime, Tadatoki segurou a manga do quimono dela.

Sem palavras, os dois se olharam e se deitaram atrás do biombo.

O corpo de Miho permanecia como na ocasião da estação termal da montanha. Isso deixou Tadatoki mais excitado do que ele esperava.

A sala escura por causa da chuva exalava o cheiro de um homem e de uma mulher, que se desafiavam e se atracavam com uma intensidade capaz de esgotar a energia um do outro e assim passaram um longo tempo.

Foi depois que a chuva parou que Miho se vestiu e se arrumou.

Tadatoki teve vontade de chamar Miho, que se afastava.

Queria lhe dizer para que voltasse ao Castelo de Himeji, desistindo de ir ao mar do sul, e também do trabalho de dama da Corte, mas acabou não conseguindo verbalizar isso e ficou ouvindo o farfalhar discreto das roupas que se distanciava.

A cerimônia da nomeação de Iemitsu como xogum terminou, e Tadatoki voltou a Himeji, e Tadamasa seguiu para Edo, acompanhando Hidetada.

Foi em meados do décimo mês que Onono Otsû apareceu no Castelo de Himeji.

- A Senhora Achano *Tsubone* ficou sabendo pelo Senhor Tadamasa que a Senhora Sen'hime está sendo amaldiçoada pelo espírito do falecido Ministro da Direita. Embora a Senhora Achano *Tsubone* não dê muito crédito ao que o adivinho diz, acha que não seria bom manter para sempre nas mãos da Senhora Sen'hime uma lembrança assim... Sendo assim, por ora, acha melhor seguir as recomendações do adivinho e depositar esse papel com o nome de Buda no ventre da imagem da deusa Kannon e realizar o culto budista no templo Keikôin, em Ise, solicitando a Shûseini para escrever a oração budista, e eu vim trazer essa mensagem.

Ela disse que fora incumbida de pegar a imagem da deusa Kannon e o papel com o nome de Buda e levá-los a Ise.

Obviamente, nem Sen'hime nem Tadatoki tinham qualquer razão para fazer alguma objeção e depositaram o papel na imagem da deusa Kannon esculpida pelo mestre Chôkai, que já estava pronta e os confiaram a Otsû.

Otsû ficou alguns dias no Castelo de Shirasagi, recebendo hospitalidade, e escolheu um dia da sorte para partir rumo a Ise, porém fez um pedido:

- Se puder, gostaria de visitar o túmulo do pequeno lorde. Se o Senhor Ministro Adjunto puder me acompanhar, ficarei feliz...

Tratando-se de pedido de Otsû, Tadatoki seguiu com ela para o monte Shosha, aproveitando o ensejo da partida dela.

Ao entrar no cemitério, os samurais que os acompanhavam ficaram à espera do lado de fora do muro de pedra, e Tadatoki conduziu Otsû ao mausoléu da família Honda.

Foi nessa hora que Otsû sussurrou para ele:

- Sobre o bebê de Miho, por favor, deixe por minha conta.

Por um instante, duvidou do que tinha ouvido e Tadatoki fitou Otsû.

- Bebê... Miho está grávida?

- Seja menino ou menina, deixe que me encarregue por um tempo. Mais tarde, quando houver oportunidade, faça o que achar melhor... Confie em mim e deixe por minha conta.

Atônito, Tadatoki olhou para o céu que se abria sobre o monte Shosha.

Para além daquele céu ficava a capital Quioto.

Sem conseguir assimilar o fato de que Miho esperava um filho seu, Tadatoki captou com os olhos a figura do monge do monte Shosha que se aproximava para fazer o culto.

- Esqueça o que eu lhe falei hoje, até chegar o momento certo...

Ao sair do cemitério, após a leitura do sutra, Achano *Tsubone* reforçou a recomendação e desceu os degraus de pedra com passos firmes que não demonstravam seus sessenta e cinco anos.

O anúncio feito por Otsû causou uma pequena tempestade no coração de Tadatoki, mas isso se restringiu ao íntimo dele e o Castelo de Shirasagi tinha voltado ao seu dia a dia tranquilo.

Foi no outono daquele ano que Tadamasa voltou de Edo, trazendo a boa notícia de que fora confirmado o noivado entre *Katsuhime*, filha de Tadatoki e Sen' *hime*, com Ikeda Shintarô Mitsumasa, senhor do Castelo Tottori, em Inaba¹²⁷, por recomendação do ex-xogum Hidetada.

Ikeda Shintarô Mitsumasa era neto de Ikeda Sanzaemon Terumasa, antigo senhor do Castelo de Himeji, e como na ocasião do falecimento do pai, Toshitaka, ele ainda era muito jovem, não tinha condições de ser inspetor da região oeste, sendo transferido para o Castelo de Tottori e o seu lugar foi ocupado pela família Honda.

Portanto, tratava-se da união entre pessoas que tinham relação com Himeji e era conveniente para ambas as famílias.

Mas, ainda que tivessem ficado noivos, Mitsumasa tinha quinze anos, e *Katsuhime*, seis anos apenas, por isso esperariam o crescimento dos dois para a realização oficial do casamento.

No final do mesmo ano, Takako, a filha do Conselheiro Takatsukasa Nobufusa, entrou em Edo como esposa oficial do xogum Iemitsu.

- Que bom que finalmente foi escolhida a esposa oficial do xogum Iemitsu.

¹²⁷ Inaba - atual província de Tottori.

Disse Yûhime, e Sen'hime lembrou-se da expressão de tristeza do irmão, quando foi decidido o casamento dela com Honda.

Embora fossem irmãos, a mãe Oeyo tinha mais carinho pelo irmão mais novo Tadanaga, e Iemitsu costumava sentir-se solitário no Castelo de Edo. Mas Iemitsu iria receber como esposa uma linda princesa da alta nobreza.

Sobre a figura esplêndida de Iemitsu, oficialmente nomeado Generalíssimo xogum, já tinha ouvido pelo esposo Tadatoki.

Como irmã, estava feliz com o fato de que aquele seu irmão desafortunado havia conquistado um lugar ao sol como chefe da família Tokugawa.

E ainda, no Palácio Imperial de Quioto, a Consorte Masako deu à luz uma princesa, no ano seguinte, no primeiro mês do ano 10 da Era Genna¹²⁸. A família Honda, ligada ao Clã Tokugawa, parecia ter recuperado a alegria, depois de tanto tempo.

Mas, à parte tais acontecimentos auspiciosos, Sen'hime tinha notado mudanças sutis no comportamento de seu marido.

Ela achava que isso estava acontecendo desde sua volta de Quioto.

Aparentemente, não havia nada de diferente em especial.

Era o bom marido de sempre, e um bom pai para Katsuhime.

Mesmo no relacionamento conjugal, não havia distanciamento.

No entanto, Sen'hime não conseguia deixar de sentir que Tadatoki estava pensando em outra mulher, quando a abraçava.

Não que houvesse um motivo concreto; talvez fosse algo como um instinto feminino.

Os dedos de Tadatoki, que vinham tocar a pele de Sen'hime, pareciam estar à procura de alguma coisa. Ela não conseguia afastar a vaga sensação de que Tadatoki estava buscando inconscientemente os vestígios de uma memória distante, de algo diferente da reação mostrada pela esposa.

Pensar que houve algo a Tadatoki em Quioto, a deixava insegura.

Ela pensava que, se fosse alguma profissional como uma dançarina de *shirabyôshi*¹²⁹, não havia nenhum problema.

¹²⁸ Corresponde ao ano de 1624.

Para relaxar, depois de longo período de tensão de fazer parte da comitiva de nomeação do xogum, deve acontecer de serem contratadas profissionais para beber, e às vezes passar a noite juntos. Sendo Tadatoki jovem como era, ela até compreendia.

Mas Sen'hime estava preocupada porque sentia em Tadatoki a sombra de uma mulher que não era desse tipo.

Não pode ser, ela pensava.

Mas Miho servia à Consorte Masako e estava na Corte Imperial em Quioto.

Perguntando como se não tivesse intenção especial, descobriu que desta vez o ex-xogum e o novo xogum fizeram visitas à residência da Consorte, durante a estada em Quioto, e as mensageiras também andaram frequentando o Castelo de Nijô.

Sen'hime se lembrou da carta da Consorte Masako guardada na caixa de correspondências.

Ao voltar para casa e lhe entregar a caixa, o esposo lhe dissera:

- Veio uma mensageira da Senhora Consorte e me entregou isto.

Mas não disse quem era essa mensageira. Sen'hime também não perguntou.

Pensou que a dama que servia à Consorte não devia ser só Miho, e talvez fosse uma dama que Tadatoki nem conhecesse.

Refutando assim o pensamento desagradável, Sen'hime percebeu que sem querer estava pensando em Miho e sentiu um frio na espinha.

Apesar de ela própria ter recomendado ao esposo que arranjasse uma concubina, estranhamente não suportava a ideia de colocar Miho ao lado dele.

Qualquer uma, menos Miho – acabava sempre pensando assim.

Como explicar aquela inquietação?

Ela fora sua criada fiel desde os tempos de Osaka. A posição social também não deixava nada a desejar, já que era filha de Hayami, Governador de Kai.

Sen'hime não estava conseguindo entender o seu sentimento de não querer que aquela mulher bonita, que ela conhecia muito bem e que era a pessoa em quem mais confiava, ficasse perto do marido.

¹²⁹ Dançarina que canta e dança vestida com trajes masculinos, surgida no Período Heian.

Talvez fosse ciúme mesmo.

Tadatoki também estava ciente de que Sen'hime estava percebendo alguma coisa. Para ele também a aflição era profunda.

O casal fazia de conta que não percebia uma pequena ruptura que havia surgido num ponto profundo do coração, apesar da aparente normalidade.

Não havia outra maneira.

O ano 10 da Era Genna passou a ser ano 1 da Era Kan'ei, no dia 30 do segundo mês.

Tadamasa adoeceu na primavera daquele ano. O Castelo de Nijo passou por uma grande reforma para receber a comitiva do imperador dali a dois anos, e foi dada ordem para as dezessete famílias de *daimio* para trabalharem na obra do muro de pedra.

A família Honda estava entre essas dezessete famílias, e Tadamasa tinha ido ao Castelo de Nijô para comandar a obra, mas a cada dia foi perdendo apetite, até que o médico ordenou repouso absoluto.

Na mesma época, Tadatoki também adoeceu.

Durante a falcoaria, perseguia a presa, quando feriu o pé com um toco de árvore e, a partir daquela noite, passou a ter febre, não conseguindo ingerir alimentos, nem sequer tomar água.

Sen'hime não saía de perto do seu marido que ardia em febre.

Já era quase ao amanhecer, quando gelos do depósito de gelo de Daisen, enviados por Ikeda Mitsumasa do Castelo de Tottori, chegaram pelo serviço de entrega expressa.

Miyamoto Mikinosuke, que também não saía de perto da cabeceira de Tadatoki, triturava na bacia o gelo trazido, e a própria Sen'hime tentava colocá-lo na boca de seu marido, mas não estava conseguindo.

Não se contendo, Sen'hime colocou na boca os pedaços de gelo e passou-as para a garganta do marido boca a boca.

Dois goles, três goles da água gelada passaram pela garganta, e Tadatoki soltou um sussurro:

- Miho...

Sobressaltada, Sen'hime olhou em reação para Miyamoto Mikinosuke. O médico, por acaso, havia ido para a sala contígua, e estava preparando um remédio com a ajuda de Matsuzakano Tsubone, e quem estava na cabeceira de Tadatoki eram somente Sen'hime e Mikinosuke.

Mikinosuke quebrava o gelo concentradamente.

Sen'hime orou para que ele não tivesse ouvido a voz de Tadatoki.

Queria que ninguém mais além dela, a esposa, soubesse do segredo do coração do seu marido.

Mas aquela fora a única vez que a boca de Tadatoki proferiu o nome de Miho, e o que Tadatoki primeiramente procurou quando recuperou a consciência, pouco depois, foi a mão de Sen'hime.

- Estou vivo? - murmurou em voz baixa.

- Estava sonhando. Apareceram-me rostos de várias pessoas.

Pensou em lhe perguntar se Miho estava entre elas, mas se calou e enxugou o suor do marido.

O médico lhe deu um medicamento e Tadatoki adormeceu novamente.

No dia seguinte, aquela febre alta tinha abaixado como se fosse mentira, tranquilizando as pessoas da família Honda que se reuniram e passaram a noite em claro na fortaleza central, em Chûshomaru, e até no jardim do Palácio Musashino.

Como era jovem, a recuperação foi rápida.

Tadamasa também, em menos de dez meses conseguiu deixar o leito.

Iemitsu enviou um mensageiro com recomendações especiais para se dedicar ao tratamento, o que fez Tadamasa chorar de emoção.

De qualquer maneira, a família Honda, cujo pai e filho recuperaram a saúde, demoliu o Castelo de Takasago, que fora construído no terreno onde havia antes o santuário Takasago, no distrito de Kako, que no tempo de Ikeda Terumasa foi transferido para o noroeste, e trouxe o santuário para o local original.

Era uma admirável construção, tendo o santuário no centro e em volta dele o oratório e a sala de dança. No lado leste do Palácio Principal plantaram pinheiros macho e fêmea e, com

a conclusão das obras, foi realizado, no dia 11 do nono mês do ano 2 de Kan'ei¹³⁰, o ritual de transferência do santuário.

Era a primeira vez desde o evento de *renga* no navio Atakamaru, ocorrido há seis anos, que o casal Tadamasa, o casal Tadatoki, além de *Katsuhime*, Masatomo e Tadayoshi e outros do clã se reuniam para uma celebração.

A questão sobre a concubina de Tadatoki voltou a ser aventada naquela época.

Isso porque não havia nenhum sinal de gravidez em Sen'hime, desde que abortara o terceiro filho, mas daquela vez também Tadatoki não concordou.

- O jovem senhor faz cerimônia com a Senhora Sen'hime.

Sen'hime suportou os rumores que circulavam entre os membros do clã.

Sen'hime pensou várias vezes em chamar Miho de volta de Quioto, mas não teve coragem de tocar no assunto.

Naquele inverno, foi marcada a ida de Tadatoki a Edo.

Era para dar os cumprimentos de Ano Novo ao xogum e também para agradecer pela atenção demonstrada durante a enfermidade, no ano anterior.

- No mais tardar, voltarei na época em que a floração da ameixeira começar. Pode ser que se sinta solitária, mas aguarde os presentes que trarei de Edo.

Depois que Tadatoki partiu, deixando palavras carinhosas, Sen'hime sentiu um vazio no coração. Por outro lado, de certa forma, teve também um sentimento de alívio.

Achou que talvez estivesse amando demais Tadatoki.

O dia a dia não era dela, ela só pensava em Tadatoki e vivia só pensando em estar com ele.

Achava que se perdesse Tadatoki, possivelmente não conseguiria viver sozinha, e novamente seu pensamento dirigiu-se para Miho.

Se Miho estivesse apaixonada por Tadatoki, como teria sido cruel para ela todo esse tempo em que ela ficou afastada de Himeji, servindo no Palácio Imperial? Essa ideia a aterrorizava.

A comitiva de Tadatoki, que seguia para Edo, hospedou-se uma noite em Quioto.

¹³⁰ Corresponde ao ano de 1625.

Farto de pensar, Tadatoki chamou Miyamoto Mikinosuke.

Ele sabia que Onono Otsû residia na casa de veraneio da família Takatsukasa.

- Encontre-se com a Senhora Otsû e apenas pergunte-lhe o seguinte: “Como ficou aquela história do templo no monte Shosha e o que eu devo fazer?” Só lhe pergunte isso e traga a resposta.

Quando Mikinosuke voltou já era de madrugada. Ele disse que ficara esperando Otsû voltar e trouxera a resposta.

- Ela respondeu verbalmente.

Disse que ficaria na rua, no dia seguinte, para se despedir, quando a comitiva de Tadatoki partir.

- Ela disse que, nessa ocasião, o senhor poderá ver o que deixara sob sua responsabilidade, e que o tomara sob seus cuidados por mais algum tempo.

A partida estava marcada para as seis horas da manhã.

Otsû estava de pé discretamente ao pé da grande ponte Sanjô, na saída para Edo. Próximo dela havia uma mulher que parecia ser sua criada carregando uma menina.

A menina parecia estar com sono.

Aquela é a menina que Miho dera à luz. No cavalo, Tadatoki pensou inquieto.

Sem poder perguntar onde Miho dera à luz ou se continuava servindo no Palácio Imperial, a comitiva de Tadatoki avançou solenemente na gélida manhã de inverno.

O PASSAMENTO DE TADATOKI

1

No final do ano 2 da Era Kan'ei, o Ministro Adjunto Honda Tadatoki adentrou em Edo.

A mansão da família Honda, em Edo, situava-se nos arredores da fortaleza oeste do Castelo de Edo, mas independentemente disso, havia sido oferecido a Tadatoki uma mansão à entrada principal.

Foi no ano 2 da Era Kan'ei¹³¹ que o Governo Feudal determinou a obrigação de os *daimio* residirem periodicamente em Edo¹³² por meio do regulamento dos samurais, e nesta época a ida à capital e a permanência no feudo dos *daimio* ainda eram quase livres.

No primeiro dia do ano seguinte, antes de mais nada, compareceu à fortaleza central do castelo para apresentar os cumprimentos do Ano Novo ao xogum Iemitsu, e no segundo dia, ao ex-xogum Hidetada, que se encontrava na fortaleza oeste.

Tudo isso era, por assim dizer, formalidade, mas depois disso Iemitsu, através de sua ama Ofuku, enviou um convite a Tadatoki, e este compareceu ao Palácio Médio Interno da fortaleza central.

O Palácio Médio Interno correspondia à residência privada do xogum, e Iemitsu, mostrando descontração, mandou transportar comidas e bebidas para receber Tadatoki.

Iemitsu perguntou várias vezes sobre a irmã Sen'hime.

Depois que veio a Edo, Tadatoki ouvira o rumor de que o relacionamento conjugal entre Iemitsu e Takako, filha da família Takatsukasa de Quioto, que recebera como esposa oficial alguns anos atrás, não podia ser chamado de harmonioso e, além disso, as criadas que ela trouxera de Quioto e as mulheres que comandavam o Grande Palácio Interno do Castelo de Edo se confrontavam a cada oportunidade, o que tinha obrigado Iemitsu a construir um palácio dentro do jardim imperial Fukiage e transferir a esposa para lá.

¹³¹ Corresponde a 1635.

¹³² Refere-se ao sistema denominado *sankin kôtai* instituído pelo governo Tokugawa. Os *daimio* eram obrigados a se deslocar periodicamente com a comitiva de seus feudos para suas residências em Edo. Isso resultava em gastos dispendiosos, com a manutenção de seu castelo e de sua residência em Edo, onde normalmente ficava a sua família tomada como refém pelo governo feudal.

De fato, no castelo, parecia que já no Ano Novo as obras haviam sido reiniciadas, pois vez por outra se ouvia o barulho até no Palácio Médio Interno da fortaleza central.

- O Senhor Ministro Adjunto deve estar muito triste pela perda do herdeiro. Mas seu relacionamento com a princesa Sen'hime é harmonioso e em breve nascerá o herdeiro – disse Ofuku, que estava presente.

- Agora que o Senhor xogum herdou o cargo, desejamos o nascimento de um herdeiro o mais breve possível, mas ele diz que só aceitará uma moça que seja parecida com princesa Sen'hime. É um grande problema... – disse, em tom de brincadeira.

Então, Iemitsu continuou, logo em seguida, com expressão séria:

- Não existe outra pessoa como minha irmã. Para mim ela será um sonho não realizado.

Auxiliado pelo efeito do álcool, suspirou:

- Se não fosse minha irmã, não a entregaria para o Ministro.

Tadatoki não pôde evitar um sorriso amarelo.

Tadatoki também sabia que esse jovem xogum, quando menino, adorava Sen'hime.

- Desta vez, vim a Edo sozinho, mas na próxima ocasião marcaremos uma audiência juntamente com minha esposa.

- Não, não quero que minha irmã faça uma viagem longa como a de Harima até Edo. Ao invés disso, no verão deste ano, o ex-xogum se avistará com o imperador no Castelo de Nijô em Quioto. Na ocasião, eu também irei para a capital e faço questão que o Ministro leve minha irmã até Quioto...

Parecia que o convite a Tadatoki tinha como objetivo dizer-lhe isso.

De qualquer forma, Iemitsu estava de bom humor o tempo todo e, ao Tadatoki se retirar, entregou-lhe roupas e doces que havia mandado Ofuku preparar antecipadamente.

E ainda, depois de quatro ou cinco dias, Tadatoki foi convidado para assistir a uma peça de Nô.

Iemitsu apreciava Nô e naquele dia dançou o “O grou e a tartaruga” com o mestre Kanze.

Ali se reencontrou com Achano Tsubone, depois de um longo tempo.

Para Tadatoki, ela era a pessoa a quem devia um grande favor, concretizando o casamento com Sen'hime.

Já passava dos setenta anos e era aparentemente uma idosa elegante, mas em cada palavra vislumbrava-se o temperamento forte como o masculino.

- Graças à bondade do Senhor xogum, obtive uma mansão na parte interna do Portal Takebashi, para onde me recolhi após retirar-me da ativa. Por favor, venha me visitar durante sua estada aqui em Edo. Quando se chega a esta idade, as conversas sobre as reminiscências dos tempos antigos são os que mais trazem saudades.

Não era simples amabilidade momentânea, alguns dias depois, primeiro perguntou sobre a agenda de Tadatoki e, depois, mandou buscá-lo para levá-lo à mansão de Takebashi.

Takebashi está situado ao lado norte da fortaleza central, no lado interno do Portal Hirakawa e começa no jardim Fukiage.

A mansão em si era de uma singeleza e era realmente a residência adequada a Achano Tsubone.

- O tempo passa rápido não? Conheci o Senhor Ministro no caminho de volta de Quioto para Edo, acompanhando a Senhora Sen'hime, e em Kuwana o Senhor nos ajudou muito...

Disse contando os dedos que, desde aquele dia, já se passaram mais dez anos.

- Pensando bem, aquilo foi o começo do amor entre o Senhor Ministro e a Senhora princesa Sen'hime.

Tadatoki fora esperar Sen'hime na floresta de Suzuka e eliminara os remanescentes de Toyotomi, salvando Sen'hime do perigo.

E, no dia seguinte, no mar de Kuwana, o navio de guerra da família Honda, que levava Sen'hime, fora atacado por piratas, mas daquela vez também, graças ao comando de Tadatoki, o perigo fora afastado.

- Realmente, estou muito feliz pelo fato da Senhora princesa Sen'hime ter se casado com o Senhor Ministro.

- Quem teria que falar essas palavras seria eu. Os dez anos que se passaram me parecem um verdadeiro sonho.

- A intromissão desta velha o deixou feliz?

Achano *Tsubone* foi sábia em apresentar a princesa a Tadatoki.

- Não sei como agradecer. Nós, eu e ela juntos, lhe agradecemos.

- Que gratificante...

Algum tempo depois, foi servida uma bebida avermelhada numa garrafa de vidro.

- O navio Chaya voltou da ilha do sul. Dizem que é uma bebida alcoólica do país chamado Portugal. Disseram-me para tomar uma ou duas taças como se fosse remédio, nas noites de insônia, mas não sei se será do agrado do Senhor Ministro.

Ele provou um pouco e achou que era doce. O gosto era bom, mas o efeito que vinha depois era forte.

À noite, Mikinosuke veio buscá-lo e Tadatoki se despediu de Achano *Tsubone*.

- Não tenho muito tempo de vida pela frente, mas desejo que a Senhora princesa Sen'hime e o Senhor Ministro tenham uma longa vida e vivam felizes, em harmonia.

Achano *Tsubone*, que foi se despedir até a porta de entrada, disse isso de coração, mas pensando mais tarde, parecia que ela tinha pressentido a tragédia que aconteceria alguns meses depois, no Castelo de Himeji, e quis refutar essa ansiedade com tais palavras.

Depois da estada de dois meses em Edo, Tadatoki se despediu do xogum e seguiu o caminho de volta para Himeji onde Sen'hime o aguardava.

Mikinosuke não o acompanhou nessa jornada. Foi porque ele quis permanecer por mais um tempo em Edo, na mansão da família Honda, com o objetivo de dar treinamento aos samurais do clã e ele mesmo praticar com espadachins provenientes de todas as províncias, desejo que Tadatoki atendeu.

Tadatoki sentiu que havia algo de errado com seu corpo na estrada Tôkaidô, na altura de Owari.

Não que sentisse algum sintoma específico, mas a cabeça estava pesada e não tinha apetite.

Pensou que talvez fosse o cansaço que se manifestou, após o relaxamento da tensão por que passou em Edo.

Com a indisposição, veio a vontade de voltar imediatamente para casa.

Desejava voltar para Himeji o mais breve possível para ver Sen'hime. Seu pai e sua mãe também deviam estar impacientes, e Katsuhime devia ter crescido muito.

Apesar de ter se ausentado só alguns meses, parecia que não os via há muitos anos e Tadatoki apressou a viagem.

No pernoite em Quioto, a intenção de Tadatoki era visitar Onono Otsû, mas já não tinha mais força, nem vontade.

Se Mikinosuke estivesse acompanhando-o, mandaria-o como mensageiro, mas infelizmente ele não estava.

Deixando o pensamento em Quioto, Tadatoki seguiu viagem.

No Castelo de Shirasagi, as cerejeiras estavam começando a florescer.

Como haviam anunciado sua chegada, Sen'hime, em companhia de Katsuhime, estava à espera no portão principal para recebê-lo.

Durante a viagem ele usara a liteira, mas desde que entrara nos seus domínios, montara no cavalo e retornara ao castelo com imponência, mas no momento em que Sen'hime viu o seu rosto, sentiu que havia algo de errado.

- Estou de volta. Vou cumprimentar meus pais.

Após pegar Katsuhime no colo, Tadatoki dirigiu-se à fortaleza central e Sen'hime voltou ao Palácio Musashino, mas o coração estava inquieto.

Ficou em dúvida, se devia chamar o médico ou não.

No entanto, Matsuzakano Tsubone fez as criadas transportarem os presentes que Tadatoki trouxera de Edo.

- Estes são os presentes enviados pelo xogum, e estes são da Senhora Achano Tsubone.

Tadatoki chegou, quando a sala estava tomada por aqueles presentes.

- Primeiro, gostaria de tomar um banho.

Ao vê-lo depois de tomar o banho que já estava preparado e lavar o suor da viagem, já não estava mais pálido.

- Estar em casa é bom mesmo, o cansaço sumiu!

Começando pela boneca de Katsuhime, havia presentes de Edo até para Matsuzakano Tsubone.

O que deixou Sen'hime feliz foi um colar de contas variadas.

- Dizem que ultimamente há muitos navios japoneses autorizados pelo xogum, que saem para fazer comércio com países estrangeiros. Adquiri isso em Edo. Ouvi dizer que é um adereço feminino estrangeiro.

Tadatoki colocou-o no colo de Sen'hime, e ela olhou cada uma das contas com curiosidade.

- Gostou? - perguntou Tadatoki e Sen'hime alegremente assentiu.

- Sendo presente adquirido pelo senhor meu marido, não tenho como não gostar.

Iemitsu tinha enviado madeira aromática acondicionada em uma caixa pequena esplendidamente trabalhada, e Achano *Tsubone*, um quimono de mangas estreitas de tecido de desenho chinês.

- Amanhã, vista esse quimono e apreciaremos as cerejeiras.

- Elas floresceram como se estivessem aguardando a chegada do senhor.

Da sala do casal, mesmo às altas horas da noite ouviam-se risos, e Sen'hime perdeu a oportunidade de descobrir o problema de saúde do marido.

Um mês após o retorno de Edo, Tadatoki adoeceu.

A febre baixa não cedia, e o definhamento era visível.

Mesmo acamado, Tadatoki continuou a falar sobre os planos para o ano a Sen'hime.

- Neste verão, o xogum vai receber a visita da comitiva imperial no Castelo de Nijo e, nessa ocasião, irá a Quioto. Ele disse para que eu fosse à Capital em sua companhia.

Tadatoki pedia para fazer os preparativos de imediato.

- Vou esperar ansiosamente. O dia em que partirei junto com o senhor para Quioto...

Ela orou aos deuses e Buda para que, até lá, seu marido estivesse completamente restabelecido. Na verdade, nessa época, Sen'hime nem imaginava que o marido fosse morrer logo.

Isso porque acreditava muito na resistência física do marido.

No entanto, o estado de saúde de Tadatoki foi piorando pouco a pouco.

No quarto mês, a notícia da enfermidade de Tadatoki chegou também em Edo.

Ordenando a Doi Toshikatsu, membro do Conselho de Anciãos e Chefe da Seção de Provisões, Iemitsu enviou a Himeji uma carta, desejando seu pronto restabelecimento, e prometendo também 300.000 *koku* no feudo de Yamato¹³³, quando se recuperasse totalmente.

- Não sei como agradecer pela bondade do xogum.

Tadatoki inclinou-se profundamente em direção a Edo, com lágrimas escorrendo no rosto abatido, mas no quinto mês já não aceitava mais nenhuma alimentação.

No dia 7, de madrugada, disse a Sen'hime, que o velava na cabeceira há dias, sem dormir:

- Há uma coisa da qual preciso lhe pedir desculpas. Você me perdoa, mesmo que o diga?

Sen'hime, sem tempo para pensar em mais nada, assentiu.

- Sim, pois haja o que houver, eu sou sua esposa.

Tadatoki segurou a mão de Sen'hime. No entanto, já não tinha mais forças.

Quando a estrela da manhã estava desaparecendo no céu do oeste, Tadatoki faleceu subitamente.

¹³³ Yamato - atual província de Nara.

Quando soube da morte do marido, Sen'hime perdeu a razão.

O médico a socorreu, porém continuou fora de si, agarrou-se ao corpo do marido e não quis se soltar.

Yûhime, mãe de Tadatoki, também ficou muito chocada. Esta adoeceu já na noite do falecimento do filho.

Com a sogra doente, Sen'hime, com muita dificuldade, voltou a si.

Em parte foi porque ela pensou na tristeza do sogro Tadamasa, maior que sua própria lamentação.

Não há nada tão terrível como a morte do filho antes do pai.

Um velho pai via o jovem filho partir para o além.

Além disso, esse filho não tinha herdeiro.

Sen'hime tinha de apoiar o sogro, que estava arrasado, e ordenar o funeral do marido.

O corpo de Tadatoki foi enterrado no monte Shosha, onde o filho Kôchiyo descansava.

Iemitsu enviou Ôta Sukemune, Chefe da Repartição das Damas da Corte, e Kamio Morikatsu, Vice-Chefe do Ministério da Casa Imperial, a Himeji para apresentar as condolências.

O Castelo Shirasagi, que estava mergulhado na tristeza, recebeu mais uma dolorosa notícia.

Miyamoto Mikinosuke, que estava em Edo, soube da morte de Tadatoki e voltou a Himeji. Depois de apresentar as condolências a Tadamasa e Sen'hime, foi para o monte Shosha, e diante da sepultura de Tadatoki, cometeu haraquiri. Mikinosuke estava com vinte e três anos, e Tadatoki com trinta e um anos.

Sen'hime pensou que as pessoas que podiam morrer tinham sorte.

Tinha até vontade de dizer que aquele que podia seguir a pessoa que faleceu, sem pensar em nada, era feliz.

Sen'hime era mãe de Katsuhime.

Tinha de cuidar também da sogra doente e de amparar o sogro em sofrimento.

O único momento em que Sen'hime podia chorar abertamente era nas altas horas da noite, quando todos estavam dormindo.

Além disso, segundo a carta de condolências de Achano *Tsubone*, em Edo, a Senhora Oeyo, mãe de Sen'hime, estava adoentada.

Enquanto cuidava da sogra, Sen'hime só podia rezar fervorosamente aos deuses e a Buda pela proteção.

No entanto, no dia 25 do sexto mês, Yûhime, não obstante os tratamentos médicos, partiu para o além como se seguisse o amado filho.

Tadamasa, que perdera sucessivamente o filho e a esposa, reassumiu a função como se repelisse essa tristeza.

A família Tokugawa já havia pedido permissão para receber o imperador no Castelo de Nijô no nono mês, e Hidetada tinha chegado à Capital, no dia 20 do sexto mês, para os preparativos desse evento.

A família Honda estava incumbida de supervisionar o banquete e tudo o que fosse necessário e, para realizar todos os preparativos, Tadamasa seguiu a Quioto em companhia do genro Ogasawara Tadazane.

No coração de Sen'hime, que se despedira de Tadamasa, também havia uma tristeza.

Enquanto estava acamado, Tadatoki falou muitas vezes com alegria da ida para Quioto junto com Sen'hime.

Se tivesse se recuperado, com certeza estariam partindo juntos, com alegria.

A maior parte do serviço memorial budista de Tadatoki tinha acabado, mas o de Yûhime ela tinha de cumprir etapa por etapa, na qualidade de representante do sogro, que deveria presidir o funeral.

Em meio a tal situação, Sen'hime escreveu uma carta de apelo ao seu irmão Iemitsu, que estava na Capital.

Era sobre o território de 100.000 *koku* deixado por Tadatoki.

A família de *daimio* que não possuísse herdeiro teria seu território confiscado pelo Governo Feudal, se o chefe da família tivesse morte repentina.

No caso de Tadatoki, com certeza ele próprio não esperava deixar este mundo aos trinta e um anos, nem as pessoas ao redor, por isso não tinha adotado um filho para se precaver.

Se seguisse a tradição, a família Honda perderia 100.000 *koku*.

Ou seja, do total de 250.000 *koku* concedidos a Tadamasa e Tadatoki, representados pelos distritos de Shikitô, Shikisai, Kantô, Kansai, Katô, Kasai, Innami, Kako, Taka, Itô, Isai, e outros, perderia os 100.000 *koku* de Tadatoki, diminuindo para 150.000 *koku*.

Sem dúvida, as pessoas da família Honda ficariam desapontadas, pensou Sen'hime.

Ela fazia esse apelo ao xogum pensando que, se ao menos pudesse conceder um pouco do território de Tadatoki aos irmãos dele, minoraria um pouco a dor de Tadamasa, que perdera a esposa e filho de uma só vez.

Iemitsu entrou em Quioto no dia 2 do oitavo mês, visitou Hidetada no Castelo de Nijô e entrou no Castelo de Yodo, que fora reconstruído.

Na sequência, Hidetada e Iemitsu visitaram o Palácio em dias diferentes, e a Corte nomeou Hidetada Ministro da Esquerda, e Iemitsu Ministro da Direita.

A chegada do Imperador aconteceu no dia 6 do nono mês. Iemitsu preparou a comitiva e visitou o Palácio Imperial, pediu a ida do imperador ao Castelo Nijô e voltou para lá. Do Palácio Imperial, Masako, que se tornara Imperatriz, a princesa e o Imperador entraram no Castelo de Nijô em um desfile de carruagens puxados por bois e lá se hospedaram por cinco dias.

Enquanto isso, houve banquetes com do bom e do melhor, e as baixelas da refeição do Imperador eram todas de ouro, tamanho era o luxo.

No dia seguinte ao encerramento com sucesso da permanência da família imperial no Castelo de Nijô, que se tornou lendária, chegou um mensageiro expresso de Edo, trazendo a notícia de que a Senhora Oeyo estava no leito de morte.

Tadanaga, Alto Conselheiro de Suruga¹³⁴, irmão de Iemitsu, partiu imediatamente para Edo a cavalo, mas Hidetada e Iemitsu não podiam fazer isso.

Isso porque a Corte anunciou a promoção de Hidetada para Primeiro Ministro, e de Iemitsu para o Ministro da Esquerda, em agradecimento à hospitalidade no Castelo de Nijô.

¹³⁴ Suruga - atual província de Shizuoka.

No dia 15, foram realizadas as comemorações de nomeação como Primeiro Ministro na fortaleza central e segunda fortaleza do Castelo de Nijô, onde receberam as felicitações dos *daimio* e dos nobres.

No mesmo dia, a Senhora Oeyo encerrou sua vida de cinquenta e quatro anos, sem ao menos esperar a chegada do segundo filho Tadanaga, que ainda percorria a estrada Tôkaidô.

Esse aviso chegou ao Castelo de Nijô, no dia 18. Hidetada e Iemitsu terminaram toda a celebração em Quioto, voltando Iemitsu ao Castelo de Edo, no dia 9 do décimo mês. Hidetada partira no dia 6 do mesmo mês de Quioto, retornando ao Castelo de Sunpu.

O funeral da Senhora Oeyo foi realizado no dia 18 do décimo mês, no templo Zojôji, e o caminho por onde foram transportados os restos mortais foi forrado com tecido branco; o incenso foi queimado sem parar, impressionando, com a pompa digna de funeral de mãe de xogum, as pessoas de Edo que foram se despedir.

Iemitsu convocou Honda Tadamasa durante a estada em Quioto.

Mostrou com franqueza a carta da irmã Sen'hime e ordenou a Tadamasa, agradecido com tal oferecimento, que transferisse o Governador de Kai, Masatomo, irmão de Tadatoki e senhor do Castelo de Tatsuno de 50.000 *koku* para o Castelo de Himeji como herdeiro da família Honda, e declarou que da herança de Tadatoki passaria 50.000 *koku* para ele; para o Governador de Noto¹³⁵ Tadayoshi, o terceiro filho de Tadamasa, passaria 40.000 *koku*, também da herança de Tadatoki; além disso, transferiria ao Governador de Shinano¹³⁶ Ogasawara Nagatsugu, sobrinho de Tadatoki, para Castelo de Tatsuno, concedendo-lhe 60.000 *koku*, resultante do acréscimo de 10.000 *koku* da herança de Tadatoki, ao antigo domínio de Masatomo.

Em outras palavras, ele estava concedendo os 100.000 *koku* de Tadatoki ao clã Honda de forma diferente, distribuindo-os entre irmãos e sobrinho.

Evidentemente, Tadamasa chorou emocionado, e Iemitsu consultou-o sobre a possibilidade de Sen'hime voltar para Edo.

- No Castelo de Shirasagi há muitas memórias do Ministro. Não estou dizendo para esquecer a família Honda, mas por mais que lamente, o Ministro não voltará a viver. E se Masatomo for para Himeji, terá que entregar a residência do Ministro. Pensando nos sentimentos da irmã, acho que é melhor transferi-la o mais breve possível para Edo.

¹³⁵ Noto - parte norte da atual província de Ishikawa.

¹³⁶ Shinano - atual província de Nagano e parte da província de Gifu.

Tadamasa concordou:

- A Senhora Sen'hime trouxe uma felicidade sem igual para a família Honda. O Ministro foi um homem de sorte. Entretanto, após a morte do Ministro, todas as pessoas da família Honda estão desejando que pelo menos a Senhora Sen'hime conquiste a felicidade. Penso que o melhor a fazer é seguir a vontade do xogum.

Tadamasa prometeu que, quando voltasse a Himeji, iria recomendar a Sen'hime que retornasse a Edo.

- Nessa ocasião, eu também a acompanharei até Edo.

- Conto com você.

Iemitsu disse que assim que Sen'hime se decidisse, ele enviaria um mensageiro de Edo para buscá-la, demonstrando total cuidado com a irmã.

Sen'hime ouviu tudo do sogro, que retornou de Edo.

Sen'hime só tinha a agradecer pela gentileza do seu irmão, mas deixar Himeji era triste e doloroso.

- Os dez anos que passei neste Castelo de Shirasagi foram para mim os dias de maior felicidade da minha vida. Eu considero minha vida já encerrada.

Se ao menos Kôchiyo estivesse vivo, ele seria herdeiro de Tadatoki, e ela poderia continuar vivendo até a morte na família Honda, acompanhando com alegria o desenvolvimento do menino. A queixa se transformara em lágrimas.

O dia da despedida chegou logo.

Matsudaira Shigenari viera de Edo, como o mensageiro do xogum e, no dia 2 do décimo primeiro mês, já no final de outono, a comitiva de Sen'hime e Katsuhime partiu para Edo pela estrada de Banshû.

À medida que o Castelo de Shirasagi se distanciava, Sen'hime foi sentindo o vazio crescer dentro de si.

Dava a impressão de que todas as lembranças dos dias vividos com Tadatoki iam sendo arrancadas de seu redor.

Ouvindo o choro de Sen'hime, vindo do interior do palanquim, Matsuzakano Tsubone, que estava ao lado, também chorou, e as damas de companhia também estavam com os olhos inchados de tanto chorar.

Vendo a comitiva avançar, derramando lágrimas, o povo do feudo que estava à beira da estrada também chorava.

As principais pessoas da aldeia sabiam que os 100.000 *koku* que seriam confiscados foram deixados para a família Honda graças a Sen'hime.

- É o presente deixado pela princesa de Harima – assim dizendo, os samurais da família Honda também estavam emocionados. Em razão disso, as pessoas que acompanhavam a comitiva seguiram atrás, mesmo depois de atravessar o rio Kako.

Não conseguindo suportar, Tadamasa ordenou aos samurais que parassem de acompanhar a comitiva.

- A tristeza da despedida não tem fim, voltem todos.

Ao saber disso, Sen'hime fez parar a comitiva.

Saiu do palanquim.

- Agradeço muito pela longa despedida. Nunca esquecerei o sentimento de vocês.

Ela disse em voz firme, suprimindo a tristeza, e tanto os samurais como o povo, prostrados na beira da estrada, choraram em altos brados.

A comitiva seguiu para o leste, e o vento de inverno soprou sobre o rio Kako.

3

Na noite em que se hospedaram em Numazu, faltando aproximadamente 120 quilômetros até Edo, Matsuzakano *Tsubone* sussurrou baixinho para Sen'hime:

- Há um monge com a carta da Senhora Onono Otsû, solicitando audiência.

- Onono Otsû...

Pensando o que poderia ser, Sen'hime ordenou a Matsuzakano *Tsubone* que o conduzisse.

Talvez por estar com receio de ser visto, o monge veio ao lado externo do aposento de Sen'hime, atravessando o jardim.

A casa ficava à margem do rio Kise e do outro lado do jardim ficava o rio.

- Ele está aqui.

Ao ouvir a voz da criada, Sen'hime olhou para fora da porta de correr.

O monge parecia estar agachado no jardim.

A mando de Sen'hime, Matsukazano *Tsubone* abriu a porta de correr.

- Não está frio?

Matsuzakano *Tsubone* estava preocupada, mas o ar da noite não estava tão frio.

Na carta de Onono Otsû só estava escrito:

“Trata-se de uma pessoa que a Senhora Princesa conhece; por obséquio, rogo que o receba.”

- É a Senhora Sen'hime - disse Matsuzakano *Tsubone* ao monge que estava no chão com a cabeça abaixada em posição de respeito.

- Senhor monge, quem é o senhor? Poderia dizer-me o nome?

O monge levantou a cabeça devagar.

Sen'hime deu um pequeno grito.

Os mais de dez anos que se passaram deixaram rugas profundas na testa, e a boca cerrada fazia sentir o peso da vivência.

- Você é...!

O monge levantou a mão e impediu que ela continuasse.

- Por favor, não diga o nome do passado, também saiba que não vim para atentar contra a princesa.

Não era necessário falar assim, ela sentia mais saudades do que medo.

- Que bom que está são e salvo! Parece um sonho. Você tem se encontrado com Miho?

Pelo fato de ele ter trazido a carta de Ono no Otsû, ela supôs que ele se encontrasse com a filha.

- Afortunadamente, consegui me encontrar com ela.

Disse que foi logo depois que Miho partiu de Himeji e foi para Quioto.

- Deve ter ficado muito contente.

Pensei em me encontrar com Miho, no meio desta viagem, e enviara, da hospedaria de Quioto, uma carta a Onono Otsû.

- Disseram-me que nem Miho nem Otsû estavam em Quioto e mesmo decepcionada segui viagem.

Ouvindo as palavras de Sen'hime, Hayami, Governador de Kai, abaixou a cabeça.

- Fiquei sabendo pela Senhora Otsû sobre a viagem da Princesa a Edo e quis pelo menos me despedir, por isso segui a sua comitiva.

- Despedida...?

Sen'hime franziu o cenho e perguntou:

- Vai para algum lugar?

- Para além do mar distante.

- Você vai sozinho?

- Não, minha filha irá comigo.

- Miho também...

- Com todo respeito, é algo que princesa não sabe, mas há muito tempo atrás, na época Bunroku¹³⁷, houve nove navios que viajaram para os países do sul sob autorização do falecido Senhor Toyotomi Hideyoshi para realizar o comércio.

O Governador de Kai começou a falar com fluência.

Dois navios Suetsugu de Suetsugu Heizô, mais um navio cada de Funamoto Yaheiji, Araki Sôtaro, Itoya Zuiemon, Chaya Shirojirô, Suminokura Ryô, Iseya e Fushimiya, no total de nove navios, foram para Annam, Luçon, Camboja entre outros locais, portando autorização de Hideyoshi para a realização de comércio.

- Os navios autorizados continuaram a navegar mesmo na época do Senhor Tokugawa, mas no mar do sul ainda vivem pessoas que não se esqueceram da dívida de gratidão para com o ex-Regente Conselheiro.

Contudo, o Governador de Kai afirmou categoricamente que eles não pensam de maneira alguma em se vingar da família Tokugawa ou restabelecer o domínio da família Toyotomi a esta altura.

- Eles têm percepção do curso do mundo. Eles sabem muito bem que é tolice nadar contra a corrente, pois certamente se afogarão. Se porventura houver pessoas com tal pensamento equivocado, eles tentarão fazê-las compreender esse equívoco e proporcionar-lhes o meio para começarem uma nova vida.

O sangue de Sen'hime ficou agitado.

- Então... você... por acaso, na ocasião da queda do Castelo de Osaka...

- Por longo tempo, fiquei procurando o paradeiro de uma pessoa. Ouvindo dizer que essa pessoa estava navegando, fui procurá-la pelas ilhas do sul com o navio Chaya.

- E essa pessoa estava viva?

A fisionomia do Governador de Kai abriu um sorriso tranquilo.

- Felizmente a encontrei.

- Então... no mar de Kuwana...

Há dez anos, um grupo havia atacado, o navio que levava Sen'hime de Quioto a Edo.

¹³⁷ A Era Bunroku abrange o período de 1592 a 1596.

- Não confunda as coisas. Aqueles não eram conhecidos da princesa. Eram apenas pessoas que perderam a esperança de viver com a queda do castelo e escolheram o alvo errado para descarregar seu ressentimento. Depois, eles também ouviram comentários sobre as ilhas do sul e alguns seguiram para lá em busca de uma nova vida, enquanto outros acabaram se transformando em alimento de peixes...

O Governador de Kai afirmou que aqueles que atacaram Sen'hime e aterrorizaram o mar de Setouchi podem ter sido os remanescentes de Toyotomi, mas não fora Hideyori, nem ele.

- Por favor, afaste tal suspeita.

- Então... onde está a pessoa agora...?

- A pessoa que a princesa conheceu deixou esta vida com a queda do castelo.

- Não, eu prometo manter segredo... Diga-me a verdade.

- Aquele que ressuscitou, tornou-se chefe dos mares do sul.

O Governador de Kai disse que ele realiza comércio, liderando uma frota.

- Certamente nunca mais voltará a este país. Por isso, pretendo também partir para o mar do sul com minha filha, vim despedir-me por essa razão.

- Onde está Miho?

A expressão do Governador ficou sombria.

- Miho fez uma coisa reprovável e não tem como encarar a Senhora Princesa, por isso não a trouxe.

- Quero vê-la e fazer-lhe uma pergunta.

- Seja qual for a pergunta, creio que Miho não responderá. Por favor, esqueça aquela que cometeu deslealdade.

Disse adeus e se levantou.

Antes que pudesse detê-lo, ele desapareceu do jardim.

- Senhora Sen'hime...

Matsuzakano Tsubone, que ficara como que paralisada, finalmente soltou a voz.

- Que coisa... O Governador de Kai estava vivo...

- Esqueça! - disse Sen'hime com firmeza.

- O que você viu e ouviu agora, esqueça tudo. Não deverá dizer a ninguém, entendido?

Matsuzakano *Tsubone* prostrou-se como se tivesse sido atingida por um raio.

No dia seguinte, havia dois vultos sobre o dique, vendo a comitiva de Sen'hime que atravessava o rio Kise.

Quando a comitiva se afastou, foram embora de volta para o oeste com passos apressados, o vulto maior como que apoiando o vulto menor.

Um milhafre sobrevoava o rio Kise.

Sen'hime entrou em Edo, no dia 27 do décimo primeiro mês.

No Castelo de Edo, a fortaleza oeste havia sido reformada para ser a residência do ex-xogum Hidetada, e o Palácio Interno da fortaleza oeste, até o verão anterior, era a residência de Ômidaidokoro, a Senhora Oeyo, mas naquele momento o Palácio Interno estava sem dona.

Nesse Palácio Interno, pela primeira vez, *Sen'hime* juntou as mãos em prece diante da tabuleta memorial da falecida mãe, cujo nome budista passara a ser Sûgen'in Shôyo Wakô Ninsei.

Sen'hime não tinha muitas lembranças da mãe biológica.

Aos sete anos, ela tinha entrado na família Toyotomi, e a Senhora Yodo, sua sogra e tia, se tornara mais mãe do que a própria mãe.

Mesmo quando voltara a Edo, após a queda do Castelo de Osaka, de alguma forma sentia-a inacessível, e em especial o rumor de que ela era fria com Iemitsu, dando preferência a Tadanaga, fazia nascer em *Sen'hime* um sentimento de indignação diante da injustiça cometida pela mãe, cada vez que olhava a figura solitária de Iemitsu, tendo até uma impressão desagradável da mãe:

- Há algo de errado com minha mãe. Os dois são filhos dela...

Mas, mesmo assim, ao oferecer-lhe incenso daquela forma, a tristeza da filha que perdeu sua mãe veio envolvendo o coração de *Sen'hime* docilmente.

- Minha irmã, bom retorno!

No dia seguinte ao da chegada de *Sen'hime* ao Castelo de Edo, Iemitsu veio pessoalmente ao Palácio Interno da fortaleza oeste levando apenas alguns samurais próximos.

Hidetada, o titular da fortaleza oeste, permanecia em Sunpu e estava ausente, e o fato de o xogum ir para o Palácio Interno da fortaleza oeste era incomum, mas Iemitsu não se importava nem um pouco.

- Meus sinceros sentimentos pelo infortúnio que se abateu sobre minha irmã.

Depois da saudação cheia de sentimentos, sorriu:

- Mas Takechiyo está contente pela volta da minha irmã a Edo.

Sen'hime percebeu que no coração de Iemitsu, que chamou a si mesmo pelo nome de antigamente, Takechiyo, havia a lembrança do período curto, mas cheio de amor, que passaram juntos.

- Que saudades! O senhor se tornou um xogum respeitável!

Agora ele era oficialmente xogum e fora nomeado Ministro da Esquerda.

- Sei tudo o que você passou. Se for para recuperar sua felicidade, pode me pedir qualquer coisa.

Imediatamente, Sen'hime aceitou a oferta do irmão.

- Dia 6 do próximo mês será véspera do sétimo mês do falecido Ministro Adjunto. Gostaria de solicitar um monge apropriado e realizar o culto.

Disse que, assim que terminar o culto, desejava cortar os cabelos e tornar-se monja.

Iemitsu mudou de expressão.

- Minha irmã está querendo dizer que não quer se casar novamente?

Ele disse que o pai, que estava em Sunpu, sugerira que, se houvesse um bom partido, deveria se casar.

- Sua irmã já passou dos trinta anos. Não acha que já basta? Se a minha presença aqui no castelo for incômoda, irei para algum templo.

- O que está dizendo?! Se minha irmã ficar neste castelo, quem mais vai se alegrar sou eu, Iemitsu.

Disse, com o mesmo olhar do tempo de menino, que o fato de tornar-se monja fazia-o sentir-se solitário, mas depois respondeu categoricamente:

- Vamos proceder conforme sua vontade. Por favor, deixe com Iemitsu.

Cerca de dois dias depois, Ofuku apareceu:

- O xogum disse que a Senhora Sen'hime poderá realizar o culto do Senhor Ministro Adjunto sob a orientação do monge Ryôjô do templo Kôkyôji de Shimousa Iinuma. Já foi enviado alguém para tratar dos preparativos. Disse também para designar o monge Ryôjô para realizar a cerimônia de corte do seu cabelo.

O monge Ryôjô foi quem ordenou o falecido Ieyasu e era venerado como um grande líder do templo Kôkyôji, um monge de grande virtude que tinha a permissão de usar o hábito lilás.

Claramente, não havia razão alguma para Sen'hime fazer objeção.

No dia 6 do décimo segundo mês, após o culto a Tadatoki, Sen'hime cortou os cabelos, passando a se denominar Tenjuin.

Certamente, apenas deixou os cabelos curtos, não que ela tivesse se tornado monja com a cabeça raspada.

Mesmo assim, quando Ofuku informou:

- A Senhora Sen'hime cortou os cabelos e agora passa a se chamar Tenjuin - Iemitsu ficou com os olhos marejados.

Por outro lado, Iemitsu construiu a residência de Sen'hime no interior de Takebashino Dai, transferindo-a da fortaleza oeste.

Próximo ao Palácio Takebashi, havia também a residência de Achano Tsubone, ficando os palácios de mulheres lado a lado naquela área.

Oficialmente a verba para custear as despesas de Sen'hime era de 500 *koku*, mas Iemitsu mostrou uma especial atenção para que nada faltasse à irmã.

Na residência, agora chamada de Palácio Takebashi, ficavam a filha Katsuhime, Matsuzakano Tsubone e as damas de companhias que as serviam, sendo nomeado Osada Jûdayû Nagamasa como administrador.

Já era bem no final do ano, quando Achano Tsubone foi visitá-la.

- Pensei em vir mais cedo, mas infelizmente fiquei gripada, e o Senhor xogum me disse que eu poderia passar a gripe à senhora, e me proibiu que viesse, até me restabelecer.

Estava um tanto corcunda e dava a impressão de que tinha diminuído de tamanho, mas sua fala continuava firme como antigamente.

Logo o assunto passou a ser a lembrança de Tadatoki.

- Neste ano, quando o Senhor Ministro Adjunto veio para Edo, e permaneceu até a primavera, estive na minha residência a meu convite. Estive orando para que ele pudesse viver com a Senhora Princesa até ficar com os cabelos brancos...

Disse ela com muita saudade, e Sen'hime decidiu abrir o coração para ela.

Antes de falecer, Tadatoki disse:

- Eu devo pedir desculpas a você.

Sen'hime não se lembrava de nada que o esposo tivesse que se desculpar.

Se havia, era algo que Sen'hime não sabia.

- Nessa visita ele não falou algo para a senhora? Não se lembra de algo?

Achano *Tsubone* olhou para as camélias *sazanka* do jardim.

- Que eu me lembre, nada em especial relacionado ao que a princesa disse...

- A senhora lembra-se de Miho?

Sen'hime finalmente abriu o coração.

- A senhora disse Miho?

- Na ocasião da queda do castelo ela saiu do castelo junto comigo. É filha de Hayami, Governador de Kai e...

- Lembrei-me, ela veio de Quioto para Edo com a princesa, não foi? Eu a vi algumas vezes, no navio em Kuwana.

- Miho acompanhou-me quando fui para a família Honda.

- Sim, eu sei disso também.

Achano *Tsubone* disse, rememorando o passado, que ela fora ao templo *Keikôin* de Ise como mensageira da princesa.

- Sim, é isso mesmo. Depois, ela não voltou de Quioto.

- Se não me engano, na ocasião da entrada da imperatriz na Corte, ela a acompanhou como dama da Corte e depois teve problema de saúde, voltando a ficar sob os cuidados de Onono Otsû.

- Problema de saúde...

- A princesa não sabia disso?

- Para mim é novidade.

Sen'hime perguntou se naquele momento ela estaria com Onono Otsû.

- Possivelmente, sim...

Ao ser questionada sobre o motivo dessa pergunta, Sen'hime ficou sem palavras.

- Não, é que o meu falecido esposo tinha uma atenção especial para com Miho, no entanto, ela não veio para Himeji, nem mandou notícias, apesar de certamente ter ouvido a notícia do falecimento dele...

- Entendo...

Achano *Tsubone* segurou as contas do rosário budista.

- Talvez esteja muito doente. Imediatamente mandarei perguntar a Onono Otsû.

- Por favor.

Não podia falar que esteve com Hayami, Governador de Kai, em Numazu.

Naquele dia, o Governador de Kai dissera que Miho embarcaria junto no navio.

Se assim for, a doença não devia ser grave.

Depois que Achano *Tsubone* foi embora, Sen'hime desceu ao jardim.

O Governador de Kai disse que a filha fizera algo reprovável e que não poderia encarar a princesa. Aquelas palavras não queriam deixar o pensamento de Sen'hime.

Será que havia alguma ligação entre isso e o motivo de Tadatoki pedir desculpas?

Com um pequeno suspiro, Sen'hime ficou parada no jardim que estava para anoitecer.

O FLUIR DO TEMPO

1

O dia a dia de Sen'hime, no Palácio Takebashi, era como se o tempo passasse tranquilamente.

Matsuzakano *Tsubone*, que desde a queda do Castelo de Osaka servia a Sen'hime, casou-se com Ochi Yoemon; em seguida, *Katsuhime*, filha de Tadatoki que já havia feito a cerimônia de noivado, casou-se e foi morar na mansão dos Ikeda situada em *Daimiôkoji* de Edo.

Ikeda Shintarô Mitsumasa, marido da *Katsuhime*, era neto de Ikeda Sanzaemon Terumasa, antigo proprietário do Castelo de Himeji, e era senhor de 320.000 *koku* que incluía as províncias de Inaba e Hôki¹³⁸.

O noivo tinha vinte anos e *Katsuhime*, onze.

Para confortar Sen'hime, que ficara sozinha, o pai Hidetada, da fortaleza oeste, e o irmão Iemitsu, da fortaleza central, enviavam mensageiros frequentemente para saber como estava, e Achano *Tsubone*, dona da residência vizinha, também a consolava, dizendo:

- Deve estar se sentindo muito solitária.

Mas Sen'hime não sentia tanta solidão.

Ao contrário, o alívio de ter se desincumbido do papel de mãe era bem maior e acostumou-se a ficar o dia inteiro fazendo cópias de sutras budistas, lembrando as coisas do passado.

A atenção de Iemitsu com a irmã era do conhecimento de todos, mas desde que Oeyo, a mãe do xogum, falecera, Hidetada envelheceu aos olhos de qualquer pessoa.

Morando na fortaleza oeste, assim como fizera Ieyasu, interferia com frequência na política do Governo Feudal como ex-xogum, mas ultimamente tal atitude estava desaparecendo aos poucos, deixando cada vez mais as decisões por conta de Iemitsu.

¹³⁸ Inaba e Hôki - corresponde à parte central e oeste da atual província de Tottori.

Para Sen'hime, o pai parecia frio de alguma forma e não inspirava tanto amor e respeito como o avô, mas vivendo nos recintos do mesmo castelo e vendo com frequência a figura do pai, já bastante grisalho, o afeto entre pai e filha renasceu e sempre que recebia o convite vindo da fortaleza oeste para os eventos de cerimônia de chá ou apresentação de nô, ia até lá para fazer-lhe companhia.

Quanto a Iemitsu, era mais devotado. Quando praticava falcoaria, enviava a caça ao Palácio Takebashi como presente, e se os *daimio*, quando vinham à sede do governo, apresentavam os produtos típicos de sua terra, imediatamente Iemitsu ordenava aos assessores e criadas:

- Leve para minha irmã.

- Ultimamente, os *daimio* também estão cientes e trazem como presente ao xogum algo que agrade mais à Senhora Tenjuin.

Disse Ofuku quando veio ao Palácio Takebashi, explicando que dessa forma Iemitsu se mostrava de bom humor.

Ofuku, que foi ama de leite de Iemitsu, foi a Quioto no ano 7 da Era Kan'ei¹³⁹ para a audiência com o casal imperial e, nessa ocasião, recebera o nome de Kasuga, por isso no Palácio Interno passou a ser chamada de Kasugano *Tsubone*.

Inicialmente, os costumes e o regulamento do Palácio Interno foram estabelecidos um a um por Achano *Tsubone*, mediante consulta à Senhora Oeyo, na época de Hidetada, e Ofuku veio transmitindo isso às criadas como sendo regulamento do Palácio Interno.

Por isso, ainda que publicamente não fosse assim, Ofuku sentia-se inferior a Achano *Tsubone* em todos os aspectos. Além disso, Achano *Tsubone*, já tendo passado da casa dos setenta anos, ainda estava cheia de energia e Hidetada depositava muita confiança nela; isso parecia deixar Ofuku assaz desconfortável.

Assim, sempre achava um pretexto para visitar Sen'hime, dizendo que trazia mensagem do xogum, fazendo transparecer a intenção de manter Sen'hime como aliada.

Sabendo disso, Sen'hime não lhe dava atenção.

Afinal de contas, ela era chamada de princesa número um dos Tokugawa, e a prudência herdada de Ieyasu havia se tornado conhecida entre os senhores da cúpula do Governo Feudal.

¹³⁹ Corresponde ao ano de 1630.

Iemitsu consultava Sen'hime, sempre que tinha dúvidas sobre assuntos pessoais,

Quando isso acontecia, Sen'hime mantinha a discrição para não parecer intromissão feminina e dava conselhos de forma a ajudar seu irmão.

Isso ficou conhecido entre os membros da cúpula do Governo Feudal, conquistando a confiança deles como sendo a princesa perspicaz, a benevolente Tenjuin.

Nesse sentido também, de maneira alguma ela era páreo para Ofuku.

Achano *Tsubone* tinha a tendência de menosprezar Ofuku e fez severas críticas:

- A Senhora Kasuga é um problema. Parece estar sempre querendo visibilidade. Daquele jeito ela própria será odiada, e não é bom também para o xogum.

Em particular, Achano *Tsubone* não gostou muito do fato de Ofuku ter feito Soshinni, sua sobrinha por afinidade, trabalhar no Palácio Interno, e ter oferecido a neta dessa senhora como concubina a Iemitsu.

Ofuku também percebeu o que pensava Achano *Tsubone* e se justificou a Sen'hime:

- Aquilo não foi nosso arranjo. Por acaso Ofuri, a neta de Soshinni, foi servir no Palácio Interno, e chamou atenção do xogum, que fez questão de tê-la como concubina...

- Que importância tem isso? - Sen'hime riu e continuou:

- É normal os vassalos desejarem que o xogum tenha herdeiro o mais rápido possível. Se a Consorte não engravida, recomendar uma concubina faz parte do seu papel; não é preciso abster-se porque é sua parente.

Ouvindo Sen'hime dizer que isso também era sua função, Ofuku parecia aliviada.

De fato, a relação entre Iemitsu e a consorte Takako, filha de Takatsukasa Nobufusa, não poderia ser descrita como harmoniosa.

Dois anos mais velha que Iemitsu, Takako estava apegada demais à sua condição de filha da alta nobreza, e tanto ela como as pessoas em volta preocupavam-se excessivamente em manter o estilo de Quioto, e Iemitsu não escondia seu desagrado com essa atitude de Takako.

Então, Takako mandou construir outro palácio dentro do jardim imperial Fukiage e, deixando o Palácio Interno, mudou-se para lá, tornando cada vez mais raras as visitas de Iemitsu.

Sobre isso, havia quem comentasse:

- Aquilo era por causa da maldade de Ofuku, como se fosse sogra maltratando nora...

Mas ela insinuava que a culpa era de Sen'hime:

- O xogum só gostará de uma mulher como a Senhora Tenjuin.

De fato, Ofuri, que foi oferecida por Ofuku, mesmo recebendo especial atenção de Iemitsu, ainda não tinha filho, e dava para contar nos dedos as visitas que Iemitsu fazia ao Palácio Interno em um mês.

Sen'hime pensava que afinal isso não tinha jeito.

Na posição de xogum, até para escolher a esposa, não podia ser pela vontade própria.

Mesmo no caso de uma mulher oferecida para ser concubina, o principal objetivo dela era receber atenção especial do xogum e conseguir a ascensão social, não se tratava de um mundo em que uuma pessoa ama a outra verdadeiramente.

Sen'hime pensou como ela havia sido feliz.

Desde que conhecera Honda Tadatoki, ela conseguira se realizar no amor e se casar com ele.

Fora graças à ajuda das pessoas ao redor, começando pelo avô Ieyasu, porém Sen'hime estava firmemente decidida a se tornar freira se não pudesse se casar com Tadatoki, e pode-se dizer que esse amor sincero moveu as pessoas próximas.

Achava que conseguiria viver sem sentir solidão o resto de sua vida só de se lembrar da felicidade dos dez anos em que vivera na família Honda.

De fato, costuma sonhar muito à noite.

No sonho, Tadatoki era sempre jovem e era um marido carinhoso.

Quando os remanescentes dos Toyotomi provocaram a batalha a fim de capturar Sen'hime, o próprio Tadatoki a protegeu com sua espada.

Sen'hime estava satisfeita pelo fato de sonhar com o tempo em que amou e foi amada, envolta pela confiança desse homem, sem preocupação alguma.

Os cultos budistas a Tadatoki eram realizados, em Edo, tendo como responsável Sen'hime, mas na família Honda, em Himeji, continuavam sendo realizados sem falta por Honda Tadamasa.

Sen'hime enviava oferendas a Himeji, e Tadamasa enviava a Sen'hime o mensageiro, levando incensos e flores.

Nessas ocasiões, Sen'hime escrevia carta de saudação a Tadamasa, e Tadamasa lhe mandava carta de agradecimento.

O ex-sogro e a ex-nora, mesmo estando muito longe um do outro, comunicavam-se e confortavam-se mutuamente.

Foi no dia 10 do oitavo mês do ano 8 da Era Kan'ei¹⁴⁰ que Sen'hime recebeu o aviso da morte repentina de Tadamasa.

Exatamente por volta dessa primavera, o ex-xogum Hidetada teve furúnculo e doença nos olhos, e no verão a saúde piorou, a ponto de o médico franzir a testa. Estava sem apetite e foi se enfraquecendo rapidamente.

A notícia do adoecimento do ex-xogum chegou a Himeji, e Tadamasa partiu imediatamente para Edo.

Era um homem conservador e honrado e sempre tinha gratidão pela benevolência do xogum, e provavelmente o esforço em chegar rápido ao destino acabou afetando sua saúde; chegando a Edo, entrou na mansão; quando entrou no banho para tirar o suor da viagem, antes de comparecer ao castelo, morreu.

Vomitou sangue em abundância e, quando o médico chegou, já não respirava.

Hidetada não foi avisado sobre a morte de Tadamasa devido ao estado de saúde dele, e Iemitsu nomeou como mensageiros Sakai, Chefe do Departamento de Música da Corte e Sakai, Governador de Sanuki, para apresentar as condolências.

Sen'hime quis ir, ela mesma, visitar a família Honda, mas Iemitsu não permitiu, porque não havia precedentes.

Fizera isso, pois pensara no choque que Sen'hime levaria.

- A Senhora Tenjuin já deixou a família Honda, se o Senhor Tadamasa estivesse doente, seria bom visitá-lo, porém agora que ele já se foi, pelo contrário, poderia...

Kasugano Tsubone chamara-lhe atenção, dizendo que os membros da família Honda poderiam ficar confusos, por isso Sen'hime enviou o administrador Osada Jûdayû como representante para oferecer os incensos e flores.

¹⁴⁰ Corresponde a1631.

Logo que Sen'hime voltou a Edo, Tadamasa foi incluído no clã Tokugawa por Hidetada, e tinha recebido a ordem para ficar de plantão no *Kuroshoin*¹⁴¹.

Por isso, no *Kuroshoin* do Castelo de Edo estava pregado o brasão de três folhas de malva-rosa da família Honda, e a Sala era chamada de “Sala da Malva”.

A pessoa em que o ex-xogum confiava tanto faleceu aos cinquenta e sete anos, e o choque que causou aos membros da cúpula do Governo Feudal foi grande.

O corpo foi transportado para Himeji e, após a cerimônia funeral no templo Seiganji, foi sepultado no monte Shosha.

Sen'hime, que com a morte do sogro estava de luto secretamente, enfrentou ainda, no dia 24 do primeiro mês do ano seguinte, a morte de seu pai Hidetada.

Em menos de seis meses, viu morrer o sogro e o pai.

¹⁴¹ Sala pintada em laca preta e utilizada para eventos públicos. A entrada era limitada aos *daimio* de grande prestígio. Significa em tradução literal, sala preta para a escrita.

Após a morte do ex-xogum Hidetada, Iemitsu distribuiu as lembranças do pai aos parentes e, para Sen'hime, enviou cinquenta mil moedas de ouro.

- Eu gostaria que minha irmã fosse daqui para frente a líder da família Tokugawa, apoiando-me.

Assim dizendo, Iemitsu não quis aceitar a recusa de Sen'hime, alegando que aquele valor era necessário para manter a dignidade de líder.

Pouco tempo depois, Sen'hime, que estava de luto por seu pai, recebeu a notícia de mais uma morte.

- Disseram que Onono Otsû havia falecido no final do ano passado – veio contar-lhe Achano *Tsubone*.

- Com relação ao paradeiro de Miho, que a Senhora Tenjuin havia me perguntado há algum tempo, dizem que, no ano em que a senhora regressou a Edo, vindo de Himeji, ela foi para Luzon com o navio comercial licenciado pelo Governo Feudal e, posteriormente, seguiu para um lugar chamado Brunei. Como se trata de país distante, desde então, parecem não ter notícias.

Sen'hime pensava que, se alguém sabia da relação entre Tadatoki e Miho, que por muitos anos foi um enigma para ela, esse alguém seria Onono Otsû, mas ela falecera, e ninguém sabia dizer o paradeiro de Miho. Assim, o caso seria esquecido, permanecendo como enigma, deixando Sen'hime até aliviada.

A essa altura, não adiantaria saber a verdade, pois não se podia fazer nada.

No ano 11 da Era Kan'ei¹⁴², Sen'hime, ordenou a reconstrução do templo Tôkeiji, em Kamakura, como patrocinadora.

No templo Tôkeiji, estava a órfã de Hideyori, agora chamada de Tenshûni, realizando prática de ascese.

¹⁴² Corresponde ao ano de 1634.

Foi por isso que mandara reconstruir o templo que estava em ruínas e, um dia, em pleno outono, tendo já terminada a inauguração, Sen'hime foi secretamente para Kamakura.

Ainda que se diga secretamente, por ordem de Iemitsu foram escolhidos acompanhantes adequados entre os vassalos que serviam diretamente ao xogum para protegê-la ao longo da viagem; e de Shinagawa em diante, o gabinete do magistrado de cada região enviava pessoas para aguardarem a chegada dela, configurando-se numa viagem pomposa, mas Sen'hime não deu muita importância, atribuindo esse exagero à preocupação do seu irmão por ela.

Tratando-se de uma comitiva de mulheres, atravessaram o rio Rokugô, pernoitaram na cidade de Kawasaki e, no dia seguinte, saíram de Kanagawa para Hodogaya, alcançaram a estrada de Kamakura, chegando no fim da tarde ao templo Tôkeiji.

Era a primeira vez que Sen'hime via Tenshûni desde que ela voltara a Edo, após a queda do Castelo de Osaka, e entregara a menina ao templo Tôkeiji. Naquela época, ela era apenas uma menina de sete anos de idade, mas já estava com vinte e poucos anos.

Nas feições de Tenshûni, Sen'hime procurou os traços de Hideyori, mas ela devia ter puxado à mãe, que era a dama de companhia da Senhora Yodo.

Tinha o rosto miúdo e triste, parecendo ser um tanto frágil.

Tenshûni parecia estar confusa, sem saber o que dizer, diante de Sen'hime, a quem devia sua vida.

Hôseini, a responsável pelo templo Tôkeiji, entendeu os sentimentos de Sen'hime e relatou sobre o cotidiano de Tenshûni.

Após realizar a cerimônia budista em memória dos mortos no templo Tôkeiji, Sen'hime passou pela na ilha Enoshima para orar à deusa Benzaiten e de Fujisawa voltou para Edo.

Sen'hime enviou as lembranças da viagem a Achano Tsubone que, alguns dias depois, veio agradecer-lhe e ouvir notícias sobre o templo Tôkeiji.

Caso Tenshûni se ordenasse e passasse a vida inteira como monja, com ela se extinguiria a linhagem dos Toyotomi.

Era essa a verdadeira intenção da família Tokugawa ao enviá-la para o templo, mas Sen'hime sentia muita pena dela.

Ela iria acabar a vida sem conhecer a felicidade feminina, sem conhecer o amor e sem poder dar à luz a uma criança.

- Talvez isso seja carma das encarnações passadas - disse Achano *Tsubone* a Sen'hime, passando o terço entre os dedos.

- Mudando de assunto, a Senhora Tenjuin tem conhecimento sobre a notificação da cúpula do Governo Feudal?

Ela tinha sido emitida para os navios que viajam para exterior e para os japoneses que residiam nos bairros de japoneses nas ilhas do sul.

- Foi proibida a navegação dos navios comerciais licenciados pelo Governo Feudal que não tiverem a permissão dos membros do Conselho de Anciãos¹⁴³ – disse ela.

Os navios comerciais licenciados pelo xogunato eram navios que tinham carta de autorização com selo vermelho para viajar ao exterior e iam para o sul para fins de comércio, e, a partir do xogunato Tokugawa, era um monge Zen veterano que, ocupando uma posição de conselheiro diplomático, escrevia a autorização e o ancião Honda Masazumi carimbava o selo vermelho do xogum. Mas desde o ano anterior, o Governo Feudal havia proibido a navegação desses navios, caso não tivessem a permissão especial.

Ao ouvir que, além disso, o retorno dos japoneses que viviam nos bairros japoneses do exterior também havia sido proibido, Sen'hime ficou alarmada.

- Neste caso, quem está agora nos países do sul não poderá voltar para o Japão nunca mais?

- Oficialmente é isso, mas segundo a notificação fica proibido o retorno de quem está há mais de cinco anos no estrangeiro, portanto, se voltarem agora, não há problema.

Achano *Tsubone* explicou que as autoridades não tinham um registro preciso de que tal pessoa saiu do Japão em tal dia, em tal mês e em tal ano.

Como a data de saída do país não era clara, voltando dentro de cinco anos, desde que foi emitida a notificação, era possível justificar de qualquer forma.

- Parece que os navios Chaya, que partiram do Japão neste ano, vão passar pelas ilhas do sul, avisando sobre a notificação e providenciarão para que voltem o mais breve possível.

¹⁴³ Refere-se a *hoshosen*, navios mercantes que além do selo vermelho ou a licença do xogum (*shuinsen*), possuíam a permissão dos *rôjû*, membros do Conselho de Anciãos do xogunato.

Esses navios dependiam da monção para irem e voltarem dos países do sul.

Para voltar de lá para cá, teriam de esperar a monção de verão.

- Será que Miho sabe disso?

Ela devia estar em algum país do sul.

No lugar onde Miho estava, devia estar o pai Hayami, Governador de Kai e também Toyotomi Hideyori, usando outro nome e outro aspecto.

Não queria que essas pessoas se tornassem pessoas sem pátria.

- Por favor, Achano *Tsubone*, peça ao navio Chaya para procurar o paradeiro de Miho e avisá-la sobre a notificação, sem falta...

Achano *Tsubone* fixou os olhos em Sen'hime e por um tempo ficou calada, mas depois concordou:

- Com certeza, transmitirei a Chaya o que a Senhora Tenjuin me pede.

No entanto, no ano seguinte, de acordo com a notícia trazida pela família Chaya a Achano *Tsubone*, o navio Chaya, que entrou em Cochim de Annam, emitiu aviso sobre a notificação para Luzon, Ayutthaya e outros locais, onde havia bairros de japoneses, por meio dos navios mercantes que se reuniam ali. Foram também, enviados navios com mensageiros a Ligor, Patani, Takasago, Macau e demais locais, onde, segundo informações, havia grande número de japoneses residindo, mas ignoravam totalmente se Miho estaria em algum desses lugares.

O mar do sul era muito mais amplo do que Sen'hime imaginava, havendo diversos países, diversas ilhas, e com certeza era muito difícil transmitir a proibição decretada pelo país de origem a cada um dos japoneses espalhados por lá.

Sen'hime começou a rezar para que Miho e as pessoas que deviam estar próximas a ela, voltassem ao Japão com segurança.

Não importava o que tivesse acontecido no passado, aquelas pessoas eram para Sen'hime figuras saudosas.

Ela achava que era cruel demais obrigá-las a perder a pátria e passar a vida toda em uma ilha do mar do sul, fosse qual fosse a justificativa.

E depois, já havia passado dez anos desde o falecimento de Tadatoki.

Agora era mais forte a vontade de conversarem, ela e Miho, sobre o falecido, ao invés de investigar o que acontecera entre Miho e Tadatoki.

E se Hideyori estivesse vivo, ela achava que era dever como filha de Tokugawa pedir perdão a ele. Se fosse possível, queria apelar a Iemitsu para achar um meio de Hideyori viver como um pequeno *daimio*, sem citar o nome de Toyotomi.

Para Sen'hime, que com seu coração feminino estava pensando sobre uma série de coisas, a notificação do ano 13 da Era Kan'ei¹⁴⁴ foi muito cruel.

Os navios do Japão, sem nenhuma exceção, estavam proibidos de navegar para o exterior, e o retorno dos japoneses do exterior também não era permitido. Se alguém voltasse, independentemente de quem fosse, seria condenado à morte, e ainda, os mestiços com os europeus seriam expulsos para o exterior. Medidas como essas foram tomadas uma após outra e, com a exceção da entrada dos navios de alguns países, ao porto de Nagasaki, o Japão cessou totalmente o intercâmbio internacional.

Se Miho estivesse em algum lugar do sul, a esperança de retorno ao Japão tinha acabado.

O pequeno sonho de Sen'hime se apagou sem ser realizado.

¹⁴⁴ Corresponde ao ano de 1636.

No ano 14 da Era Kan'ei¹⁴⁵, Achano *Tsubone* faleceu.

Tinha oitenta e três anos.

Com a morte de Achano *Tsubone*, o poder no Palácio Interno passou para Kasugano *Tsubone*, mas ela, de certa forma, não tinha ascendência sobre o Palácio Takebashi.

A atenção de Iemitsu para com a irmã aumentou com o passar dos anos e, quando ela adoecia, ele ia visitá-la imediatamente, e quando o quadro dela não era bom, ficava deprimido como se ele mesmo estivesse enfermo. E então, os *daimio* vinham ao castelo visitá-lo. No dizer de Kasugano *Tsubone*:

- O xogum e a Senhora Tenjuin parecem um casal...

Ela parecia ter ciúmes da relação harmoniosa dos irmãos.

E, como de costume, Kasugano *Tsubone* estava empenhada em arranjar mulheres a Iemitsu, e recentemente uma criada que trabalhava na sala de vestuário do Palácio Interno, chamada Oran, fora escolhida como concubina, segundo constava.

- Acontece que ela não vem de família muito boa. O pai foi condenado à morte, pois atirou num grou com flecha, desobedecendo à proibição da caça dessa ave – disse, um tanto hesitante, Matsuzakano *Tsubone*, que por acaso viera ao Palácio Takebashi ver como Sen'hime estava...

Não se sabia como a filha de um criminoso foi admitida para trabalhar no Palácio Interno, e havia quem criticasse Kasugano *Tsubone* por ter arranjado essa moça ao xogum sem verificar a origem, só porque ela era bonita.

- Quem assumiu o papel da família dela? – perguntou Sen'hime.

Caso uma mulher da camada social baixa passasse a ser concubina do xogum, seria preciso definir quem assumiria o papel da família.

¹⁴⁵ Corresponde a 1637.

- Dizem que sob a indicação de Kasugano *Tsubone*, ela está como filha de Nagai, Governador de Shinano.

Parece que a razão da escolha foi que Oran era da aldeia Shikama, distrito de Sashima, na província de Shimotsuke¹⁴⁶, feudo pertencente a Nagai Naomasa, Governador de Shinano, e dono do Castelo Koga.

- Então qual é o problema? Quem quer que seja o pai, a filha não tem culpa...

Repreendeu Matsuzakano *Tsubone* que franziu o cenho com a leviandade de Kasugano *Tsubone* que não seria boa para Iemitsu.

Porém, depois de alguns dias, discretamente observou Oran e notou que parecia uma boa moça, bonita, de rosto arredondado.

Ela sorriu no íntimo, pensando que moças como aquela é que eram do gosto do seu irmão.

A Consorte Takako tinha rosto fino com os olhos repuxados para cima, e Ofuri, a mãe do primeira filha de Iemitsu, também tinha o rosto fino, aparentando ser nervosa.

Chiyohime, que Ofuri deu à luz, tinha sido prometida a Mitsutomo, Capitão da Direita da

Guarda do Palácio, de Owari, no ano 15 da Era Kan'ei¹⁴⁷, aos dois anos.

- O próximo tem de ser menino de qualquer maneira...

Talvez por causa desta obsessão de Kasugano *Tsubone*, no oitavo mês do ano 18 da Era Kan'ei¹⁴⁸, Oran deu à luz um menino.

Imediatamente, o menino ganhou o nome de Takechiyo, como Iemitsu era chamado na infância, e a mãe Oran passou a ser chamada Senhora Oraku, e seu irmão foi promovido a samurai, recebendo 23.000 *koku* em Shimodate, na província de Hitachi¹⁴⁹.

Kasugano *Tsubone*, triunfante, apresentou-se na Sala *Shiroshoin*, carregando ela mesma no colo o bebê, na audiência dos *daimio* com o herdeiro do xogum, mas a honra ficou nisso.

Isso porque Iemitsu apresentou o herdeiro a Sen'hime e disse-lhe:

¹⁴⁶ Shimotsuke - atual província de Tochigi.

¹⁴⁷ Corresponde ao ano de 1638.

¹⁴⁸ Corresponde ao ano de 1641.

¹⁴⁹ Hitachi - atual província de Ibaraki.

- Eu gostaria que minha irmã tomasse o lugar da mãe de Takechiyo.

E ordenou:

- Aqueles que forem educar Takechiyo, instruem sem falta a ele para ter a Senhora Tenjuin como mãe e cumprir a obrigação filial com ela.

No final do verão do ano em que Takechiyo estava com três anos, Kasugano *Tsubone*, que há muito tempo não aparecia, visitou Sen'hime.

- Tenho uma coisa importante a dizer à Senhora Tenjuin...

Vendo Kasugano *Tsubone*, Sen'hime se surpreendeu.

Ela era uma mulher de ossos fortes e grandes, mas dava a impressão de que tinha diminuído de tamanho.

Devia estar na casa dos sessenta e, se comparada a Achano *Tsubone*, que aos oitenta e três anos, quando faleceu, ainda estava vigorosa.

- Por favor, peça às pessoas para sair.

Ela pediu com insistência, mostrando-se cansada mesmo sentada.

Sen'hime sabia que Kasugano *Tsubone* era exagerada em tudo, por isso afastou as criadas conforme seu pedido.

Mesmo assim, Kasugano *Tsubone* aguçava os ouvidos como um cão de caça, parecendo querer certificar-se de que não havia sinal de pessoas ao redor.

- Não se preocupe, nesta residência não há pessoas insolentes que tentam escutar a conversa alheia... - disse Sen'hime, e Kasugano *Tsubone* finalmente fez a reverência, colocando as mãos no chão.

- Até agora tinha escondido à Senhora Tenjuin, mas achei que, caso ocorra algum problema após a minha morte, não será bom para o xogum...

Ela tirou uma carta da caixa de correspondências que trouxera.

- A Senhora Achano *Tsubone* deixou isto comigo.

A carta era antiga.

Foi escrita em folha de alta qualidade, mas estava amarelada e a tinta também estava bem clara.

- Quer que eu leia isto?

- Por favor, leia.

Sen'hime abriu a carta e sentiu o seu coração começar a bater forte de repente.

Era uma carta de Onono Otsû para Achano *Tsubone*.

Estava datada do ano 8 da Era Kan'ei¹⁵⁰, início de outono.

“A filha do Senhor Ministro Adjunto Honda, que há algum tempo está sob meus cuidados, completa oito anos... caso aconteça algo comigo, peço encarecidamente à Senhora Tenjûin que permita a ida dela para Edo, a fim de buscar guarida junto à Senhora Achano *Tsubone*...”

As letras pareciam espalhar faíscas dentro dos olhos de Sen'hime.

Sen'hime releu várias vezes a carta e depois a enrolou.

Por estar escrito que era filha do Ministro Adjunto Honda, só podia ser filha de Tadatoki, seu falecido marido. E se ela estava sob os cuidados de Onono Otsû, nem era preciso perguntar quem era a mãe.

Miho e Tadatoki tinham tido uma filha.

- Pergunto a Kasuga. Essa menina...

Kasugano *Tsubone* respondeu, sem levantar o rosto:

- Estava sendo criada pela Senhora Achano *Tsubone*.

Depois do falecimento de Onono Otsû, viera a Edo e estava na residência de Achano *Tsubone*.

Sen'hime não tinha sido informada em absoluto de que a filha de seu marido estava bem próxima a ela.

- A Senhora Achano *Tsubone* disse que não queria perturbar a mente da Senhora Tenjuin. Que não queria manchar suas lembranças com o Senhor Ministro Adjunto...

Achano *Tsubone* só confessara, mesmo a Kasugano *Tsubone*, sobre a menina um pouco antes de falecer.

- Sob a ordem da Senhora Achano *Tsubone*, essa pessoa está sob meus cuidados.

¹⁵⁰ Corresponde ao ano de 1631.

Apressadamente, Sen'hime fez a conta com os dedos.

A filha de Tadatoki que Miho dera à luz estaria com vinte anos.

- Onde ela está agora?

- Pois então...

O rosto de Kasugano *Tsubone* que já estava pálido desde o momento em que chegou, ficou mais pálido ainda.

- Por decisão minha, fiz com que fosse servir no Palácio Interno.

- O que está dizendo...?

- Para a Senhora Tenjuin trata-se de filha nascida de uma traição. Achei que seria melhor que ela realizasse serviços mais humildes para reparar os pecados da mãe...

Ouvindo as palavras de Kasugano *Tsubone*, Sen'hime sentiu raiva.

Mandar uma descendente de Honda Tadatoki trabalhar como criada da mais baixa categoria! Ela sentiu como se o marido tivesse sido humilhado.

No entanto, Kasugano *Tsubone* parecia não entender o sentimento de Sen'hime. Pelo contrário, parecia achar que Sen'hime estivesse satisfeita com as medidas que tomou.

Sen'hime ponderou e conteve sua ira ao pensar que talvez fosse assim mesmo em se tratando do caráter dessa mulher.

Contava-se que na juventude Kasugano *Tsubone* matara a amante de seu marido. Se fosse com ela, talvez pusesse a filha de seu marido com a amante para trabalhar como criada da mais baixa categoria do castelo a fim de se vingar.

- Gostaria de conhecer essa moça. Dispense-a do Palácio Interno e traga-a para cá.

Kasugano *Tsubone* mostrou uma expressão de perturbação diante das palavras de Sen'hime.

- Embora seja um pedido da Senhora Tenjuin, é que essa moça caiu nas graças do xogum recentemente...

Kasugano *Tsubone* apenas levantou o olhar para Sen'hime, que estava pasma.

- Por isso criei coragem e contei-lhe a verdade. Se porventura ela conceber o filho do xogum, a criança terá o sangue de Hayami, Governador de Kai, vassalo da família Toyotomi...

- Cale-se!

Era raro Sen'hime repreender alguém com tanta veemência.

- Miho serviu a mim e não tem nenhuma relação com a família Toyotomi. Supondo que você a tenha levado ao Palácio Interno, sabendo que era filha do Governador de Kai, vassalo importante da família Toyotomi, e permitindo que chamasse a atenção do xogum, foi negligência sua. Como pretende se explicar?

Kasugano *Tsubone* estremeceu.

- Senhora Tenjuin, por favor, perdoe-me...

- Em hipótese alguma, deve revelar a identidade dessa moça. Deixe tudo por minha conta. Caso contrário, contarei tudo ao xogum.

Após a retirada de Kasugano *Tsubone* com o rosto pálido como o de um morto, Sen'hime ficou perdida em pensamentos por um tempo.

Houve, então, tal relacionamento entre Miho e Tadatoki.

Curiosamente, não sentia raiva.

Neste mundo, havia duas princesas com o sangue de Tadatoki.

Uma nasceu de Sen'hime e se casou com o filho da família Ikeda, com o ex-xogum Hidetada assumindo o lugar do pai.

A outra se separou da mãe na infância, foi criada por Onono Otsû e Achano *Tsubone*, e devido ao tratamento estúpido dado por Kasugano *Tsubone*, foi forçada a trabalhar no Palácio Interno como criada de baixa categoria.

Ao pensar na vida triste e penosa que ela deve ter vivido durante tantos anos, a compaixão aumentou.

Depois de muito pensar, Sen'hime chamou uma anciã de nome Iwakura, que lhe servia desde a época da família Honda, e pediu para averiguar sobre a moça de que Kasugano *Tsubone* falara.

Era uma moça chamada Onatsu.

- Disseram que a mãe era uma moça que servia às mulheres da família Takatsukasa, e por essa relação foi servir no Palácio Interno.

Ouvindo o relato de Iwakura, que não sabia das circunstâncias, Sen'hime assentiu.

Realmente, por indicação de Achano *Tsubone*, Miho fora aprender a etiqueta de dama da Corte na família Takatsukasa para servir a Masako, que se tornou imperatriz.

- Disseram que ela chamou a atenção do xogum quando cuidava do banho.

Quem cuida do banho é a criada de baixa posição entre as que trabalham no Palácio Interno.

- Diga à supervisão do Palácio Interno que darei proteção a essa moça daqui para frente.

Pretendia conhecer Onatsu, logo que surgisse uma oportunidade. Até lá, queria ajudá-la discretamente.

Não se sabe o que Kasugano *Tsubone* pensou sobre as instruções de Sen'hime.

No dia 14 do nono mês, Kasugano *Tsubone* morreu abruptamente, como uma flor murcha que cai do galho.

Sen'hime soube da gravidez de Onatsu, no início do inverno.

Sen'hime queria fazer de tudo pela moça que esperava o filho de seu irmão.

Ela própria deu ordens para destacar criadas prestativas para cuidar de Onatsu e instruiu-as para terem cuidado com a alimentação e vestimenta.

O Palácio Interno era um mundo formado exclusivamente por mulheres.

Caso uma nova concubina do xogum engravidasse, não se sabe o que poderiam fazer levadas pelo ciúme.

Como Sen'hime tinha ouvido de Kasugano Tsubone sobre as disputas horríveis entre as mulheres, preocupou-se em proteger Onatsu.

O ano terminou e, no Ano Novo, Sen'hime foi cumprimentar Iemitsu, que lhe perguntou:

- Minha irmã, você tem dado atenção especial a Onatsu. Há alguma razão especial?

- É uma pessoa muito próxima a mim. Fiquei sem saber disso por muito tempo e a fiz sofrer muito.

Embora não oficialmente, Sen'hime queria assumir o papel de mãe. Iemitsu pensou um pouco e disse:

- Então, quero lhe pedir um favor.

Como ele completaria quarenta e um anos, considerada uma idade crítica, naquele ano, queria que a criança que Onatsu teria em breve fosse adotada por Sen'hime.

Para tanto, Iemitsu propôs que Onatsu se mudasse do Palácio Interno para a residência de Sen'hime, em Takebashi, onde ela teria a criança, e Sen'hime consentiu de bom grado.

Onatsu veio ao Palácio Takebashi e Sen'hime a conheceu.

Era a cara de Miho.

Era idêntica a Miho que deixara o Castelo de Osaka juntamente com Sen'hime, causando até a ilusão de que tinha voltado trinta anos atrás.

- Você sabe a razão de eu ter-me tornado sua mãe substituta?

Sen'hime perguntou francamente, quando se encontrou com Onatsu.

- A Senhora Achano *Tsubone* contou-me que minha mãe serviu antigamente a Senhora Tenjuin.

- É isso mesmo. Para mim era como uma irmã, uma pessoa de quem sinto saudades.

- Fui informada de que minha mãe já é falecida. A Senhora Tenjuin sabe sobre meu pai?

- A Senhora Achano *Tsubone* não disse nada?

- Não disse absolutamente nada sobre meu pai.

Sen'hime ficou com o olhar distante.

- Seu pai foi um samurai respeitável, embora eu não possa dizer seu nome, por certo motivo. Era de alta posição, uma pessoa extraordinária.

Com muito esforço ela conteve a vontade de chorar.

- Se seu pai estivesse vivo, não teria deixado você trabalhar como serviçal de baixa categoria...

Vendo as lágrimas de Sen'hime, Onatsu curvou-se com respeito.

- Muito obrigada. Ouvindo as palavras da Senhora Tenjuin, estou sentindo como se tivesse renascido.

- Tenha um belo filho. Um belo filho do xogum...

No dia 24 do quinto mês, Onatsu deu à luz um menino.

O menino, que recebeu o nome de Chômatsu, foi criado como filho adotivo de Sen'hime.

Para ama de leite, foi trazida Matsuzakano *Tsubone*, que tinha se casado com Ochi Yoemon, atendendo ao desejo dela própria.

Iemitsu construiu um novo palácio perto da residência de Sen'hime em Takebashi para Chômatsu, que se tornara filho adotivo da irmã, quando este tinha dois anos de idade, e quando ele completou oito anos, concedeu-lhe 153.000 *koku*.

No ano 2 da Era Jôô¹⁵¹, aos dez anos, realizou o rito de passagem, sendo nomeado Médio Capitão da Direita, terceiro grau, e mudou o nome para Tsunashige.

No ano 4 da Era Manji¹⁵², aos dezessete anos, tornou-se senhor de 250.000 *koku* de Kôfu, passando a ser chamado de Primeiro Ministro de Kôfu. Muito tempo depois, o filho de Tsunashige se tornaria o sexto xogum Ienobu.

A posição de Sen'hime, que se tornou mãe adotiva de Takechiyo, o primogênito do irmão Iemitsu, e adotou seu segundo filho Chômatsu, parecia mesmo ser a de matriarca da família Tokugawa.

No entanto, Sen'hime nunca interferiu nos assuntos políticos, vivia os dias tranquilamente, sentindo prazer em ver o crescimento dos filhos do irmão.

A grande dor que atingiu Sen'hime, que desejava terminar sua vida em meio a essa paz, se fosse possível, foi a morte do irmão que amou profundamente a irmã até o fim.

Quando Iemitsu entrou em estado crítico, no quarto mês do ano 4 da Era Keian¹⁵³, inicialmente Sen'hime não pôde aproximar-se do leito do irmão.

Isso porque não havia precedentes de irmã de xogum assistir à morte dele, mas Takechiyo, o herdeiro da família Tokugawa, que na época já tinha feito o rito de passagem e passara a se chamar Ietsuna, veio da fortaleza oeste e criou um precedente.

- A Senhora Tenjuin é a matriarca da família Tokugawa. É a pessoa mais importante para meu pai. Por que não permitem o encontro? Mande imediatamente um mensageiro à mansão Takebashi.

Quem foi buscar Sen'hime foi Tsunashige, o segundo filho de Iemitsu.

Sen'hime entrou amparada na fortaleza central e agarrou-se em Iemitsu, que estendia a mão do leito.

- Perdoe-me, minha irmã, por ir primeiro.

Os olhos dele estavam com o brilho que ela vira quando menino.

¹⁵¹ Corresponde ao ano de 1653. A Era Jôô abrange o período de 1652 a 1654.

¹⁵² Corresponde ao ano de 1661. A Era Manji abrange o período de 1658 a 1660.

¹⁵³ Era Keian – abrange o período de 1648 a 1651. O ano 4 corresponde a 1651.

Ele chamou os filhos Ietsuna e Tsunashige, que estavam próximos, e ordenou-lhes com voz firme.

- Após minha morte, considerem a Senhora Tenjuin como se fosse eu. Em hipótese alguma deverão desobedecer à Senhora Tenjuin. Não os permito.

Isso acabou se tornando o testamento de Iemitsu.

No dia 20 do quarto mês, Iemitsu encerrou a vida, aos quarenta e oito anos.

Com cinquenta e cinco anos, Sen'hime viu seu irmão partir.

Em meio à tristeza, Ietsuna se tornou xogum, recebendo a nomeação no dia 18 do oitavo mês, no Castelo de Chiyoda.

No dia 19, Ietsuna se avistou com Sen'hime para comunicar o fato. O novo xogum tinha onze anos, e a posição de Sen'hime como sua mãe se tornou ainda mais importante.

Como de costume, não emitia opiniões em assuntos políticos, mas presidir os cultos budistas do clã, bem como cuidar do casamento dos filhos dos familiares, tornou-se função de Sen'hime.

Como anciã da família Tokugawa, Sen'hime tornou-se uma idosa compreensiva e ouvia as propostas dos jovens.

Desde que Ietsuna se tornou xogum, houve uma sucessão de escândalos em Edo.

A conspiração de Yui Shôsetsu, Marubashi Chûya e outros grupos que queriam derrubar o Governo Feudal foi descoberta e eles foram presos pelos delegados da cidade, acabando por serem crucificados.

E ainda, no primeiro mês do ano 3 da Era Meireki¹⁵⁴, houve um incêndio no templo Honmyôji, em Hongô Maruyama e, devido ao vento forte, o fogo continuou por dois dias, transformando-se num grande incêndio.

No Castelo de Chiyoda, a fortaleza central, a segunda fortaleza e a terceira fortaleza foram consumidos pelo fogo, e a mansão Takebashi de Sen'hime também.

Sen'hime se refugiou na fortaleza oeste juntamente com as criadas e saiu ilesa.

Vivendo-se mais tempo, presenciavam-se diversas situações – era assim que Sen'hime pensava nessa época.

¹⁵⁴ Era Meireki – abrange o período de 1655 a 1657. O ano 3 corresponde a 1657.

Já passava dos sessenta anos e o seu dia a dia consistia em dedicar-se a orar pela alma das pessoas falecidas do clã, mas não se podia dizer que sua alma estivesse tranquila.

O jovem xogum tinha saúde frágil, e para escolher a esposa oficial havia muitos empecilhos, mas Sen'hime solicitou ajuda à irmã Masako, esposa do ex-imperador Gomizunoo, agora denominada Tôfukumon'in, conseguindo selar o noivado do xogum com Akiko, filha do príncipe imperial Fushiminomiya Nihonshikibukyô Sadakiyo.

No quarto mês do ano 3 da Era Meireki, a princesa Akiko partiu de Quioto e seguiu em comitiva esplendorosa pela estrada Tôkaidô rumo a Edo e, no dia 18, entrou na mansão Takebashi recém construída de Sen'hime.

A cerimônia de casamento realizou-se no dia 10 do sétimo mês.

A missão de Sen'hime ainda não havia terminado.

Havia arranjado o casamento do filho adotivo Tsunashige com a filha de Mitsuhiro, Regente Nijô; quando o casamento estava próximo, descobriu que Tsunashige tinha cometido o absurdo de engravidar Ohora, uma criada de Sen'hime. Sem alternativa, ficou decidido que o menino que Ohora daria à luz ficaria sob os cuidados de Niimi, Governador de Bitchû¹⁵⁵, e posteriormente seria apresentado como primeiro filho de Tsunashige.

Essa criança se tornaria o sexto xogum Ienobu.

- Eu vivi tempo demais. Vi coisas boas, mas também tive de ver coisas ruins. As pessoas saudosas foram partindo uma a uma...

Assim murmurou Sen'hime para a criada Matsuzakano Tsubone e encerrou sua vida no dia 6 do segundo mês do ano 6 de Kanbun¹⁵⁶, no ano de celebração de setenta anos denominado *koki*.

Diante da morte de Sen'hime, todos os daimios vieram ao Castelo de Edo apresentar condolências ao xogum.

Os restos mortais foram sepultados no templo Denzûin, em Koishikawa, e ela recebeu o nome póstumo de Tenjuin Eiyo Genpô Shôzan.

¹⁵⁵ Bitchû – parte oeste da atual província de Okayama.

¹⁵⁶ Era Kanbun – abrange o período de 1661 a 1672. O ano 6 corresponde a 1666.

ANEXO – PERSONAGENS DE A PRINCESA SEN’HIME

Grupo dos Tokugawa

Sen’hime - Princesa do início do Período Edo (1603-1867), neta de Tokugawa Ieyasu, fundador do xogunato Tokugawa.

Tokugawa Ieyasu - (1542-1616) - poderoso daimio, fundador do xogunato Tokugawa e primeiro xogum. A preocupação de Ieyasu era obsessiva, em não deixar os descendentes da família Toyotomi, para o bem de Tokugawa.

Tokugawa Hidetada - segundo xogum, filho de Tokugawa Ieyasu e esposo de Oeyo. Após a morte de Ieyasu, em 1616, Hidetada tomou controle do xogunato. Para reforçar o poder do clã e melhorar as relações com a corte Imperial, casou sua filha Kazuko com Imperador Go-Mizunoo.

Tokugawa Oeyo - filha de Azai Nagamasa, esposa do xogum Hidetada.

Tokugawa Takechiyo – Iemitsu, terceiro xogum, segundo filho de Tokugawa Hidetada, casou-se com Takako, membro da nobreza.

Tokugawa Takechiyo - quarto xogum, filho de Iemitsu e a concubina Oran.

Tokugawa Tsunashige - filho de Iemitsu e da concubina Onatsu, filha de Miho e Tadatoki.

Tokugawa Kunichiyo - Tadanaga, terceiro filho de Hidetada. Mais inteligente e destacado que Iemitsu era preferido para ser nomeado xogum.

Tokugawa Kazuko - filha de Tokugawa Hidetada e Oeyo, casara-se com Imperador Go-Mizunoo.

Tokugawa Hatsu - filha de Tokugawa Hidetada e Oeyo, foi adotada pela tia Jokôin, como futura esposa de Gyôgoku Tadataka.

Tokugawa Masako - sétima filha de Tokugawa Hidetada e Oeyo, casou-se com Imperador, Nyôgo Masako, dez anos mais nova que Sen’hime.

Akechi Mitsuhide – daimio do período de guerras civis.

Azai Nagamasa – daimio do período de guerras civis.

Ando Shigenobu - guerreiro de artilharia do Exército do Leste.

Hirohashi Kanekatsu - mensageiro de Quioto.

Honda Masanobu - vassalo responsável pelo Castelo de Edo.

Honda Masazumi - vassalo de maior confiança de Tokugawa Ieyasu.

Itakura Katsushige - samurai de confiança de Tokugawa Ieyasu.

Ii Naotaka - guerreiro de artilharia do Exército do Leste.

Kamio Kunai - representante de Iemitsu que foi prestar condolências pelo falecimento de Tadatoki.

Kamo Jinzaemon Munetoshi - samurai de confiança de Tokugawa Ieyasu.

Mizuno Odai - mãe de Tokugawa Ieyasu.

Mizuno Tadamasa - sogro de Tokugawa Ieyasu.

Nakarai Roan - médico de Edo cuidou de Tokugawa Ieyasu em Sunpu.

Nagai Masakiyo - marceneiro em Senba.

Nanbôkô Tenkai - daimio.

Ôta Unemenokami - representante de Iemitsu que foi prestar condolências pelo falecimento de Tadatoki.

Dôï Ooinokami Toshikatsu - membro do conselho.

Honda Tadamasa - daimio (marinha), um dos quatro maiores generais dos Tokugawa.

Honda Yúhime - neta de Tokugawa Ieyasu, filha de Oda Nobunaga e Tokugawa Nobuyasu.

Honda Heihachirô Tadatoki - esposo de Sen'hime, praticante de Niten Ichiryû, técnica de uso de duas espadas simultaneamente.

Honda Katsuhime - filha de Honda Tadatoki e de Sen'hime.

Honda Kôchiyo - Filho de Sen'hime e Honda Tadatoki falece aos três anos.

Honda Masatomo - senhor do Castelo de Tatsuno, segundo filho de Honda Tadamasa, irmão de Tadatoki, posteriormente Senhor do Castelo de Himeji.

Honda Tadayoshi - terceiro filho de Honda Tadamasa.

Inokuma Senbê - comandante de navio de guerra.

Ikeda Terumasa - daimio do período Edo.

Ikeda Mitsumasa - neto de Ikeda Terumasa, noivo de Katsuhime.

Kamio Masanosuke - vassalo da família Honda.

Miyamoto Musashi - mestre da técnica do uso de espada Niten Ichiryû.

Miyamoto Mikinosuke - filho adotivo de Miyamoto Musashi.

Monge Zen – ocupava a posição de conselheiro diplomático que escrevia a declaração e o ancião Honda Masazumi carimbava o selo vermelho de permissão do xogum.

Chayashiro Jiro - comerciante, prestara relevantes serviços como vassalo ao Tokugawa.

Oda Nobunaga - grande daimio, tio de Sen'hime, que inicia o período de unificação do país.

Onono Masahide - vassalo de Oda Nobunaga.

Princesa Akiko - Filha de príncipe Imperial, futura esposa de Ietsuna, 4º xogum.

Todo Takatora - séquito.

Kyôgoku Takatsugu - daimio do Exército do Oeste, marido de Ohatsu.

Kyôgoku Ohatsu - filha de Azai Nagamasa, tia de Sen'hime, tornou-se monja, adotando o nome de Jôkôin.

Sakazaki Dewanokami - Governador de Dewa.

Grupo dos Toyotomi

Toyotomi Hideyoshi – grande daimio, sucedeu daimio Oda Nobunaga, pôs fim ao período das guerras civis.

Toyotomi Hideyori - filho de Toyotomi Hideyoshi e Senhora. Yodo.

Kitano Mandokoro - esposa de Toyotomi Hideyoshi.

Yododono - Senhora Yodo, mãe de Hideyori, segunda esposa de Toyotomi Hideyoshi, também chamada de Chacha, e irmã de Oeyo e Ohatsu.

Kunimatsumarû - filho de Hideyori decapitado no Rokujô Kawara.

Princesa Kôhime - filha de Hideyori resgatada e levada a um templo para tornar-se monja.

Chôsokabe Morichika - soldado do Exército de Osaka.

Goto Mototsugu - soldado guerreiro.

Hayami Kainokami, Moriyuki - Conselheiro do Castelo de Osaka, Governador de Kai.

Horiuchi Ujihisa - soldado guerreiro.

Ishin Yoshihiro - soldado do Exército do Oeste.

Kimura Shigenari - comandante guerreiro.

Môri Katsunaga - comandante guerreiro.

Ôno Harunaga - comandante guerreiro.

Ôno Harufusa - soldado guerreiro.

Ryuhaku Yshihisa - soldado do Exército do Oeste.

Sanjonishi Saneeda - mensageiro de Quioto.

Shoyu Morikatsu - representante de Iemitsu que fora prestar condolências pelo falecimento de Tadatoki.

Sanada Daisuke - soldado guerreiro.

Sanada Yukimura - comandante guerreiro.

Susukida Kanesuke - comandante guerreiro.

Yamakawa Kanenobu - comandante guerreiro.

Ancião Kan – monge do templo Nanzenji.

Monge An'ei – monge do templo Nanzenji.

As damas de companhia

Achano Tsubone - filha de samurai de Kôshu, segunda mãe de Tokugawa Hidetada.

Onono Otsû – dama de confiança de Ieyasu, dedicou-se à educação das criadas do Castelo de Edo.

Ofuku, Kasugano Tsubone – ama de leite do xogum Iemitsu.

Ôkurakyôno Tsubone - dama de companhia da Senhora Yodo.

Matsuzakano Tsubone - dama de companhia de Sen'hime.

Miho - filha de Hayami Kainokami, dama de companhia de Sen'hime.

Onatsu - Filha de Honda Heihachiro Tadatoki e Miho, concubina de Iemitsu.